



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: DIVERSIDADE E MUDANÇA LINGUISTICA

AYMMÉE SILVEIRA SANTOS

ABORDAGEM FUNCIONAL DAS RELAÇÕES CONDICIONAIS E SEUS
CONECTORES EM TEXTOS JORNALÍSTICOS *ONLINE*: USOS
INOVADORES DO *SE CASO* E DO *SE É QUE*

João Pessoa
Fevereiro/2022

AYMMÉE SILVEIRA SANTOS

**ABORDAGEM FUNCIONAL DAS RELAÇÕES CONDICIONAIS E SEUS
CONECTORES EM TEXTOS JORNALÍSTICOS *ONLINE*: USOS
INOVADORES DO *SE CASO* E DO *SE É QUE***

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), Área de concentração Teoria e Análise Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do título de Doutora em Linguística.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Camilo Rosa Silva

João Pessoa

Fevereiro/2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237a Santos, Aymmee Silveira.

Abordagem funcional das relações condicionais e seus conectores em textos jornalísticos online : usos inovadores do se caso e do se é que / Aymmee Silveira Santos. - João Pessoa, 2022.

205 f. : il.

Orientação: Camilo Rosa Silva.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Funcionalismo linguístico. 2. Relações de condicionalidade. 3. Variações sintáticas. 4. Semânticas. 5. Textos jornalísticos - Online. I. Silva, Camilo Rosa. II. Título.

UFPB/BC

CDU 801(043)

AYMMÉE SILVEIRA SANTOS

**ABORDAGEM FUNCIONAL DAS RELAÇÕES CONDICIONAIS E SEUS
CONECTORES EM TEXTOS JORNALÍSTICOS ONLINE: USOS
INOVADORES DO SE CASO E DO SE É QUE**

Tese de Doutorado, submetida à banca examinadora, para obtenção do título de
Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística

Aprovada em: ____/____/____

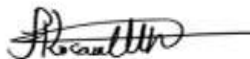
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (PROLING/UFPB)
Orientador



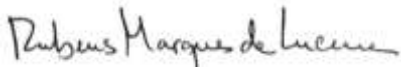
Prof^a. Dr^a. Noelma Cristina Ferreira dos Santos (UEPB)
Examinadora



Prof^a. Dr^a. Fernanda Rosário de Mello (PPGLE - UFPB)
Examinadora



Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva (PPGLE - UFPB)
Examinador



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (PROLING - UFPB)
Examinador

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (PROLING - UFPB)
Suplente

Prof^a. Dr^a. Marta Anaísa Bezerra Ramos (UEPB)
Suplente

**João Pessoa
Fevereiro/2022**

*À minha mãe, a pessoa que sempre me passou
tranquilidade e segurança em minha vida, e que
sempre torce por minhas conquistas, DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos que derramou em minha vida e por iluminar minha mente nos momentos difíceis, em que precisei de persistência e de força para continuar a estudar e escrever este trabalho.

Aos meus pais, Auxiliadora e Aldair, por sempre me fazerem reconhecer a importância da educação. Por todo o amor e incentivo, e por sempre acreditarem que sou capaz de dar enfrentamento a todos os obstáculos que surgirem.

Às minhas irmãs, Andhora, Antares e Arianna, minhas companheiras de todas as horas, com quem vivi, compartilhei e compartilho momentos de luta, de superação e de vitórias.

A Luan, meu amor, por sempre me incentivar e acreditar que posso alcançar meus sonhos e objetivos. Pelo amor e pelo apoio nos momentos em que pensei que não daria certo.

A Maria (Teté) e seu Evandro, a quem tenho um carinho enorme e tenho como se fossem meus pais, por sempre me ampararem nos momentos em que precisei.

Ao meu professor e orientador Camilo Rosa Silva, por sempre me orientar de maneira competente e atenciosa. Por estimular e despertar cada vez mais o meu interesse em ser pesquisadora. A quem admiro pela conduta profissional e ética, tanto na orientação do meu mestrado, quanto na orientação do doutorado, demonstrando sensibilidade e compreensão nos momentos em que precisei.

Às professoras Valéria Viana de Sousa e Fernanda Rosário de Mello, pelas valiosas contribuições em meu exame de qualificação, a partir da leitura atenta da minha tese e das sugestões para aprimorar a escrita do trabalho.

Aos professores Fernanda Rosário de Mello, Henrique Miguel de Lima Silva, Noelma Cristina Ferreira dos Santos, Rubens Marques de Lucena, Pedro Farias Francelino e Marta Anaísa Bezerra Ramos, por terem aceito o convite em compor a banca, por se colocarem à disposição para colaborar com o crescimento deste trabalho.

A todos os professores que contribuíram em minha formação acadêmica.

À minha amiga Janaína Aires, por sempre ter comemorado de maneira sincera em várias de minhas conquistas pessoais, acadêmicas e profissionais. Pelos momentos de apoio durante todas as etapas do doutorado.

Aos meus colegas do *Grupo de Investigações Funcionalistas* (GIF), Daniel, Gisonaldo, Joaquim, Maria José, Marta, Noelma, Raíssa, Raniere e Wégila, por sempre contribuírem para enriquecer meus conhecimentos nas discussões acadêmicas, de maneira agradável, alegre, leve e afetuosa. Em especial, agradeço a Marta, por sempre me receber tão bem em sua casa para as confraternizações do GIF, e por estar disponível para sanar algumas de minhas dúvidas acadêmicas, de maneira atenciosa, e a Raniere, meu concorrente na seleção de doutorado, parceiro com quem pude compartilhar conversas motivadoras, momentos de dúvidas, de angústias e de conquistas, nas caronas de ida à UFPB, durante o período em que cursei as disciplinas, e nas etapas de escrita do trabalho.

A Valberto, secretário do Proling, pela presteza e pelo excelente atendimento nos momentos em que precisei.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.

Guimarães Rosa¹

¹ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão:** Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RESUMO

Numa perspectiva funcionalista, a condicionalidade é descrita considerando os contextos de uso, sendo contemplados tanto aspectos gramaticais, quanto discursivos. Sob esse viés, as leituras cotidianas de textos jornalísticos *online* nos chamaram a atenção para a diversidade de itens linguísticos utilizados na função de conectores condicionais, tendo sido observada tanto a presença de itens já classificados como conectores condicionais pela gramática normativa, quanto usos mais inovadores, especificamente, dos itens *se caso* e *se é que*. Nesse sentido, o objetivo geral da presente pesquisa é investigar o funcionamento sintático, semântico e discursivo das relações de condicionalidade, nelas inseridos os conectores condicionais, especialmente, os itens *se acaso*, *se caso* e *se é que*, em textos jornalísticos *online*, com base em princípios do Funcionalismo Norte-Americano. O trabalho se justifica pela necessidade de ampliar os estudos sobre as relações de condicionalidade, considerando as inovações introduzidas pelos falantes, mais especificamente, jornalistas e leitores-comentaristas dos jornais da esfera *online*. Nesse sentido, é necessário estudar com mais profundidade os conectores condicionais já listados, para que possamos, entre outras questões, esclarecer se o conector *se caso* apresenta divergências funcionais em relação aos usos do *se acaso*. No que diz respeito ao conector *se é que*, é mencionado que esse conector confere realce ao ser utilizado como locução conjuncional condicional (LEÃO, 1961), o que torna oportuno investigá-lo com mais afinco. A base de dados escolhida para a presente investigação é o *Corpus do Português NOW*, que reúne notícias da *web*, sendo selecionados 60 (sessenta) textos jornalísticos *online*, alcançando suportes jornalísticos de regiões diversas do nosso país. O trabalho é fundamentado nos estudos desenvolvidos por Bybee (2016; 2010), Givón (1984; 1991; 2007), Neves (2001; 2006; 2018), dentre outros linguistas funcionalistas. A partir da aplicação dos parâmetros e dos critérios de investigação de prototipicidade descritos, e com base nos princípios da marcação, da iconicidade e da gramaticalização, constatamos a diversidade funcional dos usos dos conectores condicionais nos textos jornalísticos *online*, com influência direta na organização textual e discursiva. Evidenciamos que fatores como gêneros textuais jornalísticos, formas verbais, presença de especificadores perifrásticos aspectuais, modais e temporais, e relações modo-temporais dos verbos que constituem as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores, atuam como prováveis motivadores para a escolha destes conectores por parte dos usuários. Desse modo, apresentamos as motivações cognitivas e interacionais inerentes aos usos dos referidos conectores, com ênfase na sua relação com a concretização do propósito comunicativo dos usuários responsáveis pelos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de condicionalidade. Funcionalismo Linguístico. Conectores condicionais. Variações sintáticas, semânticas e discursivas. Usos inovadores.

ABSTRACT

From the functionalist perspective, conditionality is described in view of the contexts of use, considering both grammatical and speech aspects. In this context, the daily readings of online journalistic texts call our attention to the diversity of linguistic items used in the function of conditional connectors, having been observed both the presence of items already classified as conditional connectors by normative grammar, and as more innovative uses, specifically, the items *se caso* and *se é que*. Considering that, the general aim of the research is to investigate the syntactic, semantic and speech functions of conditionality relations, in which conditional connectors are inserted, especially the items *se acaso*, *se caso* and *se é que*, in online journalistic texts, based on principles of North American Functionalism. The work is justified by the need to expand studies on conditionality relationships, considering the innovations introduced by speakers, specifically, in online journalists and readers that/who comment texts. Thus, it is necessary to study the complexity of the conditional connectors already listed, for, among other aspects, to understand if the connector *se caso* shows functional divergences related to the uses of the connector *se acaso*. About the connector *se é que*, it is mentioned that this connector gives emphasis when used as a conditional conjunction phrase (LEÃO, 1961), which makes opportune to investigate more. “The *Corpus do Português NOW*” was the database chosen for this investigation, where were selected 60 (sixty) *online* journalistic texts, reaching journalistic supports of different regions from Brazil. This work is based on studies developed by Bybee (2016; 2010), Givón (1984; 1991; 2007), Neves (2001; 2006; 2018), among other functionalist linguists. According to the application of the parameters and research criteria of prototypicality described, and the principles of marking, iconicity and grammaticalization, we found the functional diversity of the uses of conditional connectors in *online* journalistic texts had direct influence on textual and speech organization. It was evidenced factors such as journalistic textual genres, verb forms, presence of aspectual, modal and temporal periphrastic specifiers, and temporal-mode relationships of the verbs that constitute the conditional adverbial clauses originated by the uses of connectors, acting as probable motivators for the choice of these connectors by part of the users. In this way, it was presented the cognitive and interactional motivations inherent to the uses of these connectors, giving emphasis to their relations to reach the communicative purpose of the users responsible for the texts.

KEYWORDS: Conditionality relations. Linguistic Functionalism. Conditional Connectors. Syntactic, semantic and discursive variations. Innovative uses.

RESUMEN

En una perspectiva funcionalista, la condicionalidad se describe considerando los contextos de uso, asumiendo tanto aspectos gramaticales como discursivos. De este modo, la lectura diaria de textos periodísticos *online* llamó nuestra atención sobre la diversidad de elementos lingüísticos utilizados en la función de conectores condicionales, habiendo sido observado tanto la presencia de elementos ya clasificados como conectores condicionales por la gramática normativa, como elementos más innovadores, los ítems *se caso* y *se é que*. En este sentido, el objetivo general de la presente investigación es analizar el funcionamiento sintáctico, semántico y discursivo de las relaciones de condicionalidad, en las que se insertan conectores condicionales, en especial los ítems *se acaso*, *se caso* y *se é que*, en textos periodísticos *online*, con base en principios de la teoría del Funcionalismo Norteamericano. El trabajo se justifica por la necesidad de ampliar los estudios sobre las relaciones de condicionalidad, considerando las innovaciones introducidas por los usuarios del lenguaje, más concretamente, los periodistas y lectores-comentaristas de los textos periodísticos en el ámbito *online*. Así, es necesario profundizar en el estudio de los conectores condicionales ya enumerados, de modo que podamos, entre otras cuestiones, aclarar si el conector *se caso* presenta divergencias funcionales en relación con los usos del *se acaso*. Con relación al conector *se é que*, se menciona que este conector da énfasis cuando se usa como sintagma de conjunción condicional (LEÃO, 1961), lo que hace oportuno una investigación más a fondo. La base de datos escogida para la presente investigación es el *Corpus do Português NOW*, que reúne noticias de la *web*, siendo seleccionadas 60 (sesenta) textos periodísticos *online*, considerando textos periodísticos de diferentes regiones de nuestro país. El trabajo se basa en estudios desarrollados por Bybee (2016; 2010), Givón (1984; 1991; 2007), Neves (2001; 2006; 2018), entre otros lingüistas funcionalistas. A partir de la aplicación de los parámetros y criterios de investigación de prototipicidad descritos, y con base en los principios de marcación, iconicidad y gramaticalización, encontramos la diversidad funcional de los usos de los conectores condicionales en los textos periodísticos *online*, con influencia directa en la organización textual y discursiva. Evidenciamos que factores como los géneros textuales periodísticos, las formas verbales, la presencia de especificadores perifrásticos aspectuales, modales y temporales, y las relaciones modo-temporal de los verbos que constituyen las cláusulas adverbiales condicionales originadas por los usos de los conectores, actúan como probables motivadores para la elección de estos conectores por parte de los usuarios. De esta forma, presentamos las motivaciones cognitivas e interaccionales inherentes a los usos de estos conectores, con énfasis en su relación con el cumplimiento del propósito comunicativo de los usuarios responsables de los textos.

PALABRAS-CLAVE: Relaciones de condicionalidad. Funcionalismo lingüístico. Conectores condicionales. Variaciones sintácticas, semánticas y discursivas. Usos innovadores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Ativação da gramática	43
Esquema 01	A hipotaxe adverbial	62
Quadro 01	Conjunções condicionais listadas em compêndios gramaticais	64
Quadro 02	Valores semânticos e discursivos encabeçados pelos conectores condicionais	131
Quadro 03	Características de gêneros textuais presentes nos jornais <i>online</i> e organização em tipos	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Gêneros textuais jornalísticos <i>online</i>	85
Gráfico 02	Quantificação de ocorrências do <i>se acaso</i> , conforme gêneros textuais	148
Gráfico 03	Quantificação de ocorrências do <i>se caso</i> , conforme gêneros textuais	151
Gráfico 04	Quantificação de ocorrências do <i>se é que</i> , conforme gêneros textuais	155
Gráfico 05	Especificadores verbais nas orações nucleares encabeçadas pelo conector <i>se acaso</i>	175
Gráfico 06	Especificadores verbais nas orações condicionais encabeçadas pelo conector <i>se acaso</i>	175
Gráfico 07	Especificadores verbais nas orações nucleares encabeçadas pelo conector <i>se caso</i>	178
Gráfico 08	Especificadores verbais nas orações condicionais encabeçadas pelo conector <i>se caso</i>	178
Gráfico 09	Especificadores verbais nas orações nucleares encabeçadas pelo conector <i>se é que</i>	180
Gráfico 10	Especificadores verbais nas orações condicionais encabeçadas pelo conector <i>se é que</i>	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Total de ocorrências dos conectores condicionais	86
Tabela 02	Aplicação do parâmetro <i>existência ou não de pausa</i>	89
Tabela 03	Aplicação do parâmetro <i>ordem da oração adverbial</i>	103
Tabela 04	Cruzamento dos parâmetros <i>existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial</i>	111
Tabela 05	Cruzamento dos parâmetros <i>estatuto informacional e ordem da oração adverbial</i>	123
Tabela 06	Aplicação do parâmetro <i>nível hipotético</i>	137
Tabela 07	Formas verbais das orações adverbiais condicionais.....	160
Tabela 08	Relação modo-temporal das orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores <i>se acaso</i> e <i>se caso</i>	165
Tabela 09	Relação modo-temporal das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector <i>se é que</i>	170
Tabela 10	Distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo <i>se acaso</i> nos gêneros textuais jornalísticos	183
Tabela 11	Distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo <i>se caso</i> nos gêneros textuais jornalísticos	185
Tabela 12	Distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo <i>se é que</i> nos gêneros textuais jornalísticos	187

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 ABORDAGEM TEÓRICA: ASPECTOS GERAIS DO FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO	27
1.1 Concepções de gramática e discurso: motivações cognitivas e interacionais ..	27
1.2 A teoria dos protótipos	31
1.3 Iconicidade e marcação	34
1.4 O contexto e a frequência de uso	39
1.5 Gramaticalização: conceitos e princípios	44
2 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS CONDICIONAIS NOS ESTUDOS GRAMATICAIS E LINGÜÍSTICOS	55
2.1 Os processos sintáticos de articulação e a organização das orações	55
2.1.1 Processos sintáticos de articulação das orações na Gramática Tradicional e na Gramática Funcional	55
2.1.2 A organização das orações adverbiais sob o viés funcionalista	60
2.2 As orações condicionais: uma visão panorâmica	63
2.2.1 Caracterização das orações condicionais na perspectiva tradicional e na perspectiva funcionalista	64
2.2.2 Estudos funcionalistas acerca das estruturas condicionais	70
2.3 Os especificadores temporais, aspectuais e modais nas perífrases verbais	80
3 CRITÉRIOS DE ANÁLISE DA VARIAÇÃO SINTÁTICA, SEMÂNTICA E DISCURSIVA NOS USOS DOS CONECTORES CONDICIONAIS	85
3.1 Existência ou não de pausa	89
3.2 Ordem da oração adverbial	102
3.3 Cruzamento dos parâmetros <i>existência ou não de pausa</i> e <i>ordem da oração adverbial</i>	111
3.4 Estatuto informacional	122
3.5 Nível hipotético	136
3.6 Síntese do capítulo	142
4 FATORES MOTIVADORES DOS USOS DOS CONECTORES SE ACASO, SE CASO E SE É QUE	145
4.1 Gêneros textuais jornalísticos em que foram utilizados os conectores <i>se acaso</i> , <i>se caso</i> e <i>se é que</i>	145
4.2 Formas verbais que constituem as adverbiais condicionais.....	159
4.3 Relação modo-temporal das formas verbais que compõem as adverbiais condicionais.....	164
4.4 Especificadores nas perífrases verbais que constituem as orações adverbiais	

	condicionais	174
4.5	Distribuição dos especificadores verbais que constituem as orações adverbiais condicionais nos gêneros textuais jornalísticos	182
4.6	Síntese do capítulo	190
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	193
	REFERÊNCIAS	200

INTRODUÇÃO

Por não haver uma definição filosófica ou linguística satisfatória a respeito das relações condicionais nas línguas naturais, Haiman (1978, p. 564) considera que o único parâmetro para identificação dos membros da classe em inglês é a conjunção *if*. Nessa perspectiva, na língua portuguesa, as relações condicionais seriam observadas através da análise das orações iniciadas pela conjunção *se* e suas equivalentes (NEVES, 1999; 2012; 2018). No entanto, estudiosos funcionalistas advertem que a condicionalidade, como qualquer outra noção semântico-discursiva, é estabelecida com base nos contextos de uso, devendo ser considerados tanto os aspectos gramaticais, quanto os discursivos (TRAUGOTT; HOPPER, 2003; NEVES, 2012; 2018).

Ao adentrarmos no escopo das discussões que sustentam a pesquisa ora publicizada, importa destacar que, embora a condicionalidade possa ser estabelecida sem, necessariamente, contar com a presença de um conector (NEVES, 2018), nosso interesse está centrado na investigação das relações condicionais marcadas pelos usos de conectores condicionais, de modo a apresentarmos fatores associativos e/ou dissociativos entre os itens já consagrados em gramáticas normativas na referida categoria (*se, caso, se acaso, a não ser que, sem que, contanto que, uma vez que, dado que, desde que, salvo se, a menos que, a não ser que, etc.*) e outros itens que aqui prenunciamos inovadores.

Inicialmente, cumpre ressaltar que, nesta tese, ao utilizarmos o termo *conector*, buscamos respaldo nas discussões desenvolvidas por Tavares (1999):

Os conectores não se relacionam ao universo biossocial, mas à articulação interna do texto, interligando segmentos da frase ou do texto. Desse modo, não têm em si um significado referencial, mas sim adquirem significado no contexto de uso. [...] são pistas que o falante fornece acerca de como deve ser interpretada a relação entre as ideias, tentando guiar o ouvinte para determinada conclusão (TAVARES, 1999, p. 63).

Nesse contexto, sob o viés funcionalista ora assumido, as leituras cotidianas de textos jornalísticos *online* que circulam nas páginas virtuais nos despertaram a atenção para a diversidade de itens linguísticos que vêm sendo utilizados pelos usuários desses suportes (jornalistas e leitores-comentaristas dos jornais) na função de conectores condicionais. Desse modo, a análise desenvolvida na pesquisa contempla usos inovadores, como, por exemplo, os conectores *se caso* e *se é que*, mas não sem dar abrigo a escolhas conservadoras, acomodadas no cânone.

Tradicionalmente, a gramática normativa não admite o uso do item *se caso* para expressar situações hipotéticas e condicionais, sendo considerada uma redundância ocasionada pela junção dos conectores condicionais *se* e *caso*. Já o uso do conector *se acaso*, constituído pela junção da condicional *se* e pelo advérbio *acaso*, que expressa dúvida (ROCHA LIMA, [1986] 2009, p. 238), é a forma aceita. Apesar de ser considerado por gramáticos tradicionais (ROCHA LIMA, [1986] 2019, por exemplo) como uma redundância, o item *se caso* nos parece estar sendo utilizado nos textos jornalísticos *online* de modo mais frequente² que o conector *se acaso*, que é o recomendado pelos normativistas.

Reconhecemos que o conector *se caso* desempenha funções que transpõem o que recomenda e legitima a tradição (MELO, 1978; ROCHA LIMA, [1986] 2019). Desse modo, nossa atenção é voltada para o funcionamento desse conector em contextos de uso definidos, em que forças cognitivas e comunicativas atuam no momento concreto e se manifestam de modo universal, em um processo contínuo e gradual, conforme Maia (2002) enfatiza:

[...] Processo em todas as suas vertentes, desde o próprio processo de inovação linguística [...], passando pelo processo social da difusão na comunidade, até a completa mutação linguística e, simultaneamente, pelo processo de integração da inovação na estrutura da língua. (p. 232)

No que concerne ao conector *se é que*, de acordo com Leão (1961, p. 101), trata-se de um item linguístico que confere realce ao ser utilizado como locução conjuncional condicional, como no exemplo por ele mencionado: “*se é que* ele pensa, verá o erro”. Sua característica de conferir realce, no entanto, nos chamou atenção ao, intuitivamente, considerarmos que, assim como o conector *se caso*, o *se é que* revela funções inovadoras³ devido a motivações cognitivas distintas, como aquelas entendidas por Martelotta e Areas (2003) nos seguintes termos:

² As leituras prévias e mais gerais dos textos jornalísticos *online* selecionados nos possibilitaram emitir a afirmação de maneira intuitiva. Posteriormente, a coleta e o controle dos dados, a partir da localização dos itens *se caso* e *se é que*, além dos demais conectores com a função condicional, nos possibilitaram constatar e confirmar o que havíamos conjecturado.

³ Considerando a identificação dos usos do *se caso* e do *se é que* como mais inovadores da categoria dos conectores condicionais no *corpus* da pesquisa, pretendemos dar ênfase e maior destaque ao comportamento dos referidos itens. Para isso, analisamos, em um primeiro momento, o funcionamento dos itens que assumem função de conectores condicionais nos textos jornalísticos *online*, incluindo os já incorporados pela gramática normativa. Em um segundo momento, destinamos o trabalho à investigação de fatores que aparentemente atuam como motivadores para a escolha dos usuários pelos conectores *se caso* e *se é que*.

[...] as forças cognitivas que atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação e que se manifestam de modo universal, já que refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 28)

Diante do exposto, esta tese se fundamenta na vertente teórica do Funcionalismo Norte-americano, que estuda as expressões linguísticas a partir de seu comportamento nos contextos de uso, sem desprezar os princípios e estratégias que governam seu papel comunicativo natural. Essa vertente da teoria funcionalista é originária da Costa Oeste dos Estados Unidos, na década de 1970, a partir da qual trabalhos de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón se destacaram, em contraponto a correntes linguísticas formalistas vinculadas ao Estruturalismo e ao Gerativismo.

As correntes formalistas partem do entendimento de que a gramática é separável do discurso, e o precede. Para os funcionalistas, ela é organizada por um conjunto de regras observáveis nos usos linguísticos, as quais emergem do discurso. Segundo esse ponto de vista, a rigor, o que existe é a gramaticalização, processo ao mesmo tempo sincrônico e diacrônico (HOPPER, 1993).

Sob essa perspectiva, novas estruturas linguísticas estão surgindo a todo momento e, devido a isso, umas caem em desuso, algumas são tidas como padrão a ser seguido pela gramática da linguagem formal e algumas duelam pela preferência do usuário em competição com as já existentes. Além disso, a vertente funcionalista da língua destaca o surgimento de novas funções para formas já existentes. Assim, refuta-se a noção de que há uma gramática pronta e acabada, pois a língua vai além da estrutura gramatical, sendo o contexto fator de grande importância para a compreensão do seu funcionamento.

O fato é que não é do nosso interesse apontar falhas ou problemas gramaticais nos textos que selecionamos, mas analisar o comportamento sintático, semântico e discursivo dos conectores condicionais já cristalizados e dos itens linguísticos que aparentemente funcionam como novas formas concorrentes na referida função, conforme ilustrado nos dados em amostra⁴:

- (a) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta,

⁴ Mantivemos nas amostras a escrita realizada pelos jornalistas e leitores - comentaristas dos jornais conforme consta no *corpus* de análise.

poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

- (b) Em novembro, após declarações de Bolsonaro sobre a mudança da embaixada, surgiram comentários na política internacional de que países árabes, grandes importadores de carne do Brasil, poderiam retaliar o país **caso** a medida fosse concretizada. (G1)
- (c) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. 'Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer", diz o áudio". (G1)
- (d) Outro ponto ressaltado pelo especialista está na questão das promoções. Produto comprado em oferta pode ser trocado por outro de mesmo valor. "**Se caso** tenha algum defeito, aí sim, o consumidor tem direito a ter a devolução do valor pago, ou outro produto similar mesmo que a promoção já tenha expirado" (ESTADO DE MINAS)
- (e) Guerra dos sexos à parte, o dinheiro se consolidou como tabu dentro de casa. Quem ganha mais? Quem paga o jantar? Quem assume o papel de principal provedor (**se é que** ele ainda existe)? Como dividir as despesas dos filhos e as contas domésticas? (ESTADO DE MINAS)

A partir dessa amostra, observamos cinco ocorrências de itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais, com formatos e subfunções distintos. Os dados (a), (b) e (c) apontam entre si características sintáticas, semânticas e discursivas, que podem ser analisadas com base na definição e na descrição de parâmetros e critérios para a investigação da prototipicidade dos conectores condicionais. Essa variação também revela, ao que parece, uma distinção nos usos dos conectores *se*, *caso*, *se acaso* e *se caso*, demonstrando a necessidade de uma análise detalhada do comportamento dos referidos conectores, de modo que possamos afirmar se o item *se caso*, ilustrado em (d), é uma redundância originada da junção dos conectores *se* e *caso*, conforme asseveram os gramáticos normativos. A análise, ainda, possibilitará verificar se o surgimento do *se caso* advém ou não da supressão da vogal *a*, presente no advérbio *acaso*, do conector condicional *se acaso*. Além disso, a identificação das características sintáticas, semânticas e discursivas do conector *se é que*, a exemplo de (e), ganha importância ao se fazer necessário evidenciar seus traços distintivos e associativos em relação aos demais conectores encontrados no *corpus* da pesquisa.

Ao mesmo tempo, os conectores *se caso* e *se é que* assumem relevância em nosso estudo por presumivelmente estarem sendo utilizados em situações de escrita da língua com diferentes propósitos comunicativos, alicerçados em fatores que, ao que nos

indica a análise prévia, atuam como motivadores para a escolha dos usuários por esses conectores. Vislumbramos, aqui, elementos tais como os gêneros textuais em que se encontram, as formas verbais e relações modo-temporais utilizadas nas orações adverbiais condicionais, como também, a presença de especificadores nas formas perifrásticas utilizadas pelos usuários dos conectores nos textos jornalísticos *online*. Torna-se imperioso, portanto, observar esses fatores no *corpus* da pesquisa, a fim de que possamos identificar e descrever as motivações cognitivas e interacionais inerentes a esses usos.

Diante dessas especificidades minimamente reveladas nas amostras apresentadas, configurou-se nosso interesse em investigarmos o comportamento sintático, semântico e discursivo dos conectores condicionais, com ênfase nos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Para isso, buscamos responder às seguintes questões:

- 1) Como se dá a codificação sintática das relações de condicionalidade em enunciados presentes em textos da esfera jornalística *online*?
- 2) Quais são as características estruturais, semânticas e discursivas captadas no comportamento funcional dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais considerados inovadores nos referidos textos?
- 3) Quais são e como atuam as motivações cognitivas⁵ e interacionais inerentes aos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, que constituem estruturas adverbiais condicionais?

O objetivo geral da presente pesquisa é investigar o funcionamento sintático, semântico e discursivo das relações de condicionalidade, nelas inseridos os conectores condicionais, especialmente, os itens *se acaso*, *se caso* e *se é que*, em textos jornalísticos *online*, com base em princípios do Funcionalismo Norte-Americano, com vistas a contribuir com uma descrição mais ampliada do domínio funcional da condicionalidade.

⁵ Na perspectiva teórica adotada nesta pesquisa, a noção de motivação cognitiva se assenta no fato de que a “língua é [...] engendrada por capacidades cognitivas de domínio geral, que dizem respeito aos princípios de categorização, à organização conceptual, aos fatores ligados ao processamento linguístico e, sobretudo, à experiência humana no contexto de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais”. Nesse contexto, o comportamento linguístico é atravessado por aspectos cognitivos que atuam na “captação de experiências, sua compreensão e seu armazenamento na memória, ao lado de aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada dessas informações” (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p.56)

A partir desse objetivo geral, desdobram-se os seguintes objetivos específicos, que consistem em:

- 1) Analisar a codificação sintática das relações de condicionalidade, identificando, através de levantamento quantitativo, quais são os itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais nos textos jornalísticos *online*, considerando os itens conservadores e os inovadores;
- 2) Analisar as configurações estruturais, semânticas e discursivas dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais nos textos jornalísticos, a partir da aplicação de critérios de prototipicidade da categoria, e dos princípios da iconicidade, da marcação e da gramaticalização;
- 3) Analisar as motivações cognitivas e interacionais inerentes aos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, com ênfase na sua relação com a concretização do propósito comunicativo dos usuários.

Definidas as questões e os objetivos, levantamos hipóteses, substantiadas pela observação prévia de usos dos conectores em determinados contextos e, certamente, influenciadas pelas leituras do estado da arte. Essas hipóteses são ponto de partida para as reflexões a serem desenvolvidas, mas somente a conclusão do trabalho investigativo nos permitirá apontar até que ponto elas se aproximam da verdade dos fatos linguísticos analisados. Assim, a princípio, hipotetizamos que:

- 1) Interferências de especificidades contextuais de natureza funcional, relacionadas aos conectores, determinam a presença tanto de itens conservadores quanto de itens inovadores na codificação de estruturas condicionais em textos jornalísticos *online*;
- 2) Variabilidades sintáticas, semânticas e discursivas constatadas nos usos podem atestar que o surgimento do *se caso* não advém da supressão da vogal *a*, presente no advérbio *acaso*, do conector condicional *se acaso*, apresentando, portanto, divergências funcionais em relação aos conectores condicionais *se*, *caso* e *se acaso*;
- 3) Relações entre os usos de especificadores perifrásticos verbais nas estruturas adverbiais condicionais e o gênero textual jornalístico em que foram identificados, articulados com vistas a concretização do propósito comunicativo do usuário, aparentemente, revelam determinadas motivações cognitivas e estratégias interacionais dos usuários.

O interesse pelo estudo dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais nos textos jornalísticos, especialmente, o *se acaso*, o *se caso* e o *se é que* em orações hipotáticas adverbiais se justifica, também, devido às leituras e pesquisas bibliográficas, realizadas previamente, a respeito do tema. Elas demonstraram que, apesar de muitos estudiosos contribuírem com pesquisas relacionadas aos conectores condicionais, como, por exemplo, as realizadas por Leão (1961), Neves (1999) e Hirata-Vale (2005), a serem mais bem detalhadas em capítulo específico, não há evidências de estudos sobre os usos do conector *se caso* em textos jornalísticos, mas apenas a menção, no estudo desenvolvido por Barreto (1999, p. 401), de que se trata de um item conjuncional, de registro coloquial e popular, proveniente do reforço semântico da conjunção condicional *se*.

Nesse sentido, é necessário também estudar com mais profundidade o conector condicional *se acaso*, para que possamos, além de outras questões, esclarecer se ele manifesta divergências funcionais em relação ao conector *se caso*. Quanto ao *se é que*, conforme já foi enfatizado, parece não haver registro de estudos aprofundados, tendo a abordagem de Leão (1961, p. 101), por exemplo, apenas citado que o conector confere realce ao ser utilizado como locução conjuncional condicional. Isso torna propício investigá-lo com mais afinco.

É oportuno, portanto, realizar um estudo minucioso acerca dos usos de *se acaso*, *se caso* e *se é que*, o que nos permitirá analisar todos os aspectos que já foram mencionados nas questões e nos objetivos do trabalho, para que possamos descrever e demonstrar as suas funções sintáticas, semânticas e discursivas. A partir dessa investigação, poderemos responder se, de fato, os conectores mencionados estão sendo utilizados de modo frequente em situações de escrita da língua, particularmente nos textos jornalísticos *online*, e se estão funcionando como formas concorrentes de conectores condicionais, já cristalizados, por meio da constatação de motivações cognitivas inerentes a mudanças funcionais. Assim, daríamos uma contribuição mais abrangente à descrição das relações de condicionalidade do português brasileiro escrito.

Para alcançarmos os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa de base norteadora qualitativa e interpretativista, ao investigarmos os aspectos sintáticos, semânticos e discursivos instados nos usos de conectores condicionais em orações hipotáticas adverbiais, mais especificamente, os conectores condicionais *se acaso*, *se caso* e *se é que*, levando em conta contextos de produção e propósitos comunicativos dos produtores dos textos jornalísticos *online* (jornalistas e leitores - comentaristas dos

jornais *online*). A pesquisa é, também, quantitativa e descritiva, ao compreender um levantamento estatístico da ocorrência de conectores condicionais, buscando estabelecer a descrição de parâmetros e padrões de uso, potencialmente esclarecedores do comportamento das condicionais.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é o *Corpus do Português* (CPD), um banco de dados da língua portuguesa, compilado e mantido pelos pesquisadores Mark Davies (Universidade Brigham Young) e Michael J. Ferreira (Universidade de Georgetown), com suporte financeiro proveniente do U.S. National Endowment for the Humanities, além de suas respectivas instituições de ensino. O banco de dados é subdividido em quatro *corpora*, organizados segundo critérios, como gênero (acadêmico, ficcional, jornalístico e oral), períodos de tempo e dialetos da língua portuguesa. Delimitamos, particularmente, o *Corpus do Português NOW*⁶, que reúne notícias da *web* (aproximadamente 1,3 bilhão de palavras) da língua portuguesa, presentes em jornais e revistas *online*, compreendendo o período que vai do ano de 2012 até o atual, recorte que atende o contingente de dados demandados para a análise por nós pretendida e adiante explicitada. As revistas *online* foram desconsideradas na coleta dos dados, por se tratar de quantidade insuficiente para o desenvolvimento do estudo. Assim, foram selecionados apenas os jornais *online* do português brasileiro.

Conforme estudo desenvolvido por Nascimento (2004), os *sites* jornalísticos apresentam ritmo de produção e dinâmica de leitura próprias, possibilitando recursos de áudio, de vídeo, maior extensão dos textos, inserção de *links* que remetem a outras notícias de conteúdo semelhante, além de permitir que o usuário-leitor se comunique com o suporte através de comentários ou questionamentos acerca do que foi lido. Essas características, que fomentam maior interação entre o usuário-leitor e o veículo midiático, distinguem os jornais *online* dos jornais impressos, tendo sido relevantes no processo de escolha de nossa fonte de dados.

Ao mesmo tempo, é necessário esclarecer, nas palavras de Erbolato (1985), que recomendações válidas para o jornalismo tradicional também se aplicam para o jornalismo *online*, visando a uma linguagem correta e acessível a todos. Assim, “O primeiro dever do jornalista é conhecer as regras gramaticais⁷, a fim de que seus textos

⁶ Descrição elaborada com base nas informações divulgadas na página virtual do *corpus*.

⁷ Evidentemente, essa é uma visão de norma padrão, cuja prevalência é esperada nos jornais escritos, mas que pode ser relativizada a depender do público consumidor a que se direciona.

não apresentem erros graves. O segredo da boa notícia depende da maneira compreensível como chega ao receptor” (ERBOLATO, 1985, p. 81).

Dessa maneira, a escolha do banco de dados *Corpus do Português*, que reúne suportes jornalísticos *online*, é justificada, também, dado o interesse pelo estudo acerca da incorporação de usos inovadores em textos escritos veiculados em um suporte virtual que abrange diferentes gêneros textuais jornalísticos, o que poderá evidenciar os contextos preferenciais ou típicos nos quais os conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que* foram utilizados, evidenciando propósitos comunicativos dos usuários.

Para a realização da coleta dos dados, procedemos a quantificação dos textos jornalísticos *online* selecionados, constituindo um total de 60 (sessenta), quantidade correspondente a diferentes empresas jornalísticas. Essa quantidade contempla os gêneros artigo, comentário de leitor, notícia e reportagem, escolha justificada por se tratar dos gêneros que apresentaram maior índice de circulação no *corpus*. A coleta foi realizada a partir do uso do localizador de texto presente no *Corpus do Português* e da leitura sistemática dos textos jornalísticos *online*. O processo de seleção e coleta dos textos foi minucioso, sendo desconsiderados os jornais de Portugal que constavam no banco de dados, uma vez que buscamos investigar os usos dos conectores na língua portuguesa brasileira; além disso, excluiu os *sites* que se encontravam com a página indisponível no momento da busca.

A decisão relativa à quantidade de textos jornalísticos *online* é justificada por acreditarmos que esse contingente é representativo do português escrito nos jornais, alcançando suportes jornalísticos de regiões diversas do nosso país e quantitativamente consistente para alcançarmos os objetivos da pesquisa. Também, levamos em consideração o volume de textos que esse recorte compõe, fato que supomos, *a priori*, atestar a produtividade do fenômeno investigado. A seleção desses textos visa identificar, através do levantamento ostensivo, os itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais nos textos jornalísticos e quais são os predominantes em termos de frequência. Sendo assim, os dados coletados durante o desenvolvimento do estudo são organizados e apresentados em quadros, tabelas ou gráficos, conforme necessidade e relevância estatística demonstradas para as discussões e os resultados perseguidos.

A estratégia de localização dos itens que assumiram função de conectores condicionais no *corpus* selecionado também foi rigorosa e sistemática, haja vista que desagregamos, por exemplo, as situações em que o item *se* funcionava como conjunção

integrante ou, ainda, como pronome, e as situações em que o *caso* funcionava como substantivo. O ponto de partida para a identificação dos itens foram as listas já consagradas pela tradição, a elas somando-se o conhecimento empírico e a intuição interpretativa para os significados que se constroem a partir de nossa própria leitura. Desse modo, a totalidade do *corpus* foi lida e investigada na busca de identificar contextos que pudessem revelar as diversas formas articuladoras das noções de condicionalidade construídas na relação sequencial das informações textualizadas.

Para trazer a público os resultados deste estudo, a presente tese está organizada em 4 capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo contempla aspectos relevantes acerca da teoria funcionalista, que sustenta o desenvolvimento deste estudo: as concepções de gramática e discurso, ancoradas às motivações cognitivas e interacionais dos usuários da língua; a teoria dos protótipos; os conceitos de iconicidade e marcação; o papel do contexto e da frequência de uso na ótica do funcionalismo, além da noção de gramaticalização.

O segundo capítulo situa o objeto de estudo da pesquisa. Para tanto, o capítulo é dividido em três seções. A primeira seção apresenta uma revisão dos mecanismos de articulação entre períodos, englobando tanto estudos tradicionais, quanto estudos funcionais. Para a abordagem tradicional, nos baseamos em Melo (1978), Rocha Lima ([1986] 2019), Cunha ([1989] 2007) e Bechara (2009); para a abordagem funcional, nos fundamentamos em Castilho (2010), Neves (2018), Bagno (2011), entre outros. A segunda seção explicita uma abordagem panorâmica sobre as orações adverbiais condicionais, com base nas gramáticas representativas de pesquisas tradicionais e de pesquisas funcionalistas, e se destina a uma revisão de pesquisas funcionalistas sobre as funções sintáticas, semânticas e discursivas de conectivos condicionais em orações hipotáticas adverbiais, com base nos contextos de uso. Para tanto, tomamos como ponto de partida os estudos desenvolvidos por Neves (1999, 2012), Oliveira (2009, 2012), Souza (2015), entre outros. O capítulo finaliza com uma explanação acerca dos especificadores de tempo, aspecto e modo nas perífrases verbais, considerando serem um dos elementos relevantes para o estudo do comportamento dos conectores condicionais *se acaso*, *se caso* e *se é que*.

O terceiro capítulo evidencia, a partir dos dados coletados em textos jornalísticos que constituíram o *corpus* da pesquisa e da quantificação dos conectores condicionais neles encontrados, as variações sintáticas, semânticas e discursivas dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais, buscando apresentar a diversidade de

seus usos, com influência direta na organização textual e pragmática. Para isso, nos embasamos nos princípios da prototipicidade, da iconicidade e da gramaticalização.

O quarto capítulo descreve e analisa alguns fatores que aparentemente atuam como motivadores para a escolha dos usuários pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Com esta análise, averiguamos fatores sintáticos, semânticos e discursivos presentes nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores mencionados que nos permitiram avaliar motivações cognitivas e interacionais inerentes a esses usos, através dos princípios da marcação e da iconicidade.

1 ABORDAGEM TEÓRICA: ASPECTOS GERAIS DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Este capítulo está dividido em cinco seções que abrangem aspectos relevantes acerca da teoria funcionalista, fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Apresentamos as concepções de gramática e discurso, ancoradas às motivações cognitivas e interacionais dos usuários da língua, discorremos sobre a teoria dos protótipos, sobre os conceitos de iconicidade e marcação, sobre o papel do contexto e da frequência de uso na ótica do funcionalismo. Na sequência, tratamos da noção de gramaticalização.

1.1 Concepções de gramática e discurso: motivações cognitivas e interacionais

O paradigma do funcionalismo linguístico entende que a língua se configura através da relação existente entre gramática e discurso. Conforme Bybee (2016) destaca, a gramática funcional constitui uma organização cognitiva de experiências com a língua, sendo, portanto, diretamente influenciada pelo discurso.

Oliveira e Votre (2009, p. 105) salientam que o conceito de discurso, modernamente, faz referência “[...] às estratégias criativas dos usuários na organização de sua produção linguística, aos modos individuais com que cada membro da comunidade elabora suas formas de expressão”. Já o conceito de gramática, conforme entendem os estudiosos citados, é associado ao “conjunto das regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso (p. 105)”. Logo, as ideias de liberdade/ autonomia voltam-se ao discurso e, as noções de sistematização/regularização relacionam-se à noção de gramática. Esses conceitos, no entanto, estão imbricados:

os fatores de natureza pragmático-comunicativa não só podem ser responsáveis pela regularização gramatical, como também atuam na seleção e na organização daquilo que a própria gramática atualiza. Em outros termos, uma vez sistematizados, os constituintes gramaticais são usados conforme as condições interacionais, são dependentes de fatores que marcam as práticas envolvidas no uso (OLIVEIRA; VOTRE, 2009, p. 105).

Os estudos desenvolvidos por Bybee (2016) definem que uma língua, ao mesmo tempo em que apresenta regularidade de padrões, apresenta variação quando comparada a outras línguas ou a enunciados e usos diversos de uma mesma língua. Desse modo, é fundamental que os usos linguísticos sejam analisados com base nos aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. Bybee (2010) acrescenta que a análise

linguística não deve desprezar que os fenômenos estruturais das línguas naturais derivam de processos cognitivos, atuantes em múltiplas instâncias do uso linguístico.

O funcionamento das línguas no uso efetivo é delineado por Du Bois (2003) com base em três aspectos teóricos que apontam para a convergência entre gramática e discurso: i) os falantes exploram a estrutura gramatical disponível para realizar seus propósitos de fala; ii) a soma daquilo que os falantes fazem no discurso exhibe um padrão recorrente que ultrapassa o que é predito pelas regras da gramática; iii) a estrutura gramatical tende a desenvolver-se ao longo de linhas formuladas pelo padrão discursivo.

Desse modo, o estudioso imputa a necessidade de que as gramáticas sejam vistas como sistemas parcialmente autônomos e parcialmente sensíveis a pressões externas, isto é, de que sejam examinadas como sistemas adaptáveis.

Essa concepção de que a língua não pode ser descrita como um sistema integralmente autônomo é também legitimada por Givón (1991), ao sustentar que a estrutura gramatical é continuamente constituída, estando em constante reformulação num processo nunca totalmente completado. Deve haver, portanto, referência aos parâmetros de cognição e comunicação/processamento mental, interação social e cultura/mudança e variação, aquisição e evolução, para que a gramática seja assimilada como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática.

Segundo Givón (1984), a sintaxe codifica dois domínios funcionais: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Para o autor, esses dois domínios se interinfluenciam, na medida em que não há oração que contenha somente informação semântica, sem a existência de função pragmática, a não ser em se tratando de trechos linguísticos isolados artificialmente de seu contexto para fins de análise.

Hopper e Thompson (1980) assinalam a correlação existente entre gramática e discurso através de estudo sobre a concepção de transitividade, ao defenderem que ela está relacionada aos planos do discurso. Assim, os estudiosos propõem que a transitividade se realiza, não apenas em relação ao verbo, mas à sentença toda, levando em conta o contexto discursivo.

O papel do contexto discursivo nos estudos sobre transitividade é reforçado por Bagno (2011) ao afirmar que “Quanto às classificações tradicionais da transitividade verbal, elas se referem, como sabemos, ao tipo de complemento que é acionado pela semântica do verbo, ou no caso dos intransitivos, pela necessidade de complemento. No

entanto, como sempre, é o contexto discursivo que vai determinar o caráter transitivo e/ou intransitivo de um verbo” (BAGNO, 2011, p.516).

Convém evocar a afirmação de Neves (2018) ao sustentar que “uma teoria funcionalista vê na gramática uma rede de relações que se realiza nas estruturas (sintaxe)/ mas que se assenta fortemente nos significados (semântica)/ mas que se define em torno da organização discursiva (pragmática)” (p. 134).

Essa reflexão traduz a noção de *gramática emergente*, desenvolvida por Hopper (1987), como uma gramática passível de mudança e substancialmente afetada por seu uso constante, em que novas estruturas gramaticais se desenvolvem. Por consequência, a regularidade da gramática é apenas provisória e nunca totalmente finalizada.

Para Furtado da Cunha (2007, p. 19), “[...] gramática é constituída nos contextos específicos de uso da língua, para compreendê-la é preciso levar em conta a perspectiva discursivo-textual”. Em concordância com o posicionamento da autora, buscamos, neste trabalho, explicar a forma da língua através das funções que ela desempenha na comunicação, ao investigarmos as relações de condicionalidade identificadas a partir dos usos de conectores condicionais nos textos jornalísticos *online* selecionados.

A abordagem funcionalista está ancorada na concepção de língua como um instrumento de interação social, cujo interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos linguísticos. Assim, nessa corrente linguística, o pesquisador procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as situações discursivas em que se verifica esse uso (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015).

Considerando o discurso e a semântica como domínios centrais para o estudo da sintaxe, o funcionalismo entende que a gramática de uma língua apresenta estruturas em constante mutação, originadas do discurso e das estratégias de organização das informações elaboradas pelos falantes durante a atividade comunicativa. Nesse sentido, a necessidade de contextualização da língua na situação interacional a que as estruturas se correlacionam também confere grande relevância à pragmática. Admitir determinações discursivas na sintaxe – em qualquer grau – equivale a incorporar a pragmática na gramática (NEVES, 2018).

A gramática, organizada por um conjunto de regras observáveis nos usos linguísticos, as quais emergem do discurso, leva em conta o falante, o ouvinte, seus papéis e seu estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente,

tendo em vista que a descrição da estrutura da sentença não é suficiente para determinar o significado da expressão linguística (NEVES, 2001).

Reiterando, gramática, portanto, não se desmembra de discurso, uma vez que ambos se interinfluenciam a partir dos usos criativos que os falantes fazem das formas – ou novos usos para formas antigas – os quais vão surgindo nas interações diversas.

A gramática pode ser considerada como um produto da atividade verbal, uma vez que uma gramática constituída nos usos discursivos, corresponde a uma organização cognitiva aperfeiçoada a partir de experiências passadas de ativação discursiva individuais de cada falante. A capacidade cognitiva dos falantes permite-lhes, portanto, a partir dos eventos discursivos, categorizar e classificar semelhanças e diferenças. Isso pressupõe a ideia de acreditar que a gramática, tal como o discurso, é vista como um fenômeno social. (FURTADO DA CUNHA, 2007).

Ao asseverar o papel dos estudos cognitivos para a vertente funcionalista, Neves (2006, p. 21) afirma que “Sem necessariamente conceber um modelo cognitivista de gramática, o funcionalismo assenta, em geral, uma relação entre gramática e cognição”. Observamos a relevância desse diálogo nos estudos da categorização, que se configura como uma atividade cognitiva e sociocultural, ao ser definida como:

[...] toda atividade mental que nos permite organizar, em termos de classes, a imensa variedade de entidades que constituem o ambiente externo, dando-lhes significações particulares, com o propósito de resolvermos certas disponibilidades e atingirmos objetivos considerados importantes. (DUQUE E COSTA, 2012, p. 19).

O elemento cognitivo é evocado por Givón (2007), ao acrescentá-lo à determinação do contexto discursivo sobre a organização linguística, ao conferir aos falantes, no uso da gramática, a criação de modelos mentais sobre o estado de conhecimento (epistêmico) e de propósito (deôntico) de seus interlocutores. O estudioso esclarece que esses modelos mentais são construídos rapidamente e de maneira inconsciente pelos falantes durante a atividade comunicativa em um contexto discursivo específico, tratando-se, pois, do propósito comunicativo do falante que usa a construção e, implicando, conseqüentemente, a representação do sistema conceptual na representação linguística.

Nesse sentido, as motivações cognitivas constituídas de maneira inconsciente pelos falantes durante a atividade comunicativa em um contexto discursivo específico, nos dá respaldo para analisarmos o funcionamento sintático, semântico e discursivo do nosso objeto de estudo.

Lembramos que, para Collins e Quillian (1969, p. 240), a economia cognitiva é uma das principais funções das categorias, uma vez que a divisão do mundo em classes de seres, objetos e ações promove a diminuição da quantidade de informação a ser aprendida, percebida, recordada e reconhecida.

Desse modo, a categorização resulta da nossa interação com o meio ambiente e não apenas como produto de um raciocínio consciente. Duque e Costa (2012) elucidam que os processos de categorização envolvem aspectos históricos, culturais, idiossincráticos e fatores universais que estão interligados à cognição e à linguagem.

A categorização se apresenta como uma importante atividade nos estudos funcionalistas, estando diretamente relacionada à teoria dos protótipos, sobre a qual trataremos, a seguir.

1.2 A teoria dos protótipos

A teoria dos protótipos surge, a partir da década de 70, como um novo caminho para o desenvolvimento dos estudos sobre categorização, em relação às perspectivas clássica e natural de categorização. A perspectiva clássica, proposta por Aristóteles, concebe que todos os exemplares de uma categoria partilham entre si propriedades comuns, consideradas condições necessárias e suficientes para sua definição (DUQUE; COSTA, 2012). Essa linha de pensamento, predominantemente adotada pela chamada gramática tradicional, sustenta que as classes gramaticais possuem estruturas estáveis e claramente definidas, o que eliminaria a possibilidade de gradações funcionais. Assim, para um item pertencer à determinada categoria, deve possuir todos os traços apresentados como necessários para o enquadramento nessa categoria (SANTOS, 2010).

A perspectiva natural de categorização, proposta por Wittgentein (1953/1979), no entanto, rejeita a tese aristotélica de que palavras específicas representam coisas específicas e têm significados fixos. Para o estudioso, não existe uma linguagem particular, mas uma linguagem pública, de cujo significado desponta com base no uso que fazemos dela nas diversas situações sociais. Esse novo enfoque sugere as denominadas *semelhanças de família*, definidas como atributos não exclusivos, que podem ser incluídos em mais de uma categoria, de tal modo que os itens de uma mesma categoria não precisam compartilhar todas as características.

Proposta por Givón em 1986, a teoria dos protótipos nos estudos da linguagem decorre da integração das perspectivas clássica e natural de categorização. Essa teoria apresenta a substituição do termo *traços*, do enfoque clássico, por *atributos*, sob o raciocínio de que os traços são binários, com o mesmo *status* analítico, enquanto que os atributos podem ser mais centrais/prototípicos que outros, devido à existência de membros mais e menos representativos. Tais atributos não têm relação com propriedades inerentes ao objeto em si, mas sim com o papel desempenhado pelo objeto dentro de uma determinada sociedade. Eles são funcionais porque se referem ao uso de determinado objeto pelos falantes no momento em que interagem uns com os outros. O modelo de protótipos, nesse sentido, infere que os membros, distribuídos em um *continuum*, podem ser agrupados dentro de uma mesma categoria, em conformidade com os atributos mais comuns ao que seria o modelo de item exemplar de uma dada categoria.

Taylor (1989) afirma que as categorias não indicam limites claros e seus membros não necessariamente apresentam igual *status*. Assim, a categorização metalinguística é um processo complexo em se considerando o uso da língua:

a fronteira da categoria não é clara — um fato que não diminui, porém, a utilidade comunicativa da categoria. Assim, contrário às expectativas da teoria clássica, a categoria não é estruturada em termos de compartilhamento de características criteriais, mas sim por uma rede entrecruzada de similaridades. Há, de fato, atributos tipicamente associados à categoria. Alguns membros partilham alguns desses atributos, outros membros partilham outros atributos. No entanto, não há atributos comuns a todos os membros ou a cada um deles em particular. Talvez seja até o caso de que alguns membros tenham praticamente nada em comum com outros (TAYLOR, 1989, p. 38).

Sob o entendimento de que as categorias são fluidas e seus membros são maleáveis, as formas linguísticas podem ser analisadas compreendendo-se que pertencem a mais de uma categoria, ou que apresentam uma determinada função, mas não detêm todos os atributos de determinada categoria na qual sua função é inserida.

Nesse sentido, a categoria se organiza em torno do exemplar prototípico, resultante da realização de testes experimentais de uma categoria de objetos, o que contribui para a escolha do representante exemplar da categoria. No centro, situam-se os exemplares que têm maior semelhança com o protótipo e, na periferia, os que têm menor semelhança (ROSCH, 1978).

É interessante evidenciar, ainda, as contribuições de Givón ([1984] 2012, p. 42) ao apresentar a *configuração prototípica*, em que “[...] dentro de cada categoria, há o

membro que ostenta o maior número de propriedades características, e é segundo essa semelhança que os demais membros devem ser classificados”. O autor defende que há uma vaguidade durante a divisão categorial que permite que membros não prototípicos se aproximem, através do contexto ou do propósito, e por isso, possibilitem a passagem item lexical > item gramatical.

Essa perspectiva leva ao entendimento de que os itens de uma categoria compartilham, em proporções não equitativas, os traços ou propriedades de tal categoria. Uma vez que há oscilação da quantidade de traços categoriais, há o que ele chama de gradação de prototipicidade. Assim, quanto mais o item acumular densidade numérica de traços categoriais, mais prototípico será, e membros que apresentam traços semelhantes devem ser considerados a partir do grau de distância ou proximidade desse número máximo de traços, não deixando de fazer parte da categoria.

Para Neves (2006), a teoria dos protótipos admite que um item linguístico não necessariamente precisa reunir todos os traços que o enquadrariam numa determinada categoria, para poder pertencer à mesma classe do termo a que foi associado. Dessa maneira, o protótipo é visto como uma entidade cognitivamente construída com base nas propriedades típicas da categoria, havendo um melhor exemplar da categoria a partir de um conjunto de propriedades que representam a categoria da melhor forma. A autora acrescenta que esse argumento contribui para o estudo da gramaticalização⁸, ao confirmar o caráter gradativo e não discreto das categorias.

Bybee (2016), sob esse mesmo entendimento, lembra que não é possível haver categorias discretas na análise linguística, porque a língua é uma estrutura maleável, em permanente variação. Essa variação é motivada pelos usos que dela fazemos, ocorrendo tanto diacronicamente, quanto sincronicamente, ao longo de contínuos. Daí, torna-se evidente a noção de gradiência, no que diz respeito à dificuldade de distinguir categorias da língua ou da gramática. Para a estudiosa, as mudanças na estrutura da língua acontecem gradativamente, a partir da movimentação dos elementos de uma categoria a outra, e não de maneira abrupta.

O estudo desenvolvido por Silva (2005) revela um olhar para os protótipos enquanto membros centrais das categorias de nível básico, evocados pelos falantes em primeiro lugar enquanto os demais membros são organizados em torno dele. Consequentemente, também existem atributos mais centrais – ou prototípicos – que

⁸ Ver Seção 1.5.

outros. O estudioso elenca critérios para determinar a prototipicidade de elementos conectores contrastivos. São eles: 1. Ocupar posição fixa na fronteira das orações; 2. Ser passível de conectar termos; 3. Ratificar e ressaltar o valor contrastivo das informações e, 4. Apresentar alto índice de frequência. Esses critérios contribuem para a elaboração dos critérios de identificação dos itens mais e menos prototípicos do nosso objeto de pesquisa, ao apresentarem-se como pontapé inicial para o nosso estudo, funcionando como modelo de inspiração para a descrição dos parâmetros e critérios de prototipicidade, com adaptação à categoria dos conectores condicionais.

Nesse contexto, a teoria dos protótipos ganha um papel importante em nosso trabalho, uma vez que nos auxilia na categorização dos conectores condicionais presentes no *corpus* de análise, para que possamos analisar as variações sintáticas, semânticas e discursivas dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais nos textos jornalísticos.

Na seção, a seguir, abordamos os conceitos de iconicidade e marcação, que também sustentam o aparato teórico do cognitivismo como base para a orientação dos estudos da linguística funcional.

1.3 Iconicidade e marcação

O princípio da iconicidade é conceituado como uma motivação para que fenômenos linguísticos ocorram de uma forma ao invés de outra, apresentada, segundo Martellota (2011, p. 51), como uma “inclinação oposta a uma outra tendência existente nas línguas: a arbitrariedade”. Desse modo, contrapondo os estudos formalistas⁹ da linguagem, a sintaxe envolve uma relação entre forma e função, numa correspondência natural entre o código linguístico e o conteúdo evocado.

A iconicidade é inspirada na abordagem de Pierce (1977, p. 46) acerca do signo¹⁰, conceituado como “aquilo que sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, a partir de uma estrutura triádica¹¹ que representa a dinâmica do signo como

⁹ Para os que defendem a arbitrariedade, o sistema linguístico é visto como autônomo e o valor dos signos independe do mundo exterior, estabelecendo-se exclusivamente no interior do sistema.

¹⁰ Pierce (1977) estabelece três tipos de signo, quais sejam, o símbolo, o índice e o ícone. Sendo este último já explicitado, o símbolo é entendido como a relação entre dois elementos em virtude de uma convenção, lei ou associação geral de ideias (placa de trânsito que simboliza o ato de parar, por exemplo). O índice estabelece uma relação direta com o objeto a que se refere (fumaça sinalizando fogo, por exemplo).

¹¹ A estrutura triádica de Pierce é formada pelo *representamen*, entendido como o veículo que traz para a mente algo de fora, servindo como signo para o receptor; o *objeto*, correspondente ao referente, que pode ser uma coisa material do mundo ou uma entidade meramente mental/imaginária, e o *interpretante*,

um processo cuja significação depende do contexto de seu aparecimento e da expectativa do seu receptor (PIERCE, 1977). Classificado pelo estudioso como um tipo de signo, o ícone, que deu origem ao termo iconicidade, é qualificado em relação ao objeto através da representação por traços de semelhança ou analogia, sendo um conceito caro aos estudos sintáticos funcionalistas.

Por entenderem que a extensão ou complexidade de uma estrutura linguística reflete a extensão ou complexidade de natureza conceptual, os linguistas funcionalistas definem a iconicidade como “a propriedade de similaridade entre um item e outro”, afirmando que ela constitui o princípio que garante a não-arbitrariedade” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 26).

A iconicidade pressuposta pelos funcionalistas não se restringe ao signo, mas envolve a linguagem verbal como um todo. Bolinger (1977) sustenta que a iconicidade pode ser forte, implicando a preservação de uma forma para um significado e de um significado para uma forma, ou branda, ao reconhecer a possibilidade de haver opacidade na relação entre a forma e o conteúdo, sendo relevante, portanto, considerar a iconicidade, a partir da perspectiva do contínuo funcional das estruturas linguísticas. Nesse sentido, as estruturas linguísticas são passíveis de sofrerem pressões provenientes das funções que desempenham, podendo existir mais de uma forma para uma função e mais de uma função para uma forma (FURTADO DA CUNHA, COSTA; CEZARIO, 2015).

Reportando-se a Pierce (1977), Neves (2018) afirma que a iconicidade que interessa aos estudos linguísticos aponta uma relação não imagética¹², mas diagramática, isto é, uma relação que vai à estruturação das partes, através de um arranjo icônico de signos, não necessariamente se assemelhando a seu referente. A iconicidade diagramática demonstra, por exemplo, o caráter linear do enunciado linguístico. Neves (2012, p. 58) argumenta que a iconicidade “é a própria determinação cognitiva dos processos que levam a variação e a mudança na língua”. Segundo a autora, a motivação icônica produz um círculo vicioso através do qual informatividade e economia se combinam no contínuo do uso linguístico. Com base nesse círculo vicioso,

definido como a significação ou efeito do signo. O símbolo, o índice e o ícone são referências de *objeto*. (PIERCE, 1977).

¹² A iconicidade imagética comporta a noção de uma semelhança sistemática entre um item e seu referente, com relação a uma determinada característica (PIERCE, 1977).

pode-se concluir que a iconicidade gera uma maior transparência quanto à informatividade¹³, e maior opacidade quanto à economia.

Neves (2018) enfatiza, também, a existência, pela iconicidade, da relação entre o mundo, partindo de uma representação conceptual, e o modo de verbalização, havendo, assim, uma força de motivação para a linguagem. A autora aponta, quanto ao nível do discurso, que a iconicidade supõe correspondência entre a estruturação dos enunciados e a organização dos fatos.

Embora afirme que, a princípio, a condição natural da língua é “preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma”, Givón (1995, p.106), admite que essa relação entre forma e função não é categórica, já que determinadas estruturas linguísticas resultantes de motivação comunicativa chegam a se tornar opacas, em decorrência de pressões diacrônicas, que provocaram desgastes fonéticos. Givón (1990) considera, no princípio da iconicidade, a existência de motivação para a relação forma-função a partir da afirmação de que a língua, de alguma maneira, reflete o pensamento humano, que, por sua vez, reflete a realidade externa ao ser humano. Logo, a relação entre forma e função de elementos linguísticos não é arbitrária, já que é reflexo do pensamento. O linguista discorre sobre três subprincípios que proporcionam a efetivação do princípio da iconicidade: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

O subprincípio da quantidade estabelece que o volume de formas codificadoras da informação será diretamente proporcional à quantidade de informação, ao seu caráter de novidade e imprevisibilidade, como também à relevância da informação, o que confere ao fenômeno icônico um alto grau de cognitividade. Assim, uma maior quantidade de matéria fônica deve corresponder à maior quantidade de informação.

O subprincípio da proximidade está relacionado à proporcionalidade da distância linear entre as expressões e os significados que representam. Desse modo, quanto mais próximos semanticamente, mais integrados estarão sintaticamente. Neves (2018) ilustra o funcionamento deste subprincípio ao mencionar que o verbo causativo *matar* expressa relação causativa de modo mais direto quando comparado à perífrase verbal de causatividade *fazer morrer*.

¹³ São características da informatividade: o aumento na forma fônica, o aumento da complexidade, o maior dispêndio de tempo no enunciado e a relação (mais) direta entre forma linguística e estrutura da experiência. A economia, por sua vez, possui como características a redução da forma fônica, a perda de complexidade e a rapidez do enunciado (NEVES, 2012).

Quanto ao subprincípio da ordenação linear, é ressaltado que existe uma correlação entre a sequenciação temporal e a ordem de ocorrência dos eventos descritos, de modo a atender às suas necessidades interacionais, conferindo o grau de importância atribuído aos conteúdos de um texto pelo falante. Dessa maneira, por exemplo, quando se quer dar destaque a uma informação, considerada mais importante, ela tende a ser topicalizada, ou seja, expressa em primeiro plano.

Em suma, através da iconicidade podem ser explicados aspectos relacionados à extensão da sentença, assim como à ordenação e à proximidade dos elementos linguísticos que a compõem, dependendo de fatores como complexidade semântica, grau de informatividade dos referentes no contexto e proximidade semântica entre conceitos. Sendo assim, os subprincípios da iconicidade são interdependentes, ou seja, um influencia o outro e eles podem ocorrer conjuntamente. Esses subprincípios serão levados em conta na análise das estruturas condicionais, objeto de nosso estudo, de modo a colaborar na verificação da existência de motivação para a relação forma-função. Através da noção de iconicidade, averiguamos as motivações cognitivas inerentes a mudanças funcionais reveladas nos usos das construções *se acaso*, *se caso* e *se é que*.

Definido como princípio metaicônico, estando intrinsecamente relacionado ao princípio da iconicidade, o princípio da marcação advém das ideias do Círculo Linguístico de Praga. Esse princípio estabelecia, inicialmente, a distinção binária entre elementos de uma categoria linguística, a partir da presença ou ausência de propriedades, nos níveis fonológico, morfológico ou sintático.

As análises funcionalistas ampliaram a abordagem para uma ideia de contínuo da marcação. Givón (1995) expõe a tendência de que as categorias estruturalmente mais marcadas são, também, funcionalmente mais marcadas. Essa informação evidencia que o princípio da marcação se aplica tanto às categorias linguísticas, quanto aos contextos comunicativos de ocorrências das construções linguísticas, de forma que o que pode ser marcado em um contexto, pode não ser em outro.

Essa concepção é tratada por Tavares (2010), ao tratar das variantes que integram um mesmo domínio funcional em uma escala de menos a mais marcada, além de avaliar os seus contextos de uso. Assim, com base no grau de complexidade, os contextos mais marcados atraem formas mais marcadas, e contextos menos marcados atraem formas menos marcadas. Essa ideia é comprovada pela estudiosa, ao investigar um fenômeno de variação no domínio funcional da “sequenciação retroativo-propulsora

de informações”, a partir das formas variantes *e*, *aí* e *então*. Após estabelecer critérios de marcação aplicados na distinção entre traços mais e menos complexos e analisá-los, a estudiosa chegou à conclusão de que as possíveis especializações de uso de cada conector estão relacionadas a seu grau de marcação.

A fim de diferenciar as categorias marcadas e as categorias não-marcadas, Givón (1995) elenca três critérios: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva, os quais serão fundamentais para a análise das orações adverbiais condicionais identificadas no *corpus* do presente trabalho. No que concerne à complexidade estrutural, a categoria é classificada como mais marcada ao apresentar uma estrutura mais complexa, geralmente extensa; por sua vez, a categoria não-marcada é assim classificada ao possuir uma estrutura menor ou menos complexa.

Em relação à distribuição de frequência, considera-se mais marcada a estrutura utilizada com menor frequência, ao passo que a estrutura utilizada com maior frequência será classificada como não-marcada. Do ponto de vista da complexidade cognitiva, as categorias consideradas cognitivamente mais complexas, por exigirem mais esforço mental e mais tempo de processamento são enquadradas como marcadas, quando comparadas a estruturas que exigem menor esforço cognitivo, definidas como não-marcadas.

Furtado da Cunha (2013) atesta que o uso de estruturas mais marcadas está associado à intencionalidade do usuário da língua quanto à expressividade da força argumentativa. Para a autora, quando os usuários intencionam ser mais expressivos, tendem a utilizar formas mais marcadas. Em contraposição, a categoria não-marcada contempla os seguintes fatores: forma simples ou estruturalmente menor, maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular, contexto de ocorrência mais amplo e aquisição mais precoce pelas crianças.

Nessa linha de pensamento, Givón (1995) acrescenta que a marcação também está vinculada ao grau de formalidade do uso discursivo. Segundo o linguista, um discurso formal, de maior complexidade cognitiva, é considerado mais marcado em relação ao discurso mais informal/espontâneo, mais fácil de processar e menos elaborado. Corroborando o posicionamento do estudioso, essa afirmação será considerada em nosso estudo para fins de investigação dos graus de marcação dos contextos, ao examinarmos os usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*.

Sob essa perspectiva, torna-se fundamental levar em consideração o princípio da marcação nos dados analisados no presente estudo. Torna-se evidente, ainda, que fatores

como o contexto de ocorrência, envolvendo o grau de formalidade do uso linguístico-discursivo, além de critérios como a frequência de uso e a complexidade estrutural e cognitiva estão interligados ao princípio da iconicidade. Nesse sentido, a seção a seguir, é dedicada a uma discussão mais ampla acerca dos elementos contexto e frequência de uso e sua influência na competição de usos linguísticos decorrentes das necessidades comunicativas.

1.4 O contexto e a frequência de uso

Ao conceber a linguagem como instrumento de comunicação e interação social, o paradigma do funcionalismo linguístico tem como objeto de estudo o seu uso real, conforme aponta Pezatti (2004):

O princípio de que toda a explicação linguística deve ser buscada na relação entre linguagem e uso, ou na linguagem em uso no contexto social, torna obrigatória a tarefa de explicar o fenômeno linguístico com base nas relações que, no contexto sócio-interacional, contraem falante, ouvinte e a pressuposta informação pragmática entre ambos. (p. 168)

O uso das expressões linguísticas na interação verbal é, nesse sentido, fundamental aos estudos funcionalistas, pois é nela que se estabelecem as relações comunicativas entre os sujeitos, sendo resultado dos seus propósitos e intenções no momento da enunciação. Logo, as expressões linguísticas só serão compreendidas quando estão funcionando no contexto. Estudiosos como Givón (1979) e Hopper (1993) defendem que esse dinamismo da língua é explicado pelo seu uso diário, manifestando repetições de experiências passadas. Tais experiências contribuem para incrementar a regularização e a sistematização de formas e funções, e com o ajuste de formas gramaticais para buscar a convergência entre a emissão pelo falante e a interpretação do ouvinte.

A relevância do contexto de ocorrência como influência na competição de usos linguísticos também é aplicada por Neves (2001), ao atestar que a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, levando os funcionalistas a analisá-las para além de suas estruturas. De acordo com a autora, a função não deve ser vista como totalmente independente de forças externas, mas como resultado da interação entre forças internas e externas a seu sistema, de modo que os aspectos pragmático-discursivos também são essenciais para a descrição e entendimento do uso

das formas linguísticas. Essa visão reforça a existência de uma força icônica que influencia a estrutura das línguas.

O funcionalismo linguístico preconiza uma análise da língua em uso, dentro de um contexto real, ativo e funcional, considerando indispensáveis o contexto, a seleção e a organização de itens lexicais, além da intencionalidade e bases conceituais compartilhadas pelos interlocutores. Procura analisar o modo de construir e interpretar expressões linguísticas em uso, tendo como foco a eficiência na interação e a comunicação satisfatória (DUARTE; CASSEB-GALVÃO, 2017).

Calcada na relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que usa a língua, a mudança linguística se expande de forma gradual ao longo do espectro social, decorrente de fatores como região, idade, classe social e contexto (formal e informal) de uso. O espaço social compartilhado pelos indivíduos caracteriza e determina diferentes graus de intimidade, isto é, a língua falada no espaço social é interindividual e, conforme o grau de proximidade estabelecido entre os interlocutores, será utilizada de modo mais ou menos formal. Sob esse ponto de vista, a língua portuguesa brasileira produzida pode ser reconhecida como português brasileiro informal (ou coloquial) e o formal (ou refletido) (CASTILHO, 2010).

Givón (1979), ao discorrer sobre pontos inerentes ao processo de gramaticalização, apontando, por exemplo, que o modo mais pragmático de comunicação possibilita um modo mais sintático, e expressões linguísticas sintaticamente mais fracas se transformam em expressões sintaticamente mais fortes, expõe a distinção acerca da linguagem informal e a linguagem formal, para melhor explicar o processo.

A explicação dada por esse autor é a de que, a rigor, a linguagem informal é de natureza não planejada, envolvendo mais repetições, reduções e simplificações da morfologia gramatical, enquanto que a linguagem formal é mais planejada e monitorada, permitindo reformulações. Esse processo envolve diferentes estágios ou mecanismos funcionalistas e reforça a influência do contexto de uso na atividade comunicacional.

Nesse diapasão, o contexto de uso da língua também é responsável pela determinação da frequência de uso. Observamos que a tendência do falante, em geral, é utilizar com mais recorrência, em contextos informais, termos e configurações linguísticas desprezadas pela gramática tradicional. Já em contextos de monitoramento, a preferência é por formas mais aceitas ou recomendadas pela referida perspectiva

gramatical, em função de essa variante ser prestigiada por determinados grupos sociais que representam classes socioeconômicas mais elevadas.

A gramática, nesse sentido, depende do efeito do discurso sobre as formas e da frequência com que elas são usadas. Esse pensamento corrobora as implicações trazidas com base na noção de gramática emergente, já conceituada em seção anterior. Na perspectiva funcionalista, a frequência de uso é tida como fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática (GÖRSKI, 2013). A frequência de uso ganha relevância na vertente do Funcionalismo Norte-Americano por dar respaldo a alguns princípios caros à teoria, a exemplo da prototipicidade e da marcação, de modo que sua aplicação ao nosso objeto de estudo contribuirá para que alcancemos os resultados esperados.

Segundo Bybee e Hopper (2001), o estudo de qualquer fenômeno linguístico envolve os contextos reais de uso e a frequência com que esse fenômeno ocorre. Nessa mesma direção, Hopper e Traugott (1993) já enfatizavam o papel da frequência para o entendimento da gramática emergente, que abrange todos os elementos linguísticos utilizados pelos usuários de uma língua de maneira contínua:

[...] A frequência de ocorrência das fórmulas é fundamental para que adquiram status gramatical. Uma palavra que tem sua frequência aumentada passa de um modo não usual de constituir ou reforçar um ponto no discurso para um modo usual de fazê-lo. Transforma-se, dessa maneira, em uma estratégia comum, previsível. (p. 201).

Bybee (2003) assinala a atuação do contexto de uso dos *grams* (morfemas gramaticais), no que concerne ao processo de gramaticalização. Para a autora, os *grams* são mais frequentes quando comparados aos morfemas lexicais, dos quais os *grams* são originados por gramaticalização. Esse aumento ocorre devido à expansão dos contextos de uso dos *grams*. Dessa maneira, a frequência não é somente resultado da gramaticalização, é também uma força ativa contribuinte a instigar as mudanças ocorridas na gramaticalização.

Especificamente, em relação à frequência, Bybee (2003) estabelece dois tipos: a frequência de ocorrência (*token*) e a frequência de tipo (*type*). A frequência *token* se refere à frequência do item em determinadas sincronias ou ao longo do tempo. Desse modo, a frequência de ocorrência de certos itens em construções determina a representação da construção e sua produtividade em termos de ocorrências. A frequência *type*, por sua vez, refere-se ao envolvimento do item em um determinado contexto, sendo responsável por sua categorização, por exemplo. De acordo com

Cezário (2012), ao ser verificada a frequência, deve ser observado, “tudo o que aparece junto com ela” (p. 26), como, por exemplo, os traços semânticos que ocorrem conjuntamente aos aspectos morfossintáticos.

Outro ponto ressaltado por Bybee (2003) é o impacto causado através da evidência de exemplares específicos de construções na representação, que podem transformar-se gradualmente em outras construções novas, independentes, pela repetição. A autora elenca as possíveis consequências da repetição, que demonstram o processo contínuo de uso da língua: (i) o enfraquecimento de forças semânticas ocasionadas pelo hábito; (ii) a ocorrência de mudanças fonológicas de redução e de fusão de formas geradas pela repetição; (iii) o condicionamento de uma autonomia maior da forma, que leva os componentes individuais ao enfraquecimento associado a outros usos; (iv) o uso da forma estendida para novos contextos com novas associações; (v) a preservação de algumas marcas morfológicas de origem do sintagma mais frequente.

Neves (2012), ao conceber a linguagem como resultante da negociação entre os interlocutores, através das motivações de uso somadas às necessidades comunicativas, menciona a informatividade e a economia como duas categorias que respondem a essas motivações e necessidades. Acrescenta que os elementos frequência de uso, existência de marcas, velocidade de processamento e grau de iconicidade estão imbricados nessas categorias, ilustrando essa noção com base em esquema de demonstração da ativação da gramática, por ela elaborado. Para ampliação e melhor compreensão desse processo, achamos conveniente reproduzir o esquema. Vejamos:

Figura 01 – Ativação da gramática

Fonte: Neves (2012, p. 54)

Descrevendo o esquema, Neves (2012) nos mostra que a ativação da gramática advém da motivação icônica e da competição de motivações. Na busca de um equilíbrio e consequente eficiência comunicativa, a informatividade e a economia, se combinam de maneira contínua, nos usos linguísticos. Conforme observamos, a informatividade está associada a uma maior elaboração e expressividade, ao passo que a economia direciona a uma simplificação comunicativa. A iconicidade, com base no esquema, leva a uma maior transparência quanto à informatividade e a uma maior opacidade quanto à economia.

Esse esquema se revela bastante ilustrativo ao retomar características da abordagem funcionalista já apresentadas, quais sejam, o princípio da iconicidade, o princípio da marcação, a frequência de uso e o contexto, reforçando a noção de que a gramática é continuamente constituída, com base em mecanismos cognitivos

decorrentes da motivação de uso dos interlocutores, que se perfazem, não de maneira aleatória, mas gradual e dinâmica.

A frequência de uso, conforme esboçado no esquema, produz clareza, quanto à informatividade, e rotinização, quanto à economia. Nesse mesmo movimento, a existência de marcas, no que se refere à informatividade, gera maior expressividade, enquanto, em relação à economia, ocasiona regularização. Martelotta (2010) reforça essa regularização ao afirmar que uma forma não-marcada, assim definida por seu uso frequente em determinado contexto, passa a apresentar baixo nível de informatividade, tornando-se previsível nesse contexto. Assim, nesse dinamismo, a velocidade de processamento, por sua vez, leva à ampliação do contexto, quanto à informatividade, e à redução do contexto, quanto à economia.

Nota-se, com base nesses aspectos, que o contexto e a frequência das ocorrências também servem como um importante prognóstico de mudanças e de um futuro estabelecimento e manutenção de novos usos linguísticos na gramática. A sociedade, ao fazer uso da língua, estabelece uma relação com os fenômenos linguísticos, o que determinará o surgimento das ocorrências e sua frequência, motivados por práticas discursivas e sociais comuns aos falantes.

Reforçamos, diante do exposto, que os elementos *contexto* e *frequência* das ocorrências são indicadores imprescindíveis à investigação do nosso objeto de pesquisa, tanto no que diz respeito aos procedimentos metodológicos, quanto com relação à análise propriamente dita, ao refletir nos resultados do estudo.

A próxima seção se atém à noção de gramaticalização, com ênfase às concepções desenvolvidas pelos estudiosos no que diz respeito a este fenômeno, salientando, também suas características e princípios básicos.

1.5 Gramaticalização: conceitos e princípios

Propondo, essencialmente, uma passagem do ‘lexical’ ao ‘gramatical’, a gramaticalização adquire a concepção de que a língua não é apenas um inventário de raízes (palavras) arbitrárias, mas inclui um sistema de regras gramaticais que expressam elementos quando combinadas a essas raízes. Tal ideia remete ao fato de que uma informação lexical caracterizada por possuir um conceito mais concreto pode ser mapeada em um conceito mais abstrato, do domínio gramatical, além de os elementos de valor gramatical sofrerem erosão mais facilmente.

Estudos funcionalistas apresentam definições a respeito da gramaticalização. A primeira definição, proposta por Meillet (1912), cunhador do termo, se refere à passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical, realizando o percurso léxico > gramática, e definida, em termos de processo histórico, como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma. Desse modo, essa noção considera que a gramaticalização é o fenômeno em que as palavras lexicais de categorias mais plenas (leiam-se nomes, verbos e adjetivos) passam a se integrar a classes de categorias gramaticais (preposições, verbos auxiliares, advérbios). Justificando a relevância da gramaticalização nas atividades da ciência da linguagem, os primeiros estudos desenvolvidos por Meillet (1912) dão ênfase à ideia de que a gramaticalização é uma ferramenta da linguística histórica, cujos objetivos eram explicar as origens e mudanças típicas de morfemas gramaticais, contribuindo para a etimologia e evolução das palavras.

A conceituação apresentada por Meillet (1912) nos dá embasamento para afirmar que alguns estudos de gramaticalização têm privilegiado o viés diacrônico, isto é, preocupação mais voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua (cf. GONÇALVES et al, 2007). Em contraponto, o viés sincrônico, caracterizado pela preocupação na identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua (cf. GONÇALVES et al, 2007), fica em segundo plano. No entanto, de modo geral, os estudos funcionalistas acerca da gramaticalização combinam os vieses diacrônico e sincrônico, configurando o caráter pancrônico na descrição da língua.

Ao serem observadas as explicações e exemplificações de palavras que passaram pelo processo de gramaticalização por estudiosos da área, concluiu-se que os estudos de Meillet não se distanciam da noção de que o fenômeno em questão é também um processo sincrônico, tal como afirmam Gonçalves et al. (2007), visto que “na perspectiva diacrônica, palavras acessórias e palavras gramaticais podem se desenvolver de palavras principais e, na perspectiva sincrônica, palavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma-fonte principal podem conviver num mesmo recorte de tempo” (p. 21-22).

Embora os casos de itens lexicais que passam a exercer função gramatical sejam considerados como casos prototípicos da gramaticalização (GENETTI, 1991), Lehmann (1995 [1982]) acrescenta à definição de Meillet (1912) a noção de que o processo de gramaticalização pode levar à mudança não somente de um item lexical para gramatical,

mas de um item menos gramatical para mais gramatical. Sua definição é bastante semelhante à adotada por Heine et al. (1991): “a gramaticalização consiste no crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, isto é, de um formante derivacional para um formante flexional” (p.253).

O estudo da gramaticalização teve seu desenvolvimento de maneira mais expressiva na Linguística Funcionalista Norte-Americana, a partir dos anos de 1970, ao estudar as mudanças linguísticas, considerando o(s) objetivo(s) da interação durante a atividade comunicativa, envolvendo os participantes e o contexto discursivo. Nessa perspectiva linguística, “a gramática é vista como uma estrutura aparentemente fixa, congelada, mas que é criada e recriada por motivações comunicativas e cognitivas” (CEZARIO, 2012, p. 19).

Givón (1979), um dos principais representantes dos estudos funcionalistas norte-americanos, buscou ampliar a noção de gramaticalização sem desprezar as ideias defendidas anteriormente pelos teóricos citados. O estudioso introduziu a noção do discurso, que, de acordo com Castilho (2010, p. 133) é “o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor”. Mais especificamente entendido como uma macrossintaxe, o discurso é constituído através do processo de interação linguística na sociopragmática, sendo uma entidade que influencia o desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais.

Partindo do discurso para a morfossintaxe, perspectiva adotada também por outros estudiosos - Genetti (1991), Haiman (1991), Herring (1991), Hook (1991), Hopper (1991), entre outros -, Givón (1979) representa os processos de regularização do uso da língua da seguinte maneira: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero. Ou seja, os itens ou construções começam a ser utilizados no discurso e, embora possam significar determinada função gramatical, sua função não é fixa ou sistemática. Ao serem utilizados de maneira recorrente pelos indivíduos, esses itens vão se tornando mais regulares, com determinada estruturação sintático-morfológica e, ao se cristalizarem, vão perdendo sua variação sintagmática no uso. Assim, ao passo que os itens vão se fixando na língua, sua ordem vai ficando mais rígida, causando a impossibilidade da ocorrência de inversões de elementos. Durante a frequência de uso, os itens podem sofrer alterações fonológicas ou até mesmo desaparecer, podendo atingir o grau zero, para que, conseqüentemente, outro item o substitua e recomece outro ciclo funcional.

Hopper (1987) argumenta que, subjacente à compreensão do processo de gramaticalização, há uma concepção de “língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização”. (p. 141).

Além disso, Neves (2002) afirma que a gramaticalização, no campo da Linguística Funcionalista, preocupa-se com a função como centro condutor da reflexão, entendendo função como a união entre o estrutural e o funcional, e não apenas como uma entidade sintática. Assim, as diversas funções dos itens e suas diferentes significações no enunciado estão em consonância com a eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua.

Um dos princípios defendidos nos estudos sobre gramaticalização, embora também seja contestado¹⁴ por diversos pesquisadores da área, é a unidirecionalidade. Esse princípio sustenta que o processo de mudança linguística ocorre em uma só direção, sendo entendido, desse modo, como um processo em que “elementos representacionais se tornam gramaticais, e não o contrário” (MARTELOTTA, 2011, p. 106). Hopper e Traugott (1993/2004) o definem como uma relação entre dois estágios (A e B), em que A ocorre antes de B, mas não vice-versa, derivando de maneira sequencial. Para melhor demonstrar a definição, os estudiosos representam a unidirecionalidade a partir da escala: item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional.

Essa relação sequencial é ratificada pelos funcionalistas com a adoção da máxima de que uma vez gramaticalizado, o item linguístico pode tornar-se mais gramatical, desenvolvendo novas funções no discurso, se adaptando às pressões e regularidades do uso da língua.

Bybee (2003) concebe a gramaticalização como a criação de novas construções, com desenvolvimentos posteriores. Para a linguista, a gramaticalização configura a estrutura linguística como emergente do uso linguístico, decorrente da frequência de

¹⁴ Para Castilho (2010), os linguistas defendem a noção de uma língua como uma “entidade em processo”, contudo, ao assumirem que existe uma linearidade em que categorias são dispostas umas após as outras, eles acabam por se opor ao que defendem, tomando a língua como algo estático e sistemático. Outra questão discutida pelo autor está relacionada ao fato de os funcionalistas relacionarem fenômenos distintos, a saber, fonética, sintaxe, semântica e discurso, de maneira hierárquica, como se a mente do usuário de uma língua operasse através de impulsos sequenciais. O autor defende que qualquer expressão linguística pode apresentar simultaneamente propriedades discursivas, semânticas e gramaticais enquanto processos, ainda que os graus de propriedades variem. Para ele, na verdade, durante o processo de gramaticalização, há uma “multidirecionalidade”, já que, segundo o estudioso, o conjunto de processos mentais que define as línguas ocorre simultaneamente (e não sequencialmente), dinamicamente (não são entidades estáticas) e multilinearmente (não são entidades unilineares).

uso, ou a repetição. Como os morfemas gramaticais comumente se desenvolvem de morfemas lexicais durante o processo de gramaticalização, os aumentos do número e dos tipos de contexto em que o elemento ocorre são traços marcantes desse processo. Estes aspectos impactam na perda da composicionalidade e levam à redução da forma, à generalização do sentido e à convencionalização de inferências (BYBEE, 2003).

Outro aspecto concernente à gramaticalização, de acordo com Martellota (2011), é o fato de que esse processo envolve não apenas elementos fixos e regulares que assumem restrições gramaticais de um ponto de vista mais formal, mas também elementos sintaticamente mais livres que veiculam estratégias discursivo-pragmáticas, como, por exemplo, os marcadores discursivos e outros elementos interpessoais.

A autora destaca que é através da gramaticalização que os falantes fazem o uso de certas palavras em contextos que não são os seus de origem, criando novas expressões ou adotando novos sentidos para expressões já existentes, com vistas a tornar mais eficiente e eficaz o processo comunicacional. Ao longo do tempo, uma nova expressão gramatical resultante pode continuar a receber novas funções gramaticais e, nesse sentido, a mudança, conforme defendem os funcionalistas, tenderá a se desenvolver de uma função mais concreta para outra mais abstrata¹⁵.

Segundo Heine e Reh (1984), quando uma unidade linguística passa pelo processo de gramaticalização, perde complexidade semântica e valor expressivo, já que deixa de funcionar como uma categoria lexical, que representa algo no mundo. A unidade linguística também ganha mais significação sintática, já que se torna um item gramatical ou mais gramatical e a sua posição na oração vai se tornando mais fixa. Por fim, há uma aglutinação semântica, morfossintática e fonética com outras unidades e perda de substância fonética.

Os aspectos aludidos revelam que a gramaticalização é um *continuum* evolutivo, influenciado por vários fatores, como o nosso aparato neurofisiológico, nosso ambiente sociocultural, o contexto no qual nós agimos, o contato linguístico, a interferência entre a forma escrita e a forma falada de uma determinada língua.

¹⁵ O princípio da unidirecionalidade chama a atenção para a questão de que não há reversões de processos unidirecionais, dessa forma, o que aparenta ser algo linear, fica ainda mais evidente em estágios mais avançados de gramaticalização. Traugott e Heine (1991) defendem que os itens linguísticos migram do sentido mais concreto para o mais abstrato, através da escala: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Nesse contexto, na medida em que um item vai adquirindo maior grau de abstração, ocorre perda de transparência semântica em relação ao significado original.

Heine e Reh (1984) explicam que no processo de gramaticalização os níveis funcional, morfossintático e fonético da estrutura linguística são afetados, ocorrendo: a) perda na complexidade semântica, na significação funcional, no valor expressivo; b) perda pragmática com ganho na significação sintática; c) diminuição de membros em um mesmo paradigma sintático; d) diminuição na variabilidade sintática, com maior fixidez da ordem; e) obrigatoriedade de uso em determinados contextos, com proibição de uso em outros; f) coalescência semântica, morfossintática e fonética com outra(s) unidade(s); g) perda de substância fonética.

Lehmann (1985), por sua vez, aponta que na gramaticalização as formas tendem a: a) organizar-se em paradigmas (paradigmatização); b) tornar-se obrigatórias (obrigatorização); c) tornar-se mais curtas (condensação); d) aglutinar-se (aglutinação/coalescência); e) tornar-se fixas (fixação).

Hopper (1991) defende que a gradação de abstraticidade por que passa o processo de mudança linguística envolve a relação entre aspectos sincrônicos e diacrônicos com processos pragmático-discursivos. Isso ocorre porque, segundo o estudioso, a realização da fala é manifestada a partir dos propósitos comunicativos do falante, com a expressão de ideias novas para representar conceitos concretos e conhecidos, o que visa à facilitação da compreensão do ouvinte. Nesse sentido, o linguista propõe cinco princípios que conduzem a gramaticalização, aplicáveis a qualquer processo de mudança linguística: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização, que ganham relevância na análise do nosso objeto de estudo, ao evidenciarmos outros valores semânticos e discursivos estabelecidos nos usos dos conectores condicionais selecionados.

O princípio denominado de *estratificação* ocorre quando novas camadas emergem continuamente dentro de um domínio funcional e, quando isso acontece, as camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com camadas novas. Em outras palavras, a estratificação é a competição entre diversas formas, decorrente da inserção de elementos que antes pertenciam a uma categoria em uma nova categoria, esta que já possuía elementos os quais tenderão a desaparecer por serem mais desgastados que os recentemente inseridos. Para melhor esclarecer, tomamos como exemplo o item *agora*, classificado, tradicionalmente, como um advérbio de tempo, e que atualmente vem exercendo função de conector adversativo, passando a competir com outros conectores adversativos, a exemplo do *mas*, *porém*, *contudo* etc. Oliveira (2009), em dissertação de mestrado, evidencia a função

adversativa do item *agora* na língua falada, através de análise comparativa com o item *mas*, protótipo da categoria adversativa.

Lichtenberk (1991) explica que, quando os elementos linguísticos adquirem novas propriedades, ocorre uma reanálise categorial, uma vez que eles se tornam membros de novas categorias. O autor acrescenta que essa mudança possui caráter gradual, pois a forma nova não expulsa a forma velha imediatamente, mas começa a ser usada como variante de modo frequente, até que se complete a substituição da forma velha.

A competição entre diversas formas gerada pela estratificação, proposta por Hopper (1991), se aproxima do que Martelotta (2011) denomina de mecanismo de extensão ou generalização de contextos, ao abarcar aspectos de natureza sociolinguística, discursivo-pragmática e semântica, que dão ênfase à habilidade que o falante possui de utilizar palavras já existentes na língua para criar novos significados. Consequentemente, essas palavras com seus novos significados irão competir com as palavras que já existiam associadas a esses significados.

De acordo com Heine e Kuteva (2007), a extensão geralmente dá início ao processo de gramaticalização, por ser o mecanismo de gramaticalização mais complexo, ao apresentar componentes sociolinguísticos, pragmático-textuais e semânticos. Os componentes sociolinguísticos advêm da proposição de um novo uso por um falante de uma forma ou construção já existente, posteriormente difundindo-se por toda uma comunidade de fala. O componente pragmático-textual está relacionado com a extensão de um contexto usual para um novo contexto, e o componente semântico leva a forma linguística de um sentido já existente para outro sentido que é evocado pelo novo contexto.

Outro princípio apresentado por Hopper (1991) é a *divergência*, que ocorre quando uma forma lexical se gramaticaliza e sua forma lexical original permanece suscetível a sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns. Esse processo resulta no surgimento de múltiplas formas de mesma etimologia sem que desapareçam, mas que divergem funcionalmente. Assim, o item fonte-originário, possuindo sua função asseguradamente semântica e menos gramatical, pode gerar novos itens e novos processos de gramaticalização. Exemplificando com o item *agora*, já mencionado no primeiro princípio, apesar de funcionar atualmente como conector adversativo, o item não deixou de funcionar como advérbio de tempo.

O princípio da *especialização* é percebido quando dentro de um domínio funcional, em um determinado estágio, é possível coexistir uma variedade de formas com pequenas diferenças semânticas. Na gramaticalização, a possibilidade de escolha diminui, e um número menor de formas assume sentidos gramaticais mais gerais, já que passam a ser utilizadas em contextos específicos, diferente dos contextos em que passam a ser utilizadas as formas concorrentes. Esse princípio converge com a noção de obrigatoriedade e fixidez inerente à gramaticalização. Por exemplo, do ponto de vista diacrônico, a antiga forma temporal *em boa hora* foi cada vez mais sendo utilizada, dando espaço para a forma atual *embora*, atualmente utilizada com sentido concessivo e, conseqüentemente, a sua primeira forma foi perdendo espaço.

O princípio da *persistência*, por sua vez, ocorre quando uma forma sofre gramaticalização, passando de lexical a gramatical, mas alguns traços de seu sentido original tendem a permanecer ativos, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. Na nova função adquirida, a gramatical, a permanência de traços de sua função original reflete no sentido gramatical da forma, podendo, por exemplo, a forma assumir várias posições na sentença, havendo, portanto, uma flutuação estrutural. Para ilustrar esse princípio, tomamos o item *então* que, com função conclusiva, apresenta possibilidade de flutuação, já que pode ser utilizado tanto ao final da sentença, quanto em seu início, sem alterar o seu sentido. Ou seja, detém, em sua nova função, a mobilidade que é um traço de sua função adverbial.

A perda de parte do sentido original de um elemento é denominada por Martelotta (2011) dessemantização, já que o elemento passa a ser utilizado em novos contextos, perdendo sua “expressividade” e adquirindo funções de natureza pragmático-discursiva. Associada a esse processo, a necessidade da utilização de formas linguísticas com sentido mais concreto para expressar novos significados de caráter mais abstrato se configura como uma motivação recorrente dos falantes na criação de novas expressões.

Para Heine e Kuteva (2007), a dessemantização ocorre como consequência imediata da extensão e pode ser basicamente entendida como a perda de conteúdo semântico. Ocorre, quando uma expressão linguística E é usada em um novo contexto C, a perda de parte de seu significado que é incompatível com C é requerida. Para estes estudiosos, assim como para Martelotta (2011), os processos metafóricos, a serem discutidos na próxima seção, geralmente, são responsáveis por ocasionarem a dessemantização.

O quinto dos princípios apresentados por Hopper (1991) é a *deategorização*, que acontece quando, a partir da gramaticalização de uma forma, esta perde ou neutraliza as marcas de categorias plenas (nome e verbo) e passa a assumir características de categorias secundárias, como particípio, conjunções etc., havendo a migração de uma categoria menos gramatical para outra, mais gramatical. Esse princípio também é levado em conta por Martelotta (2011), explicado como um mecanismo que constitui uma mudança de classe gramatical, isto é, um item linguístico, ao mudar de sua categoria original para outra, aos poucos, vai se fixando em outras estruturas, deixando de ser uma categoria livre. A passagem de *em boa hora* para *embora*, já mencionada anteriormente, demonstra este princípio.

Heine e Kuteva (2007) ressaltam que, quanto mais incipiente for o processo de mudança em decategorização, menor será a quantidade de perda categorial da forma. A decategorização tende a ser acompanhada pela perda gradual da independência morfológica e sintática da forma linguística. De acordo com os autores, nomes que passam pelo processo de decategorização tendem a perder: a) distinções morfológicas de número, gênero, caso; b) a habilidade de se combinarem com adjetivos e determinantes; a liberdade sintática característica dos substantivos lexicais; c) a habilidade de atuarem como unidades referenciais do discurso. Sendo assim, a decategorização de uma forma linguística não se dá de uma hora para outra, mas leva um determinado tempo para ser concretizada.

No que diz respeito à erosão, Heine e Kuteva (2007) asseveram que se trata da perda de substância fonética por parte de uma forma linguística em processo de gramaticalização, embora este não seja componente obrigatório do processo, podendo haver casos que não alcancem tal estágio. Os autores apresentam dois tipos de erosão: a erosão morfológica, que envolve unidades morfológicas inteiras, e a erosão fonética, que se restringe à perda de unidade fonética. É importante frisar que, em muitos casos, as formas linguísticas que sofrem erosão envolvem tanto erosão morfológica quanto fonética.

Castilho (2010) apresenta alguns mecanismos de gramaticalização: a *fonologização*, definida como o processo de formação e/ou alteração dos quadros vocálico, consonantal e da estrutura silábica; *morfologização*, que estuda a formação dos morfemas flexionais e derivacionais em uma dada língua e *sintaticização*, voltada para o estudo das marcações gramaticais. Para facilitar o entendimento do que vêm a ser esses mecanismos, o linguista apresenta como exemplo o processo de gramaticalização

da expressão nominal *Vossa mercê*, através da qual a fonologização será percebida devido à redução fonológica ocorrida nessa expressão, gradativamente, se alterando para *Vosmecê* (e a variante *vossuncê*), *você*, *ocê*, *cê*, mais utilizada atualmente na oralidade.

No que se refere à morfologização, Castilho (2010) descreve a alteração de classe da expressão *Vossa mercê*, uma palavra composta, que aos poucos se transformou em uma palavra simples (*vosmecê*), e, atualmente, em clítico (*cê*): substantivo > pronome > afixo. O autor leva em conta o mecanismo de sintaticização da expressão em questão ao evidenciar a perda de fronteira entre o especificador “vossa” e o núcleo nominal “mercê”, no sintagma nominal *Vossa mercê*, gerando a cliticização, uma “progressiva marcação gramatical pré-núcleo no português brasileiro, afetando agora a pessoa do verbo” (p.156).

Nesta pesquisa, optamos pelo esteio funcionalista para fornecer explicações que conduzam à busca pelas respostas necessárias à investigação do comportamento dos conectores condicionais *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Dessa forma, no presente capítulo, ao abordarmos os estudos funcionalistas, atestamos a indissolubilidade existente entre gramática e discurso, que nos dá suporte para analisarmos o funcionamento sintático, semântico e discursivo do nosso objeto de estudo, levando em conta as motivações cognitivas construídas de maneira inconsciente pelos falantes durante a atividade comunicativa em um contexto discursivo específico, que trata dos propósitos comunicativos dos usuários. Com propósito análogo, trouxemos a teoria dos protótipos, que nos auxilia na categorização dos conectores condicionais presentes no *corpus* de análise, de modo a identificarmos e descrevermos as variações sintáticas, semânticas e discursivas dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais nos textos jornalísticos investigados. A teoria sobre a iconicidade, por seu turno, nos dá respaldo para averiguar as motivações cognitivas inerentes a mudanças funcionais reveladas nos usos das construções *se acaso*, *se caso* e *se é que*.

A discussão sobre o papel do contexto e da frequência de uso e sua relevância na ótica do funcionalismo, além do princípio da gramaticalização, nos servem de base para que consideremos necessária a realização da quantificação dos conectores condicionais em análise e para que possamos verificar se fatores como os gêneros textuais jornalísticos, as formas verbais, a presença de especificadores perifrásticos aspectuais, modais e temporais, e as relações modo-temporais dos verbos que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores, atuam como

motivadores cognitivos e interacionais para a escolha dos usuários da língua pela utilização dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores.

Passemos, a seguir, para o próximo capítulo, o qual revisará as orações adverbiais condicionais nos estudos da gramática tradicional e da gramática funcional, de modo a situarmos, mais detalhadamente, o objeto de estudo já apresentado na Introdução desta tese.

2 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS CONDICIONAIS NOS ESTUDOS GRAMATICAIS E LINGÜÍSTICOS

Este capítulo, organizado em três seções, tem como objetivo situar o objeto de estudo da presente pesquisa. Motivados por essa pretensão, na primeira seção, organizada em duas subseções, revisamos os processos sintáticos de articulação das orações, tanto na perspectiva tradicional¹⁶ (MELO, 1978; ROCHA LIMA, [1986] 2019; CUNHA, [1989] 2007; BECHARA, 2009), quanto na perspectiva funcional (CASTILHO, 2010; NEVES, 2018; BAGNO, 2011, entre outros). Após isso, explicitamos o viés funcionalista acerca da organização das orações adverbiais, que são objeto de estudo.

Na segunda seção, também organizada em duas subseções, abordamos, panoramicamente, as orações adverbiais condicionais tanto sob o viés de gramáticas representativas de pesquisas tradicionais como de gramáticas publicadas por autores funcionalistas. Em seguida, apresentamos pesquisas funcionalistas (NEVES, 1999, 2012; OLIVEIRA, 2009, 2012; SOUZA, 2015, entre outros) desenvolvidas a respeito das funções sintáticas e semântico-discursivas de conectivos condicionais em orações hipotéticas adverbiais, com base nos contextos de uso.

Na terceira seção, trazemos uma explanação sobre os especificadores de tempo, aspecto e modo nas perífrases verbais, considerando serem elementos relevantes para o estudo do comportamento dos conectores condicionais *se acaso*, *se caso* e *se é que*.

2.1 Os processos sintáticos de articulação e a organização das orações

Nesta seção, apresentamos uma síntese dos processos sintáticos de articulação e da organização das orações. Tomamos como ponto de partida a revisão dos processos sintáticos na vertente normativa e na vertente funcional, e, em seguida, damos enfoque à organização das orações adverbiais na perspectiva funcional.

2.1.1 Processos sintáticos de articulação das orações na Gramática Tradicional e na Gramática Funcional

Os processos sintáticos de articulação das orações são classificados, tradicionalmente, em coordenação e subordinação. Grosso modo, podemos afirmar que

¹⁶ Vieira (2015), em sua tese de doutorado, apresenta Carlos Henrique da Rocha Lima, Gladstone Chaves de Melo, Celso Cunha, Evanildo Bechara, dentre outros, como gramáticos normativos contemporâneos.

o primeiro consiste na combinação de orações de mesma natureza e função, tendo em vista que uma oração não é termo da outra, isto é, nenhuma delas representa função em outra; o segundo, consiste na relação de natureza hierárquica entre orações, já que uma oração, obedecendo à estrutura de constituintes, é termo de outra.

Sob uma perspectiva tradicional, identificamos que alguns gramáticos, mencionados, a seguir, apresentam inicialmente as definições dos processos de coordenação e subordinação para, em seguida, ilustrá-los, enquanto outros partem inicialmente de exemplos de orações coordenadas e subordinadas, utilizando como recurso, até mesmo a definição e/ou classificação da conjunção presente na oração ilustrada, para depois caracterizar os processos de coordenação e de subordinação. Melo (1978) parte da caracterização dos conectivos para explicar os processos de articulação. De acordo com o gramático, conectivos são palavras que estabelecem ligações, concretizando, dessa maneira, as relações sintáticas.

Melo (1978) concebe que a coordenação se fundamenta no paralelismo de funções ou valores sintáticos, estabelecido por conectivos coordenantes (conjunções coordenativas), enquanto que a subordinação designa dependência do elemento que os conectivos subordinantes (pronomes relativos, preposições e conjunções subordinativas) ligam, em relação a um termo subordinante ou regente.

Ao discorrer sobre as conjunções, Rocha Lima ([1986] 2009), inicialmente, apresenta seu conceito como palavras que podem relacionar entre si tanto dois elementos de mesma natureza (substantivo + substantivo, oração + oração etc.), quanto “duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação” (ROCHA LIMA, [1986] 2009, p. 234). Em seguida, o autor afirma que as conjunções que se enquadram no primeiro tipo são denominadas *coordenativas*, já as que se enquadram no segundo tipo são classificadas como *subordinativas* (ROCHA LIMA, [1986] 2009).

Notamos que Melo (1978) e Rocha Lima ([1986] 2009) adotam o mesmo critério para definir os processos sintáticos de articulação das orações. Em primeiro momento, apresentam a concepção de conjunção/conectivo, para, em segundo momento, estabelecer as relações sintáticas das conjunções, classificadas em coordenativas ou subordinativas e das orações, definidas como coordenadas e subordinadas. Além disso, os gramáticos adotam apenas critérios sintáticos para distinguir as estruturas coordenadas e subordinadas.

Diferentemente, Cunha ([1989] 2007) adota critérios sintáticos e semânticos ao desenvolver sobre os processos sintáticos de articulação. O gramático se vale da comparação entre as conjunções coordenadas e as conjunções subordinadas e de exemplos de construções oracionais representativas de cada uma delas. As frases *Ler e escrever*; *A leitura e a escrita*; *Ler **ou** escrever* e *A leitura **ou** a escrita*, são apresentadas para demonstrar que as conjunções coordenativas relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical, que não se alteram com a mudança de construção, pois ligam elementos independentes.

O gramático apresenta, ainda, a classificação das relações estabelecidas pelas conjunções presentes nos exemplos ilustrativos, esclarecendo que, nos dois primeiros exemplos, são estabelecidas relações de adição, devido ao uso da conjunção *e*, nos dois últimos exemplos, são estabelecidas relações de alternância, a partir do uso da conjunção *ou*. De acordo com o estudioso, em contrapartida, orações como ***Quando*** *tiver lido o livro, escreva a carta*, e ***Após*** *a leitura, a escrita*, são denominadas subordinativas, pois, ligam duas orações, marcadas pela relação de dependência de um elemento a outro, determinando ou completando o sentido da outra oração (CUNHA, [1989] 2007, pp. 334-335).

Assim como Melo (1978), Rocha Lima ([1986] 2009) e Cunha ([1989] 2007), Bechara (2009) estabelece a distinção entre os processos sintáticos de articulação das orações com base na noção de (in)dependência. No entanto, o gramático apresenta novas denominações para elucidar as relações sintáticas. Para ele, as *coordenadas* ou *paratáticas* são grupos oracionais, já que se trata de um processo em que elementos de uma mesma camada gramatical, isto é, orações, se integram para formar um todo, embora cada uma possa ocorrer em separado. Já as *subordinadas* ou *hipotáticas* são orações complexas, pois implicam uma relação de natureza hierárquica em que uma oração passa a funcionar como termo sintático de outra, havendo, portanto, uma transposição de camadas (BECHARA, 2009, p. 443).

Nessa perspectiva, o estudioso resume que a *coordenação* ou *parataxe* representa a organização de orações pertencentes à mesma camada oracional, sintaticamente independentes, podendo, portanto, aparecerem separadas. Diferentemente, a *subordinação* ou *hipotaxe*, apresentando dependência sintática entre as orações, pode representar a organização das orações em *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais*.

De maneira geral, percebemos que os gramáticos tradicionais revisados definem os processos de coordenação e subordinação amparados em um mesmo parâmetro, isto

é, a noção de (in)dependência, evidenciando um distanciamento da nossa visão acerca dos mecanismos de articulação entre períodos, já que defendemos a perspectiva assumida pelos gramáticos funcionalistas, descrita a seguir. Além disso, frisamos que os exemplos fornecidos para ilustrar os processos sintáticos de articulação coordenados são exemplos da língua escrita, muitos deles criados pelos autores, não havendo referências a exemplos da modalidade falada da língua.

Os gramáticos funcionalistas, por sua vez, buscam revisitar os conceitos adotados por representantes da tradição gramatical, estabelecendo uma redefinição da noção de (in) dependência a partir de critérios discursivos ou pragmáticos. Hopper e Traugott (1993) apresentam uma noção de *continuum* entre as articulações, que vai da subordinação (dependência e encaixamento), à parataxe (não dependência e não-encaixamento) passando pela hipotaxe (dependência, mas não-encaixamento), território exatamente das adverbiais (HOPPER E TRAUGOTT, 1993). Essa perspectiva de estudo sugere a não dicotomia coordenação/subordinação.

A perspectiva apresentada pelos estudiosos sugere a não dicotomia coordenação/subordinação e o estabelecimento de graus de integração entre as orações a partir da gramaticalização. Dessa forma, a parataxe é entendida como o vínculo entre as orações, sendo dependentes do sentido e da relevância da relação entre elas; a hipotaxe implica dependência entre um núcleo e margens, mas não encaixamento da margem em um constituinte do núcleo. Por fim, a subordinação implica dependência completa entre núcleo e margem e, assim, o encaixamento de toda a margem em um constituinte do núcleo ((HOPPER E TRAUGOTT, 1993).

Neves (2018) aborda os processos sintáticos de articulação de maneira aprofundada. A estudiosa apresenta três poemas de Millôr Fernandes para introduzir a noção de oração coordenada. Após contextualizar os três poemas, por ela qualificados como reflexivos e bem-humorados, a linguista evidencia o funcionamento das conjunções neles presentes, respectivamente, *ou*, *e*, *mas*. Para melhor esclarecer, quanto ao uso do elemento *ou*, por exemplo, Neves (2018) estabelece a existência de uma disjunção entre uma eventualidade, isto é, algo hipotético, e algo que constitui base para a dúvida: *Poeminha com a maior dúvida metafísica/ Em matéria de caras/ Tenho uma dúvida fundamental/A natureza é sempre diferente/Ou não consegue fazer igual?(F. Millôr)*. A autora ainda explicita a função exercida pelo uso da frase interrogativa, que, considerando o tema presente no poema (*em matéria de caras*), estabelece mais um teor humorístico do que propriamente filosófico (NEVES, 2018).

Em seguida, a autora aponta que também pode haver coordenação entre os segmentos linguísticos sem necessariamente se fazer presente uma conjunção, denominada assindética: [...] *eu sou maluco, sou irresponsável, sou alienado...mas gosto muito de você* -MD-D (p. 803). Nesse exemplo, Neves (2018) explica que o período está distribuído em oração coordenada inicial (*eu sou maluco*), em duas orações coordenadas assindéticas (*sou irresponsável, sou alienado...*), cuja relação de coordenação ocorre sem a presença de uma conjunção coordenativa, e em uma oração coordenada sindética (*mas gosto muito de você*), em que o elemento *mas* funciona como uma conjunção coordenada adversativa.

Voltando ao poema já mencionado, escrito por Millôr Fernandes, Neves (2018) esclarece que em *A natureza é sempre diferente/Ou não consegue fazer igual?* (F. Millôr), a segunda oração se constrói de maneira independente à primeira oração, uma vez que cada oração tem termos sintáticos próprios e nenhuma oração é termo sintático da outra (NEVES, 2018). Desse modo, configura-se a oração coordenada.

É oportuno destacar que, diferentemente do que visualizamos em Cunha ([1989] 2007), em que se apresenta apenas a classificação das conjunções coordenadas em aditivas e alternativas, com exemplos ilustrativos para cada classificação, para se chegar a uma definição das orações coordenadas, Neves (2018) reforça o caráter funcionalista de sua gramática ao demonstrar os vários significados e efeitos de sentido que as orações coordenadas podem constituir em um texto. Sendo assim, a linguista explica, por exemplo, que o uso de conjunções aditivas pode estabelecer uma relação semântica de contraste (*Só quero atravessar para o lado de lá e não sei como fazê-lo* - ACT), ou, uma relação de causa-consequência (*Não sabia, e isto torturava-o mais que tudo* – CEN-R).

A autora destaca que as coordenações aditivas podem ser construídas de vários modos, coordenando frases (coordenação interfrasal), coordenando orações (coordenação interoracional), coordenando sintagmas (coordenação intraoracional), coordenando elementos de formação de palavra (coordenação intravocabular), a exemplo de [...] *cuidados pré e pós-operatórios* (NEVES, 2018). Além disso, a estudiosa faz menção aos valores semânticos expressos pelo elemento *e*, como o acréscimo de informações com efeito de acúmulo, ao haver repetição do elemento; especificação de um elemento anterior, fazendo restrição, ressalva ou adendo, etc (NEVES, 2018).

A estudiosa apresenta também o processo de correlação, em que se faz presente uma marcação enfática, que segue do primeiro membro coordenado para o segundo, através do uso das construções aditivas *não só...mas também, não apenas...mas ainda* etc. Por fim, Neves (2018) salienta a função da conjunção *nem*, marcadora da coordenação aditiva negativa, demonstrando seus modos de construção, similares aos mencionados acerca do elemento *e*, e seus valores semânticos: a) a mesma noção da coordenação aditiva com *e*; b) + a noção inclusiva (“inclusive”), c) + a noção negativa de *não* ou privativa de *sem* (ambas de exclusão) (NEVES, 2018, p. 827).

É interessante frisarmos que Neves (2018) dedica um capítulo de sua gramática apenas às orações coordenadas. No entanto, notamos que não há uma seção em sua gramática específica para o conceito de oração subordinada, o que torna ainda mais evidente que o contraste sintático e semântico-pragmático entre estas e as orações subordinadas é visto a partir das funções textual e discursiva. Diferentemente das gramáticas até então citadas neste capítulo, Neves (2018) organiza sua gramática de modo que cada capítulo discorrerá sobre uma classificação de oração subordinada, havendo, portanto, um capítulo destinado apenas às conjunções subordinativas adverbiais condicionais, que será tratado em seção posterior¹⁷, dedicada às orações condicionais.

Na subseção, a seguir, discorreremos sobre as orações adverbiais à luz do funcionalismo.

2.1.2 A organização das orações adverbiais sob o viés funcionalista

Com base na noção de graus de integração entre as orações, demonstrados nos estudos desenvolvidos por Hopper e Traugott (1993), Castilho (2010, p. 345) explana que as sentenças podem ser organizadas em quatro tipos: *substantivas* ou *completivas*; *adjetivas restritivas* ou *relativas*; *adjetivas explicativas* ou *apositivas*, e *adverbiais*. As sentenças *substantivas* ou *completivas* integram as estruturas encaixadas em que uma oração introduzida por uma conjunção integrante serve de complemento do verbo de outra oração, a matriz, estando em relação argumental.

As sentenças *adjetivas restritivas* ou *relativas* são estruturas encaixadas em que uma oração introduzida por um pronome relativo modifica um sintagma nominal antecedente, estando em relação de adjunção, enquanto que as *adjetivas explicativas* ou

¹⁷ Ver Seção 2.2.

apositivas não são classificadas como subordinadas na caracterização dos tipos de orações complexas. As sentenças *adverbiais* são situadas pelo gramático nas estruturas em que não há encaixamento, estando uma oração em relação de adjunção com outra, servindo-lhe para adicionar uma informação ou circunstância.

Castilho (2010, p. 346) ressalta que as orações adverbiais possuem uma ligação mais fraca em relação à matriz, quando comparadas às subordinadas substantivas e adjetivas; ao mesmo tempo, são mais suscetíveis às necessidades do discurso, o que as faz se situar entre as coordenadas e as subordinadas quanto à dependência sintática e encaixamento. Tal fato acarreta um afastamento em relação à visão de Bechara (2009), que considera *coordenação* e *parataxe* e *subordinação* e *hipotaxe* como sendo sinônimas.

Ao discutir sobre as orações adverbiais, Neves, Braga e Hattnher (2008) estabelecem que são entendidas como *hipotáticas*, já que, apesar de possuírem dependência sintática, são não-encaixadas. As autoras assinalam que

O melhor critério para analisar as subordinadas adverbiais considera, por um lado, o grau de interdependência com a sentença nuclear a que se vinculam, e, por outro, o tipo de relação lógico-semântica que expressam, constituindo um tipo distinto, tanto das subordinadas propriamente ditas (as tradicionalmente chamadas completivas e adjetivas restritivas), que se caracterizam pelos traços /+encaixamento/ e /+dependência/, quanto das coordenadas, que se caracterizam pelos traços /-encaixamento/ e /-dependência/. Elas se deixam identificar pelos traços /-encaixamento/ e /+dependência/ e são rotuladas de hipotáticas. (NEVES, BRAGA; HATTNHER, 2008, p. 937).

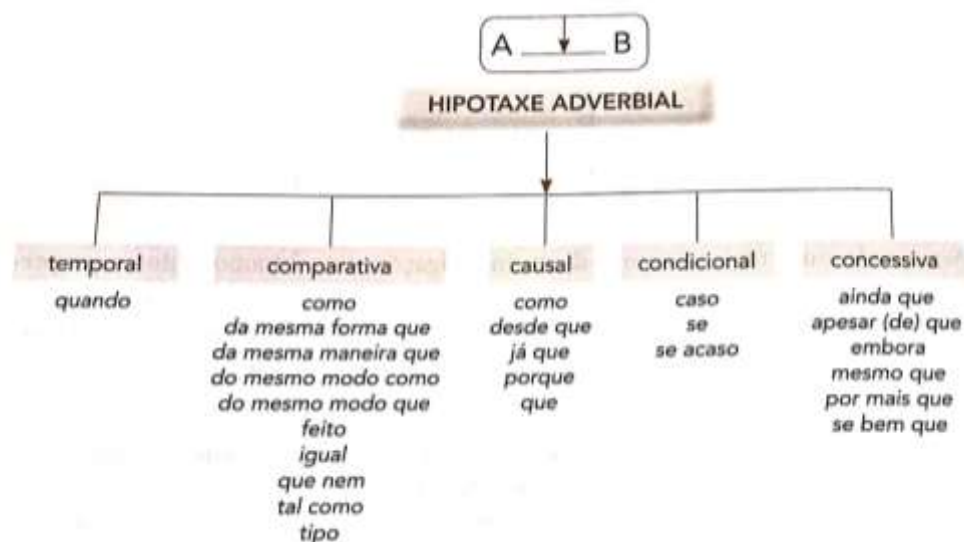
É relevante frisarmos a facilidade com que a hipotaxe adverbial permite a criação de elementos conjuntivos, a partir do processo de gramaticalização, para exercerem o papel de articuladores de relações hipotáticas. Tal fato ressalta que as relações hipotáticas apresentam natureza distinta das relações estabelecidas em orações substantivas e adjetivas restritivas. Estas, conforme já assinalado por Castilho (2010), detêm uma ligação mais forte em relação à matriz oracional, o que diminui a possibilidade de os elementos utilizados na articulação poderem ser colocados em diferentes pontos de escalas da sentença.

Para Castilho (2010), as adverbiais podem ser integradas em três grandes tipos: a) causalidade *lato sensu*: causais, condicionais, concessivas e explicativas ou conclusivas; b) temporalidade, incluídas as proporcionais; c) finalidade.

Ao tratar das relações sintáticas, Bagno (2011) apresenta a correlação, relação formada por conjunções que produzem sentenças interdependentes, subdividindo-se em

hipotética (*se...então*), proporcional (*quanto mais...mais*), consecutiva (*tanto...que*, etc.), comparativa (*tanto...quanto*, etc.), alternativa (*quer...quer*, etc) e aditiva (*não só...mas*, etc.). A hipotaxe adverbial é apontada como um processo sintático que adveio do processo de gramaticalização de palavras de classes gramaticais variadas. Para ilustrar esse processo, o estudioso apresenta o seguinte esquema:

Esquema 01 - A hipotaxe adverbial



Fonte: Bagno (2011, p. 886)

O Esquema 1 explicita que o processo da hipotaxe adverbial apresenta a subdivisão em temporal, comparativo, causal, condicional e concessivo. Ratifica, ainda, o fato de que nenhuma conjunção ou locução conjuntiva recebe classificação exclusiva. A conjunção *como*, por exemplo, conforme contexto de uso, pode ser classificada em comparativa ou causal. Bagno (2011) lembra que se trata de uma forma simples que se gramaticalizou, *como* (advérbio), assim como os demais elementos presentes no esquema: *quando* (advérbio), *igual* (adjetivo), *caso* (substantivo) etc. Também, reconhece que a maior parte das locuções conjuntivas é formada por *preposição + que* ou de *advérbio + que*, sendo, portanto, sintagmas que passaram pelo processo de gramaticalização para exercer a função hipotática adverbial.

Cabe mencionar o estudo elaborado por Ramos (2015), em sua tese intitulada *A multifuncionalidade sintática e semântico-discursiva do sem em estruturas hipotáticas adverbiais: preposição ou conjunção?*, que analisa a função das formas gramaticais *sem* e *sem que*, acomodadas em classes gramaticais distintas: *preposição* e *conjunção* respectivamente, promovendo a articulação oracional via hipotaxe adverbial. A partir

dos *corpora* selecionados (artigos de opinião, editoriais e entrevistas de periódicos semanais), Ramos (2015) defende que o item *sem* se configura como *conjunção* não só quando integra a perífrase conjuntiva, mas diante de verbo na forma infinitiva, formando orações reduzidas de infinitivo. O estudo feito pela autora é de grande relevância ao demonstrar que a preposição *sem* é suscetível à mudança, demonstrando uma diversidade semântica à semelhança das conjunções.

Vale salientar, ainda, que conforme pontuam Matthiesen e Thompson (1988), as adverbiais não devem ser equiparadas aos advérbios, uma vez que, embora também possam ser parafraseadas por um sintagma preposicional, elas se combinam com uma sequência de sentenças, excluindo sua aproximação aos advérbios. Desse modo, seriam descritas como uma *combinação de cláusulas*, já que podem combinar-se mais do que as substantivas e as adjetivas, distinguindo-se, portanto, das encaixadas.

Por fim, cabe destacar que, ao estudar a capacidade de combinação entre cláusulas, é essencial levar em conta níveis que ultrapassem o sentencial. Desse modo, é necessário não apenas explicar a articulação hipotática de cláusulas adverbiais através do grau de integração estrutural de uma cláusula em outra, mas também analisar como essa combinação reflete a organização retórica do discurso na língua e nos propósitos comunicativos. A título de exemplificação, a articulação hipotática adverbial pode demonstrar, a partir da análise da organização retórica do discurso, a denominada cláusula de realce, ao consistir no fenômeno de articulação de cláusulas que se combinam para modificar ou expandir, de alguma forma, a informação contida em outra cláusula, manifestada a partir de relações circunstanciais (DECAT, 2001).

Após discorrermos sobre como os gramáticos funcionalistas conceituam e organizam as orações adverbiais, na próxima seção abordaremos, panoramicamente, a caracterização das orações adverbiais condicionais a partir dos compêndios gramaticais até então mencionados, mantendo a preocupação em representar os contextos tradicional e funcional dos estudos linguísticos.

2.2 As orações condicionais: uma visão panorâmica

Nesta seção, trazemos um panorama a respeito das orações adverbiais condicionais, nas perspectivas tradicional e funcionalista, e, na sequência, apresentamos pesquisas funcionalistas a respeito das funções sintáticas e semântico-discursivas de conectivos condicionais em orações hipotáticas adverbiais.

2.2.1 Caracterização das orações condicionais na perspectiva tradicional e na perspectiva funcionalista

Para desenvolvermos esta seção, realizamos, inicialmente, uma revisão dos elementos que atuam como conjunções condicionais, presentes em uma amostra de compêndios gramaticais elaborados por gramáticos representativos da perspectiva tradicional e por gramáticos representativos da perspectiva funcionalista, utilizados frequentemente nos estudos da língua portuguesa. O resultado panorâmico dessa revisão pode ser observado no seguinte quadro:

Quadro 01 - Conjunções condicionais listadas em compêndios gramaticais

Melo (1978)	se, caso, a não ser que, sem que.
Rocha Lima ([1986] 2009)	se, caso, se acaso, contanto que, sem que, uma vez que, dado que, desde que, etc.
Cunha ([1989] 2007)	se, caso, contanto que, salvo se, sem que [=se não], dado que, desde que, a menos que, a não ser que, etc.
Bechara (2009)	se, caso, sem que, uma vez que (com verbo no subjuntivo), desde que (com verbo no subjuntivo), dado que, contanto que, etc.
Castilho (2010)	se, se...então, se...é porque, se é que, como se, se...é/era/for, etc.
Bagno (2011)	se, caso, se acaso, se...então ¹⁸
Neves (2018)	se, caso, que [= sem que], contanto que, desde que, a menos que, a não ser que, sem que, uma vez que, dado que, salvo se, exceto se, como se, se...então, se é que, etc.

Fonte: elaboração própria

De modo geral, observamos, no Quadro 1, a presença da conjunção *se* em todos os compêndios gramaticais que foram consultados. Esse resultado indica que potencialmente o *se* pode ser considerado o elemento prototípico das conjunções

¹⁸ É interessante mencionar que Bagno (2011) apresenta a classificação do *se...então* em correlativa hipotética, uma vez que, segundo ele, as conjunções correlativas introduzem sentenças que estão em interdependência, a meio caminho entre a coordenação e a subordinação (BAGNO, 2011).

condicionais. Além disso, vemos no referido quadro, a presença de elementos condicionais mais inovadores nos compêndios gramaticais desenvolvidos por Castilho (2010) e Neves (2018), de abordagem funcionalista, quando comparamos com os demais compêndios, de caráter tradicionalista. Castilho (2010) e Neves (2018) apresentam, por exemplo, o *se...então* com a finalidade de destacar o paralelismo existente entre as conjunções condicionais e as conjunções conclusivas, conforme veremos adiante.

Outra questão que merece realce é o apontamento do *se acaso* em Bagno (2011), formado pelo elemento *se* mais o advérbio *acaso*, como expressão de condição. Lembramos que, no decorrer da nossa pesquisa, buscamos evidenciar se há correspondência entre a utilização deste e do conector *se caso*, a partir do estabelecimento de limites de utilização desses dois conectores pelos falantes.

Ao examinarmos de maneira mais detalhada cada um dos compêndios gramaticais mencionados no Quadro 1, no que diz respeito ao tratamento das orações condicionais, constatamos que Melo (1978) as indica como uma subclasse das conjunções subordinativas. O autor assevera que a oração subordinada recebe nome conforme o papel que desempenha na oração da qual é dependente. Desse modo, ao caracterizá-la por elementos que exprimem hipótese ou condição, indica como exemplo de oração adverbial condicional ou hipotética “Evitavam-se; *se podiam*, não comiam juntos; *se comiam juntos*, diziam pouco ou nada (Machado, Esaú e Jacó, p. 306)” (MELO, 1978, p. 151).

As orações condicionais são apresentadas por Rocha Lima ([1986] 2009) como um tipo de oração subordinativa. É oportuno mencionar que o autor discorre sobre o tema de maneira embrionária e pouco esclarecedora, uma vez que não há explanação do que vem a ser uma oração condicional. O gramático apresenta, tão somente, alguns termos que podem ser classificados como conjunções condicionais e aponta dois exemplos de orações condicionais: *Irei a casa, [se puder.]* e *Contar-lhe-ei o caso, [contanto que você guarde segredo]* (ROCHA LIMA, [1986] 2009, p. 237).

Cunha ([1989] 2007) atesta que as conjunções subordinadas condicionais iniciam orações adverbiais, o que se configura como uma informação a mais, quando comparamos com Rocha Lima ([1986] 2009). O autor aponta que as orações condicionais são definidas como aquelas que “iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato

principal” (Cunha ([1989] 2007), p. 338). A título de exemplificação, é apresentada a oração *Seria mais poeta, se fosse menos político* (M. de Assis).

Para justificar a classificação de determinadas conjunções como condicionais, Bechara (2009) explica que o elemento *se* transpõe oração ao nível de advérbio, estando qualificada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição (BECHARA, 2009). Posteriormente, o gramático conceitua as orações condicionais e hipotéticas como aquelas que, ao iniciarem uma oração, em geral exprimem: a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal; b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal. O autor destaca como principais conjunções o *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com verbo no subjuntivo), *desde que* (com verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc. Exemplifica, por fim, as orações condicionais em ***Se os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo*** [MM] (BECHARA, 2009, p 327).

Castilho (2010, p. 375), por sua vez, reconhece que, tradicionalmente, há três tipos de relacionamento entre a prótase, que é a primeira sentença, e a apódose, a segunda sentença. O primeiro deles é definido condicional real ou factual, uma vez que o enunciado da prótase é concebido como real, e em decorrência disso o enunciado da apódose é tido como uma consequência necessária, igualmente real. Segundo o linguista, essas condicionais remetem para o mundo do já sabido, e geralmente apresentam o esquema [*se* + indicativo/indicativo], para fazer referência à partícula *se* seguida dos modos dos verbos presentes na oração condicional e na oração principal, visto em seu exemplo: ***se eu estudo, passo de ano***. Ele acrescenta que as condicionais reais mostram paralelismo com as causais e as conclusivas em *Se S1, é porque S2* e *Se S1, então S2*, nos respectivos exemplos: (...) ***porém se há persistência do nódulo...é porque aquele nódulo é patológico***; (...) ***Se essa aréola possui uma série de tubérculos...então o tubérculo é nomeado de (...)***”.

A relação modo-temporal desses tipos também foi analisada, em que se obteve a predominância do presente do indicativo, tal como Castilho (2010) apresenta no já mencionado esquema.

O segundo tipo de relacionamento entre a prótase e a apódose é chamado de condicionais eventuais ou potenciais, pois a prótase é eventual, e a apódose confirma a hipótese anterior desde que seja satisfeita a condição verbalizada na prótase. De acordo com Castilho (2010), as condicionais eventuais representam o mundo epistemicamente

possível, tendo como esquema habitual o [se + subjuntivo/indicativo], ilustrado no exemplo: *Eu acho que **se sair** antes das seis horas da manhã **sai** melhor.*

O terceiro tipo é denominado de condicionais contrafactuais ou irrealis, em que a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade. O esquema apresentado pelo autor é o [se + subjuntivo/forma em -iria], demonstrado em: *a imagem que eu fazia era a seguinte: **se** o Japão **fosse** uma Birmânia (...) as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não **teriam** ajudado o Japão.*

Neves (2018) destina um capítulo de sua gramática para discorrer sobre as orações subordinadas adverbiais condicionais. Para introduzir a noção desse tipo de oração, inicia seu capítulo apresentando o texto *Amigos da onça*, escrito por Petrarca da Cunha Melo Maranhão, que, de acordo com a autora, trata de um episódio de nosso folclore que originou a expressão *amigo da onça*. Após detalhar a narração do episódio, a linguista afirma que no texto há uma série de orações iniciadas por *se*, utilizado para expressar um evento hipotético que constitui uma hipótese/condição para que ocorra o evento expresso na segunda oração, a oração principal, a exemplo do que se pode visualizar na passagem do texto ***Se** eu encontrasse uma onça no meu caminho, eu logo me ocultaria no primeiro lugar que encontrasse [= a eventualidade de eu encontrar uma onça no meu caminho condiciona o evento de eu me ocultar no primeiro lugar que encontrar]* (NEVES, 2018, pp. 909-910). Em relação a esse mesmo trecho, é acrescida a informação de que estamos diante, pois, de um período composto por subordinação, em que a oração que indica condição exerce a função de adjunto adverbial de condição.

Neves (2018) aponta, ainda, que nem toda hipótese é eventualmente possível de ser preenchida, esclarecendo que, no trecho retirado de uma notícia ***Se** você fosse meu marido, eu poria veneno em seu café*, a hipótese *você ser meu marido* é uma condição não preenchida, tendo em vista que *você não é meu marido* (NEVES, 2018, p. 911).

A ordem das orações é outro ponto discutido pela estudiosa, ao frisar que a oração condicional posposta, isto é, colocada no final da frase, representa de modo mais evidente uma informação nova e relevante, enquanto a oração condicional anteposta, em que a condição é anterior àquilo que é condicionado, é uma espécie de ponto de apoio para o que se vai dizer a seguir. Neves (2018) aponta a oração condicional anteposta como mais frequente, além de observar que, geralmente, o uso de vírgula se faz mais presente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas. Essa constatação corrobora a sustentação feita por Dahlet (2006, p. 37) de que a

pontuação “é consubstancial à produção textual, ou seja, simultânea e não consecutiva, já que a pontuação é operadora sintática e semântica”.

No que se refere ao estatuto informacional das orações adverbiais condicionais, é relevante acrescentarmos que o falante, tendo como parâmetro o que julga ser do conhecimento do ouvinte durante a comunicação, configura sua fala, sintaticamente, com vistas à eficácia da comunicação. Nesse sentido, a informação velha representa o que o falante acredita estar na consciência do ouvinte; enquanto a informação nova corresponde ao que o falante acredita estar acrescentando à consciência do ouvinte no momento da enunciação. Além disso, se uma informação for recuperada com base no contexto precedente, é considerada velha, se não, é nova (CHAFE, 1976).

Além do elemento *se*, Neves (2018) elenca outras conjunções condicionais, cujo significado é mais específico quando comparado ao significado do *se*, por possuírem valor em sua base lexical, além de, serem construídas apenas com o verbo no subjuntivo:

- a) *Caso* (**Caso** *encontre o revólver, avise-me, por favor* – OSC-R);
- b) *Que*, em oração negativa posposta, com valor privativo, semelhante ao de *sem que* (*Você não pode ver flor **que não** corra logo para cheirar* – VB-R);
- c) *Contanto que* (*Podem o que quiserem **contanto que** ninguém saiba o que vocês quiseram!* – GAT-R);
- d) *Desde que* (**Desde que** *a situação se mantenha calma, eu pedirei uma licença* – INC-R);
- e) *A menos que* (**A menos que** *se dê um vasto almoço ou se tenha uma grande família, a porção a ser comprada será sempre maior do que o necessário* – IS-J);
- f) *A não ser que* (*A argila, apesar de saturada de água, é estável, **a não ser que** seja perturbada por choque explosivo, terremoto ou carga artificial excessiva* – GEM-T);
- g) *Sem que* (*E com o passar dos dias meu amigo descobriu uma verdade científica nova: o cão se recusa a comer **sem que** ele antes ladre três vezes seguidas* – FAB-R);
- h) *Uma vez que* (**Uma vez que** *eu dê prioridade a um projeto, trabalho nele até concluí-lo*);
- i) *Dado que*, que corresponde genericamente a *a não ser que* (**Dado que** *Marte permaneça fiel em sua rotação ao redor do Sol, é possível passar quase instantaneamente de um para o outro* – FSP-J);

- j) *Salvo se (Isto sugere que, **salvo se** os animais se adaptaram duas vezes, as formas terrestres evoluíram quando os contingentes estavam unidos na Pangeia – FSP-J);*
- k) *Exceto se (Portanto, não ocorreu número de casos perdidos por óbito neste hospital, **exceto se** na declaração de óbito constou apenas diagnóstico sintomático – ANE-T).*

Assim como Castilho (2010), a linguista subdivide as orações adverbiais condicionais em factuais, contrafactuais e eventuais. Segundo ela, as construções factuais se constroem tanto no passado como no presente e futuro, com a oração condicional sempre no indicativo. A autora chama atenção para o fato de que algumas construções factuais apresentam valor contrastivo, como em *Se há quem julgue a virgindade de Maria um exemplo a ser seguido e o seu “faça-se em mim segundo a sua vontade”, há quem a considere importante líder feminista – CV-T*, em que há o contraste de duas opiniões sobre Maria (NEVES, 2018, p. 923).

No que concerne às construções contrafactuais, é asseverado que, na oração condicional, geralmente, a forma verbal se encontra no pretérito imperfeito ou no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, sendo este último exclusivo dessa construção, enquanto a oração principal se caracteriza pela forma verbal, geralmente, no futuro do pretérito, simples ou composto. Para a autora, as construções contrafactuais podem estabelecer valor comparativo, quando na oração coexistirem a conjunção comparativa *como* e a conjunção condicional *se*, visto em *Eu me sentia **como se** estivesse sendo vigiado – AFA-R* (NEVES, 2018, p. 927), ou ainda, indicar valor optativo: *Ah, **se** não precisássemos deles – CS-D = precisamos deles.* (NEVES, 2018, p. 928).

No que diz respeito às construções eventuais, de acordo com a autora, são construídas tanto no passado quanto no presente e no futuro, apresentando, em sua oração principal, formas no indicativo ou no subjuntivo. Ao longo de suas explicações acerca dessa construção, destacamos o uso do *se é que*, objeto de nosso estudo, considerado pela linguista como um elemento utilizado para exprimir uma ressalva, uma dúvida maior quanto à eventualidade expressa, quando comparado ao uso do *se*. Além disso, a autora aponta que as construções eventuais podem apresentar também valor alternativo, como em ***Se** você não consegue se controlar, **você não consegue** dormir-VEJ-J*, ou valor concessivo, quando, por exemplo, a conjunção concessiva *mesmo* precede a conjunção condicional, visto em ***Mesmo se** eu morrer na China, quero ser enterrado em Pedreiras – FSP-J* (NEVES, 2018, pp. 234-235).

A construção de orações condicionais não canônicas também é explicitada por Neves (2018), ao comprovar casos em que o falante faz uso da oração condicional, mas

não fornece o conteúdo da oração principal, incumbindo do ouvinte, a partir de seu conhecimento prévio recuperá-lo conforme as informações do texto e da situação comunicativa. Também, essa recuperação contextual pode ocorrer com base na própria fala do interlocutor, como exposto no diálogo: - *Os táxis estão em greve. Como você vai para o festival?* – ***Só se for a pé*** (BE-R) (NEVES, 2018, p. 937).

Outros casos de elipse retomam a informação asseverada por Neves (2018) de que a oração condicional ocorre como uma frase sintaticamente independente, a exemplo de situações em que há elipse do verbo (***Desde que baseadas em informações corretas, essas curvas não são destituídas de valor*** – MTE-T), ou elipse da conjunção (***Pudesse, eu também ia ficando, tendo todos os agrados*** – COB-R), além de serem mencionadas as situações em que orações condicionais aparecem reduzidas, com formas nominais de verbos no infinitivo (*Mas não vai sair sem fazer a retificação, não é verdade?* – BH-R), no particípio (***Terminada a greve, viria o aumento de salário*** – ORA-R) e no gerúndio (***Em sendo necessário, assinar recibo*** – PRO-R) (NEVES, 2018, pp. 938-943).

A comparação entre gramáticas representativas de pesquisas tradicionais e de gramáticas publicadas por autores funcionalistas nos possibilitou evidenciar que o viés normativo está restrito a posicionamentos prescritivos dos gramáticos tradicionalistas, ao limitar os processos sintáticos à dicotomia coordenação/subordinação e as conjunções condicionais a basicamente os mesmos exemplos representativos, com repertório restrito. Também nos possibilitou evidenciar a visão dos gramáticos funcionalistas, de caráter mais amplo, uma vez que situam e explicam os graus de integração entre as orações, com base no processo de gramaticalização, e em usos mais inovadores de elementos com a função condicional.

A seguir, discutimos o tratamento dado às estruturas condicionais em pesquisas linguísticas voltadas para o uso.

2.2.2 Estudos funcionalistas acerca das estruturas condicionais

Diversos estudos de abordagem funcionalista demonstraram o comportamento de estruturas condicionais, ampliando a noção de que a língua deve ser entendida nas situações reais de uso. Nessa subseção, apresentamos estudos funcionalistas sobre as condicionais considerados pertinentes ao desenvolvimento da nossa pesquisa. Ressaltamos que alguns estudos de Neves (1999; 2012; 2018), por ser uma das autoras

de maior destaque nesses estudos, tendo desenvolvido gramáticas com abordagem funcional, mencionadas nas subseções anteriores, também ganham notoriedade na presente subseção.

Desse modo, em primeiro momento, evidenciamos estudos desenvolvidos por Leão (1961) e Neves (1999) voltados para a identificação de funções sintático-semânticas decorrentes do uso de estruturas condicionais. Em segundo momento, discorreremos sobre estudos cujo enfoque principal é discursivo, ao tratar de questões como tópico, adendo, polidez, modalização etc. Para esse momento, nos respaldamos nos estudos desenvolvidos por Chafe (1984), Ford e Thompson (1986), Zamproneo (1998), Oliveira (2009), Hirata-Vale e Oliveira (2011), entre outros.

Voltada para questões sintático-semânticas, a pesquisa desenvolvida por Leão (1961, p. 60) busca analisar os períodos hipotéticos iniciados por *se*. A estudiosa afirma que no período hipotético propriamente dito, a ideia de condição ou hipótese se exprime não só pela conjunção, mas, ainda, pelo tempo e o modo dos verbos. Para justificar tal afirmação, ela apresenta o exemplo *O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto viraria um fazendão*, através do qual se pode perceber o efeito de condição mesmo com a omissão da conjunção, apenas pelo verbo no subjuntivo. Leão (1961) também entende que esta ocorrência pode ser vista nos sintagmas preposicionais introduzidos por *sem*, a partir do exemplo: *Sem a mulher o mundo voltaria ao caos* (pp. 60-64).

A autora apresenta dois principais modos de ordenação do período subordinado condicional:

- a) **CONDICIONAL + NÚCLEO**, em que se enuncia a existência, não-existência ou provável existência de um estado-de-coisas como preenchimento de uma condição (prótase); a partir daí, enuncia-se um estado-de-coisas real, irreal ou eventual (apódose), em consequência do preenchimento, não preenchimento ou eventual preenchimento daquela condição. A noção básica, é portanto, a relação implicativa entre condição e consequência.
- b) **NÚCLEO + CONDICIONAL**, em que a posposição da oração subordinada serve como atenuante da afirmação categórica contida na oração principal. A noção básica, desse modo, é a ressalva.

Neves (1999) em pesquisa realizada acerca das construções condicionais, verifica em seu *corpus* de análise que, quanto às condicionais reais ou factuais, a ordenação das orações predominante é a anteposta, contra um percentual mínimo de

orações pospostas ou intercaladas. Esses resultados corroboram a afirmação de Comrie (1986), de que a ordem usual é a prótase preceder a apódose, embora ele justifique pelos seguintes aspectos: a) devido ao grau de hipoteticidade da oração condicional, que é frequentemente atualizada como eventual ou contrafactual e, por isso mesmo, considerada a construção não marcada; b) a correlação modo-temporal estabelecida pela construção condicional, ou seja, a ordem em que as orações são organizadas reflete a referência temporal da prótase e da apódose. Nesse sentido, a referência temporal da prótase é anterior ou igual à da apódose, nunca posterior; c) a ordem linear das orações é iconicamente motivada. Assim, a ordem da prótase e da apódose segue à sequência de etapas da argumentação.

Neves (1999) defende que o princípio da iconicidade seja explicação para a ordem linear das orações condicionais, uma vez que, para ela, este princípio pode ser mais produtivamente avaliado em termos discursivos, pois a natureza de tópico que se pode atribuir às condicionais tende a ocorrer no início da frase. Essa assertiva será verificada em nossa pesquisa, ao descrevermos e analisarmos a ordem das orações condicionais como um dos critérios de prototipicidade da categoria. A autora acrescenta que nos períodos hipotéticos reais é comum a presença de marcadores que destacam a frase em bloco, para exprimir um fato assegurado, como o uso do marcador *então*: “**Então**, se se a Maria fez ver per, percutir com a sua colocação, ela vai dizer que eu não posso aplicar, também, sem fazer uma análise ou aplicação” – EF-POA-278:252-254 (NEVES, 1999, p. 522).

O segundo tipo de relacionamento entre a prótase e a apódose, conforme já destacado em seção anterior, é chamado de condicionais eventuais ou potenciais, pois, de acordo com a autora, a prótase é eventual, e a apódose confirma a hipótese anterior desde que seja satisfeita a condição verbalizada na prótase. Foi observado que as construções de eventualidade, ao indicarem uma hipotetização, explicam o fato de se apresentarem antepostas em apenas 17% (dezessete por cento) dos casos analisados. Neves (1999) esclarece que as condicionais eventuais são as hipotéticas prototípicas, pois a oração condicional expressa faz uma adição hipotética e provisória ao estoque de conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte.

Quanto à relação modo-temporal das eventuais ou potenciais, predominou o futuro do subjuntivo (“eu acho que **se** sair antes das seis horas da manhã sai melhor - D2-SSA-98:126-127”), o que, segundo a pesquisadora, torna possível afirmar que elas

são construções hipotéticas por excelência, sendo, inclusive, as mais recorrentes em seu *corpus* de análise, representando 66,19% dos dados.

O terceiro tipo, as condicionais contrafactuais ou irrealis, são assim denominadas, pois, conforme a autora, a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade. Ao analisar a ordenação desse tipo de condicional, Neves (1999) afirma que dos 44 (quarenta e quatro) períodos hipotéticos condicionais analisados, 28 (vinte e oito) prótases ocorreram antepostas, 8 (oito) pospostas e 8 (oito) intercaladas.

Quanto à relação modo-temporal das condicionais contrafactuais ou irrealis, Neves (1999) chega ao resultado de que elas só ocorreram com a prótase no imperfeito do subjuntivo e com a apódose no futuro do pretérito composto e no futuro do pretérito simples. A estudiosa esclarece que, independentemente de informações prévias e assegurar contextual, a contrafactualidade da construção condicional é manifestada se a prótase estiver no mais-que-perfeito do subjuntivo, e a apódose no futuro do pretérito simples ou composto. Essa afirmação é assegurada através do exemplo apresentado: a) “isso se a mãe buZIna...mais brabamente **então é porque** está atrasada (D2-SP-360:296-299)” – Factual; b) “se a mãe **tivesse buzinado** mais brabamente, (seria porque) ela **estaria/teria estado** atrasada = a mãe **não buzinou** > ela **não estava atrasada** – Contrafactual. (NEVES, 1999, p. 526).

Pesquisas funcionalistas, como as elencadas, a seguir, voltadas para funções discursivas evidenciadas a partir dos usos de estruturas condicionais, também ganham relevância nessa subseção. Chafe (1984), por exemplo, considera que as orações condicionais podem desempenhar funções de tópico¹⁹ de contraste, tópico de retomada, tópico de exemplificação, tópico de alternativa ou de opção, a depender dos elementos presentes nas orações, de sua ordenação e relações pragmático-discursivas.

Ford e Thompson (1986) destacam, por sua vez, que as condicionais pospostas ou intercaladas possuem função semântica mais restrita que as condicionais antepostas, pois podem realçar, enfatizar ou mesmo restringir a oração núcleo ou algum componente dela. Para ilustrar, o seguinte exemplo é apresentado: *Só acredite nele se responder sem hesitações: onde você nasceu? Foi numa cidade grande?*. Desse modo,

¹⁹ A oração condicional funciona como *tópico* quando constitui a moldura de referência em relação a qual a principal é verdadeira (se for uma proposição) ou apropriada (se não for). Desse modo, a oração anteposta promove mudança no fluxo informacional, seja para introduzir uma informação totalmente nova ou um desdobramento da anterior (CHAFE, 1984).

os pesquisadores explicam que o elemento restritivo *só*, que aparece na oração núcleo, delimita o conteúdo expresso na prótase.

Ainda no que diz respeito às orações pospostas e intercaladas, Zamproneo (1998) argumenta que essas orações podem funcionar como adendos²⁰, ao desempenharem também a função de reparação. O adendo pode ser restritivo, no exemplo citado: Não teremos compreendido o fenômeno que se evidenciou em termos políticos se não tivermos a coragem de enfrentar os problemas fundamentais para o país. Essa função decorre do fato de que a oração condicional realizada de forma negativa expressa uma avaliação do falante, colocando-se como adendo informacional com função restritiva ao delimitar o conteúdo da oração na especificação do que deve ser feito para a compreensão dos problemas fundamentais do país. O adendo pode ser ampliador: *Justino: tava pensando...se o senhor não se ofende, aquele dinheiro que lhe dei... Mané gorila: o que é que tem? Justino: se o senhor pudesse devolver...* De acordo com Zamproneo (1998), as orações condicionais que não apresentam oração núcleo tendem a funcionar como adendos ampliadores, pois são deixadas em aberto, tendo função de ampliar ou generalizar o significado do enunciado que as precede.

É interessante perceber que estudos como o de Hirata-Vale e Oliveira (2011) demonstram o funcionamento de estruturas condicionais como adendos restritivos. As condicionais estruturadas em *se-então* afirmam que a presença do item *então* acarreta em maior grau de vinculação, gerando maior grau de restritividade: *Se estiver úmido, a televisão irá funcionar./ Se estiver úmido, então a televisão irá funcionar.* (HIRATA-VALE; OLIVEIRA, 2011, p. 13). No primeiro exemplo, a ausência do *então* implica em outras condições possíveis ou suficientes para que a televisão funcione. Diferentemente, no segundo exemplo, a condição descrita na prótase é necessária, ou seja, essencial para que a televisão funcione. Ela funcionará somente e unicamente se *estiver úmido*.

O já mencionado trabalho desenvolvido por Neves (1999) também chama atenção para a existência de estruturas condicionais que expressam condição de polidez²¹, através da realização de um ato de fala na apódose. A autora exemplifica com

²⁰ A função *adendo* é utilizada pelo falante para retomar o que já foi dito por ele, acrescentando informação ao conteúdo da oração-núcleo ou fazendo objeções (ZAMPRONEO, 1998).

²¹ A Teoria da Polidez, proposta por Brown e Levinson (1987), consiste em evitar que a interação entre os sujeitos se torne conflituosa, por meio da neutralização dos interlocutores de ameaças às faces. Esse processo engloba estratégias (sintáticas, relacionais, operacionais, tópicas, polifônicas, composicionais etc.) que permitem ao locutor preservar, enaltecer ou atacar sua própria face, defender ou expor seu

ocasiões em que os falantes utilizam o *se é que* (“*se é que* eu posso perguntar que é que o levou a fazer isso?”), um dos nossos objetos de estudo. A identificação do comportamento sintático, semântico e pragmático do uso do *se é que* nos servirá como pontapé inicial para uma investigação mais aprofundada acerca das funções sintáticas e discursivas exercidas pelo item no *corpus* de pesquisa, considerando os propósitos comunicativos dos falantes.

O conector *se caso*, cujo comportamento também será analisado na presente pesquisa, é mencionado no estudo desenvolvido por Barreto (1999, pp. 401-402) ao explicar a origem da conjunção *caso que*, e sua posterior redução a *caso*. A estudiosa descreve o processo de recategorização do item *caso que*, ao evidenciar que houve, sequencialmente, uma nova interpretação do item na sentença (sintaticização), a perda de conteúdo semântico de origem do *caso* e a assimilação ao conteúdo semântico da conjunção *que*, condicional (semanticização). Ela afirma que, após isso, o item passou por um novo processo de gramaticalização, e o conector *caso* foi empregado de modo isolado, com o valor semântico condicional. Nesse contexto, a linguista explica que a conjunção *caso* pode ocorrer no registro coloquial e popular para reforçar a conjunção condicional *se*, ilustrando o uso a partir da seguinte oração: “Devo me encontrar com ele hoje. **Se caso** ele não vier de tarde, vou telefonar de noite, para saber a resposta” (p. 401).

Pesquisa mais recente, desenvolvida por Oliveira (2009), tem como enfoque o uso das condicionais que expressam polidez, levando em conta as estratégias comunicativas desempenhadas nesta construção. Com base em dados coletados do Nurc, nas modalidades elocução formal e entrevista, com informantes das capitais Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Porto Alegre e São Paulo, a autora identifica 57 (cinquenta e sete) ocorrências de condicional de polidez.

A análise das ocorrências revelou que existem dois tipos de condicional de polidez: 1) as que atenuam a força ilocucionária do ato contido na oração núcleo e 2) as que promovem o distanciamento entre o falante e o conteúdo proposicional veiculado pela oração nuclear (OLIVEIRA, 2009). A autora ressalta que a diferença entre esses dois tipos de condicional de polidez decorre do nível de atuação do satélite condicional.

próprio território; preservar, enaltecer ou agredir a face do outro, invadir o território do outro, dominá-lo, colocando-se num lugar de poder elevado, ou se deixar dominar, permitindo ao outro que se sobreponha na interação (p. 61).

Levando em conta o nível de atuação do satélite condicional, a linguista chega à seguinte subdivisão:

1) Condicionais de polidez ilocucionárias, usadas para modificar a força ilocucionária do ato expresso pela oração núcleo. Elas produzem a atenuação de um ato, que pode ser sugestão, oferta, pedido, asserção etc. Essa ocorrência pode ser ilustrada em: “claro, eu também acho, **se vocês permitirem eu só vou faze(r) uma observação que pra mim é bastante importante**: o ensino é a projeção é a projeção sempre necessariamente” (D2/PA/120).

2) Condicionais de polidez proposicionais, que atuam na camada de proposição, eliminando o valor de verdade da oração núcleo, a fim de evitar possíveis conflitos, caso a proposição seja dada como falsa. Esse distanciamento entre o falante e seu enunciado foi identificado em: “quais as ligações? não ouvir e falar? ela não ouve, mas fala? bom, conheço um caso aqui na universidade, que é o, **se eu não me engano, ele é o presidente do, associação ou sindicato dos surdos e mudos**” (DID/09/PA).

Oliveira (2009) conclui que também há diferenças no que se refere à configuração da relação *condição para realização – consequência/resultado da realização*. Ela menciona que nas condicionais de polidez ilocucionárias a relação entre a condicional e a núcleo é a adequação comunicativa de um ato de fala, enquanto nas condicionais de polidez proposicionais a relação existente é de validação do valor de verdade da proposição.

Hirata-Vale (2005) elucida que as condicionais podem ser conversacionais quando o desempenho do ato de fala que está sendo representado na apódose é condicionado ao preenchimento de algum fato ou estado expresso na prótase. A autora exemplifica com a seguinte oração: *Há biscoitos no armário, se você quiser* (p. 40). Ou seja, caso seja vontade do ouvinte, ele poderá pegar os biscoitos que estão no armário. De acordo com a estudiosa, a condição para a realização da apódose é que o fato expresso na prótase seja verdadeiro, “que alguém queira biscoitos”, embora entendamos que o fato expresso na condicional não é condição para a verdade expressa na oração nuclear, porque independentemente de querer ou não, os biscoitos estão no armário.

Em estudo posterior, ao analisar as conjunções condicionais à luz da Gramática Discursivo-Funcional, Oliveira (2012) conclui que estas conjunções não podem ser consideradas equivalentes, por serem atribuídos diferentes sentidos para a relação condicional quando utilizadas, atendendo a propósitos comunicativos diversos.

A estudiosa explica essa afirmação a partir de três exemplos: “ (1) *A não ser que* ele vá eu vou”, cujo conector em destaque delimita uma condição para a não realização do evento presente na oração núcleo; “ (2) *Somente se* ele for eu vou”, cuja locução conjuntiva em destaque delimita uma condição para a realização do evento presente na oração núcleo, isto é, ocorrendo o inverso; “(3) *Se* ele for eu vou”, em que a conjunção utilizada possibilita uma relação de condição menos restritiva quando comparada aos dois primeiros exemplos. A justificativa para que a conjunção *se* possa ser utilizada em contextos mais variáveis que as demais conjunções, decorre da sua ausência de significado lexical, isto é, não há predicados mais gerais que possam definir o significado da referida conjunção, conforme a autora atesta, possibilitando maior aplicabilidade.

Oliveira (2012) acrescenta que, diferentemente da conjunção *se*, as conjunções complexas não marcam somente a relação condicional, uma vez que descrevem o sentido condicional, transmitindo um significado que pode ser definido através do predicado do qual elas derivam. A fonte lexical das conjunções complexas especifica a relação existente entre as duas orações na construção condicional. A título de exemplificação, a autora apresenta o uso da conjunção *desde que*, cuja fonte lexical, a preposição *desde*, estabelece um ponto de origem no espaço (“*Desde* São Paulo ela vem passando mal”), e ponto de origem no tempo ao formar a conjunção temporal *desde que* (*Desde que* te conheci, nunca mais amei outra pessoa”). Posteriormente, a conjunção passa a ter um domínio mais abstrato, ao marcar um ponto de origem no discurso, originando o seu sentido condicional (“*Desde que* as regras sejam claras, posso me candidatar”).

Outro exemplo apresentado pela autora é o uso da conjunção complexa *supondo que*, originária do verbo *supor*. A conjunção possui o significado básico de “conjeturar, presumir, imaginar”, sentidos que contribuem para a construção de uma relação condicional, ao hipotetizar uma situação. Desse modo, para Oliveira (2012), as conjunções condicionais são consideradas atributivas.

Sousa (2009) investiga o funcionamento das orações iniciadas por *quando*, prototipicamente indicado como um conector temporal, desenvolvendo uma comparação com as condicionais introduzidas por *se*, buscando analisar em que medida as orações com *quando* veiculam o significado de condição. O *corpus* de análise utilizado pela pesquisadora foi extraído do Projeto de Gramática do Português Falado.

A autora evidencia que a condicionalidade presente em orações com *quando* é, de modo geral, entendida como um sentido que se sobrepõe ao de temporalidade. Em seus resultados, foi identificado que apenas orações que funcionam como satélite de circunstância permitem uma leitura condicional, ao veicularem um estado de coisas cuja ocorrência é simultânea à ocorrência de um outro estado de coisas. Essa situação pode ser visualizada na ocorrência “...quase todo domingo a gente vai...eu tenho ido::bastante...prefiro ir a teatro do que a cinema...**quando o filme não é bom** né?” (SP/DID/234/L10, p. 2), que permite a leitura “Prefiro ir a teatro do que a cinema, **se o filme não é bom**”.

Outro aspecto destacado por Sousa (2009) diz respeito à expressão de atitudes do falante, que, enquanto na oração com *quando*, de modo geral, é veiculada certeza do falante sobre a realidade dos eventos, na oração com *se* é veiculada incerteza do falante sobre a verdade ou a realização dos eventos. Verificou-se, portanto, que nos casos em que as orações com *quando* admitem paráfrase com uma oração condicional, há expressão de afirmação da proposição como verdadeira, na forma verbal do presente do indicativo.

A autora conclui a pesquisa esclarecendo que não se pode afirmar que o sentido de condição despontado de algumas construções com *quando* seja exatamente o sentido de condição veiculado por orações com *se*, devido às distintas funções comunicativas exercidas por cada uma dessas conjunções no uso da língua. Sendo assim, ela defende que a possibilidade de paráfrase entre essas orações não passa de um recurso analítico (SOUSA, 2009).

Neves (2012) elabora estudo para demonstrar que, apesar das estruturas com oração adverbial condicional indicarem prototipicamente eventualidade, correspondendo à parataxe de alternância, há componentes que dificultam essa correspondência, sendo eles: a) a possibilidade de os dois componentes da relação terem o estatuto de atos de fala diferentes (“Ah! **Se** pudesse voltar atrás! Como tudo seria diferente!”) ; b) o rompimento da linearidade da relação por expedientes de focalização ou de correlação (“E **se** estou falando pouco é justamente por isso...); c) a modalização explícita da condicionalidade, no campo da possibilidade epistêmica (“Talvez, **se** naquele momento eu estivesse realmente aberto para a vida, eu também teria algo para entregar ao rapaz”).

Além disso, a linguista assevera que, levando em conta tempo, aspecto e modo, a oração condicional deixa de se configurar como protótipo de eventualidade, quando há,

por exemplo, correlação de presente do indicativo na oração condicional, indicando a factualidade, como se vê em “**Se** você diz que não foi, não foi”.

Ainda, Neves (2012) atesta que há ocasiões em que as estruturas condicionais em expressões afirmativas podem sugerir causalidade. Essa ocorrência se fez presente nas situações em que na oração principal é utilizada a expressão *é porque*: “**Se** o amigo está aqui é porque tem um problema”. A pesquisadora também demonstrou situações em que a factualidade em relações condicionais pode sugerir concessividade. É o que ocorre em “Se alguns garimpos estagnam ou desaparecem, outros permanecem [...]”, isto é, há o contraste entre dois garimpos: alguns estagnam ou desaparecem, entretanto, outros permanecem (NEVES, 2012).

Neste capítulo nos dedicamos, inicialmente, à revisão acerca dos processos sintáticos de articulação das orações e, em mesma seção, nos detivemos à organização das orações adverbiais, a partir da abordagem funcional. Posteriormente, fizemos uma abordagem panorâmica das orações adverbiais condicionais. As discussões sobre os processos sintáticos de articulação e sobre as orações adverbiais condicionais foram realizadas através da comparação entre gramáticas representativas de pesquisas tradicionais e de gramáticas publicadas por autores funcionalistas. Essa comparação colaborou para que fosse enfatizado o viés normativo, restrito a posicionamentos prescritivos dos gramáticos tradicionalistas, limitando os processos sintáticos à dicotomia coordenação/subordinação e as conjunções condicionais a basicamente os mesmos exemplos representativos, com pouca variedade. Também colaborou para que pudéssemos perceber uma visão mais ampla dos gramáticos funcionalistas, ao estabelecerem graus de integração entre as orações, respaldados no processo de gramaticalização, e ao apresentarem usos mais inovadores de elementos com a função condicional, elucidando uma língua rica em variações e possíveis mudanças.

Essas mudanças decorrentes do uso contínuo da língua, baseado nas motivações cognitivas e interacionais dos usuários da língua, são demonstradas ao final do capítulo, em estudos de abordagem funcionalista sobre construções condicionais. Os estudos funcionalistas explicitados também frisaram usos inovadores de construções condicionais, a partir da análise de questões referentes ao comportamento sintático-semântico e discursivo que nos deram impulso ao desenvolvimento da presente pesquisa, ao analisarmos conectores que reforçam usos inovadores com função condicional.

Na seção, a seguir, explanamos, sob uma perspectiva funcionalista, os especificadores de tempo, aspecto e modo nas perífrases verbais. Essa explicação se faz necessária e relevante para o nosso estudo ao observarmos que as formas verbais que constituem as orações adverbiais introduzidas pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, atuam, aparentemente, como um dos fatores motivadores para a escolha dos usuários pelos referidos conectores condicionais.

2.3 Os especificadores temporais, aspectuais e modais nas perífrases verbais

Conforme evidenciado no capítulo anterior, guiados pelo princípio da iconicidade, os usuários, ao escolherem determinada forma linguística, de maneira consciente ou inconsciente, demonstram haver uma relação sintática entre forma e função. Um dos subprincípios que proporcionam a efetivação do princípio da iconicidade é o da quantidade, que confere um maior volume de informação a uma maior quantidade de formas codificadoras.

Em se tratando dos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, supomos que as formas verbais que junto a elas estão sendo utilizadas nas orações adverbiais e a sua extensão, identificadas no *corpus* da pesquisa, atuam, aparentemente, como um dos fatores motivadores para a escolha dos usuários pelos referidos conectores condicionais. Nesse sentido, é importante explanarmos, de modo geral, sob uma perspectiva funcionalista, um dos elementos dos sintagmas verbais relevantes para o nosso estudo: os especificadores de tempo, aspecto e modo nas perífrases verbais.

De acordo com Castilho (2010, p. 397), as perífrases verbais constituem o processo de gramaticalização da categoria de verbos, considerando que são compostas por um verbo auxiliar mais um verbo principal. Essa formação decorre do fato de que, originalmente, alguns verbos que funcionavam como núcleos sentenciais, denominados verbos plenos, passaram a funcionar como indicadores de voz, aspecto, tempo e modo, denominados verbos auxiliares. Essa expressão verbal de “ações, estados e eventos de que precisamos dar conta quando falamos ou escrevemos” (CASTILHO, 2010, p. 396), configura a categoria dos verbos do ponto de vista semântico, enquanto do ponto de vista discursivo, “(i) introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (ii) os qualifica devidamente, via processo de predicação; (iii) concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos” (CASTILHO, 2010, p. 396).

Os fatores discursivos das perífrases verbais identificadas nas ocorrências das orações adverbiais constituídas pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, serão analisados, com mais profundidade, em capítulo posterior. Aqui, descreveremos, mais detalhadamente, as categorias semânticas das perífrases verbais, considerando que os verbos auxiliares presentes nas perífrases verbais podem atuar como especificadores temporais, aspectuais ou modais.

As perífrases verbais temporais são formadas por um verbo auxiliar, indicando tempo, somado a um verbo principal em uma forma nominal (infinitivo, particípio ou gerúndio). Essas formas verbais compostas são equivalentes a formas simples das conjugações verbais. Neves (2018, p. 204) destaca como exemplos de perífrases verbais formadas por especificadores temporais os verbos *ter* e *haver*, construídos com particípio, para indicar algo que toca o passado, demonstrados na oração *Mas **tenho visto** uns vidrinhos de comprimido no seu lixo*, formada por perífrase verbal indicando o tempo pretérito perfeito composto do indicativo, e na oração *Não que ele **tenha dado** razão a dona Leonor*, cuja perífrase verbal indica o tempo presente do subjuntivo composto. Segundo Castilho (2010, p. 447), as locuções verbais formadas por *ter/haver* com particípio foram as primeiras descritas pelos gramáticos, já que as composições de tempo composto e voz passiva nas quais o auxiliar é seguido por um verbo no particípio, são mais gramaticalizadas do que as construções com gerúndio e infinitivo.

Neves (2018, p. 205) também aponta as perífrases verbais compostas pelo verbo *ir* com infinitivo de um verbo principal para indicar futuridade, como ilustrado na oração *Se eu puder, ainda um dia **vou entrar** no sobradinho para descobrir o mistério do seu Leocádio*. Bagno (2011, p. 603) defende que:

[...] Na formação de tempos compostos, é obrigatório incluir, pelo menos, os verbos *estar* e *ir* quando seguidos de gerúndio e infinitivo. Afinal, esses dois auxiliares entram na formação de verdadeiros tempos verbais que, embora não relacionados pela TGP [tradição gramatical portuguesa], estão entre os mais empregados no PB [português brasileiro]. (BAGNO, 2011, p. 603).

O autor apresenta como locuções verbais temporais as seguintes formações verbais:

- a) Presente do indicativo contínuo - presente do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estou cantando*;
- b) Imperfeito do indicativo contínuo - imperfeito do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: *estava cantando*;

- c) Condicional/Futuro do pretérito contínuo - condicional do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: estaria cantando;
- d) Condicional/Futuro do pretérito contínuo - imperfeito do verbo *ir* somado ao infinitivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: ia estar cantando;
- e) Perfeito do indicativo contínuo - perfeito do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: estive cantando;
- f) Presente do subjuntivo contínuo - presente do subjuntivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: esteja cantando;
- g) Imperfeito do subjuntivo contínuo - imperfeito do subjuntivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: estivesse cantando;
- h) Futuro do subjuntivo contínuo - futuro do subjuntivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: estiver cantando;
- i) Futuro do presente - presente do verbo *ir* com o infinitivo do verbo principal: vou cantar;
- j) Futuro do presente contínuo - presente do verbo *ir* somado ao infinitivo do verbo *estar* com o gerúndio do verbo principal: vou estar cantando.

Como é possível observar através dos apontamentos dos linguistas (CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011; NEVES, 2018), as perífrases verbais que apresentam especificadores temporais localizam o processo verbal temporalmente, tomando como referência o momento de fala, o próprio falante e até mesmo o momento em que se desenvolve outro processo.

Com relação às perífrases verbais aspectuais, estas designam a opção do falante de representar o processo de acordo com uma determinada perspectiva, podendo considerar o processo como concluído, não concluído ou ainda em desenvolvimento, tomando uma de suas fases como perspectiva para o ato de fala. De acordo com os estudos desenvolvidos por Castilho (2010) e por Neves (2018), a categoria aspectual pode assinalar ações concluídas, denominadas perfectivas, ou ações inconclusas, chamadas de imperfectivas, cada uma compreendendo fases. Quanto às ações inconclusas, a primeira fase é a imperfectiva inceptiva, também chamada por Neves (2018, p. 206) de incoativa, que diz respeito ao início de um evento, dependendo de construções perifrásticas de infinitivo e de gerúndio. Como exemplo, podemos apresentar a oração *Sílvio **começou a temer** pela continuação da conversa*, cujo momento inicial do evento é destacado pelo verbo *começar* (NEVES, 2018, p. 206).

A segunda fase é a imperfectiva cursiva, que apresenta o desenvolvimento de um evento, em pleno curso, sem referências às fases inicial ou final. Neves (2018, p. 206) salienta que o curso do evento pode configurar uma simples duração, como visto em *A grande fonte de produção do município, entretanto, **continua a ser** o diamante*, um hábito, como em *E **vive dizendo** que o asilo não tem recursos*, ou ainda, uma progressão, como visto na oração *Ele mesmo também **vinha perdendo** o interesse na vida e nos negócios*. A terceira fase é a imperfectiva terminativa, que assinala o término ou a cessação de um evento, ilustrada na oração *O filho **parou de comer**, olhou para o pai e interrogou a mãe* (NEVES, 2018, p. 207)

Por sua vez, as ações conclusas podem apresentar a fase perfectiva pontual, assinalando a ideia de um processo que é acabado e tão logo é começado, demonstrada na oração *Roberto **acabou concordando** em vir conosco* (CASTILHO, 2010, p. 424), podem apresentar a fase resultativa, ao indicar o resultado de um evento, demonstrada na oração *Então você vai mesmo, não? **Está combinado*** (NEVES, 2018, p. 207), ou podem apresentar a fase perfectiva iterativa, indicando a repetição de um evento, como visto em ***Tem comprado** muitos diamantes?* (NEVES, 2018, p. 207).

A categoria de modo, sobreposta à categoria de modalidade, indica a atitude (de certeza, dúvida, ordem etc.) do falante em relação ao que ele enuncia, permitindo ao falante expressar sua atitude com relação ao estado de coisas, que “pode ser apresentado como real (indicativo), irreal (subjuntivo), desejável (optativo), sujeito a condições particulares (condicional), exigido ou solicitado a outrem (imperativo e causativo)” (BAGNO, 2011, p. 555). Os verbos no modo indicativo expressam, na maioria das vezes, situações reais, seja no mundo real ou no imaginário. Já os verbos no modo subjuntivo, de maneira oposta, indicam fatos não-reais, hipotéticos, que, em sua maioria, estão condicionados à verdade de outro fato. Por fim, os verbos no modo imperativo indicam que certo estado de coisas é objeto de uma ordem, criando no ouvinte a obrigação de fazer com que esse conteúdo se torne realidade.

Para além dessas noções, o usuário de uma língua pode enunciar, por meio da modalização do estado de coisas, a possibilidade, a permissão e a necessidade, através de verbos como *poder*, *dever*, *duvidar* e *supor*. Em relação às perífrases verbais, estas podem ser compostas por verbos auxiliares que atuam como especificadores modais, conforme exemplos mencionados por Castilho (2010, p. 451):

a) volição: desejar, querer, haver de;

- b) possibilidade ou capacidade: poder, saber;
- c) necessidade: dever (de), ter de, ter que;
- d) intenção: tentar, buscar, ousar, pretender, etc.;
- e) consecução: conseguir, lograr, etc.
- f) aparência: parecer

As perífrases verbais modais estão inseridas também no campo discursivo, ao atribuírem traços procedentes das propriedades intencionais dos usuários da língua, funcionando como uma estratégia comunicativa e colaborando, inclusive, para a construção de um ponto de vista, para o alcance do seu propósito.

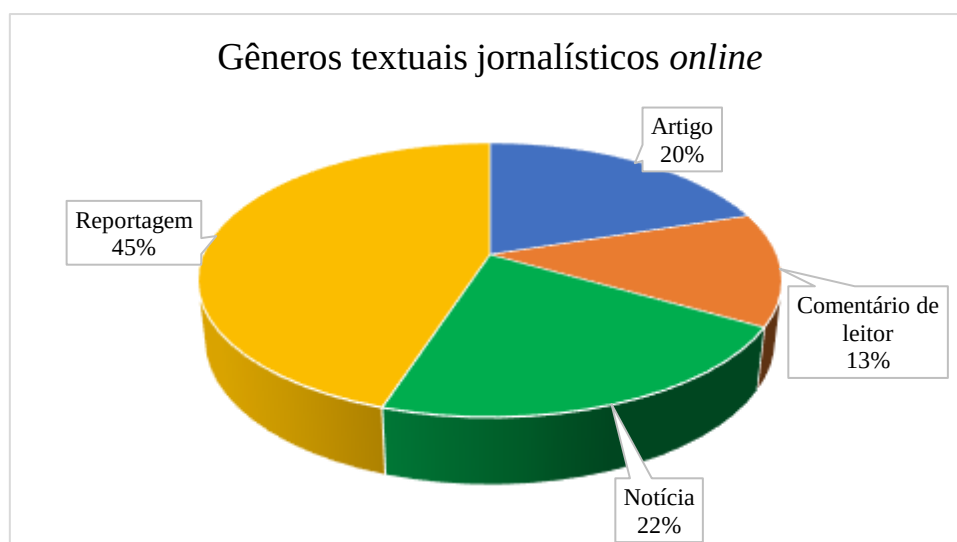
Além disso, é possível observar, através da descrição dos especificadores temporais, aspectuais e modais nas perífrases verbais, uma maior complexidade cognitiva quando comparada aos usos de verbos simples, o que é refletido também com base em sua extensão codificadora, conforme será analisado nas ocorrências presentes no *corpus* da pesquisa, de modo a avaliarmos as motivações cognitivas e interacionais inerentes aos usos dos conectores condicionais *se acaso*, *se caso* e *se é que*. As questões discutidas na presente subseção, nesse sentido, destacam relevância ao evidenciar que a presença de especificadores de tempo, de aspecto e modo se apresenta como um dos fatores que atuam, aparentemente, como motivadores para os usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, conforme será analisado no Capítulo 4, contribuindo para a análise dos graus de marcação dos contextos de uso dos referidos conectores e para o estabelecimento da relação entre iconicidade e marcação, a partir da complexidade estrutural e cognitiva que atua nos contextos de uso dos itens condicionais explicitados.

No próximo capítulo, analisamos os itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais encontrados nos textos jornalísticos *online* por nós investigados.

3 CRITÉRIOS DE ANÁLISE DA VARIAÇÃO SINTÁTICA, SEMÂNTICA E DISCURSIVA NOS USOS DOS CONECTORES CONDICIONAIS

O presente capítulo tem como finalidade evidenciar, através dos dados coletados em textos jornalísticos que constituem o *corpus* da pesquisa, as variações sintáticas, semânticas e discursivas dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais. Para que fosse possível a análise e categorização dos dados, coletamos, no *Corpus do Português*, 60 textos jornalísticos previamente selecionados²², distribuídos conforme os gêneros presentes nos suportes jornalísticos coletados e que apresentaram maior índice de frequência no *corpus*, em quantidade disposta no Gráfico 1, a seguir, a partir dos quais reunimos as porções textuais que compreendem o uso de conectores condicionais:

Gráfico 1



Fonte: elaboração própria

Como podemos visualizar no Gráfico 1, levando em consideração os 60 textos jornalísticos *online* coletados, o gênero textual que apresentou maior índice de frequência foi a reportagem, representando 45% das ocorrências. Na sequência, considerando o índice mais elevado de porcentagem, o gênero notícia ocupou a segunda posição, representando 22%, o gênero artigo ocupou a terceira posição, representando 20%, e o gênero comentário de leitor ocupou a quarta posição, compreendendo 13% das ocorrências. Esses índices já eram esperados, ao entendermos que é mais comum a

²² Conforme já mencionado na seção introdutória do trabalho, a coleta dos textos jornalísticos foi realizada levando em conta sua presença em suportes jornalísticos de grande circulação no ambiente virtual, além de contemplarem diversas regiões do país.

circulação de reportagens nos suportes jornalísticos *online*, em relação aos demais gêneros, já que os suportes possibilitam a apresentação de gêneros com maior extensão, acompanhados de dados e/ou vídeos ilustrativos, como será melhor explicado no decorrer do trabalho.

Consoante esclarecemos na parte introdutória do trabalho, as leituras prévias dos textos jornalísticos *online* selecionados nos chamaram atenção para os usos dos itens *se caso* e *se é que*, com função condicional. Devido a essas ocorrências, aparentemente frequentes, procedemos a localização destes conectores e dos demais que assumiram no *corpus* selecionado à função condicional. Após a localização, realizamos a quantificação dos conectores condicionais encontrados, apresentada na Tabela 01, a seguir, organizada quantitativamente de modo decrescente:

Tabela 01 – Total de ocorrências dos conectores condicionais

Itens²³ (Frequência type)	Quantidade (Frequência token)	%
Se	101	34,12
Se caso	94	31,75
Se é que	50	16,89
Caso	34	11,48
Se acaso	7	2,36
Desde que	3	1,02
Somente se	3	1,02
Só se	2	0,68
A menos que	1	0,34
Sem que	1	0,34
Total	296	100

Fonte: elaboração própria

Como dispõe a Tabela 01, o conector condicional de maior frequência nos textos jornalísticos foi o *se*, correspondendo a 34,12%. Seu destaque no índice de frequência já nos era esperado, tendo em vista que o *se* é considerado condicional por excelência e, conseqüentemente, o mais prototípico na categoria, convergindo com as discussões apresentadas no Capítulo 1. O segundo lugar, entretanto, foi ocupado pelo item *se caso*, correspondendo a 31,75% do total de ocorrências, apresentando proximidade ao percentual obtido no item mais representativo da categoria, seguido do item *se é que*,

²³ Todas as formas linguísticas elencadas serão analisadas como conectores condicionais, embora algumas delas não sejam contempladas com essa função pela perspectiva tradicional, conforme foi apresentado no Quadro 1.

com 16,89% do total. Além das motivações cognitiva e interacional já mencionadas, esses índices constituem um dos motivos que nos despertou o interesse em investigarmos os usos do *se caso* e do *se é que* mais detidamente no *corpus* em questão, ao assumirem função de conector condicional. A posição de quarto lugar foi ocupada pelo item *caso*, também reconhecido como uma forma tradicionalmente condicional, correspondendo a 11,48% do total de ocorrências. A partir da tabela, observamos, quantitativamente, que o *caso* vem perdendo espaço para o uso da forma *se caso*. Os outros 6,03% foram ocupados pelos demais itens apresentados na tabela.

Além do índice de frequência, descrevemos outros critérios para determinar a prototipicidade nos usos dos elementos conectores condicionais. A partir da análise de variações sintáticas, semânticas e discursivas dos itens linguísticos elencados na Tabela 01, listamos como critérios de investigação da prototipicidade os parâmetros descritos abaixo:

1. **EXISTÊNCIA OU NÃO DE PAUSA:** em se tratando de textos escritos, a existência ou não de pausa, indicada através de sinais de pontuação, revela o índice de integração entre as orações adverbial e nuclear. A existência de pausa nas adverbiais condicionais marca um maior grau de independência sintática entre as orações, a despeito da dependência semântica, sendo denominadas, portanto, orações hipotáticas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Em outras palavras, os conectores seguidos ou precedidos de pausa (sinalizada pela pontuação) são mais prototípicos que aqueles que não a apresentam. A ausência de pausa, por sua vez, remete a uma ligação mais forte entre as orações. Esse parâmetro está intrinsecamente relacionado com o parâmetro 2, que se segue.

2. **ORDEM DA ORAÇÃO ADVERBIAL:** a ordem em que a oração adverbial aparece em relação à oração nuclear é outro parâmetro que representa o grau de prototipicidade dos elementos conectores condicionais. Segundo Neves (2018), a oração condicional anteposta à oração nuclear é mais frequente, além do fato de que a existência de pausa sinalizada pela pontuação também é mais recorrente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas à oração nuclear. Ainda, a adverbial condicional pode aparecer de modo intercalado com a oração nuclear, com a existência ou não de vírgulas. Dessa forma, investigamos os usos das relações condicionais

considerando a oração condicional anteposta mais prototípica que as orações condicionais pospostas ou intercaladas à oração nuclear.

3. ESTATUTO INFORMACIONAL: De acordo com Neves (2018), as orações adverbiais condicionais apresentam de modo mais frequente uma informação que não é dita como nova. Portanto, quando uma informação apresentada na oração for considerada nova e relevante, seu grau de prototipicidade será inferior ao de conectores utilizados em orações condicionais que retomam alguma informação presente na oração nuclear. Além disso, se uma informação for recuperada com base no contexto precedente, é considerada velha, se não for recuperada, é nova (CHAFE, 1976). Algumas relações condicionais também podem desempenhar outros valores, como a concessividade, a retomada, a exemplificação etc. (CHAFE, 1984), de modo secundário. Esses outros valores são sugeridos devido a sua ordenação, algum marcador linguístico que se faz presente nas orações ou, ainda, se encontra implícito e passível de interpretação, devido a relações pragmático-discursivas.

4. NÍVEL HIPOTÉTICO: esse parâmetro diz respeito ao nível hipotético alcançado segundo a possibilidade de preenchimento de uma condição. Sendo assim, conforme Castilho (2010), a oração condicional pode expressar uma condição já preenchida, indicando um fato, sendo denominada condição real ou factual; pode expressar uma condição não preenchida, indicando um não fato, classificada como condição contrafactual ou irreal, ou pode expressar uma condição possível de preencher e consequência eventual, denominada condição eventual. Esta última está mais relacionada à prototipicidade da categoria dos conectores condicionais (NEVES, 2018).

Ao aplicarmos os parâmetros definidos e descritos, contemplando os critérios sintáticos, semânticos e discursivos inerentes aos conectores condicionais, os dados encontrados revelaram uma variação no que diz respeito a seus usos, o que corrobora a noção de que a gramática é continuamente constituída (GIVÓN, 1991). Iniciemos, pois, a aplicação dos parâmetros, com o fito de analisar os usos de cada conector condicional²⁴ encontrado no *corpus*.

²⁴ Optamos por analisar, em alguns momentos do capítulo, as mesmas ocorrências, consideradas mais prototípicas, para visualizarmos sua produtividade e demonstrarmos os critérios sintáticos, semânticos e discursivos que foram aplicados.

3.1 Existência ou não de pausa

Ao aplicarmos o parâmetro *existência ou não de pausa* nas ocorrências em que foram identificados os 296 conectores condicionais nos textos jornalísticos *online*, obtivemos os dados informados na Tabela 02, a seguir:

Tabela 02 – Aplicação do parâmetro <i>existência ou não de pausa</i>			
Conectores condicionais	Parâmetro		Total
	Existência de pausa	Ausência de pausa	
Se	81 (80,2%)	20 (19,8%)	101
Se caso	69 (73,40%)	25 (26,60%)	94
Se é que	48 (96%)	02 (4%)	50
Caso	20 (59%)	14 (41%)	34
Se acaso	05 (71,43%)	02 (28,57%)	07
Desde que	-	03 (100%)	03
Somente se	-	03 (100%)	03
Só se	01 (50%)	01 (50%)	02
Sem que	01 (100%)	-	01
A menos que	01 (100%)	-	01

Fonte: elaboração própria

Conforme podemos visualizar na Tabela 02, no que se refere ao conector condicional *se*, constatamos a prevalência de sinal de pontuação indicador de pausa ao se fazer uso do conector, marcando maior independência sintática entre as orações adverbial e nuclear. Na maioria das ocorrências de orações adverbiais condicionais introduzidas pelo item, houve a precedência ou sucessão de pausa, sinalizada por sinal de pontuação, correspondendo a 80,2% do total, ao passo que 19,8% do total das orações condicionais articuladas com esse conector apresentou-se com ausência de pausa. Essa porcentagem revela que o conector mais canonicamente consagrado com a função condicional vem sendo predominantemente precedido ou seguido de algum sinal

de pontuação²⁵, colaborando para uma maior mobilidade sintática. Vejamos alguns dados em que a pausa se fez presente no fluxo das orações:

(01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

(02) Ainda segundo Murilo Sudré, é dever do município fornecer a estrutura necessária para depois exigir determinada ação da população. “**Se** o município não cumpriu a parte dele, ele não poderia exigir uma conduta do seu cidadão de depositar essa água. Se caso a pessoa for notificada e não tenha condição de fazer o despejo dessas águas, ela pode fazer um recurso administrativo e, uma vez não acatado, ela pode demandar judicialmente contra essa ação”, revela. (G1)

(03) A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. Pode ser na manicure, pelo alicate de unha, por exemplo, ou na hora de colocar um piercing, **se** os instrumentos não estiverem esterilizados. “E eu tenho tatuagem também, e aí acho que foi um dos motivos também de eu querer saber se caso estou contaminado ou não”, conta o ator Felipe Tavares. (G1)

Os dados (01), (02) e (03) ilustram a relação prototípica da hipotaxe adverbial. Nos dados (01) e (02), a existência de pausa, marcada por vírgula, após a oração adverbial e antes da oração nuclear, demonstra a independência sintática entre as duas orações. No dado (03), também é observado o uso de vírgula, no entanto, após a oração nuclear e antes da oração adverbial.

A interdependência sintática entre as orações nuclear e adverbial reflete a possibilidade de as adverbiais serem colocadas em diferentes pontos da escala da sentença (CASTILHO, 2010). Observemos, por exemplo, a composição da sentença em (03), em que o uso da vírgula assinala um maior distanciamento entre a condicional e a informação presente na oração nuclear, de que a hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. A oração hipotática condicional aparece também com um valor exemplificativo, isto é, de como a hepatite C pode ser transmitida por instrumentos não esterilizados: Outras questões inerentes à possibilidade de colocação das adverbiais em

²⁵ Foram identificadas nas orações condicionais introduzidas pelo conector *se é que* pausas sinalizadas pelos seguintes sinais de pontuação: vírgula, parênteses, travessão e ponto final. Nas orações condicionais introduzidas pelos demais conectores analisados, foi identificada pausa sinalizada apenas pelo uso da vírgula.

diferentes pontos da escala da sentença serão discutidas ao analisarmos o parâmetro *ordem da oração adverbial*.

Vejamos ocorrências que ilustram o uso do conector condicional *se* em orações com ausência de pausa:

(04) *VAI VENDENDO*

21 de março de 2019 em 08:25

Essa é para quem defende o capitalismo, as privatizações e os privatizantes ou o PSDB e PMDB que entregaram o Brasil.

Se apenas 3% dos lucros da empresa fossem distribuídos A ESSES VOTANTES daria uma quantia de R\$ 23.690,21 PARA CADA UM. (DIÁRIO DO VALE)

(05) O médico e professor adjunto de Nefrologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Edison Régio, entrevistado pelo Repórter SUS, explica em mais detalhes: "No caso do [transplante de] rim, o paciente perde o enxerto e volta para a máquina [hemodiálise]. É terrível. No caso do coração, fígado e pulmões, o paciente morre **se** faltar a medicação imunossupressora". (BRASIL DE FATO)

As ocorrências (04) e (05) demonstram o uso da condicional sem a existência de pontuação indicadora de pausa. Assim, observamos um vínculo mais forte entre as orações principais e as orações adverbiais, favorecendo, conseqüentemente, menos mobilidade da adverbial na sentença, já que em (04) a informação presente na adverbial *se apenas 3% dos lucros da empresa fossem distribuídos A ESSES VOTANTES* está diretamente ligada à informação da oração nuclear, *daria uma quantia de R\$ 23.690,21 PARA CADA UM*, estabelecendo uma relação conclusiva. Em (05), o elemento *se* está diretamente relacionado ao elemento verbal *morre*, que aparece anterior a ele, na oração nuclear.

É importante frisar que em (04), estamos diante de um caso em que o conector é utilizado no gênero comentário de leitor, isto é, corre-se o risco de que o produtor desse enunciado não apresente um nível de domínio do registro padrão, considerando-se que é isso que se espera dos demais gêneros jornalísticos analisados, via de regra, sob responsabilidade de jornalistas pressionados pela exigência de uso de uma variação socialmente prestigiada. Assim, é mais comum que o usuário dispense o uso da vírgula indicadora de pausa, embora, conforme vemos a partir do dado (06), a seguir, também foram constatadas no gênero comentário de leitor ocorrências de orações adverbiais condicionais introduzidas por conectores condicionais precedidos ou sucedidos de pausa, sinalizada por sinal de pontuação:

- (06) Excelente iniciativa!!! **Se** esses projetos forem pra frente, vai ajudar muito a população a diminuir os gastos com energia elétrica em suas casas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

No dado (06), observamos um caso em que o usuário, ao comentar sobre a reportagem apresentada no jornal *online*, que trata de projetos voltados para o uso de novas fontes de energia, desenvolvidos por estudantes universitários de Pernambuco, faz uso da oração condicional *se* seguida da vírgula indicadora de pausa.

Do mesmo modo, em (05), estamos diante de um caso em que o *se* está presente no gênero reportagem, e, embora seja considerado mais monitorado, o usuário também dispensou o uso do sinal de pontuação indicador de pausa.

Como foi evidenciado em capítulo anterior, o conector condicional *caso* é resultado da gramaticalização de um domínio mais concreto (item lexical), com função substantiva, para um domínio mais abstrato (item gramatical) (BARRETO, 1999). Ao aplicarmos o parâmetro *existência ou não de pausa*, de acordo com a tabela 01, as orações por ele introduzidas apresentam resultados mais próximos, sendo 59% do total de ocorrências correspondentes à existência de pausa, a partir do uso da vírgula, e sendo 41% do total correspondentes à ausência de pausa. A interpretação que fazemos, em relação a esse parâmetro, é que independência sintática entre as orações nuclear e a adverbial introduzida pelo *caso* é menos frequente quando comparada aos resultados obtidos pelas orações introduzidas pelo conector *se*, o que reflete em menor possibilidade de as adverbiais serem colocadas em diferentes pontos da escala da sentença. Outros parâmetros a serem analisados contribuirão para sustentar essa interpretação. Vejamos dados que ilustram os usos do conector quanto à (não) existência de pausa, sinalizada pelo uso da pontuação:

- (07) Segundo José Carlos Gadelha, coordenador de Habitação, essas pessoas tem até o dia 10 deste mês para comparecerem na Sede do Tudo Aqui no Centro da capital, se caso perderem todos os prazos o beneficiário perderá seu benefício junto ao programa Minha Casa Minha Vida. “**Caso** o beneficiado perca todos os prazos, serão convocados novos candidatos, seguindo a ordem de prioridade estabelecida pelo Governo de Rondônia, obedecendo aos grupos prioritários”, explicou José Gadelha. (DIÁRIO DA AMAZONIA)
- (08) Em novembro, após declarações de Bolsonaro sobre a mudança da embaixada, surgiram comentários na política internacional de que países árabes, grandes importadores de carne do Brasil, poderiam retaliar o país **caso** a medida fosse concretizada. (G1)

O dado (07) representa as ocorrências de orações introduzidas pelo conector *caso* em que há a existência de pausa, marcada por vírgula, nessa situação, após a oração adverbial e antes da oração nuclear. A sinalização da pausa é um indício de que é possível a mobilidade da adverbial na sentença, se assim o usuário desejasse:

(07.1) Serão convocados novos candidatos, **caso** o beneficiado perca todos os prazos, seguindo a ordem de prioridade estabelecida pelo Governo de Rondônia, obedecendo aos grupos prioritários.

(07.2) Serão convocados novos candidatos, seguindo a ordem de prioridade estabelecida pelo Governo de Rondônia, obedecendo aos grupos prioritários, **caso** o beneficiado perca todos os prazos.

O dado (08) ilustra as orações introduzidas por *caso* que evidenciam a ausência de pausa, sinalizando menor independência entre as orações nuclear e adverbial, já que, diferentemente de (07), a ausência de vírgula impede a possibilidade de colocarmos a adverbial em diferentes pontos da escala da sentença.

O item *se acaso*, apontado na gramática de Bagno (2011) como um conector condicional, é imprescindível para o nosso estudo, tendo em vista buscarmos evidenciar se há correspondência entre a utilização deste e do conector *se caso*. Nos usos do *se acaso* identificados no *corpus*, ao aplicarmos o parâmetro *existência ou não de pausa*, conforme descrito na Tabela 02, do total de 7 ocorrências da condicional, vemos a existência de pausa a partir do uso da vírgula em 5 ocorrências, representando 71,43%, em contraponto a 2 ocorrências da condicional sem sinal de pontuação marcador de pausa entre as adverbiais e as principais, correspondendo a 28,57% do total de ocorrências. Observemos as ocorrências:

(09) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. 'Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer", diz o áudio". (G1)

(10) Atualmente o terceiro goleiro na preferência do ex-treinador corintiano, ele certamente não poderá enfrentar o Atlético-PR, na Arena da Baixada, na próxima quarta-feira, e o Avaí, em Itaquera, no dia 12, o domingo que sucede o Derby. Ainda é improvável que ele consiga chegar no Brasil a tempo para jogar contra o Fluminense, no dia 15, também na arena corintiana. "Estou contando que ele fique fora três jogos. **Se acaso** conseguir jogar contra o Fluminense, vai ser lucro", comentou Carille, que fez questão de ter uma conversa particular com o camisa 12 para que ele não se sentisse "culpado" por deixar o restante do elenco justo no momento mais decisivo do torneio. (ESPN)

- (11) Brecht provoca o leitor, procura fazer com que este se veja como um mero coadjuvante do sistema econômico e político capitalista. Não por acaso, cita Marx ironicamente: “Antes de mais nada, os peixinhos deveriam evitar toda a inclinação materialista, egoísta e marxista e avisar imediatamente os tubarões **se acaso** um deles revelar alguma dessas inclinações desprezíveis”. (O GLOBO)

As ocorrências (09) e (10) são dois casos em que houve uma maior independência entre as orações adverbial e nuclear, devido à existência da vírgula, marcando pausa. Em (11), temos um caso que representa o uso da condicional sem sinal de pontuação marcador de pausa entre as orações nuclear e adverbial.

Como mencionado em outros momentos, em se tratando de orações hipotáticas adverbiais condicionais, há uma tendência de que haja o uso de sinal de pontuação marcador de pausa, indicando maior independência sintática entre as orações nuclear e condicionais. Observamos, nesse sentido, que os resultados constatados sobre os usos do conector *se acaso* não foram diferentes.

Apesar de não admitido como adequado pela gramática normativa (MELO, 1978; ROCHA LIMA, [1986] 2019) para expressar situações hipotéticas e condicionais, entendido como uma redundância da junção dos conectores *se* e *caso*, foram encontradas 94 ocorrências do conector condicional *se caso* no *corpus* de análise selecionado. Com a finalidade de demonstrar que os usos do *se caso* possibilitam afirmar que o item se enquadra na categoria dos conectores condicionais, investigamos o seu comportamento com base nos parâmetros já descritos, de modo que possamos identificar traços de semelhança e de distinção entre o *se caso* e os demais conectores. Ao aplicarmos o parâmetro 1, que diz respeito à existência ou não de pausa, podemos constatar, pela Tabela 02, que na maioria das ocorrências de orações adverbiais condicionais introduzidas pelo item *se caso* houve a precedência ou sucessão de pausa, sinalizada por pontuação, correspondendo a 73,40% do total, ao passo que 26,60% do total das orações condicionais apresentou-se com ausência de pausa.

A predominância dos usos do *se caso* com existência de pausa, assim como ocorreu com os conectores condicionais anteriormente analisados, permite maior independência entre as orações nuclear e adverbial e maior mobilidade das adverbiais em diferentes pontos da escala da sentença, característica prototípica das hipotaxes adverbiais. Além disso, é importante atentarmos para o fato de que o referido conector aparece na terceira posição no que diz respeito à predominância de adverbiais com a precedência ou sucessão de sinal de pontuação marcador de pausa, estando o conector *se* na segunda

posição, considerando que a predominância de adverbiais com pausa foi de 80,2% do total de ocorrências²⁶. Vejamos alguns dados que ilustram os usos do *se caso*:

- (12) "Desde 2011, depois com a edição dessa normatização pelo CNJ em 2013, nós já temos uma situação de direitos adquiridos, de segurança jurídica dessas pessoas. Então de uma hora para outra, se o Presidente da República tentar reverter essa situação, isso inevitavelmente será discutido pelo STF. E de que forma o Presidente pode fazer isso? Ingressar com um projeto de lei pra alterar o Código Civil, só que aí ele também terá que ter aprovação do Congresso Nacional. **Se caso** isso venha a ser aprovado, o Supremo com certeza vai ser chamado novamente para apreciar essa matéria." (G1)
- (13) Ainda de acordo com o gerente, o corpo de Damião foi sepultado na mesma cova de seu pai, que morreu em 5 de outubro de 2014. "Só tinha a funerária aqui. Ninguém compareceu, nem da família nem amigo, **se caso** ele tivesse". (G1)
- (14) Nunca deixem de fazer algo por vergonha, por medo do que vão pensar, medo se o boy não vai querer mais, medo se os amigos vão se afastar, se caso isso acontecer é pq nenhum merecia vocês ao lado deles, sei que esse é o medo. (PARAÍBA ONLINE)
- (15) Durante a Audiência Pública, o presidente da Câmara, Roni Medeiros reiterou a importância de somar forças com o poder público em prol da Unimed Petrópolis. "Essa casa legislativa estará engajada para ajudar a Unimed e sabemos dos impactos que poderia gerar na cidade **se caso** ocorresse uma migração do atendimento dos clientes para ao SUS. Precisamos dar condições para a empresa se recuperar e assim manter os seus bons resultados, a geração de empregos e a qualidade na assistência da nossa população", disse. (DIÁRIO DE PETRÓPOLIS)

Os dados (12), (13), (14) e (15) ilustram a variação dos usos do *se caso* no que concerne à existência ou não de pausa, através de sinal de pontuação, entre as orações adverbial e nuclear. Nos dados (12) e (13), observamos a presença de pausa marcada por vírgula, entre as orações adverbial e nuclear, ao passo que nos dados (14) e (15), não há presença de pontuação indicadora de pausa entre as orações. Embora percebamos, em (14) e (15), uma relação de causa e consequência entre as informações presentes na oração adverbial e nuclear, ela é mais perceptível em (14) devido à presença do *é pq*, que estabelece de maneira mais explícita a consequência para a hipótese *se caso* isso acontecer, o que justifica a ausência de vírgula indicadora de pausa.

Em (12) e (13), portanto, temos maior possibilidade de mobilização das adverbiais, já que a vírgula assinala maior independência entre as orações da sentença. Notemos que a

²⁶ Como veremos mais adiante, o conector *se é que*, no que diz respeito ao parâmetro 1, se encontra na primeira posição ao ser introduzido com marcador de pausa. Os conectores que apresentaram apenas uma ocorrência foram desconsiderados na referida classificação.

vírgula presente no dado (13) possibilita, ainda, que a oração nuclear esteja implícita, sem prejudicar a compreensão do que o gerente quis informar: *Ninguém compareceu, nem da família nem amigo, (que também não compareceria), se caso ele tivesse.*

O conector *se é que*, mencionado com a função condicional pelos gramáticos funcionalistas Castilho (2010) e Neves (2018), é considerado um elemento utilizado para exprimir uma dúvida maior quanto à eventualidade expressa, quando comparado ao uso do *se* (NEVES, 2018). Embora já seja reconhecido pelos funcionalistas como um conector condicional, o *se é que* nos parece exercer diferentes funções sintáticas, semânticas e discursivas, as quais, inclusive, se dissociam de algumas características apontadas pelos estudiosos como mais prototípicas dos conectores condicionais, a exemplo da preponderância da oração adverbial condicional na ordem anteposta à oração nuclear. A análise sintática, semântica e discursiva do *se é que* segundo os parâmetros definidos nos servirá como pontapé inicial para que possamos investigar outras questões concernentes ao comportamento do conector com a função condicional, além de tornar possível identificarmos traços de semelhança e de distinção entre o *se é que* e os demais conectores.

No que concerne ao parâmetro *existência ou não de pausa*, podemos constatar, pela tabela, que em quase sua totalidade de ocorrências as orações adverbiais condicionais introduzidas pelo item *se é que* aparecem sendo utilizadas com sinal de pontuação marcador de pausa, correspondendo a 96% do total, ao passo que apenas em 4% do total houve orações condicionais com ausência de pausa. Esses resultados demonstram que o *se é que* aparece na primeira posição no que diz respeito ao conector condicional mais utilizado com o recurso do sinal de pontuação marcador de pausa.

Além disso, reforçam o fato de que, assim como ocorreu com os outros conectores condicionais analisados, a existência de pausa permite maior independência entre as orações nuclear e adverbial e maior mobilidade das adverbiais em diferentes pontos da escala da sentença, característica inerente às hipotáticas adverbiais. Vejamos alguns dados que ilustram os usos do *se é que*:

- (16) O ministro Marco Aurélio Mello alerta que há jurisprudência na Suprema Corte para que, em casos como o que gerou o recurso que será julgado pelo plenário, se conceda o benefício da progressão do regime ao condenado quando não há estabelecimento próprio para o cumprimento da pena. “Não pode o condenado ficar num regime mais gravoso por deficiência do Estado. O sistema carcerário precisa ser revisto **se é que** se pretende de fato recuperar alguém”, salientou. (ESTADO DE MINAS)

- (17) Desgraçados ainda mais com esta imagem eloquente de Rodrigo Rocha Loures, do Brasil Oficial, com seus batedores de carteira, isso mesmo, batedores de carteira porque o dinheiro roubado sai dos nossos bolsos e do nosso suor, da nossa carteira sagrada quando sobra um dinheirinho. **Se é que** sobra. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)
- (18) "Há muito medo de violência por parte do Bolsonaro. Você vê que o filho dele chegou a gravar uma notícia, um pensamento – **se é que** pode chamar assim o jeito o que eles falam. A coisa é tão impressionante – não sei se a pessoa pensou para falar – mas diz que prender, fechar o Supremo Tribunal Federal é coisa de... se eles desafiarem o Poder Executivo, mandariam um cabo e um soldado... um cabo e um soldado, nem de jipe precisariam... e uma pessoa que fala isso, não sei se pensa para falar. Mas se nem um ministro do Supremo hoje está a salvo, você imagina o policial federal que discorda", disse Haddad. (G1)
- (19) Guerra dos sexos à parte, o dinheiro se consolidou como tabu dentro de casa. Quem ganha mais? Quem paga o jantar? Quem assume o papel de principal provedor (**se é que** ele ainda existe)? Como dividir as despesas dos filhos e as contas domésticas? (ESTADO DE MINAS)

Os dados (16), (17), (18) e (19) demonstram a variação dos usos do *se é que* no que concerne à existência ou não de pausa, precedida ou seguida de sinal de pontuação entre as orações adverbial e nuclear. Diferentemente do que foi visto durante a análise dos conectores condicionais anteriores, as ocorrências do *se é que* nos chama atenção para a visualização de variação inclusive nos usos dos sinais de pontuação marcadores de pausa, fato que também indica possíveis intenções dos usuários. Enquanto que o dado (16) trata de uma ocorrência em que há ausência de pausa entre as orações adverbial e nuclear, uma vez que não foi utilizado sinal de pontuação, os dados (17), (18) e (19) tratam de ocorrências com a existência de pausa entre as orações adverbial e nuclear, tendo sido utilizados, respectivamente, o ponto final, o travessão e os parênteses. Essa variação se faz relevante em nosso estudo, considerando que se trata de uma abordagem que investe no aspecto discursivo, extrapolando, desse modo, o aspecto estrutural, o que justifica considerarmos que ocorrências depois de ponto final, a exemplo de (17), possuem a função hipotática em relação à anterior.

Observemos que o uso do ponto final sinaliza, entonacionalmente, uma pausa maior, quando comparada aos demais sinais de pontuação. Conforme é evidenciado em (17), o usuário do conector condicional, ao utilizar o ponto final, apontou um corte perceptível no fluxo textual, estratégia comunicativa que contribuiu para atribuir maior realce à informação contida na oração adverbial, independente de ser uma informação velha ou nova. Embora menos evidente que o ponto final, o uso do travessão e dos parênteses, vistos em (18) e (19)

também marcam uma pausa maior em relação ao uso da vírgula, indicando o objetivo do usuário de focalizar uma informação, contribuindo para a composição discursiva. Essa variação de sinais de pontuação indicadores de pausa revela um grau de independência sintática entre as orações de modo contínuo, que pode ser ilustrado da seguinte maneira:

Vírgula > Travessão > Parênteses > Ponto final
(- independência estrutural) (+ independência estrutural)

Apesar de reconhecermos que o uso do ponto final sinaliza término de período, levando em conta os valores discursivos, vemos que em (17), por exemplo, depois do ponto final temos uma oração com função hipotática em relação à anterior, conforme mencionado anteriormente. Desse modo, estamos diante de uma situação atípica, rompendo com a classificação de hipotáticas adverbiais que evidenciam relações sintáticas no interior de um período. A atribuição de realce à informação presente na oração adverbial através do uso dos sinais de pontuação também colabora para a constituição de diferentes motivações cognitivas e interacionais gerados pelo conector *se é que*, que serão analisados no próximo capítulo.

Conforme explanado em capítulo anterior, as gramáticas (ROCHA LIMA, [1986] 2009; CUNHA [1989] 2007; BECHARA, 2009; NEVES, 2018), de modo geral, fazem menção ao item *desde que* como conector condicional. Trata-se de um conector que, originariamente, por meio da preposição *desde*, estabelece relação espacial, e, ao se juntar com o item *que* passa a estabelecer função de conector temporal, ou ainda, de modo mais abstrato, pode marcar um ponto de origem no discurso, com função de conector condicional (OLIVEIRA, 2012). No *corpus* desta pesquisa, encontramos 3 ocorrências do conector condicional *desde que*. Ao aplicarmos o parâmetro em questão, visualizamos na Tabela 02, que nas 3 ocorrências, 100% do total, de orações adverbiais condicionais introduzidas pelo item, não houve a precedência ou sucessão de pausa, sinalizada por sinal de pontuação. Vejamos as ocorrências:

(20) A justificativa de Henrique Limongi para negar os casamentos homoafetivos é de que a Justiça brasileira "prestigia a entidade familiar **desde que** composta por homem e mulher". Segundo a presidente da Comissão da Diversidade Sexual da OAB de Florianópolis, o parecer do promotor contraria uma decisão unânime de uma decisão do Supremo Tribunal Federal. (G1)

(21) Um decreto-lei proíbe as óticas de manterem convênios com médicos oftalmologistas e de indicar profissionais para consulta, o que é considerado

venda casada, prática proibida pelo Código de Defesa do Consumidor. Mas, apesar de leis tão claras, muitas óticas de São Carlos (SP) mantêm a prática. Elas tentam conquistar os clientes com a promessa de consulta de graça **desde que** comprem as lentes e as armações na loja.

[...] O Procon disse que vai notificar as empresas irregulares. Numa delas a vendedora diz que não é preciso pagar a consulta **desde que** seja com o médico indicado pelo estabelecimento e que o consumidor compre as lentes na loja. "Não é que é de graça. Você não paga nada quando faz os óculos aqui com a gente. Então você deixa pré-agendado, escolhe sua armação, e passa na consulta. Se você vier com uma receita de outro médico, vai ficar o mesmo valor, como se tivesse feito na loja. É que é um convênio que a gente tem aqui", justificou a vendedora que não foi identificada. (G1)

Como é possível notar, o conector *desde que* foi utilizado em dois momentos na ocorrência (21), ambos tendo o conector sido utilizado sem a presença de sinal de pontuação marcador de pausa. Em (20), também percebemos a ausência de sinal de pontuação. Tais comportamentos revelam uma distinção, quando comparamos com os conectores anteriormente analisados, já que foi categoricamente evidenciada a ausência de sinal de pontuação indicador de pausa precedendo ou sucedendo o conector, configurando menor mobilidade das adverbiais em diferentes pontos da escala da sentença. Esse mesmo fenômeno ocorreu com o conector *somente se*, ao aplicarmos o parâmetro, conforme apresentamos, a seguir.

O conector condicional *somente se* é destacado por Oliveira (2012) de forma a delimitar uma condição para a realização de um evento presente na oração núcleo. Como apontado na Tabela 02, nas 3 ocorrências, 100% do total, foi evidenciada ausência de sinal de pontuação indicador de pausa precedendo ou sucedendo o conector. Observemos os dados, a seguir:

(22) A gravação foi mostrada ao diretor do Procon de São Carlos, Joner José Nery, que identificou a irregularidade. "A partir do momento em que o consumidor é forçado a comprar um produto ou obter vantagem nesse produto **somente se** ele adquirir outro. No caso, ele acaba recebendo a consulta gratuita **somente se** comprar os óculos. Essa é a chamada venda casada", explicou. (G1)

(23) O Dr. Seung Lee, membro especialista pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, explica que existem muitos mitos sobre a questão: "É preciso desmitificar o assunto. Hoje os implantes de silicone não precisam necessariamente ser trocadas a cada 10 anos, a não ser que haja alguma complicação como contratura capsular, ruptura ou desejo da paciente em alterar o tamanho dos implantes. A geração atual dos implantes de silicone possuem um gel coeso, que não "vaza" em caso de ruptura. Apresenta

também menor índice de contratura capsular quando comparada aos implantes de gerações passadas. Não existe mais essa necessidade de troca periódica a cada 10 anos, e sim o acompanhamento da paciente e a substituição da prótese **somente se** necessário". (ESTADO DE MINAS)

Podemos observar, em (22), que o *somente se* foi utilizado em dois momentos do texto, sem a presença de sinal de pontuação indicador de pausa. No primeiro momento, temos que o consumidor apenas obterá vantagem em determinado produto se ele adquirir mais um outro, no segundo momento, que apenas receberá consulta gratuita se comprar os óculos no mesmo estabelecimento em que é realizada a consulta, fatos que ressaltam a venda casada. Em (24), o uso do conector, também sem a presença de sinal de pontuação indicador de pausa, enfatiza que, de acordo com o médico Seung Lee, só é feita substituição de prótese de silicone se for considerado necessário. Podemos perceber que a ausência de marcador de pausa entre as orações principal e adverbial é um fator que colabora para a instituição da restrição gerada nos usos do conector, uma vez que impede o distanciamento entre a condicional e a informação presente na oração principal, tornando a informação encontrada na principal mais dependente da informação veiculada na oração adverbial.

Apresentado por Neves (2018, p. 937), ao dissertar sobre orações condicionais não canônicas, o conector *só se* é elucidado como um conector condicional utilizado pelo falante de modo que o próprio ouvinte/leitor deve recuperar o conteúdo da oração principal, quer seja através das informações presentes no texto e na situação comunicativa, quer seja com base na própria fala do interlocutor. No *corpus* da presente pesquisa, identificamos 2 ocorrências do *só se* condicional. Embora o referido conector originariamente exerça a mesma função estabelecida através do uso do conector *somente se*, na ocorrência (24), a seguir, o *só se* exige do leitor maior esforço, a partir da recuperação do contexto a partir da fala do interlocutor, como podemos visualizar:

(24) *Geraldo Luiz Barbosa*

21 de março de 2019 em 12:24

Duvido muito q isso aconteça , e só o sindicato mudar a forma de votação , sim pela proposta da empresa ou greve,não dando outras alternativas de escolha,pois já sabem q os trabalhadores da csn não é de fazer greve,resultado o sim vence. E é só pegar o seu salário q hoje em media é de nc\$1400,00, igual ao ajudante da construção civil ,e ver quanto vai receber de ppr por essa porcentagem

Tu....

22 de março de 2019 em 06:12

1.400? **Só se** for contando o Ticket... Kkkkkkk (DIÁRIO DO VALE)

Na ocorrência (24), estamos diante de um comentário de um leitor da reportagem veiculada acerca da rejeição de abono de 152,5 % do salário por parte dos metalúrgicos da CSN. Após manifestação de opinião do interlocutor de nome *Geraldo Luiz Barbosa*, o leitor de nome *Tu...* reage ao comentário de modo irônico, discordando do que foi dito por *Geraldo Luiz Barbosa*. Temos um caso em que a informação da oração principal não foi mencionada por *Tu...* na íntegra, o que torna necessário ao leitor recuperar as informações do texto e da situação comunicativa para que possa compreender o uso da condicional *só se* e seu caráter irônico. Após retomar a informação *1.400* em forma de questionamento, *Tu...* afirma *Só se for contando o Ticket*, seguido de reticências e *Kkkkkkk*, onomatopeia utilizada na linguagem da internet para expressar risos. Ao retomarmos o comentário feito por *Geraldo Luiz Barbosa*, recuperamos a informação de que para ele, o salário dos metalúrgicos da CSN atualmente é de 1.400 reais. Nesse sentido, ao observamos o contexto e todos os recursos linguísticos utilizados por *Tu...*, concluímos que há uma discordância acerca do valor salarial dos trabalhadores em questão, sendo acrescida a possibilidade de enquadramento a esse valor, caso tenha sido contabilizado o valor do ticket alimentação.

Aplicando o parâmetro *existência ou não de pausa*, observamos que na oração adverbial condicional introduzida pelo item, houve a precedência de pausa, sinalizada por sinal de pontuação de interrogação. Esse sinal, além de indicar uma maior independência sintática em relação à vírgula, como já mencionado, também colabora para a constituição da motivação cognitiva e interacional explicitada anteriormente, para que o usuário emita sua opinião de modo irônico. Vejamos a segunda ocorrência, a seguir:

- (25) “[...] Ele disse que ia me deixar livre **só se** eu fizesse tudo que mandasse, afirmou Luciana”. (G1)

Em (25), por sua vez, observamos uma ocorrência do conector *só se* sem a presença de marcador de pausa entre as orações principal e adverbial, colaborando para a instituição da restrição gerada de que o assaltante só a deixaria livre se ela fizesse tudo o que fosse mandado.

No que diz respeito à ocorrência do conector *a menos que* identificada no *corpus* da pesquisa, ao aplicarmos o parâmetro, constatamos que ele foi utilizado precedido de vírgula indicadora de pausa, permitindo maior distanciamento entre as orações, conforme visto em (26):

- (26) [...] Mesmo que não estivessem bebendo ai no seria lugar para frequentar, **a menos que** em serviço efetuando uma prisão ou coisa que se assemelhe. **tambem** sou uma autoridade, viu. conheço a lei. (ALAGOAS 24 HORAS)

Em (26), sinalizando uma condição necessária e suficiente, a comentarista faz uso do conector para afirmar que o local só poderia ser frequentado pelos militares caso estivessem em serviço, sendo esta a única situação a autorizar a ocorrência do fato em questão.

O *sem que* é reconhecido por exercer a função condicional segundo gramáticas tradicionais e funcionalistas (MELO, 1978; ROCHA LIMA, [1986] 2009; CUNHA [1989] 2007; BECHARA, 2009 e NEVES, 2018). Assim como o conector *a menos que*, identificamos nos textos jornalísticos *online* apenas uma ocorrência do conector. Vejamos:

- (27) *Votações expressivas do eleitorado não legitimam investidas contra a ordem político-jurídica fundada no texto da Constituição! Sem que* se respeitem a Constituição e as leis da República, a liberdade e os direitos básicos do cidadão restarão atingidos em sua essência pela opressão do arbítrio daqueles que insistem em transgredir os signos que consagram, em nosso sistema político, os princípios inerentes ao Estado democrático de Direito”. (CORREIO BRAZILIENSE)

Na ocorrência (27), estamos diante de um conector condicional que introduz uma oração adverbial condicional, tendo sido utilizada a vírgula como um marcador de pausa entre as duas orações, assinalando um maior distanciamento entre a condicional e a informação presente na oração nuclear, de que a liberdade e os direitos básicos do cidadão serão atingidos.

A aplicação do parâmetro *existência ou não de pausa* nos permitiu reconhecer que os sinais de pontuação indicadores de pausa exercem um papel relevante, não apenas em relação à mobilidade sintática, como também no fluxo textual e no papel discursivo que se quer atribuir ao que é dito, exercendo, por exemplo, a função de restringir alguma informação nos casos em que o conector condicional é utilizado sem a presença de sinais de pontuação indicadores de pausa.

3.2 Ordem da oração adverbial

Como visto na aplicação e análise do parâmetro anterior, o parâmetro *ordem da oração adverbial* exerce um importante papel sintático e discursivo nas ocorrências em que são utilizados conectores condicionais. A Tabela 03, a seguir, ilustra os resultados

obtidos após a aplicação do parâmetro nas ocorrências as quais verificamos os usos de conectores condicionais:

Tabela 03 – Aplicação do parâmetro *ordem da oração adverbial*

Conectores condicionais	Parâmetro			Total
	Anteposta	Posposta	Intercalada	
Se	80 (79,20%)	16 (15,85%)	05 (4,95%)	101
Se caso	76 (80,85%)	14 (14,90%)	04 (4,25%)	94
Se é que	02 (4%)	31 (62%)	17 (34%)	50
Caso	10 (29,41%)	22 (64,71%)	02 (5,88%)	34
Se acaso	05 (71,43%)	02 (28,57%)	-	07
Desde que	-	03 (100%)	-	03
Somente se	-	03 (100%)	-	03
Só se	-	02 (100%)	-	02
Sem que	01 (100%)	-	-	01
A menos que	-	01 (100%)	-	01

Fonte: elaboração própria

Com base na Tabela 03, podemos visualizar a predominância da anteposição da oração adverbial construída com alguns conectores, a exemplo de *se*, *se acaso*, *se caso*. Em contrapartida, houve predominância da posposição da oração adverbial construída com conectores como o *caso* e o *se é que*. Este último também introduziu quantidade significativa de orações adverbiais intercaladas quando comparado com os demais conectores. O parâmetro em questão guarda relação com o princípio da iconicidade, em especial, o subprincípio da ordenação linear, considerando que o usuário, ao buscar atender às suas necessidades interacionais, ordena a ocorrência dos eventos descritos, atribuindo um grau de importância. Nesse sentido, quando se visa destacar uma informação da oração adverbial condicional, o usuário a expressará em primeiro plano, de maneira anteposta à oração principal. Do mesmo modo, a oração adverbial condicional é posta em segundo plano, nos casos em que o usuário quer dar destaque à informação presente na oração principal. Além

disso, a rigor, as orações intercaladas rompem com uma ordenação linear mais canônica, o que pode justificar a baixa frequência de ocorrência nos usos dos conectores condicionais analisados.

Na Tabela 03, verificamos a predominância da anteposição da oração adverbial construída com o *se* condicional, com 79,20 % das ocorrências, em relação à posposição, que corresponde a 15,85% das ocorrências e às intercaladas, com 4,95%. Retomando as ocorrências (01) e (03), explicitamos em (01) a ocorrência de uma oração adverbial anteposta, enquanto que a oração adverbial posposta pode ser evidenciada em (03):

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)
- (03) A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. Pode ser na manicure, pelo alicate de unha, por exemplo, ou na hora de colocar um piercing, **se** os instrumentos não estiverem esterilizados. “E eu tenho tatuagem também, e aí acho que foi um dos motivos também de eu querer saber se caso estou contaminado ou não”, conta o ator Felipe Tavares. (G1)

Na ocorrência (01), observamos que a oração encabeçada pelo *se* condicional *Se fosse qualquer outro atleta* aparece em posição anteposta à oração nuclear *poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro*. Na ocorrência (03), diferentemente, a oração encabeçada pelo conector *se os instrumentos não estiverem esterilizados* é vista em posição posposta à oração nuclear *A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado*. O distanciamento perceptível nesta ocorrência entre a condicional e a informação presente na nuclear, conforme já foi mencionado ao aplicarmos o parâmetro *existência ou não de pausa*, é possível devido ao uso da vírgula que precede o conector *se*.

Quanto às intercaladas, vejamos os dados seguintes:

- (28) [...] Tem outro fenômeno menos conhecido, mas igualmente importante: quando a grávida está desnutrida ocorrem adaptações fisiológicas que deixam a criança com mais risco de obesidade quando adultos. Além disso, a criança que nasce com baixo peso, **se** consegue sobreviver, terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta”, explicou Ana Kepple. (G1)
- (29) [...] A decisão foi anunciada pela Secretaria de Saúde e pegou muita gente de surpresa. O paciente Altino teve um derrame e ficou com a fala comprometida.

Além disso, ele faz tratamento para um câncer na próstata. A família é de Jarinu (SP), mas todo o acompanhamento médico é feito em Jundiá. "Ir para Jundiá já é difícil para ele ir porque ele não consegue andar muito longe de carro. Agora, **se** tirar, para onde vai esse tratamento dele? Essa é a minha preocupação", diz a aposentada Anita Oliveira. (G1)

No dado (28), a oração adverbial *se consegue sobreviver* aparece intercalada na oração nuclear *Além disso, a criança que nasce com baixo peso terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta*, entre pausas, sinalizadas pelas vírgulas. Em (29), a oração adverbial *se tirar* aparece intercalada na oração nuclear, que constitui uma interrogação, *Agora, para onde vai esse tratamento dele?*.

Com relação às orações adverbiais construídas com o *caso* condicional, verificamos a predominância da posposição, representando 64,71% das ocorrências, em relação à anteposição, que corresponde a 29,41% das ocorrências e às intercaladas, com 5,88%. A predominância de orações adverbiais introduzidas pelo conector *caso* na ordem posposta à oração nuclear, no *corpus*, revela um distanciamento à constatação de estudos sobre condicionais de que a anteposição da oração adverbial é mais frequente (NEVES, 2018). Retomemos os dados (07) e (08):

(07) Segundo José Carlos Gadelha, coordenador de Habitação, essas pessoas tem até o dia 10 deste mês para comparecerem na Sede do Tudo Aqui no Centro da capital, se caso perderem todos os prazos o beneficiário perderá seu benefício junto ao programa Minha Casa Minha Vida. “**Caso** o beneficiado perca todos os prazos, serão convocados novos candidatos, seguindo a ordem de prioridade estabelecida pelo Governo de Rondônia, obedecendo aos grupos prioritários”, explicou José Gadelha. (DIÁRIO DA AMAZONIA)

(08) Em novembro, após declarações de Bolsonaro sobre a mudança da embaixada, surgiram comentários na política internacional de que países árabes, grandes importadores de carne do Brasil, poderiam retaliar o país **caso** a medida fosse concretizada. (G1)

Como podemos perceber, o dado (07) explicita a ocorrência da oração adverbial **Caso** o beneficiado perca todos os prazos, que aparece anteposta à oração nuclear *serão convocados novos candidatos*. Em (08), é evidenciada a oração adverbial **caso** a medida fosse concretizada, posposta à oração nuclear *países árabes poderiam retaliar o país*. Quanto às intercaladas, vejamos o dado (30):

(30) [...] O público, a imprensa, todos querem ver atletas de seleção em campo. É positivo para a seleção brasileira? Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas, que é o ideal que aconteça, pode ser, mas **caso** não

venham os títulos, fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção - opinou. (GLOBOESPORTE)

O dado (30) ilustra uma situação em que há duas adverbiais condicionais em uma mesma sentença. A segunda adverbial, indicada pelo uso do *caso*, em destaque, aparece intercalada através do elemento adversativo *mas*. O dado será retomado de modo mais detalhado ao analisarmos parâmetros voltados à análise mais propriamente discursiva do uso da condicional e ao analisarmos, posteriormente, o uso do conector *se caso*, também presente na sentença.

No que se refere ao conector *se acaso*, os resultados alcançados, ao aplicarmos o parâmetro em questão, apontam que houve predominância da oração adverbial condicional em posição anteposta, com 5 ocorrências do total de 7 (71,43%), enquanto a posposição da oração adverbial condicional se fez presente em 2 ocorrências (28,57%) do total, não havendo ocorrências de orações adverbiais intercaladas. Voltemos à ocorrência (10) e vejamos a ocorrência (31):

(10) Atualmente o terceiro goleiro na preferência do ex-treinador corintiano, ele certamente não poderá enfrentar o Atlético-PR, na Arena da Baixada, na próxima quarta-feira, e o Avaí, em Itaquera, no dia 12, o domingo que sucede o Derby. Ainda é improvável que ele consiga chegar no Brasil a tempo para jogar contra o Fluminense, no dia 15, também na arena corintiana. “Estou contando que ele fique fora três jogos. **Se acaso** conseguir jogar contra o Fluminense, vai ser lucro”, comentou Carille, que fez questão de ter uma conversa particular com o camisa 12 para que ele não se sentisse “culpado” por deixar o restante do elenco justo no momento mais decisivo do torneio. (ESPN)

(31) Ele me mostrou a arma e disse: 'você vai comigo, se não eu vou matar todos da sua família aqui. Eu implorei pra ir lá dentro do hospital pegar minhas coisas e, de tanto implorar, ele deixou e disse ‘se você ligar pra polícia eu já paguei alguém pra terminar o serviço **se acaso** eu falhar’, relata a vítima no boletim de ocorrência. (G1)

O dado (10) evidencia a ocorrência da oração adverbial **Se acaso** conseguir jogar contra o Fluminense, que aparece anteposta à oração nuclear *vai ser lucro*. O dado (31) ilustra uma situação em que há duas adverbiais condicionais em uma mesma sentença. A primeira adverbial aparece encabeçada pelo conector *se*, *se você ligar pra polícia*, em posição anteposta à nuclear *eu já paguei alguém pra terminar o serviço*. A segunda adverbial aparece encabeçada pelo conector *se acaso*, **se acaso** eu falhar, posposta à oração nuclear *eu já paguei alguém pra terminar o serviço*.

Quanto ao *se caso*, através dos resultados dispostos na Tabela 03, verificamos a predominância da anteposição da oração adverbial construída com o conector condicional, com 80,85% das ocorrências, em relação à posposição, que corresponde a 14,90% das ocorrências e às intercaladas, com 4,25%. Quando comparamos a predominância de adverbiais introduzidas pelos conectores já apresentados com relação à posição anteposta, o conector *se caso* aparece na primeira posição, obtendo o conector *se* a segunda posição. Essa predominância quanto à ordem da oração adverbial também reforça a prototipicidade das condicionais, o que mais uma vez torna possível enquadrarmos o *se caso* na categoria dos conectores condicionais. Voltemos aos dados (12) e (13):

(12) "Desde 2011, depois com a edição dessa normatização pelo CNJ em 2013, nós já temos uma situação de direitos adquiridos, de segurança jurídica dessas pessoas. Então de uma hora para outra, se o Presidente da República tentar reverter essa situação, isso inevitavelmente será discutido pelo STF. E de que forma o Presidente pode fazer isso? Ingressar com um projeto de lei pra alterar o Código Civil, só que aí ele também terá que ter aprovação do Congresso Nacional. **Se caso** isso venha a ser aprovado, o Supremo com certeza vai ser chamado novamente para apreciar essa matéria." (G1)

(13) Ainda de acordo com o gerente, o corpo de Damião foi sepultado na mesma cova de seu pai, que morreu em 5 de outubro de 2014. "Só tinha a funerária aqui. Ninguém compareceu, nem da família nem amigo, **se caso** ele tivesse". (G1)

No dado (12), observamos que a oração encabeçada pelo *se* condicional **Se caso** *isso venha a ser aprovado* aparece em posição anteposta à oração nuclear *o Supremo com certeza vai ser chamado novamente para apreciar essa matéria*. No dado (13), diferentemente, a oração encabeçada pelo conector **se caso** *ele tivesse* é vista em posição posposta à oração nuclear *nem amigo compareceria*, cujo verbo *comparecer* está implícito, conforme já foi explicado ao aplicarmos o parâmetro anterior.

No que concerne às intercaladas, vejamos o dado (32):

(32) Sobre o rodízio não ter sido suspenso, Covas afirmou: "Ontem (13), durante a tarde, havia a expectativa de greve de ônibus, mas após, conversa com líderes sindicais, indicando que haveria somente protesto, então decidimos não suspender o rodízio". Covas disse ainda que a Prefeitura vai monitorar a situação durante o dia para decidir se suspende ou não o rodízio. "Estamos avaliando para, **se caso** for, suspender o rodízio no fim do dia". (G1)

No dado (32) notamos que a oração adverbial *se caso for (necessário)* aparece intercalada na oração nuclear *Estamos avaliando para suspender o rodízio no fim do*

dia, entre pausas, realizadas por meio de vírgulas, o que é consequência de uma maior mobilidade da adverbial dentro da sentença.

Com base nos resultados dispostos na tabela, verificamos a predominância da posposição da oração adverbial construída com o *se é que* condicional, com 62% das ocorrências, seguido da ordem intercalada, que corresponde a 34% das ocorrências e por fim, das antepostas, que representam apenas 4% das ocorrências. A sobreposição das orações adverbiais pospostas e das intercaladas e a quantidade pouco expressiva de adverbiais antepostas revelam um resultado inovador no que se refere ao comportamento prototípico dos conectores condicionais, o que se distancia, inclusive, da afirmação dos estudos funcionalistas que apontaram a anteposição da oração adverbial condicional como a mais frequente (NEVES, 2018). Apesar de alguns conectores, a exemplo do *caso*, também terem apresentado maior índice de orações adverbiais pospostas, o conector *se é que* evidencia uma expressividade maior das adverbiais na ordem posposta à oração nuclear, considerando a totalidade de ocorrências, além de apresentar quantidade mais significativa de orações adverbiais intercaladas em relação aos conectores analisados anteriormente, o que remete a uma maior complexidade sintática e semântica nos usos do conector *se é que*.

O dado (16) ilustra a oração adverbial condicional na posição posposta à oração nuclear:

- (16) O ministro Marco Aurélio Mello alerta que há jurisprudência na Suprema Corte para que, em casos como o que gerou o recurso que será julgado pelo plenário, se conceda o benefício da progressão do regime ao condenado quando não há estabelecimento próprio para o cumprimento da pena. “Não pode o condenado ficar num regime mais gravoso por deficiência do Estado. O sistema carcerário precisa ser revisto **se é que** se pretende de fato recuperar alguém”, salientou. (ESTADO DE MINAS)

No dado (16) notamos que a oração encabeçada pelo conector *se é que* *se pretende de fato recuperar alguém* é vista em posição posposta à oração nuclear *O sistema carcerário precisa ser revisto*. Através desse dado, assim como dos dados já mencionados, podemos perceber uma nítida tendência de que as orações adverbiais introduzidas pelos conectores condicionais em posição posposta sejam utilizadas sem a presença de sinal de pontuação indicador de pausa. Do mesmo modo, as orações adverbiais introduzidas pelos conectores condicionais em posição anteposta tendem a aparecer sucedidas por sinal de pontuação indicador de pausa. Essa constatação será

analisada de modo mais detalhado na seção seguinte, ao realizarmos o cruzamento dos parâmetros *existência ou não de pausa* e *ordem da oração adverbial*.

Vejamos algumas ocorrências que demonstram a oração adverbial introduzida pelo *se é que* em posição anteposta e intercalada, respectivamente:

(33) Sou assinante da Folha de São Paulo já faz muitos anos e adorava ler os seus artigos sensatos e inteligentes. Nossos sentimentos a todos que estão à sua volta. **Se é que** existe céu, que as portas estejam abertas em toda a sua dimensão!..... (FOLHA DE SÃO PAULO)

(34) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. Se elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, **se é que** estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, fortaleza existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

A ocorrência (33) ilustra uma situação em que a adverbial condicional introduzida pelo conector *se é que* aparece antes da oração nuclear, cujo conteúdo, conforme será visto mais adiante, remete a um desejo do usuário em relação a um fato ocorrido. A ocorrência (34), por sua vez, demonstra uma ocorrência do conector *se é que* em posição intercalada com o sujeito da oração nuclear *Sérgio Moro*.

Conforme ilustra a Tabela 03, notamos que os conectores condicionais *desde que*, *somente se*, *só se* e *a menos que* se apresentaram na oração adverbial em posição posposta à oração nuclear. Por sua vez, o conector *sem que* foi utilizado para introduzir uma oração adverbial em posição anteposta à oração nuclear. Retomemos algumas ocorrências para melhor visualizarmos:

(20)A justificativa de Henrique Limongi para negar os casamentos homoafetivos é de que a Justiça brasileira "prestigia a entidade familiar **desde que** composta por homem e mulher". Segundo a presidente da Comissão da Diversidade Sexual da OAB de Florianópolis, o parecer do promotor contraria uma decisão unânime de uma decisão do Supremo Tribunal Federal. (G1)

(21)A gravação foi mostrada ao diretor do Procon de São Carlos, Joner José Nery, que identificou a irregularidade. “A partir do momento em que o consumidor é forçado a comprar um produto ou obter vantagem nesse produto **somente se** ele adquirir outro. No caso, ele acaba recebendo a consulta gratuita **somente se** comprar os óculos. Essa é a chamada venda casada”, explicou. (G1)

- (22) “[...] Ele disse que ia me deixar livre **só se** eu fizesse tudo que mandasse, afirmou Luciana”. (G1)
- (23) [...] Mesmo que não estivessem bebendo ai no seria lugar para frequentar, **a menos que** em serviço efetuando uma prisão ou coisa que se asemelhe. tambem sou uma autoridade, viu. conheço a lei. (ALAGOAS 24 HORAS)
- (27) **Sem que** se respeitem a Constituição e as leis da República, a liberdade e os direitos básicos do cidadão restarão atingidos em sua essência pela opressão do arbítrio daqueles que insistem em transgredir os signos que consagram, em nosso sistema político, os princípios inerentes ao Estado democrático de Direito”. (CORREIO BRAZILIENSE)

Na ocorrência (20), observamos que o conector *desde que* encabeça a oração ***desde que*** composta por *homem e mulher*, que aparece em posição posposta à oração nuclear *a Justiça brasileira prestigia a entidade familiar*. Em (21), notamos que o conector *somente se* é utilizado pelo falante em dois momentos, ambos em posição posposta à oração nuclear. No primeiro momento, vemos a posposição da adverbial ***somente se*** *ele adquirir outro*, com a nuclear precedente *A partir do momento em que o consumidor é forçado a comprar um produto ou obter vantagem nesse produto*, para tratar da irregularidade identificada pelo diretor do Procon. No segundo momento, ao melhor esclarecer o que foi dito anteriormente, o diretor faz uso novamente do *somente se*, explicitado na oração adverbial ***somente se*** *comprar os óculos*, posposta à oração nuclear *ele acaba recebendo a consulta gratuita*.

Do mesmo modo, na ocorrência (22), a oração adverbial ***só se*** *eu fizesse tudo que mandasse*, introduzida pelo conector *só se*, é utilizada em posição posposta à oração nuclear *Ele disse que ia me deixar livre*. Em (23), a oração adverbial ***a menos que*** *em serviço efetuando uma prisão ou coisa que se asemelhe*, introduzida pelo conector *a menos que*, é utilizada em posição posposta à oração nuclear *ai no seria lugar para frequentar*.

Diferentemente, em (27) observamos que a oração adverbial ***Sem que*** *se respeitem a Constituição e as leis da República*, introduzida pelo conector *sem que*, é utilizada em posição anteposta à oração nuclear *a liberdade e os direitos básicos do cidadão restarão atingidos em sua essência*. Esses resultados reafirmam a tendência de que as orações adverbiais em posição anteposta encabeçadas pelos conectores condicionais sejam utilizadas acompanhadas de sinais de pontuação indicadores de pausa, ao passo que nas orações adverbiais em posição posposta encabeçadas pelos conectores condicionais não há a presença de sinais de pontuação indicadores de pausa. Para melhor analisarmos a correlação descrita, na seção seguinte realizamos o cruzamento dos parâmetros *existência ou não de pausa* e *ordem da oração adverbial*.

3.3 Cruzamento dos parâmetros *existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial*

Ao levarmos em conta a influência do parâmetro *existência ou não de pausa* em relação ao parâmetro *ordem da oração adverbial*, já que a indicação de pausa através de sinais de pontuação é mais recorrente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas (NEVES, 2018), além de constatarmos essa tendência a partir da aplicação dos parâmetros em questão, procedemos o cruzamento deles e obtivemos o resultado exposto na Tabela 04:

Tabela 04 – Cruzamento dos parâmetros *existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial*

Conectores condicionais	Parâmetro					
	Anteposta com pausa	Anteposta sem pausa	Posposta com pausa	Posposta sem pausa	Intercalada com pausa	Intercalada sem pausa
Se	66/80 (82%)	14/80 (18%)	10/16 (60%)	06/16 (40%)	05/05 (100%)	-
Se caso	60/76 (79%)	16/76 (21%)	01/14 (7%)	13/14 (93%)	04/04 (100%)	-
Se é que	02/02 (100%)	-	29/31 (94%)	02/31 (6%)	17/17 (100%)	-
Caso	10/10 (100%)	-	08/22 (36%)	14/22 (64%)	02/02 (100%)	-
Se acaso	05/05 (100%)	-	-	02/02 (100%)	-	-
Desde que	-	-	-	03/03 (100%)	-	-
Somente se	-	-	-	03/03 (100%)	-	-
Só se	-	-	01/02 (50%)	01/02 (50%)	-	-
Sem que	01/01 (100%)	-	-	-	-	-
A menos	-	-	01/01 (100%)	-	-	-
Que						

Fonte: elaboração própria

A Tabela 04 nos mostra que a existência de pausa prevaleceu nas ocorrências em que os conectores condicionais introduziram orações adverbiais antepostas. As situações em que as antepostas foram encabeçadas pelos conectores *caso*, *se acaso*, *se é que* e *sem que*, acompanharam sinais de pontuação indicadores de pausa. Já nas ocorrências em

que o *se* e o *se caso* introduziram orações adverbiais antepostas, observamos que 82% e 79% do total, respectivamente, foram utilizados acompanhados por sinais de pontuação indicadores de pausa. Essa comprovação evidencia que as condicionais aparecem, majoritariamente, em contextos em que se busca, a partir do uso de sinal de pontuação, recurso sintático e semântico, reforçar a focalização de uma informação, posta em posição anterior à oração nuclear.

A anteposição com pausa nas orações introduzidas pelo conector *caso* pode ser vista em (35):

- (35) [...] “O produto artesanal tem uma cota máxima a ser produzida. **Caso** passe essa cota, o processo muda e passa a ser serviço de inspeção estadual e não se enquadra mais no artesanal. A Adepará não está fazendo o registro de produtor artesanal para abate de animais e sim apenas para o produto”, explica. (G1)

A ocorrência (35) nos mostra uma situação em que a oração adverbial **Caso** *passasse essa cota*, introduzida pelo conector *caso* aparece em posição anteposta à oração nuclear, seguida de uma vírgula indicadora de pausa. Observamos que a condição expressa na oração retoma uma informação dita anteriormente, a cota máxima do produto artesanal a ser produzida, o que explica o uso da oração em posição anteposta seguida de vírgula. Em sequência, a informação apresentada na oração nuclear, marcada pelo uso da vírgula após a oração adverbial, explicita a consequência da superação da cota máxima estabelecida, isto é, *o processo muda e passa a ser serviço de inspeção estadual e não se enquadra mais no artesanal*.

Resgatemos os dados (09), (33) e (27) para visualizarmos situações em que verificamos orações adverbiais antepostas encabeçadas pelos conectores *se acaso*, *se é que* e *sem que*, respectivamente:

- (09) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. ‘Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer”, diz o áudio”. (G1)
- (27) *Votações expressivas do eleitorado não legitimam investidas contra a ordem político-jurídica fundada no texto da Constituição! **Sem que** se respeitem a Constituição e as leis da República, a liberdade e os direitos básicos do cidadão restarão atingidos em sua essência pela opressão do arbítrio daqueles que insistem em transgredir os signos que consagram, em nosso sistema político, os princípios inerentes ao Estado democrático de Direito”. (CORREIO BRAZILIENSE)*

- (33) Sou assinante da Folha de São Paulo já faz muitos anos e adorava ler os seus artigos sensatos e inteligentes. Nossos sentimentos a todos que estão à sua volta. **Se é que** existe céu, que as portas estejam abertas em toda a sua dimensão!..... (FOLHA DE SÃO PAULO)

Os dados (09) e (27) também justificam os usos das orações adverbiais condicionais em posição anteposta com a presença de sinal indicador de pausa ao retomarem uma informação mencionada anteriormente na sentença. Em (09), a adverbial **Se acaso a cirurgia vier a parar** retoma a informação de que as cirurgias e retornos de pacientes estão sendo realizadas, em (27), a adverbial **Sem que se respeitem a Constituição e as leis da República** retoma a informação de que *a ordem político-jurídica é fundada no texto da Constituição*. O uso da vírgula indicadora de pausa indica mobilidade sintática, possibilitando que as informações mencionadas nas orações nucleares sejam postas em posição anterior às adverbiais condicionais, embora a posição em que se encontram se justifica devido à intenção dos usuários de pôr em destaque as informações retomadas.

Em (33), diferentemente, observamos que a oração adverbial **Se é que existe céu** aparece em posição anteposta acompanhado de sinal indicador de pausa devido ao propósito do usuário de sinalizar realce a uma dúvida expressa, conforme explicaremos mais adiante, servindo, também, como uma espécie de ponto de apoio para o que se vai dizer em seguida (NEVES, 2018).

Conforme podemos visualizar na tabela, as orações introduzidas pelo *se é que* aparecem quase sempre em posição posposta, e quase sempre com pausa, o que diverge do que é esperado nos estudos gramaticais, incluindo os tradicionais, já que a posposição sem pausa é aparentemente mais aceita, considerando, inclusive a interferência do monitoramento realizado por parte do usuário da língua. Percebe-se, desse modo, que o referido conectivo, no cruzamento desses parâmetros, está se comportando diferente do mais esperado para a categoria, o que reitera seus usos inovadores em relação à condicionalidade estabelecida pelos outros conectores analisados.

Para explicar a prevalência da anteposição com pausa nos resultados obtidos, quanto aos usos dos conectores *se* e *se caso*, voltemos aos dados (01) e (14):

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta,

poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

- (14) Nunca deixem de fazer algo por vergonha, por medo do que vão pensar, medo se o boy não vai querer mais, medo se os amigos vão se afastar, **se caso** isso acontecer é pq nenhum merecia vocês ao lado deles, sei que esse é o medo. (PARAÍBA ONLINE)

Em (01), constatamos que a condição expressa na oração adverbial retoma algo anteriormente dito na sentença, referente ao atleta Ricardo Oliveira. A retomada de um elemento ou de uma informação presente na sentença ocorre comumente quando se faz uso da anteposição com pausa. A informação apresentada na oração nuclear, marcada pelo uso da vírgula após a oração adverbial, remete a uma ação passível de ser exercida por qualquer outro atleta que não fosse o referido. Desse modo, a pontuação funciona como um operador sintático e semântico, consubstancial à produção escrita do texto (DAHLET, 2006). O mesmo pode ser visto em (14), ao percebermos que a condição evidenciada em posição anteposta à oração nuclear retoma a informação de um possível afastamento do namorado ou dos amigos.

Através dos resultados obtidos na Tabela 04, podemos visualizar que as ocorrências de orações intercaladas identificadas, introduzidas pelos conectores *se*, *caso*, *se caso* e *se é que*, foram utilizadas, em sua totalidade, seguidas de sinais de pontuação indicadores de pausa. Vejamos as ocorrências (28), (30), (32) e (34):

- (28) [...] Tem outro fenômeno menos conhecido, mas igualmente importante: quando a grávida está desnutrida ocorrem adaptações fisiológicas que deixam a criança com mais risco de obesidade quando adultos. Além disso, a criança que nasce com baixo peso, **se** consegue sobreviver, terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta”, explicou Ana Kepple. (G1)
- (30) [...] O público, a imprensa, todos querem ver atletas de seleção em campo. É positivo para a seleção brasileira? Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas, que é o ideal que aconteça, pode ser, mas **caso** não venham os títulos, fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção - opinou. (GLOBOESPORTE)
- (32) Sobre o rodízio não ter sido suspenso, Covas afirmou: “Ontem (13), durante a tarde, havia a expectativa de greve de ônibus, mas após, conversa com líderes sindicais, indicando que haveria somente protesto, então decidimos não suspender o rodízio”. Covas disse ainda que a Prefeitura vai monitorar a situação durante o dia para decidir se suspende ou não o rodízio. “Estamos avaliando para, **se caso** for, suspender o rodízio no fim do dia”. (G1)

- (34) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. Se elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, **se é que** estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Como podemos visualizar, nas ocorrências (28), (30), (32) e (34) as orações adverbiais condicionais aparecem intercaladas às orações nucleares, sinalizadas por vírgulas indicadoras de pausa. Esse fato pode ser justificado devido à sua maior complexidade sintática e semântica, ao se interpor à oração nuclear, permitindo, também, maior mobilidade da adverbial dentro da sentença. Em (28) e (34), notamos que as condicionais aparecem intercaladas subsequentes aos sujeitos das orações nucleares, a fim de que ganhassem destaque eventuais dúvidas relacionadas a eles, isto é, em (28), *conseguir sobreviver*, em (34), *fazer algo*. Em (30), a oração intercalada contribui para a relação condicional com valor opositivo estabelecida com a situação mencionada anteriormente como ideal. Na ocorrência (32), a oração intercalada decorre do destaque que se quer dar ao ato de avaliar, decorrente de uma eventual necessidade da prefeitura, do que propriamente o que está sendo avaliado.

O fato de nas orações adverbiais condicionais intercaladas a existência de pausa ser categórica sinaliza os contextos em que os itens condicionais são utilizados, isto é, mais complexos estruturalmente, já que aumenta a mobilidade das informações na sentença, havendo um maior distanciamento entre a condicional e a informação veiculada na oração nuclear. Além disso, percebemos que as condicionais em posição intercalada podem expressar de modo mais evidente outros valores semânticos, como o opositivo e o adendo, ao funcionarem como um desdobramento de uma informação ou ao fazerem objeção sobre informação que está sendo veiculada, sinalizando contextos com maior complexidade cognitiva.

No que concerne às ocorrências em que os conectores condicionais introduziram orações adverbiais pospostas, a Tabela 04 nos mostra que houve prevalência de adverbiais precedidas de sinais de indicação marcadores de pausa apenas quando encabeçadas pelos conectores *se* e *se é que*, representando, respectivamente, 60% e 94% das ocorrências. Vejamos as ocorrências (03), (05), (16), (18) e (36), que ilustram

orações pospostas encabeçadas pelos referidos conectores, com e sem a presença de sinal indicador de pausa:

- (03) A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. Pode ser na manicure, pelo alicate de unha, por exemplo, ou na hora de colocar um piercing, **se** os instrumentos não estiverem esterilizados. “E eu tenho tatuagem também, e aí acho que foi um dos motivos também de eu querer saber se caso estou contaminado ou não”, conta o ator Felipe Tavares. (G1)
- (05) O médico e professor adjunto de Nefrologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Edison Régio, entrevistado pelo Repórter SUS, explica em mais detalhes: “No caso do [transplante de] rim, o paciente perde o enxerto e volta para a máquina [hemodiálise]. É terrível. No caso do coração, fígado e pulmões, o paciente morre **se** faltar a medicação imunossupressora”. (BRASIL DE FATO)
- (16) O ministro Marco Aurélio Mello alerta que há jurisprudência na Suprema Corte para que, em casos como o que gerou o recurso que será julgado pelo plenário, se conceda o benefício da progressão do regime ao condenado quando não há estabelecimento próprio para o cumprimento da pena. “Não pode o condenado ficar num regime mais gravoso por deficiência do Estado. O sistema carcerário precisa ser revisto **se é que** se pretende de fato recuperar alguém”, salientou. (ESTADO DE MINAS)
- (18) “Há muito medo de violência por parte do Bolsonaro. Você vê que o filho dele chegou a gravar uma notícia, um pensamento – **se é que** pode chamar assim o jeito o que eles falam. A coisa é tão impressionante – não sei se a pessoa pensou para falar – mas diz que prender, fechar o Supremo Tribunal Federal é coisa de... se eles desafiarem o Poder Executivo, mandariam um cabo e um soldado... um cabo e um soldado, nem de jipe precisariam... e uma pessoa que fala isso, não sei se pensa para falar. Mas se nem um ministro do Supremo hoje está a salvo, você imagina o policial federal que discorda”, disse Haddad. (G1)
- (36) Esse trabalho de coleta seletiva de lixo deve ser feito por toda a população **se é que** a população quer buscar reduzir a poluição. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO).

No dado (03), está presente uma ocorrência de oração adverbial posposta com pausa, cuja independência sintática marcada pelo uso da vírgula, já constatada, é maior quando comparada com a ocorrência (05), em que há uma oração adverbial posposta sem pausa, cujo elemento verbal *morre*, presente na oração nuclear, está diretamente relacionado à condição explicitada na adverbial.

No dado (16), visualizamos uma ocorrência em que há uma oração adverbial posposta sem pausa, estando a informação *pretende de fato recuperar alguém* intrinsecamente relacionada à informação presente na oração nuclear de que *o sistema*

carcerário precisa ser revisto. Expressa, dessa forma, uma dúvida que só pode ser alcançada em havendo revisão do sistema carcerário. O mesmo ocorre no dado (36), a seguir, que apresenta a outra ocorrência do *se é que* em posição posposta sem a presença de sinal de pontuação indicador de pausa. No dado, notamos que a informação condicional *se é que a população quer buscar reduzir a poluição* está intrinsecamente relacionada à informação presente na oração nuclear de que *Esse trabalho de coleta seletiva de lixo deve ser feito por toda a população*, estabelecendo uma relação de dúvida.

No dado (18), por sua vez, está presente uma ocorrência de oração adverbial posposta com pausa, cuja independência sintática é marcada pelo uso do travessão, por se tratar de um desdobramento do que foi dito anteriormente, isto é, um pensamento, em que o usuário manifesta uma opinião de modo a deixar implícito que não concorda que seja chamado de pensamento.

Notamos que em (16) e em (36) os usos do *se é que* expressam menos ironia e mais condição que o uso do conector explicitado em (18), que reforça um viés mais irônico, evidenciado, inclusive, através do uso do travessão para indicar pausa.

A constatação da prevalência de sinais de pontuação marcadores de pausa nas orações introduzidas pelo conector *se*, tanto em posição anteposta, quanto em posição posposta, além do fato de obtermos intercaladas somente com pausa, também retoma a evidência de que a precedência ou sucessão de sinal de pontuação indicador de pausa proporciona um maior distanciamento entre a condicional e a informação presente na oração nuclear, devido ao fato de que podem ser colocadas em diferentes pontos da escala da sentença (CASTILHO, 2010).

Outra constatação que merece destaque é a de que os resultados evidenciados pelas orações introduzidas pelo conector *se é que* se aproximaram dos resultados evidenciados nas orações introduzidas pelo conector *se*, considerando que houve a prevalência de sinais de pontuação marcadores de pausa em posição anteposta e posposta, e o uso categórico de sinais de pontuação marcadores de pausa em posição intercalada. Essa constatação ratifica a possibilidade de maior distanciamento entre a condicional encabeçada pelo *se é que* e a informação presente na oração nuclear, viabilizando sua colocação em diferentes pontos da escala da sentença. Além disso, percebemos que as orações encabeçadas por ambos os conectores ocorrem em contextos semelhantes no que diz respeito à necessidade de atribuir maior realce à informação contida na oração adverbial, através do uso de sinal de pontuação marcador de pausa, independente de ser uma informação velha ou nova.

No caso das orações introduzidas pelo *se*, a presença de sinal de pontuação nas posições anteposta, posposta e intercalada ocorre em contextos que viabilizam expressar, além do valor condicional, os valores de avaliação, de retomada/adendo e de realce, o que pode explicar essa prevalência. Em relação às orações introduzidas pelo *se é que*, a presença de sinal de pontuação nas posições anteposta, posposta e intercalada funciona não apenas para expressar estes valores semânticos, mas, principalmente, serve de estratégia comunicativa para constituir diferentes motivações cognitivas e interacionais, como ressaltar uma dúvida maior quanto à eventualidade expressa ou atribuir um caráter irônico em relação à informação veiculada na oração nuclear. Essas diferentes motivações cognitivas e interacionais podem explicar, também, a maior diversidade de sinais de pontuação indicadores de pausa em orações pospostas encabeçadas pelo *se é que*, a exemplo do travessão, dos parênteses e do ponto final, ao apontarem um corte perceptível no fluxo textual, contribuindo com a composição discursiva.

Ao mesmo tempo, notamos que houve uma distinção quando visualizados os resultados evidenciados nas orações introduzidas pelos demais conectores, comprovada a prevalência ou o uso categórico de orações em posição anteposta e intercalada com a presença de sinais de pontuação marcadores de pausa, e a prevalência ou o uso categórico de orações pospostas sem a presença de sinais de pontuação marcadores de pausa. Essa constatação pode ser explicada levando em conta que os referidos conectores, ao encabeçarem as orações condicionais, revelam contextos em posição anteposta com pausa para focalizar uma informação considerada mais relevante, tendo sido mais comuns até mesmo em situações em que pode haver menor domínio do registro padrão.

Em contrapartida, os conectores, ao encabeçarem as orações condicionais em posição posposta sem sinal de pontuação marcador de pausa, evidenciam de maneira mais recorrente contextos em que é mais comum o menor domínio do registro padrão (no gênero comentário de leitor ou quando se trata da recuperação da fala de outrem, realizada pelo enunciador). Além disso, revelam contextos com menor mobilidade da adverbial na sentença e maior dependência semântica, perceptível ao expressarem valores como o de restrição e o de consequência, que serão explicados de modo mais consistente na seção seguinte.

Apesar de os resultados obtidos sobre os usos do conector *se é que* no que se refere ao cruzamento dos parâmetros 1 e 2 terem apontado divergências, quando consideramos o que é tido como mais prototípico nas orações condicionais, eles nos mostraram uma preponderância das ocorrências do conector no *corpus* de pesquisa, em

quase que sua totalidade, com a existência de pausa. Esses resultados corroboram os estudos funcionalistas até então desenvolvidos ao atestarem ser mais prototípico o uso de conectores condicionais que apresentam pausa do que aqueles que não apresentam, marcando um traço característico das orações hipotáticas, com maior grau de independência sintática entre as orações, e dependência semântica (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Em se tratando das orações adverbiais introduzidas pelos conectores *caso* e *se caso*, observamos, de acordo com a Tabela 04, a predominância da ordem posposta sem a presença de sinais de pontuação indicadores de pausa, representando, respectivamente, 64% e 93% das ocorrências. Voltemos às ocorrências (08), (13) e (15), e vejamos a ocorrência (37), que ilustram os casos em que as orações pospostas introduzidas pelos conectores acompanham ou não sinal de pontuação indicador de pausa:

- (08) Em novembro, após declarações de Bolsonaro sobre a mudança da embaixada, surgiram comentários na política internacional de que países árabes, grandes importadores de carne do Brasil, poderiam retaliar o país **caso** a medida fosse concretizada. (G1)
- (37) Para o Defensor Público do Estado de Rondônia (DPE-RO), Bruno Balbé, os pais podem procurar os meios legais para ter acompanhante, **caso** a instituição se negue. "Os pais podem estar procurando a Defensoria Pública ou um advogado. Na DPE, o defensor encaminhará um ofício à maternidade solicitando o direito da gestante de ter um acompanhante. (G1)
- (13) Ainda de acordo com o gerente, o corpo de Damião foi sepultado na mesma cova de seu pai, que morreu em 5 de outubro de 2014. "Só tinha a funerária aqui. Ninguém compareceu, nem da família nem amigo, **se caso** ele tivesse". (G1)
- (15) Durante a Audiência Pública, o presidente da Câmara, Roni Medeiros reiterou a importância de somar forças com o poder público em prol da Unimed Petrópolis. "Essa casa legislativa estará engajada para ajudar a Unimed e sabemos dos impactos que poderia gerar na cidade **se caso** ocorresse uma migração do atendimento dos clientes para ao SUS. Precisamos dar condições para a empresa se recuperar e assim manter os seus bons resultados, a geração de empregos e a qualidade na assistência da nossa população", disse. (DIÁRIO DE PETRÓPOLIS)

Nas ocorrências (08) e (37) podemos visualizar situações em que a oração adverbial encabeçada pelo conector *caso* é utilizada posposta à nuclear, estando a primeira sem pontuação indicadora de pausa, e a segunda com vírgula indicadora de pausa precedente ao conector. Notamos que em (08), a ausência de vírgula contribui para que a informação **caso a medida fosse concretizada** estabeleça uma estreita ligação

com a informação presente na oração nuclear de que países árabes *poderiam retaliar o país*, sendo esta consequência que só se materializará se a ação evidenciada na oração condicional for efetuada.

Em (37), por sua vez, notamos que a presença de vírgula precedente ao conector na oração **caso** *a instituição se negue* possibilita maior independência com a informação presente na oração nuclear *os pais podem procurar os meios legais para ter acompanhante*. Podemos afirmar que a ação dos pais procurarem meios legais para terem acompanhante não necessariamente será uma consequência restrita ao ato de a instituição se negar, mas pode ser uma consequência para outras hipóteses que não foram explicitadas na ocorrência, por não condizerem com o assunto que estava sendo discutido na matéria.

A ocorrência (13) aponta que a vírgula precedente ao conector *se caso* na oração adverbial posposta, possibilita que a oração nuclear *que também não compareceria*, desdobramento de *nem amigo*, fique implícita, sem prejudicar a compreensão do que o gerente quis informar: *Ninguém compareceu, nem da família nem amigo, (que também não compareceria), se caso ele tivesse*. A ocorrência (15), assim como visto em (08), evidencia, devido à ausência de sinal de pontuação indicador de pausa, uma estreita ligação entre a informação condicional **se caso** *ocorresse uma migração do atendimento dos clientes para ao SUS*, e a informação presente na oração nuclear *impactos que poderia gerar na cidade*, sendo os impactos consequências restritas à *migração do atendimento dos clientes para o SUS*.

No que diz respeito aos usos do conector *só se*, conforme resumido na Tabela 04, foi identificada uma ocorrência do conector introduzindo oração adverbial posposta à oração nuclear com a presença de sinal de pontuação indicador de pausa e uma ocorrência do conector encabeçando oração adverbial em posição posposta à nuclear sem a presença de sinal de pontuação indicador de pausa. Resgatemos os dados (24) e (25):

(24) *Geraldo Luiz Barbosa*

21 de março de 2019 em 12:24

Duvido muito q isso aconteça , e só o sindicato mudar a forma de votação , sim pela proposta da empresa ou greve,não dando outras alternativas de escolha,pois já sabem q os trabalhadores da csn não é de fazer greve,resultado o sim vence. E é só pegar o seu salário q hoje em media é de nc\$1400,00, igual ao ajudante da construção civil ,e ver quanto vai receber de ppr por essa porcentagem

Tu....

22 de março de 2019 em 06:12

1.400? **Só se** for contando o Ticket... Kkkkkkk (DIÁRIO DO VALE)

- (25) “[...] Ele disse que ia me deixar livre **só se** eu fizesse tudo que mandasse, afirmou Luciana”. (G1)

Como já mencionado, o dado (24) explicita uma ocorrência do conector *só se* que necessita de uma recuperação do contexto a partir da fala do interlocutor para que seu uso seja compreendido e o propósito comunicativo seja alcançado. Ao ativarmos o contexto, notamos que a oração adverbial *Só se for contando o Ticket* é posposta à oração nuclear acompanhada de sinal de pontuação interrogativo *O valor do salário é 1.400?*. Em (25), observamos que o *só se*, na oração adverbial *só se eu fizesse tudo que mandasse*, aparece em posição posposta à nuclear *ia me deixar livre*, sem a presença de sinal de pontuação indicador de pausa. A ausência de sinal de pontuação, além do item *só*, contribui para estabelecer uma estreita relação entre as informações presentes nas orações, sendo a nuclear *me deixar* consequência da ação *fazer tudo que mandasse*.

Quanto às ocorrências dos conectores *se acaso*, *somente se* e *desde que*, de acordo com a Tabela 04, as adverbiais encabeçadas pelos referidos conectores em posição posposta à oração nuclear, em sua totalidade, não apresentaram sinais de pontuação indicadores de pausa. Resgatemos os dados (31), (20) e (22):

- (31) Ele me mostrou a arma e disse: 'você vai comigo, se não eu vou matar todos da sua família aqui. Eu implorei pra ir lá dentro do hospital pegar minhas coisas e, de tanto implorar, ele deixou e disse 'se você ligar pra polícia eu já paguei alguém pra terminar o serviço **se acaso** eu falhar', relata a vítima no boletim de ocorrência. (G1)
- (20) A justificativa de Henrique Limongi para negar os casamentos homoafetivos é de que a Justiça brasileira "prestigia a entidade familiar **desde que** composta por homem e mulher". Segundo a presidente da Comissão da Diversidade Sexual da OAB de Florianópolis, o parecer do promotor contraria uma decisão unânime de uma decisão do Supremo Tribunal Federal. (G1)
- (22) A gravação foi mostrada ao diretor do Procon de São Carlos, Joner José Nery, que identificou a irregularidade. “A partir do momento em que o consumidor é forçado a comprar um produto ou obter vantagem nesse produto **somente se** ele adquirir outro. No caso, ele acaba recebendo a consulta gratuita **somente se** comprar os óculos. Essa é a chamada venda casada”, explicou. (G1)

Os dados (31), (20) e (22) revelam o mesmo processo visto nos usos dos conectores condicionais anteriormente mencionados quanto às orações adverbiais

pospostas sem a presença de sinais de pontuação indicadores de pausa. Em (31), notamos que a oração adverbial **se acaso eu falhar** estabelece uma estreita relação com a oração nuclear *paguei alguém pra terminar o serviço*, de modo que a condicional denota também causa para a consequência *terminar o serviço*. No dado (20), observamos uma relação restritiva estabelecida pela adverbial condicional **desde que composta por homem e mulher** com a informação contida na oração nuclear *a Justiça brasileira prestigia a entidade familiar*. Em (22), também observamos uma relação de restrição estabelecida pela condicional **somente se ele adquirir outro** com a informação presente na oração nuclear *o consumidor é forçado a comprar um produto ou obter vantagem nesse produto*, e pela condicional **somente se comprar os óculos** com a informação com a informação veiculada pela oração nuclear *ele acaba recebendo a consulta gratuita*.

Como sabemos, a ordem das adverbiais também determina o estatuto de informação apresentado por elas (NEVES, 2018). Embora esse fenômeno tenha sido percebido em algumas ocorrências apresentadas, requer uma análise mais aprofundada. Dessa forma, o estatuto informacional é elencado como o próximo parâmetro a ser analisado, de modo a comprovarmos suas variações.

3.4 Estatuto informacional

Os dados analisados comprovaram que há uma tendência de que as antepostas conduzam informações velhas, enquanto que as pospostas e as intercaladas veiculem informações novas, conforme os resultados obtidos na Tabela 05:

Tabela 05 – Cruzamento dos parâmetros *estatuto informacional e ordem da oração adverbial*

Conectores condicionais	Parâmetro					
	Anteposta		Posposta		Intercalada	
	Com informação velha	Com informação nova	Com informação velha	Com informação nova	Com informação velha	Com informação nova
Se	80/80 (100%)	-	05/16 (31%)	11/16 (69%)	-	05/05 (100%)
Se caso	62/76 (82%)	14/76 (18%)	06/14 (43%)	08/14 (57%)	-	04/04 (100%)
Se é que	-	02/02 (100%)	31/31 (100%)	-	-	17/17 (100%)
Caso	10/10 (100%)	-	09/22 (41%)	13/22 (59%)	02/02 (100%)	-
Se acaso	05/05 (100%)	-	02/02 (100%)	-	-	-
Desde que	-	-	-	03/03 (100%)	-	-
Somente se	-	-	-	03/03 (100%)	-	-
Só se	-	-	01/02 (50%)	01/02 (50%)	-	-
Sem que	01/01 (100%)	-	-	-	-	-
A menos que	-	-	01/01 (100%)	-	-	-

Fonte: elaboração própria

De acordo com a Tabela 05, os dados analisados evidenciaram a ocorrência de informações velhas introduzidas por meio das orações condicionais antepostas à oração nuclear, em sua totalidade, nos usos dos conectores *se*, *caso*, *se acaso* e *sem que*, e de forma majoritária nos usos do conector *se caso*, correspondendo a 82% do total. Esse resultado condiz com a afirmação feita por Neves (2018) de que é mais prototípica a oração condicional que aparece na ordem anteposta à oração nuclear, a veiculação de uma informação velha. Em contrapartida, apesar de as orações condicionais pospostas à nuclear expressarem informações novas na maioria das ocorrências introduzidas pelos conectores *se*, *caso* e *se caso* (69%, 59% e 57%, respectivamente), houve uma totalidade de ocorrências de orações pospostas que introduziram informação velha nos usos dos conectores *se é que* e *se acaso*.

No que concerne às orações intercaladas, observamos que as introduzidas pelos conectores *se*, *se caso* e *se é que*, expressaram, em sua totalidade, informações novas, enquanto que as introduzidas pelo conector *caso* expressaram, em sua totalidade, informações velhas. Assim como ocorre nas orações pospostas, a tendência é de que as orações intercaladas mencionem uma informação pela primeira vez, isto é, uma informação nova, que ainda não estava ativada na consciência do leitor/ouvinte (CHAFE, 1976). No entanto, notamos que alguns itens apresentaram divergências quanto a essa relação prototípica entre a ordem da oração e o estatuto informacional. Recuperemos os dados (01), (07), (10), (27) e (33), e observemos os dados (38) e (39), que evidenciam orações condicionais antepostas veiculando informações velhas e orações condicionais antepostas veiculando informações novas:

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)
- (07) Segundo José Carlos Gadelha, coordenador de Habitação, essas pessoas tem até o dia 10 deste mês para comparecerem na Sede do Tudo Aqui no Centro da capital, se caso perderem todos os prazos o beneficiário perderá seu benefício junto ao programa Minha Casa Minha Vida. “**Caso** o beneficiado perca todos os prazos, serão convocados novos candidatos, seguindo a ordem de prioridade estabelecida pelo Governo de Rondônia, obedecendo aos grupos prioritários”, explicou José Gadelha. (DIÁRIO DA AMAZONIA)
- (27) *Votações expressivas do eleitorado não legitimam investidas contra a ordem político-jurídica fundada no texto da Constituição! Sem que* se respeitem a Constituição e as leis da República, a liberdade e os direitos básicos do cidadão restarão atingidos em sua essência pela opressão do arbítrio daqueles que insistem em transgredir os signos que consagram, em nosso sistema político, os princípios inerentes ao Estado democrático de Direito”. (CORREIO BRAZILIENSE)
- (33) Sou assinante da Folha de São Paulo já faz muitos anos e adorava ler os seus artigos sensatos e inteligentes. Nossos sentimentos a todos que estão à sua volta. **Se é que** existe céu, que as portas estejam abertas em toda a sua dimensão!..... (FOLHA DE SÃO PAULO)
- (38) [...] Rodrigo Santana, então, explicou como o Atlético se posicionou taticamente após a mudança - embora esse cenário tenha durado apenas dois minutos. “[...] A gente viu que naquele momento o São Paulo poderia baixar as linhas, e a gente colocar duas referências lá para tirar a sobra. E alçar bola

na área, mas com dois jogadores de marcação ali para ganhar essa segunda bola, porque **se caso** o São Paulo contra-atacasse, tenho certeza que se o Cazares ficasse para marcar, tenho certeza que a gente ficaria mais vulnerável”, completou. (SUPERESPORTES)

- (39)A área com maior risco acidentes é a construção civil, com 1.440 acidentes no mesmo ano. O técnico em segurança do trabalho, Marcos Adalberto Tolberth, explica que o capacete, o cinto de segurança e a linha de sustentação do cinto são fundamentais em qualquer obra. “**Se caso** a laje quebrar, o trabalhador está ancorado nessa linha e assim evita o acidente”, diz. (G1)

No dado (01), a oração adverbial introduzida pelo conector *se* indica uma informação que não é nova, já que é decorrente de ideias que haviam sido expressas pelo treinador Santana em relação à determinação de treinamento do atleta Ricardo Oliveira. Do mesmo modo, no dado (07), vemos uma informação velha sendo retomada na oração adverbial introduzida pelo conector *caso*, uma vez que *Caso o beneficiado perca todos os prazos* está retomando a informação do prazo divulgado pelo coordenador de Habitação de que *as pessoas tem até o dia 10 deste mês para comparecerem na Sede do Tudo Aqui no Centro da capital*.

Em (27), notamos que o conector *sem que* indica sentido privativo, ao retomar uma informação velha. A informação retomada na oração constitui um correspondente negativo da implicação gerada na fala do ministro Celso de Mello: *se não forem respeitadas a Constituição e as leis da República, a liberdade e os direitos básicos do cidadão restarão atingidos em sua essência pela opressão do arbítrio daqueles que insistem em transgredir os signos que consagram, em nosso sistema político, os princípios inerentes ao Estado democrático de Direito*. O uso do conector condicional é construído a partir de uma hipótese delimitada para a realização do evento apresentado na oração principal.

Diferentemente, no dado (33), observamos uma ocorrência do *se é que* introduzindo na oração adverbial anteposta uma informação nova, para remeter a um desejo do leitor/comentarista em relação ao falecimento de um dos escritores do jornal. A informação nova expressa uma dúvida do leitor/comentarista, a de que exista céu (local para onde os cristãos acreditam que os mortos vão) que, se concretizada, atende ao desejo de *que as portas estejam abertas em toda a sua dimensão* para receber o escritor. Essa ocorrência se justifica pelo fato de que o usuário busca dar destaque à informação que expressa dúvida e, ao mesmo tempo, requer do leitor maior esforço cognitivo, ao mencionar uma informação que não havia sido dada anteriormente, quer seja por meio de retomada, quer seja pelo processo de inferência.

Os dados (38) e (39) evidenciam ocorrências de orações antepostas introduzidas pelo *se caso*. Em (38), a oração adverbial anteposta indica uma informação que não é nova, já que é decorrente de ideias que vinham sendo desenvolvidas na sentença por Rodrigo Santana em relação às táticas utilizadas durante o jogo que ocorreu, indicado através do uso de expressões indicativas de certeza, a exemplo do *tenho certeza*, presente na oração *nuclear tenho certeza que a gente ficaria mais vulnerável*. Em (39), podemos notar uma informação nova introduzida através de uma hipótese de a laje quebrar, mencionada pelo técnico em segurança do trabalho Marcos Adalberto Tolberht. Se isso ocorrer, de acordo com o técnico, o trabalhador poderá ter um acidente evitado devido ao uso da linha de sustentação.

A fim de que analisemos os usos das orações condicionais pospostas introduzidas pelos conectores *se*, *caso* e *se caso*, com a veiculação de informações velhas ou a veiculação de informações novas, retomemos a ocorrência (05) e vejamos as ocorrências (40), (41), (42), (43) e (44), a seguir:

- (05) O médico e professor adjunto de Nefrologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Edison Régio, entrevistado pelo Repórter SUS, explica em mais detalhes: "No caso do [transplante de] rim, o paciente perde o enxerto e volta para a máquina [hemodiálise]. É terrível. No caso do coração, fígado e pulmões, o paciente morre **se** faltar a medicação imunossupressora". (BRASIL DE FATO)
- (40) Em outra ótica da cidade, dois agravantes. A consulta é feita na própria loja, o que também é proibido. "Ele atende aqui e não é cobrada a consulta, é cobrada a parte de lente e armação **se** a pessoa for fazer", afirmou a vendedora. (G1)
- (41) Segundo Padin, a diplomação é um documento que atesta o resultado das urnas e "marca o fim da eleição e o início dos novos mandatos". "A cerimônia da diplomação, embora singela, coroa o ciclo da eleição, o candidato fica habilitado a exercer o cargo para o que foi eleito", disse ele. "É um momento de alegria e comemoração, representando a escolha e a soberania popular", salientou. Os eleitos, contudo, podem perder o cargo **caso** haja algum recurso contra a diplomação ou impugnação de mandato por abuso de autoridade ou abuso de poder econômico (CLICK PB).
- (42) Normalmente nos contratos de locação de imóveis o proprietário exige a responsabilidade do fiador até a efetiva devolução das chaves. Logo, vincula-se as obrigações que fluírem após a renovação do contrato. [...] Ao afiançar o locatário, o fiador assume pessoalmente a obrigação de solver a dívida do afiançado, **caso** ele não a honre a tempo e hora. (G1)
- (43) O morador contou que entrou em contato com a empresa para alertar dos perigos na região, mas não obteve resposta. - Liguei para a OI porque é um

risco para muitas pessoas, mas quando liguei me falaram que só poderiam mexer **se caso** ocorresse alguma coisa na minha residência. Quis prestar um serviço, mas não consegui contato, aquele trecho é apertado, tem pouco espaço para os pedestres e a qualquer momento alguém pode cair, já colocamos galhos pedaços de pau para chamar a atenção, mas não é o suficiente. E como a noite a iluminação é precária dobram os riscos, – falou. (DIÁRIO DE PETRÓPOLIS)

- (44) A moradora e funcionária pública, Leili Magna, afirma que o parque com o passar do tempo foi ficando perigoso para quem mora no setor. “Aqui é complicado, aqui tem sempre usuário de drogas, durante o dia ou a noite. Já teve estupro e uma mulher já foi roubada no parque. Há muitos anos atrás funcionava um parquinho, era um ponto de lazer interessante e seria bem melhor **se caso** voltasse a funcionar”, afirma a moradora. (G1)

Na ocorrência (05), observamos que a oração posposta introduzida pelo conector *se* veicula uma informação nova, já que a oração adverbial aponta que a falta de medicamento imunossupressor é causa da morte do paciente, conforme fala do médico Édison Régis. Como demonstrado na ocorrência, as informações que expressam causa podem ser novas, ao passo que as informações que expressam consequência, a rigor, não são novas. Diferentemente, na ocorrência (40), a oração posposta introduzida pelo *se* veicula uma informação velha, ao retomar a situação em que a pessoa faz a consulta. Além de retomar a informação dita anteriormente, o usuário restringe a situação, de modo que o leitor entenda que só em havendo consulta, é que será cobrado apenas o valor das lentes e da armação, o que explica a ordem da oração condicional.

Em (41) e (42), visualizamos ocorrências de orações pospostas introduzidas pelo conector *caso*. Na ocorrência (41), a adverbial apresenta uma informação nova, isto é, mencionada pela primeira vez na enunciação, sobre uma possível causa de perda do cargo, a existência de *algum recurso contra a diplomação ou impugnação de mandato por abuso de autoridade ou abuso de poder econômico*. Já em (42), a oração posposta introduzida pelo *caso* veicula uma informação velha, ao retomar a situação em que o locatário não cumpre sua obrigação contratual, reforçando o vínculo existente entre o fiador e o locatário.

As ocorrências (43) e (44) evidenciam orações pospostas introduzidas pelo conector *se caso*. Na ocorrência (43), percebemos que a oração condicional veicula uma informação nova, a condição de ocorrer alguma coisa na residência do morador. Essa condição expressa uma restrição, já que a empresa Oi responde ao morador que só poderia mexer na fiação se ocorresse algum problema relacionado na residência do

morador. O valor de restrição é reforçado pelo uso do item adverbial *só*, que aparece na oração nuclear. Em (44), diferentemente, estamos diante de uma ocorrência em que a oração posposta introduzida pelo *se caso* indica uma informação velha, ao retomar o local de lazer *parquinho*, que na opinião da moradora se voltasse a funcionar, seria bem melhor, já que diminuiria o perigo na região. A veiculação dessa informação em posição posposta pode ser explicada pelo fato de que o conector *se caso* também exerce uma função de complemento: *seria bem melhor que voltasse a funcionar*.

Considerando que as orações pospostas encabeçadas pelos conectores *se acaso*, *a menos que* e *se é que* veicularam, em sua totalidade, informações velhas, resgatemos os dados (11), (26) e (19), para melhor visualizarmos o cenário:

(11) Brecht provoca o leitor, procura fazer com que este se veja como um mero coadjuvante do sistema econômico e político capitalista. Não por acaso, cita Marx ironicamente: “Antes de mais nada, os peixinhos deveriam evitar toda a inclinação materialista, egoísta e marxista e avisar imediatamente os tubarões **se acaso** um deles revelar alguma dessas inclinações desprezíveis”. (O GLOBO)

(26)[...] Mesmo que não estivessem bebendo aí no seria lugar para frequentar, **a menos que** em serviço efetuando uma prisão ou coisa que se assemelhe. também sou uma autoridade, viu. conheço a lei. (ALAGOAS 24 HORAS)

(19) Guerra dos sexos à parte, o dinheiro se consolidou como tabu dentro de casa. Quem ganha mais? Quem paga o jantar? Quem assume o papel de principal provedor (**se é que** ele ainda existe)? Como dividir as despesas dos filhos e as contas domésticas? (ESTADO DE MINAS)

Na oração posposta, vista em (11), a informação veiculada pelo uso da condicional também pode ser recuperada no contexto precedente, em fala do autor Brecht. Ao citar Marx, no trecho *se acaso um deles revelar alguma dessas inclinações desprezíveis* podemos atestar que *um deles* se refere aos *peixinhos* e *inclinações desprezíveis* retoma *inclinação materialista*. Em (26), *a menos que* veicula uma informação velha, já que a comentarista faz uso do conector para retomar o evento *frequentar o local*, delimitando a condição para a realização do evento ao caso de os militares estarem em serviço.

Na ocorrência (19), é demonstrada uma ocorrência de oração posposta em que, através de retomada da informação contida na oração nuclear, o conector *se é que* veicula uma informação velha de forma interrogativa e avaliativa. Ao questionar sobre quem assume o papel de principal provedor, o usuário também questiona se o conceito

de principal provedor ainda existe, emitindo um juízo de valor, ao mesmo tempo em que estabelece ressalva quanto à informação contida na oração nuclear.

Podemos observar, nas três ocorrências, que as orações pospostas encabeçadas pelos conectores *se acaso*, *a menos que* e *se é que* possuem em comum o fato de que veiculam informações velhas para não apenas estabelecer uma relação de condicionalidade, mas também emitir um juízo de valor sobre algo que havia sido explicitado. Tal fato pode ser explicado considerando que os conectores *se acaso* e *a menos que* foram utilizados nos gêneros textuais jornalísticos de caráter opinativo, artigo e comentário de leitor, respectivamente, e o *se é que* no gênero de caráter interpretativo, reportagem. Além disso, conforme já foi demonstrado, o conector *se é que* vem sendo usado para estabelecer uma “certeza velada” sobre algo, o que explica sua frequência significativa de veiculação de informação velha na posição posposta.

No que se refere às orações intercaladas, identificamos que as introduzidas pelo conector *caso* veicularam informações velhas, enquanto as introduzidas pelos conectores *se*, *se caso* e *se é que* veicularam informações novas, como vemos nos dados (30), (28), (32) e (34), respectivamente, já mencionados:

(30) [...] O público, a imprensa, todos querem ver atletas de seleção em campo. É positivo para a seleção brasileira? Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas, que é o ideal que aconteça, pode ser, mas **caso** não venham os títulos, fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção - opinou. (GLOBOESPORTE)

(28) “[...] Tem outro fenômeno menos conhecido, mas igualmente importante: quando a grávida está desnutrida ocorrem adaptações fisiológicas que deixam a criança com mais risco de obesidade quando adultos. Além disso, a criança que nasce com baixo peso, **se** consegue sobreviver, terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta”, explicou Ana Kepple. (G1)

(32) Sobre o rodízio não ter sido suspenso, Covas afirmou: “Ontem (13), durante a tarde, havia a expectativa de greve de ônibus, mas após, conversa com líderes sindicais, indicando que haveria somente protesto, então decidimos não suspender o rodízio”. Covas disse ainda que a Prefeitura vai monitorar a situação durante o dia para decidir se suspende ou não o rodízio. “Estamos avaliando para, **se caso** for, suspender o rodízio no fim do dia”. (G1)

(34) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. Se elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, **se é que**

estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

No dado (30) identificamos uma informação velha veiculada pela oração adverbial *caso não venham os títulos*, com a função de retomar uma informação exposta na primeira oração condicional *Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas*. Diferentemente, no dado (28), por meio de uma oração intercalada introduzida pelo conector *se*, a especialista em nutrição Ana Kepple, inclui uma informação que contraria o que ocorre, de acordo com ela, de modo mais frequente em relação às crianças que nascem com baixo peso. Constatamos, pois, uma informação nova, isto é, a criança conseguir sobreviver.

Ao retomarmos também o dado (32), observamos que o conector *se caso* expressa uma informação nova, a de *se caso for (necessário)*, suspender o rodízio no fim do dia. Nesse sentido, a constatação de uma necessidade ou não, conforme Covas afirma em sua fala, aparece como uma informação nova. A presença de uma informação nova também é vista em (34), através da oração adverbial na ordem intercalada introduzida pelo conector *se é que*, uma vez que introduz uma ressalva feita pelo policial Maxwell Cavalcanti a respeito da conduta de Sérgio Moro, manifestando uma dúvida, se ele de fato estava fazendo algo.

A prevalência de orações em posição intercalada introduzidas pelos conectores condicionais para veicular informações novas se justifica por requerer do leitor maior esforço cognitivo, ao explicitar uma informação que ainda não havia sido dada.

Observamos que o *se caso* apresentou variedade de usos quanto ao estatuto informacional, embora tenha havido predominância dos usos considerados mais prototípicos, assim como ocorreu com os outros conectores condicionais.

Os dados analisados revelaram, ainda, outros valores semânticos e discursivos nas orações, que podem ser encabeçados pelos conectores condicionais, apontados no Quadro 02, a seguir:

causa de uma ação expressa.	X	X		X						
Temporal: acrescenta uma ideia de tempo ao fato expresso na oração.	X									
Realce: expande a informação contida na oração nuclear, a partir de relações circunstanciais.	X				X					
Ressalva: atenua a afirmação contida na oração nuclear, manifestando dúvida quanto à eventualidade expressa.					X	X				X

Fonte: elaboração própria

O Quadro 02 aponta outros valores semânticos e discursivos identificados em orações introduzidas pelos conectores condicionais, ao veicularem uma informação nova ou indicarem uma informação velha. Esses valores são entendidos como subfunções à função condicional, acionadas no contexto discursivo sobre os enunciados, que estão associadas às intenções dos usuários. Para melhor entendermos esse processo, buscamos aplicar, com base nos resultados obtidos, alguns conceitos teóricos funcionalistas de gramaticalização propostos por Hopper (1987), entendendo gramaticalização não apenas centrada nos itens que assumem função de conectores condicionais, mas também na relação entre as orações por eles conectadas. Vejamos ocorrências que ilustram alguns dos valores semânticos e discursivos identificados:

- (34)A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. Se elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, se é que estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Na ocorrência (34), visualizamos os valores de retomada/adendo e de avaliação, na oração introduzida pelo conector *se*. Trata-se de porção textual de uma reportagem que comenta mobilização ocorrida em Recife e apresenta a fala do policial militar Maxwell Cavalcanti acerca da sua percepção quanto às acusações, consideradas falsas. O policial revela o seu ponto de vista avaliativo de que as acusações mesmo que fossem verdadeiras, não teriam fundamento. Além disso, podemos verificar no dado um valor concessivo, estabelecido pelo elemento *ainda assim* na oração nuclear. Dito de outro modo, a oração adverbial indica que *Mesmo que as acusações fossem verdadeiras, seriam vazias*.

Na ocorrência (29), observamos o valor temporal:

- (29) [...] Tem outro fenômeno menos conhecido, mas igualmente importante: quando a grávida está desnutrida ocorrem adaptações fisiológicas que deixam a criança com mais risco de obesidade quando adultos. Além disso, a criança que nasce com baixo peso, **se** consegue sobreviver, terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta”, explicou Ana Kepple. (G1)

Em (29), constamos uma informação nova veiculada na oração introduzida pelo conector *se*, isto é, a criança conseguir sobreviver. Nessa oração condicional observamos também um valor temporal, visualizado com maior facilidade ao substituirmos o *se* pelo conector temporal *quando*: *quando consegue sobreviver*.

Aplicando o princípio da *persistência*, entendemos que, mesmo o conector *se* assumindo, nesses contextos, valor concessivo ou temporal, continua assumindo função original de condicionalidade dentro da oração que introduz. Ao mesmo tempo, com base no princípio da *divergência*, entendemos que seu uso com valor condicional permanece autônomo, resultando no surgimento de múltiplas funções de mesma etimologia que, embora divergentes, convivem numa mesma sincronia (HOPPER, 1987).

A manifestação dos referidos princípios pode ser observada nas ocorrências introduzidas pelo conector *caso*:

- (30) [...] O público, a imprensa, todos querem ver atletas de seleção em campo. É positivo para a seleção brasileira? Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas, que é o ideal que aconteça, pode ser, mas **caso** não venham os títulos, fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção - opinou. (GLOBOESPORTE)

Em (30) a informação velha veiculada pela oração adverbial **caso** *não venham os títulos*, além de explicitar a retomada uma informação exposta na primeira oração condicional *Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas*, indica um valor opositivo, ao estabelecer pelo uso do conector adversativo *mas*, oposição das ideias expressas nas duas condicionais. Por fim, as relações de causa/consequência são vistas na oração adverbial introduzida pelo *caso*: **Caso** *não venham os títulos, então fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção*.

- (41) Segundo Padin, a diplomação é um documento que atesta o resultado das urnas e “marca o fim da eleição e o início dos novos mandatos”. “A cerimônia da diplomação, embora singela, coroa o ciclo da eleição, o candidato fica habilitado a exercer o cargo para o que foi eleito”, disse ele. “É um momento de alegria e comemoração, representando a escolha e a soberania popular”, salientou. Os eleitos, contudo, podem perder o cargo **caso** haja algum recurso contra a diplomação ou impugnação de mandato por abuso de autoridade ou abuso de poder econômico (CLICK PB).

No dado (41), a adverbial apresenta uma informação nova, isto é, mencionada pela primeira vez na enunciação, sobre uma possível causa de perda do cargo, a existência de *algum recurso contra a diplomação ou impugnação de mandato por abuso de autoridade ou abuso de poder econômico*. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que estabelece uma condição, o conector *caso* sinaliza um valor causal em relação à oração nuclear.

A partir dos dados, verificamos, também, que, embora o item *caso* esteja exercendo função conectiva, ainda há traços do seu sentido lexical original, ao remeter a um fato, um acontecimento, explicado ao aplicarmos o princípio da *persistência*, na perspectiva de Hopper (1987).

Vejamos de que modo a condicional *se caso* pode encabeçar outros valores semânticos e discursivos, ao analisarmos o estatuto informacional expresso pelo conector com base nos dados:

- (38) [...] Rodrigo Santana, então, explicou como o Atlético se posicionou taticamente após a mudança - embora esse cenário tenha durado apenas dois minutos. “[...] A gente viu que naquele momento o São Paulo poderia baixar as linhas, e a gente colocar duas referências lá para tirar a sobra. E alçar bola na área, mas com dois jogadores de marcação ali para ganhar essa segunda bola, porque **se caso** o São Paulo contra-atacasse, tenho certeza que se o

Cazares ficasse para marcar, tenho certeza que a gente ficaria mais vulnerável”, completou. (SUPERESPORTES)

No dado (38), a oração adverbial anteposta indica uma informação que não é nova, já que é decorrente de ideias que vinham sendo desenvolvidas na sentença por Rodrigo Santana em relação às táticas utilizadas durante o jogo que ocorreu, expressando, desse modo, os valores de retomada/adendo e de avaliação, evidenciado através do uso de expressões indicativas de certeza.

Notamos que, em (45), também a oração anteposta que veicula uma informação velha, introduzida pelo *se caso*, pode expressar o valor de oposição:

- (45) [...]Também foi criada uma força-tarefa para apurar as mortes de policiais; 17 PMs foram executados em 2018. “A gente vai reduzir isso, e preventivamente, para que não aconteça. Mas **se caso** venha a ocorrer, com certeza absoluta, a resposta tem sido rápida e vai continuar sendo rápida”, disse Luís Fernandes Rocha, secretário de Segurança Pública do Pará. (G1)

Em (45), o uso do conector *se caso* aparece precedido do elemento adversativo *mas*, para indicar uma hipótese opositiva ao que foi mencionado anteriormente na sentença. Desse modo, além de sinalizar o valor opositivo, a oração adverbial exerce o valor de retomada de uma informação dita anteriormente.

O valor semântico causal pode ser visto, por exemplo, em (46):

- (46) Foram quatro meses de preparação até conseguirem colocar o projeto em funcionamento. O aluno ressaltou que, **se caso** o projeto avançar, é possível beneficiar as pessoas, com economia de energia e de poluentes. (G1)

Ao veicular uma informação velha, retomando a informação de colocar projeto em funcionamento, a oração adverbial condicional expressa o avanço do projeto como uma possível causa de gerar benefício às pessoas, assumindo uma subfunção causal.

Através do princípio da *estratificação*, nos termos em que foi exposto no Capítulo 1 desta tese, observamos que o surgimento da nova forma condicional estabelecida pelos usos do conector *se caso*, mantém acirrada a existência da concorrência entre as formas, característica evidente dos conectores condicionais, uma vez que os usos dos itens linguísticos dependem da escolha consciente do usuário ou mesmo do domínio linguístico que ele tenha. Esse fato é evidenciado até mesmo pelo elevado índice de frequência dos usos do *se caso* no *corpus* de análise. Desse modo, as formas antes existentes, como os conectores *se* e *caso*, não são descartadas, em detrimento da nova, elas passam a coexistir e a disputar a preferência do usuário da língua (HOPPER, 1987).

Vejamos de que modo a oração condicional introduzida pelo *se é que* pode encabeçar outros valores semânticos e discursivos, ao analisarmos o estatuto informacional expresso pelo conector retomando alguns dados:

(33) Sou assinante da Folha de São Paulo já faz muitos anos e adorava ler os seus artigos sensatos e inteligentes. Nossos sentimentos a todos que estão à sua volta. **Se é que** existe céu, que as portas estejam abertas em toda a sua dimensão!..... (FOLHA DE SÃO PAULO)

(19) Guerra dos sexos à parte, o dinheiro se consolidou como tabu dentro de casa. Quem ganha mais? Quem paga o jantar? Quem assume o papel de principal provedor (**se é que** ele ainda existe)? Como dividir as despesas dos filhos e as contas domésticas? (ESTADO DE MINAS)

O dado (33) introduz uma informação nova que expressa uma dúvida do leitor/comentarista, a de que exista céu (local para onde os cristãos acreditam que os mortos vão) que, se concretizada, atende ao desejo de *que as portas estejam abertas em toda a sua dimensão* para receber o escritor. No mesmo dado, podemos notar que o modo como é expressa a dúvida sinaliza realce, estabelecendo uma relação circunstancial. Já no dado (19), através de retomada da informação contida na oração nuclear, o conector *se é que* veicula uma informação velha de forma interrogativa e avaliativa. Ao questionar sobre quem assume o papel de principal provedor, o usuário também questiona se o conceito de principal provedor ainda existe, emitindo um juízo de valor, ao mesmo tempo em que estabelece ressalva quanto à informação contida na oração nuclear.

Com base no princípio da *especialização*, entendemos que, dentro de um domínio funcional, em um determinado estágio, é possível coexistir uma variedade de formas com pequenas diferenças semânticas. Na gramaticalização, a possibilidade de escolha diminui, e um número menor de formas assume sentidos gramaticais mais gerais, já que passam a ser utilizadas em contextos específicos, diferente dos contextos em que passam a ser utilizadas as formas concorrentes (HOPPER, 1987). É o que vem ocorrendo com o uso do conector *se é que*, já que como vimos, na maioria das ocorrências, o conector vem sendo utilizado para não apenas estabelecer uma dúvida, uma condição, mas para emitir uma “certeza velada”, de modo irônico, o que não ocorre com as formas condicionais concorrentes.

3.5 Nível hipotético

No que concerne ao quarto parâmetro, o *nível hipotético*, verificamos que a possibilidade de preenchimento de uma condição estabelecida pelos usos dos conectores condicionais foi pouco variável, havendo variações apenas quanto aos usos dos conectores *se* e *se caso*, conforme ilustra a Tabela 06, a seguir:

Tabela 06 – Aplicação do parâmetro *nível hipotético*

Conectores condicionais	Parâmetro			Total
	Condicional Factual	Condicional eventual	Condicional contrafactual	
Se	12 (11,88%)	67 (66,34%)	22 (21,78%)	101
Se caso	-	83 (84%)	11 (12%)	94
Se é que	-	50 (100%)	-	50
Caso	-	34 (100%)	-	34
Se acaso	-	07 (100%)	-	07
Desde que	-	03 (100%)	-	03
Somente se	-	03 (100%)	-	03
Só se	-	02 (100%)	-	02
Sem que	-	01 (100%)	-	01
A menos que	-	01 (100%)	-	01

Fonte: elaboração própria

Como explicitado na Tabela 06, os dados comprovam que, quanto às orações introduzidas pelo conector *se*, embora tenha havido uma variação no nível hipotético, prevaleceu a condicional eventual, para dizer respeito a uma hipótese possível de ser preenchida, o que correspondeu a 66,34% do total de ocorrências. Em seguida, houve uma maior quantidade de ocorrências de condicionais contrafactuais, representando 21,78%, para se referir a uma irrealidade decorrente de uma condição não preenchida. Por fim, atestamos ocorrências de condicionais factuais, relacionadas a condições já preenchidas, representando 11,88% do total. Vejamos alguns dados que ilustram esses níveis hipotéticos:

- (47) **Em 2014 vendi uma moto no valor de no valor de R\$ 4000,00 (a moto era financiada, com o valor da venda quitei a mesma), depois vendi um carro no valor de R\$ 12,000 e comprei um carro no valor de R\$ 27,000. Devo declarar? Pago taxas? Minha renda não atinge os 26.816,55. (Guaracy Cezatte)**

Resposta: A venda de bens até o valor de R\$ 35.000,00 está isenta de imposto sobre o ganho de capital. Assim, **se** os seus rendimentos tributáveis foram inferiores a R\$ 26.816,55 e **se** não se enquadrar em outra situação de obrigatoriedade, você está dispensado da apresentação da declaração. (G1)

No dado (47), atestamos dois níveis hipotéticos estabelecidos em uma mesma sentença. Em entrevista, o consultor Antônio Teixeira Bacalhau, ao responder pergunta realizada por um dos leitores do jornal, faz uso do conector *se* em dois momentos. Temos, portanto, duas orações adverbiais interpostas ligadas à oração nuclear, dispostas de maneira coordenada, no entanto, com condições de preenchimento distintas.

Na primeira oração adverbial, assinalamos que se trata de uma condição já preenchida, uma vez que retoma a afirmação feita pelo leitor/entrevistador de que sua renda não atinge o valor de R\$ 26.816,55. Nesse caso, temos uma condicional factual, que estabelece um valor conclusivo ao inferirmos o elemento *então* antes da oração nuclear: (*então*) *você está dispensado da apresentação da declaração*. Na segunda oração adverbial, identificamos uma hipótese tida como eventualmente possível de ser preenchida. A possibilidade de o leitor/entrevistador não se enquadrar em situações de obrigatoriedade de declaração do imposto de renda, gera uma condicional eventual, cujo valor conclusivo também pode ser reforçado através da inserção do conector adverbial.

Diferentemente, quando a adverbial condicional denota uma condição já não preenchida, estamos diante de condicionais contrafactuais. Essas condicionais podem ser vistas em (01) e em (34):

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

- (34) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. **Se** elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, se é que estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o

policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Em (01), o uso da condicional *se* expressa um não fato, isto é, a fala do treinador nos faz inferir que ele não está se referindo a qualquer atleta. Em (08), a oração adverbial condicional indica que, para Sérgio Moro, as acusações que foram feitas não são verdades. Percebemos que o nível hipotético, nessas situações, colabora para o estabelecimento da argumentação do treinador, confirmando sua tese de que o atleta Ricardo treina muito, e do conselheiro da Direita Pernambuco, ao confirmar sua tese de que foi evidenciado o ultrage das acusações.

No que concerne às orações introduzidas pelo conector *se caso*, como explicitado na Tabela 06, os dados revelam que houve uma variação no nível hipotético com prevalência da condicional eventual, correspondendo a 83,30% do total de ocorrências. Também identificamos ocorrências de condicionais contrafactuais, representando 11,70% do total. Para ilustrar esses níveis hipotéticos, podemos retomar as ocorrências (26) e (28), que tratam de condicionais eventuais, e (27) e (31), que se enquadram contextualmente como condicionais contrafactuais.

Na ocorrência (12) identificamos uma hipótese tida como eventualmente possível de ser preenchida:

(12) "Desde 2011, depois com a edição dessa normatização pelo CNJ em 2013, nós já temos uma situação de direitos adquiridos, de segurança jurídica dessas pessoas. Então de uma hora para outra, se o Presidente da República tentar reverter essa situação, isso inevitavelmente será discutido pelo STF. E de que forma o Presidente pode fazer isso? Ingressar com um projeto de lei pra alterar o Código Civil, só que aí ele também terá que ter aprovação do Congresso Nacional. **Se caso** isso venha a ser aprovado, o Supremo com certeza vai ser chamado novamente para apreciar essa matéria." (G1)

A possibilidade de ser aprovado pelo Congresso Nacional um projeto de lei para alterar o Código Civil gera uma condicional eventual, tendo como resultado a certeza do entrevistado de que o Supremo será chamado novamente para apreciar essa matéria. Em (14) também vemos uma hipótese eventualmente possível de ser preenchida:

(14) Nunca deixem de fazer algo por vergonha, por medo do que vão pensar, medo se o boy não vai querer mais, medo se os amigos vão se afastar, **se caso** isso acontecer é pq nenhum merecia vocês ao lado deles, sei que esse é o medo. (PARAÍBA ONLINE)

Por meio do uso do *se caso*, a leitora/comentarista emite a opinião de que caso ocorra de *o boy* ou *os amigos* se afastarem da pessoa por ela fazer o que quer, é porque nenhum deles merecia ter a pessoa ao lado.

Quanto aos dados (13) e (38), a adverbial condicional denota uma condição já não preenchida, sendo, portanto, condicionais contrafactuais:

(13) Ainda de acordo com o gerente, o corpo de Damião foi sepultado na mesma cova de seu pai, que morreu em 5 de outubro de 2014. "Só tinha a funerária aqui. Ninguém compareceu, nem da família nem amigo, **se caso** ele tivesse". (G1)

(38)[...] Rodrigo Santana, então, explicou como o Atlético se posicionou taticamente após a mudança - embora esse cenário tenha durado apenas dois minutos. "[...] A gente viu que naquele momento o São Paulo poderia baixar as linhas, e a gente colocar duas referências lá para tirar a sobra. E alçar bola na área, mas com dois jogadores de marcação ali para ganhar essa segunda bola, porque **se caso** o São Paulo contra-atacasse, tenho certeza que se o Cazares ficasse para marcar, tenho certeza que a gente ficaria mais vulnerável", completou. (SUPERESPORTES)

Em (13) a condição já não preenchida discursivamente é a de que a pessoa de quem se fala tinha amigos, já que ela não tinha, e no dado (27) vemos, de acordo com o contexto, que a condição não preenchida é a de que houve o contra-ataque, o que não aconteceu. Percebemos, desse modo, assim como nos usos do *se*, que o nível hipotético contrafactual colabora para a construção argumentativa dos usuários.

Comparando os resultados obtidos, quanto aos usos do *se* e do *se caso*, observamos que as relações hipotéticas factuais identificadas em orações introduzidas pelo *se* são justificadas pela relação modo-temporal dos verbos nas orações condicional e nuclear, que apontam para o tempo presente, ao expressar um fato assegurado. Essa restrição da relação modo-temporal justifica a não ocorrência de relações hipotéticas factuais nos demais conectores condicionais.

Quanto às relações hipotéticas contrafactuais identificadas em orações introduzidas pelo *se* e pelo *se caso*, observamos que a relação modo-temporal dos verbos nelas presentes expressam situações pretéritas ao enunciarem algo que foi descartado pelos usuários, o que também justifica a não ocorrência de relações hipotéticas contrafactuais nos demais conectores condicionais. O nível hipotético estabelecido nos usos do *se caso* remeteram, portanto, a maior variação, se aproximando dos resultados alcançados na análise do conector *se*, o que demonstra que o *se caso* apresenta, assim como o conector *se*, função condicional

mais genérica, ao não sinalizar apenas condicionais eventuais, quando comparados com os demais conectores condicionais.

Em se tratando das orações encabeçadas pelos demais conectores condicionais, verificamos em sua totalidade a possibilidade de preenchimento de condições possíveis de serem preenchidas, indicando relações hipotéticas eventuais. Vejamos as ocorrências (09) e (48), a seguir:

(09) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. 'Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer", diz o áudio". (G1)

(48) A jovem Stela Poltroniere, de 21 anos, já está de nove meses de gestação e aguarda a chegada do seu primeiro filho, Gabriel. Porém, na última quinta-feira (27), ela e o pai do bebê, Ismael Magalhães, tiveram que entrar com uma ação no Ministério Público de Rondônia (MP-RO) contra uma maternidade particular de Porto Velho, solicitando um acompanhante na hora do parto da criança. Segundo a maternidade, a solicitação só pode ser atendida **caso** o parto seja normal, se for cesárea, a gestante não teria direito ao acompanhante por conta do regimento interno da unidade de saúde. (G1)

Em (09), por exemplo, o médico, em áudio, afirma que os retornos e as cirurgias estão ocorrendo normalmente, no entanto, esclarece que em havendo a possibilidade de parar as cirurgias, será o caso estudado. Ou seja, não descartando a possibilidade de que as cirurgias parem, é gerada uma condicional eventual, reforçada pelo uso do conector *se acaso*. Em (48), na oração introduzida pelo conector *caso*, é explicitada a possibilidade de o parto ser normal, gerando uma condicional eventual, que permite, restritivamente, o atendimento de solicitação de um acompanhante. Podemos observar que em ambas as ocorrências, a relação modo-temporal estabelecida nas orações aponta para uma futuridade, colaborando para que sejam determinadas relações hipotéticas possíveis de acontecer.

As orações introduzidas pelo conector *se é que* também evidenciaram, em sua totalidade, relações hipotéticas eventuais, como podemos visualizar através da ocorrência (16):

(16) O ministro Marco Aurélio Mello alerta que há jurisprudência na Suprema Corte para que, em casos como o que gerou o recurso que será julgado pelo plenário, se conceda o benefício da progressão do regime ao condenado quando não há estabelecimento próprio para o cumprimento da pena. "Não pode o condenado ficar num regime mais gravoso por deficiência do Estado.

O sistema carcerário precisa ser revisto **se é que** se pretende de fato recuperar alguém”, salientou. (ESTADO DE MINAS)

Em (16), as palavras do ministro Marco Aurélio Mello, apresentam dúvida sobre se o sistema carcerário brasileiro pretende, de fato, recuperar alguém. Essa dúvida estabelece uma condicional eventual, que permite, considerarmos a possibilidade de que o sistema carcerário brasileiro não pretende recuperar alguém, conforme previsto em lei. É importante esclarecer que, embora em muitas ocorrências de orações condicionais introduzidas pelo *se é que*, tenhamos observado os verbos no tempo presente, ao analisarmos os propósitos comunicativos dos usuários, percebemos que não remetem para uma informação assegurada explicitamente, mas implicitamente, uma vez que o usuário pretende se preservar ou, ainda, manifestar ironia, acerca do que foi emitido. Nesse sentido, também visualizamos nessas ocorrências relações hipotéticas eventuais.

Ao aplicarmos o parâmetro *nível hipotético*, constatamos que se sobressaiu a relação hipotética eventual nos usos dos conectores condicionais, mais um elemento a ser considerado ao analisarmos a prototipicidade desta categoria. Percebemos que os resultados obtidos na análise do *se é que* de acordo o referido parâmetro, se aproximam dos resultados alcançados na análise dos conectores *caso* e *se acaso*, ao introduzirem orações adverbiais condicionais. Diferentemente, o nível hipotético estabelecido nos usos do *se caso* remeteram a maior variação, se aproximando dos resultados alcançados na análise do conector *se*, o que demonstra que o *se caso* apresenta, assim como o conector *se*, função condicional mais genérica quando comparados com os demais conectores condicionais, apesar de o conector *se* ter apresentado as três possibilidades de níveis hipotéticos.

Os resultados alcançados ao investigarmos o comportamento do *se caso* através dos parâmetros descritos, além de sua significativa frequência de uso no *corpus* da pesquisa, nos permite afirmar que o conector possui características que o enquadram na categoria dos conectores condicionais, além de apresentar distinções em relação aos usos do conector *se acaso*, como, por exemplo, maior variação quanto à ordem da oração adverbial, ao nível hipotético e ao estatuto informacional. No capítulo posterior, serão analisadas questões que nos possibilitem constatar se o conector *se caso* vem sendo utilizado como mera redundância e se consiste numa supressão do elemento *acaso* presente no conector *se acaso*.

3.6 Síntese do capítulo

Neste capítulo, evidenciamos, a partir dos dados coletados em textos jornalísticos que constituíram o *corpus* da pesquisa, as variações sintáticas, semânticas e discursivas dos itens linguísticos que assumem função de conectores condicionais. Realizamos, inicialmente, a quantificação dos conectores condicionais encontrados no *corpus*, cujos resultados demonstraram o significativo índice de frequência dos itens *se caso* e *se é que*, que ocuparam a segunda e terceira posição, respectivamente, tendo ocupado a primeira posição o conector *se*, apontado como o mais frequente. Esses resultados nos despertaram o interesse em investigarmos os usos do *se caso* e do *se é que* mais detidamente no *corpus* em questão, ao assumirem função de conector condicional.

Dessa maneira, além do índice de frequência, no presente capítulo, descrevemos outros critérios para determinar a prototipicidade nos usos dos elementos conectores condicionais *se*, *caso*, *se acaso* (buscamos evidenciar se há correspondência entre a utilização deste e do conector *se caso*), *se caso* e *se é que*, apontados como os mais representativos quantitativamente. Listamos como critérios de investigação da prototipicidade dos conectores condicionais os parâmetros *existência ou não de pausa*, *ordem da oração adverbial*, *estatuto informacional* e *nível hipotético*. Aplicamos, em seguida, os parâmetros listados, com o intuito de analisar os usos de cada conector condicional, explicados também com base nos princípios da iconicidade e da gramaticalização. No decorrer da análise, tecemos comentários, de modo mais sucinto, acerca dos conectores condicionais que apareceram no *corpus* da pesquisa com frequência de uso pouco representativa para o objetivo do capítulo.

A partir da análise, entendemos que, no que tange ao uso dos conectores condicionais no *corpus* de pesquisa, foi evidenciada a diversidade de seus usos, com influência direta na organização textual e discursiva. Pudemos constatar que os usos dos itens *se caso* e *se é que* revelam seu enquadramento na categoria dos conectores condicionais, uma vez que apresentaram traços constitutivos da referida categoria.

Por intermédio dos parâmetros descritos, constatamos que o conector *se caso*, além de sua significativa frequência de uso no *corpus* da pesquisa, expressa características que o enquadram na categoria dos conectores condicionais, além de apresentar distinções em relação aos usos do conector *se acaso*, como, por exemplo, maior variação quanto à ordem da oração adverbial, ao nível hipotético e ao estatuto informacional. Atestamos, ainda, que as divergências do conector *se caso* em relação aos usos do conector *se acaso* nos

permitiram identificar sua aproximação sintático-semântica e discursivamente do conector *se*.

No próximo capítulo, objetivamos analisar e descrever alguns fatores que aparentemente atuam como motivadores para a escolha dos usuários da língua pela utilização dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*.

4 FATORES MOTIVADORES DOS USOS DOS CONECTORES *SE ACASO*, *SE CASO* E *SE É QUE*

Considerando que os usuários das línguas fazem escolhas, consciente ou inconscientemente, por determinado conector condicional, objetivamos descrever e analisar, no presente capítulo, alguns fatores que aparentemente atuam como motivadores para a escolha pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*. A partir da análise e descrição dos fatores, examinamos os graus de marcação dos contextos para verificar se contextos mais complexos atraem conectores mais marcados e vice-versa. Buscamos, também, relacionar os princípios funcionais da marcação e da iconicidade, através da verificação da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva que atuam nos usos dos conectores condicionais. No seio desta análise, podemos averiguar fatores sintáticos, semânticos e discursivos presentes nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores mencionados que nos permitirão avaliar motivações cognitivas e interacionais inerentes a esses usos.

4.1 Gêneros textuais jornalísticos em que foram utilizados os conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*

Com o intuito de verificar os contextos preferenciais ou típicos nos quais os conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que* foram utilizados, iniciamos a presente seção com a análise do primeiro fator potencialmente motivador, os gêneros textuais jornalísticos em que os conectores condicionais aparecem. A perspectiva teórica aqui adotada é a de que os gêneros textuais são padrões de textos globais com “recorrentes configurações de significados [...] que concretizam as práticas sociais de uma dada cultura.” (MARTIN; ROSE, 2008, p. 6). Eles são adaptados para a realização de objetivos particulares, de ordem social, tanto na fala quanto na escrita. (MARCUSCHI, 2008).

Isso posto, levando em conta a importância do controle dos gêneros textuais no processo de disseminação da gramaticalização, uma vez que implicam modos de dizer que determinam certas escolhas dos usuários de uma língua, além do fato de que, segundo Hopper e Traugott (2003, p. 67), “análises quantitativas podem ser feitas levando em conta várias variáveis, tais como disseminação ao longo de comunidades, ou estilos, ou gêneros”, julgamos oportuno elencar os gêneros textuais jornalísticos como fatores que podem influenciar nos usos dos conectores.

Sob esse viés, identificamos, ainda, o enunciador que faz uso dos conectores, de modo a verificarmos se o conector aparece em sua própria fala (a pessoa que escreveu o texto) ou se se trata da recuperação da fala de outrem, realizada pelo enunciador, considerando aspectos que podem influenciar a escolha do usuário por determinado conector condicional. A identificação dos gêneros textuais também nos fornece dados para constatar, em seção posterior, uma possível associação do uso do conector condicional e das formas verbais que serão analisadas no capítulo, com a concretização de determinado objetivo comunicativo, realizado a partir do gênero textual pelo qual a informação está sendo materializada.

O *corpus* da pesquisa é constituído pelos gêneros jornalísticos notícia, reportagem, entrevista, comentário de leitor e artigo. O Quadro 03, a seguir, evidencia as principais características sociocomunicativas de cada um desses gêneros textuais e sua organização em tipos, conforme estudos desenvolvidos por Medina (2001), Bonini (2003) e Pinho (2003):

Quadro 03 - Características de gêneros textuais presentes nos *jornais online* e organização em tipos

TIPOS ²⁷ TEXTUAIS JORNALÍSTICOS	GÊNEROS TEXTUAIS	CARACTERÍSTICAS
Informativo: há o relato dos fatos da maneira mais objetiva possível (BONINI, 2003, p 7);	Notícia	Trata-se da divulgação de fatos e acontecimentos recentes ou atuais ocorridos no país e no mundo, de modo conciso, descrevendo no máximo efeitos e consequências, informando a população sobre algo ou alguém (MEDINA, 2001, pp. 53 - 54)
Interpretativo: há a interpretação dos fatos, além da informação (BONINI, 2003, p. 7);		Difere-se da notícia por seu conteúdo e extensão. De caráter investigativo e interpretativo, desenvolve a origem dos fatos, suas razões e seus efeitos. Sendo considerado um relato ampliado de um acontecimento, reflete em sua profundidade e extensão, permitindo a divulgação de tabelas, gráficos, entre outros recursos, apresentando, ainda, diferentes versões dadas por aqueles que

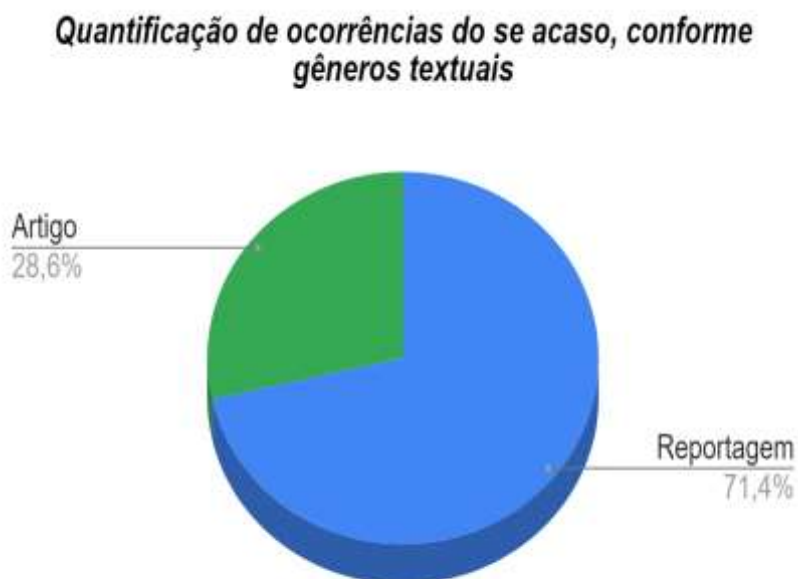
²⁷ Os tipos textuais são constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas; sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal (MARCUSCHI, 2008).

	Reportagem	presenciaram o fato em questão (MEDINA, 2001, p. 54)
Opinativo: há a expressão de um ponto de vista a respeito de um ou mais fatos (BONINI, 2003, p. 7);	Comentário de leitor	Trata-se de uma interferência do leitor através de um pequeno comentário ou questionamento sobre o texto divulgado no suporte jornalístico. Essa interferência é permitida pelo suporte em local específico, ao final do texto divulgado, permitindo maior interação do usuário com os jornalistas (PINHO, 2003, p. 146).
	Entrevista	Através de um diálogo com trocas de turno, tem como função sociocomunicativa divulgar aos leitores a opinião e o perfil do entrevistado, podendo levantar uma discussão sobre determinado tema, de caráter mais pessoal ou de caráter social (MEDINA, 2001, p. 54).
	Artigo	É um gênero em que o autor expressa sua opinião e expõe ideias sobre temas diversos (MEDINA, 2001, p. 54).

Fonte: elaboração própria, com base em Medina (2001), Bonini (2003) e Pinho (2003).

Através dos dados coletados no *corpus* e posterior quantificação, obtivemos os resultados dispostos no Gráfico 2, a seguir, referentes aos gêneros textuais em que foram encontradas as ocorrências do conector *se acaso*:

Gráfico 2



Fonte: elaboração própria

De acordo com o Gráfico 2, as ocorrências do conector condicional *se acaso* estão presentes, predominantemente, em reportagens, representando 71,4% do total de 7 ocorrências. Em contraponto, houve apenas 2 ocorrências do conector em artigos jornalísticos, correspondendo a 28,6% do total. Retomemos o dado (11), mencionado no capítulo anterior, que mostra a utilização do conector em artigo jornalístico:

- (11) Brecht provoca o leitor, procura fazer com que este se veja como um mero coadjuvante do sistema econômico e político capitalista. Não por acaso, cita Marx ironicamente: “Antes de mais nada, os peixinhos deveriam evitar toda a inclinação materialista, egoísta e marxista e avisar imediatamente os tubarões **se acaso** um deles revelar alguma dessas inclinações desprezíveis”. (O GLOBO)

No dado (11), o conector *se acaso* foi utilizado pelo autor do artigo jornalístico com vistas a recuperar a citação de Marx utilizada pelo escritor Brecht, de modo que pudesse manifestar seu posicionamento crítico acerca do livro lançado por Brecht, ao mesmo tempo em que evidencia o posicionamento irônico emitido pelo escritor em seu livro.

A segunda ocorrência do conector *se acaso* em artigo jornalístico é vista no dado (49):

- (49) Para concluir: **se acaso** você se deparar com algum gato na rua, deixe-o viver livre, lembre-se que embora seja enigmático ele percebe muito mais que você imagina. Como eu dissera acima, eles são muito bonitos, misteriosos, encantadores e falam indubitavelmente com o olhar. Eu não tenho dúvidas disso! (DIÁRIO DE PETRÓPOLIS)

Em (49), notamos que o conector é utilizado pelo próprio enunciador, a pessoa que escreveu o artigo. Sua utilização parte de uma possibilidade futura e posterior conselho do autor do texto, evidenciado pelo uso do verbo *deixar* no modo imperativo, na oração nuclear. Nessa ocorrência, o posicionamento do autor, na parte conclusiva do texto, ao discorrer sobre gatos, é construído a partir da utilização do verbo no imperativo, ao estabelecer uma situação hipotética: o leitor encontrar um gato na rua.

Com relação às reportagens, foi encontrada apenas uma ocorrência em que o conector é identificado na fala do próprio enunciador do texto. Nas demais ocorrências, o enunciador faz uso do conector para recuperar a fala de alguém. Para constataremos a primeira situação, visualizemos o dado (50):

- (50) **Se acaso** continuar interessada, a família passa por uma entrevista e visita domiciliar. Outro requisito para quem deseja acolher uma criança é ter uma rede de apoio familiar. Além disso, os membros que vivem na mesma casa devem concordar com o acolhimento. (FOLHA DE SÃO PAULO)

Em (50), observamos que o próprio enunciador do texto, ao explicar o procedimento de acolhimento de criança ou adolescente menor de idade, faz uso do conector *se acaso*. O enunciador da reportagem esclarece que a primeira etapa é a família se cadastrar no *site* da Funsai como interessada em acolher algum menor de idade, porém, ainda há uma segunda etapa, que só é concretizada se a família mantiver o interesse em acolher o menor. Desse modo, o conector *se acaso* é utilizado para enfatizar que há a possibilidade de a família, após efetuar o cadastro, manifestar desinteresse em acolher o menor. Apenas nos casos em que a família mantém o interesse em acolher, há a etapa posterior, ser entrevistada e receber visita domiciliar.

No dado (51), visualizamos uma ocorrência em que o conector *se acaso* é utilizado para recuperar a fala de alguém:

- (51) [...] – Todo jogador precisa de uma sequência para demonstrar o que pode fazer. É bom ter essa sequência. A minha intenção é continuar, todo mundo gosta de jogar, espero estar sempre nos planos. **Se acaso** o Gerson achar melhor começar no banco, temos que respeitar, sempre procurando o

melhor para o clube. A minha intenção é jogar sempre, mas vai depender do Gerson na sequência do campeonato – disse Schumacher. (GLOBO ESPORTE)

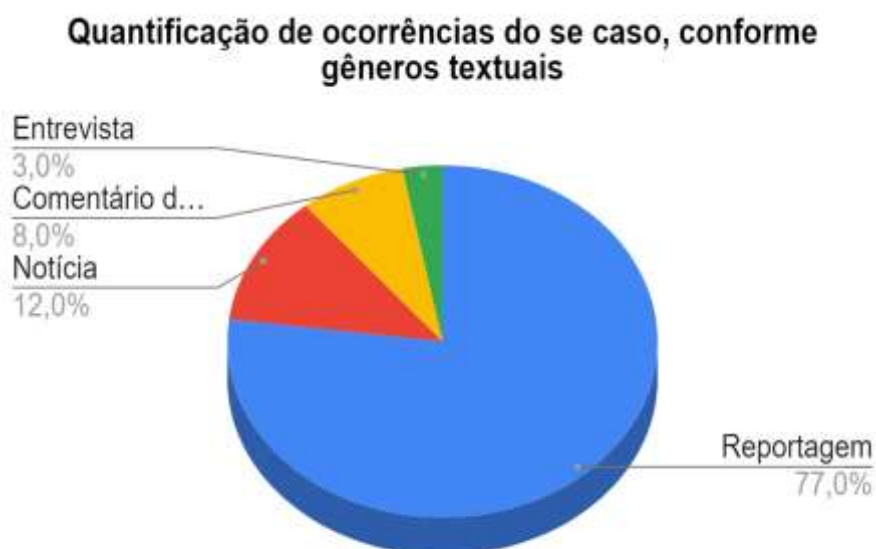
Em (51), notamos que o enunciador da reportagem recupera a fala do atacante Schumacher em relação à sua boa performance nos jogos atuais no time Operário-PR. O atacante faz uso do conector condicional para evidenciar a possibilidade de que o treinador Gerson prefira que ele inicie o jogo no banco, tendo em vista que há outro jogador concorrendo à vaga recém-assumida por ele. O atacante frisa que caso isso aconteça, o time deve respeitar a decisão.

É interessante salientarmos que a quantidade expressiva de ocorrências do *se acaso* com vistas a recuperar a fala de alguém, identificada nas reportagens, assim como será demonstrado nos usos dos conectores *se caso* e *se é que*, está associada às características próprias do gênero jornalístico em questão, tendo em vista que por configurar o viés investigativo e interpretativo, e consequentemente, ser um gênero textual mais extenso quando comparado à notícia, permite que sejam apresentadas as versões dadas pelas pessoas que estão envolvidas no acontecimento narrado (MEDINA, 2001).

Dessa maneira, é mais comum que relações hipotéticas, evidenciadas pelos usos dos conectores condicionais, estejam presentes nas reportagens para recuperar a fala de alguém, do que na fala do próprio enunciador, ou ainda, do que no gênero notícia, por se tratar de um texto mais sucinto e objetivo, em que hipóteses não costumam ser recepcionadas.

Vejamos, no Gráfico 3, os resultados obtidos em relação aos gêneros textuais em que foram encontradas as ocorrências do conector *se caso*:

Gráfico 3



Fonte: elaboração própria

No Gráfico 3, observamos uma predominância de ocorrências no gênero reportagem, assim como também foi visto nos usos do *se acaso*, correspondendo a 77%. Foram identificadas ocorrências em que o conector *se caso* foi utilizado em notícias, representando 12% do total, seguido dos casos em que o conector foi utilizado em comentários de leitores, correspondendo a 8%. Por fim, também foram identificadas ocorrências do *se caso* em entrevistas, correspondendo a 3%. Não houve ocorrências, no entanto, do conector *se caso* em artigos jornalísticos.

Uma possível interpretação para essa questão é a de que, na maioria dos artigos, identificamos que a fala é do enunciador, portanto, mais monitorada, o que remeteria à posição dos compêndios normativistas em não sancionar o uso desse conector. Além disso, embora possamos encontrar no gênero o resgate de falas de outras pessoas, como visto na ocorrência (11), ele funciona como um argumento favorável ao que se defende no texto, não sendo utilizada uma fala marcada por traços mais estigmatizados como ocorre nos usos do *se caso*, a serem analisados.

Os resultados ilustrados no Gráfico 3, demonstram que, diferentemente do que vimos no Gráfico 2, concernente às ocorrências do *se acaso*, houve uma maior diversidade de gêneros textuais em que o conector *se caso* foi encontrado. Desse modo, notamos que a maior quantidade de usos do *se caso* (94), quando comparada com a quantidade de usos do *se acaso* (7) no *corpus* da pesquisa, reflete, também, uma maior

quantidade de usos pulverizada em gêneros textuais diversos. Os dados (52) e (53), a seguir, ilustram as ocorrências do conector nos gêneros reportagem e notícia, respectivamente:

(52) Apenas nesta quarta-feira (14), depois do registro do boletim de ocorrência por estupro, o mesmo juiz que havia negado antes a medida protetiva, desta vez concedeu. Mesmo assim argumentou que "a decisão ora proferida tem por base as declarações da vítima e **se caso** a versão dela não for condizente com a realidade, esta responderá com os efeitos jurídicos no âmbito civil e penal". (G1)

(53) A inscrição dos aprovados está marcada para ocorrer entre 24 e 27 de fevereiro, mediante apresentação da cópia e original da carteira do Sesc ou credencial atualizada, RG ou certidão de nascimento, CPF (caso seja de menor, apresentar o do responsável), comprovante de residência, contracheque ou comprovante de proventos quando existente e, **se caso** for portador de credencial, é preciso apresentar a declaração em papel timbrado que está devidamente matriculado na escola da rede pública ou do Sesc. (G1)

No dado (52), é possível vermos uma ocorrência do conector *se caso* numa reportagem, evidenciando o momento em que o enunciador recupera a fala do juiz acerca da sua decisão proferida de estabelecer medida protetiva à vítima que alegou ter sido estuprada. O juiz faz uso do conector para esclarecer que, embora tenha estabelecido medida protetiva em sua decisão, há a possibilidade futura de que, após apuração dos fatos, a versão da vítima não condiga com o que de fato ocorreu, situação a qual, conseqüentemente, a fará responder juridicamente nos âmbitos civil e penal. Trata-se, portanto, de um caso em que o conector é utilizado com vistas esclarecer a versão dada pelo juiz, que está envolvido no acontecimento narrado.

De modo geral, observamos que, tanto nas reportagens, quanto nas notícias, o conector *se caso* foi utilizado, em quase sua totalidade, para recuperar a fala de alguém, ainda que seja mais comum no gênero reportagem o aparecimento desse tipo de recurso, permitindo a construção de um texto de caráter mais investigativo e/ou interpretativo, do que propriamente informativo, como é o caso do gênero notícia.

No entanto, cabe ressaltar que também houve situações em que o conector foi utilizado na fala do próprio enunciador, em ambos os gêneros mencionados. O dado (53) ilustra essa situação no gênero notícia, cujo propósito é o de informar que o SESC está ofertando vagas para inscrição em cursos de inglês e informática. Trata-se de um texto que visa divulgar um fato, de maneira objetiva e concisa, a partir do qual o enunciador, ao mencionar a documentação necessária para o ato de inscrição, faz uso do

conector *se caso* de modo a esclarecer a eventualidade de o candidato à inscrição ser portador de credencial, situação que exige um outro documento.

Considerado do tipo opinativo, já que expressa um ponto de vista a respeito de um ou mais fatos (BONINI, 2003), o gênero entrevista também foi lócus de uso do conector *se caso*. Os dados (54) e (55) demonstram algumas dessas ocorrências:

**(54)4) Como sei que devo Declarar IR? E como Declarar se caso precisar?
(Ailton de Souza)**

Resposta: Está obrigada à apresentação da declaração a pessoa física que, entre outras situações de obrigatoriedade, recebeu rendimentos tributáveis cuja soma foi superior a R\$ 26.816,55; recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte, cuja soma foi superior a R\$ 40.000,00; ou teve a posse ou propriedade de bens e direitos de valor total superior a R\$ 300.000,00. (G1)

(55) DL - Por trás da falta de coragem em empreender um novo projeto, ou mudar de emprego, por exemplo, sair da zona de conforto, pode haver traumas? Que outros fatores podem ainda contribuir para que a pessoa se “auto-sabote”?

Cecília Jorge - Partindo do princípio que todo comportamento tem uma intenção positiva, não existe “auto-sabotagem”. A pessoa irá fazer o melhor que pode com os recursos que ela possui, no momento em questão. O medo é uma das emoções que faz com que a pessoa fique parada, não agir. Só terá traumas **se caso** ela der algum significado negativo. O medo não está aí à toa, ele serve para nos proteger, mais também impede de realizarmos sonhos. (DIÁRIO DO LITORAL)

No dado (54), notamos que o conector *se caso* é utilizado pelo leitor do site jornalístico Ailton de Souza, que ocupa a posição de entrevistador. O leitor/entrevistador manifesta dois questionamentos para o consultor financeiro que está ocupando a posição de entrevistado e objetiva sanar as dúvidas dos leitores a respeito da declaração de imposto de renda. Ao questionar sobre como o indivíduo sabe se precisa declarar imposto de renda, ele faz um questionamento subsequente, ao estabelecer a hipótese do indivíduo que precisa declarar, o de como é o procedimento para realizá-la. Para estabelecer a hipótese mencionada, o leitor/entrevistador faz uso do conector *se caso*. Percebemos, portanto, que se trata de um diálogo entre duas pessoas que visa divulgar aos leitores a opinião do entrevistado ao levantar uma discussão a respeito de um tema social (MEDINA, 2001), isto é, a declaração de imposto de renda.

Por sua vez, em (55), observamos que a pessoa que faz uso do conector *se caso* identificado é distinta do que foi visto em (54). Na porção textual em questão, a posição

de entrevistador é ocupada pelo próprio *site* jornalístico, enquanto a entrevistada é a psicanalista Cecília Jorge, que busca responder questionamentos a respeito do controle das emoções individuais. Respondendo ao que foi questionado pelo entrevistador, a psicanalista emite uma condição restritiva acerca de traumas provenientes de ações realizadas pelos indivíduos na busca de alguma mudança positiva. O conector *se caso* é utilizado pela entrevistada para sinalizar a condição restritiva de que o indivíduo poderá ter o trauma como consequência nas situações em que atribuir significado negativo à alguma ação realizada. Percebemos, assim, que o uso do conector condicional contribui para a construção do posicionamento da entrevistada em relação ao questionamento que foi feito.

Vejamos, a seguir, o dado (56), que ilustra uma ocorrência do conector *se caso* no gênero comentário de leitor, também enquadrado no tipo textual jornalístico opinativo, cuja função sociocomunicativa é permitir maior interação entre o usuário/leitor do *site* jornalístico e os jornalistas (PINHO, 2003):

(56)Maia já se credenciou para o TS, o problema é o tempo... Cerrone seria apenas uma boa luta para ele manter o cartel regular e não ficar muito tempo parado, contra Lawler seria mais perigoso, mas **se caso** vencesse aí sim que seria inevitável dar o TS para ele. (SPORTV)

No dado (56), o leitor, ao final da notícia divulgada no suporte jornalístico, escreve comentário acerca do UFC de Denver, decorrente dos resultados que foram apresentados na notícia. Ao fazer seu comentário, o leitor utiliza o conector *se caso* para opinar sobre uma hipótese que não foi concretizada, Maia vencer a luta contra Lawler, e a consequência dessa vitória, isto é, receber o TS. É interessante apontarmos, na ocorrência, o uso do adjetivo *inevitável* posterior ao verbo na oração nuclear, que atua como um modalizador, colaborando para a construção do ponto de vista do leitor/comentarista.

Com relação aos resultados obtidos acerca dos gêneros textuais em que foram encontradas as ocorrências do conector *se é que*, vejamos no Gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4



Fonte: elaboração própria

De acordo com o Gráfico 4, visualizamos que, assim como nos Gráficos 2 e 3, referentes aos conectores *se acaso* e *se caso*, respectivamente, houve uma predominância de ocorrências do *se é que* no gênero reportagem, correspondendo a 72% do total das 50 ocorrências. Embora tenha havido essa similar predominância, observamos que não houve ocorrências do *se é que* no gênero notícia, fato que pode ser explicado devido às características próprias do gênero, cujo propósito sociocomunicativo, como já foi mencionado, é informar sobre um acontecimento de modo objetivo e sucinto, não (ou raramente, como vimos na ocorrência ilustrativa do *se caso*) permitindo a construção de hipóteses e de dúvidas. Além disso, também comparando com os resultados relativos aos usos do *se acaso* e do *se caso*, notamos uma maior diversidade de ocorrências do *se é que* nos gêneros do tipo opinativo comentário de leitor (8%), artigo jornalístico (16%), e entrevista (4%). O dado (57) demonstra uma ocorrência do conector no gênero reportagem:

- (57) [...] Contudo, a cantora não pretende entrar com ação judicial para receber indenização: “Desses seres humanos – **se é que** posso chamar assim, né? –, não quero um tostão. Quero que cada um faça serviço comunitário ou distribua cestas básicas para comunidades carentes”. (ALAGOAS 24 HORAS)

No dado (57), o enunciador da reportagem, através da recuperação da fala da cantora Tati Quebra Barraco, aborda o acontecimento de a cantora ter sofrido ataques virtuais. Segundo a reportagem, ao manifestar desinteresse em entrar com ação judicial, a cantora afirma que não quer dinheiro algum das pessoas que a atacaram virtualmente.

Podemos perceber que a prevalência do gênero reportagem nos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que* é justificada, em primeiro lugar, pelo fato de ser mais comum a circulação desse gênero nos suportes virtuais jornalísticos. Em segundo lugar, como vimos nas ocorrências ilustrativas dos conectores, é justificada pelo fato de as reportagens permitirem a inserção e a participação mais direta dos envolvidos nos acontecimentos noticiados, tendo em vista que, em sua maioria, diz respeito à recuperação da fala de envolvidos, admitindo que expressem suas dúvidas e incertezas a respeito de fatos, ou até mesmo, de certezas aparentes, como vimos em (57), com o uso do conector *se é que*. Embora menos frequente, a utilização dos conectores condicionais na fala do próprio enunciador da reportagem também demonstra alguma dúvida ou incerteza, em relação ao fato narrado.

O dado (58) ilustra uma ocorrência do conector *se é que* no gênero entrevista:

(58) **A euforia do mercado com a condenação de Lula demonstra que os investidores já o consideram carta fora do baralho?**
Resposta: O Lula é percebido como um candidato que não levaria adiante as reformas. É um candidato forte e saiu do páreo, **se é que** já saiu. Aí o mercado antecipa. (ESTADO DE MINAS)

Divergindo do que foi visto nas ocorrências do conector *se caso* no gênero entrevista, foram identificadas ocorrências do *se é que* no gênero na fala de quem ocupa a posição de entrevistado. Em (58), vemos que, ao responder o questionamento feito pelo site jornalístico, em entrevista a respeito das contas públicas no Brasil, o economista Alexandre Schwartzman manifesta a opinião em forma de dúvida sobre se o candidato Lula, por estar sendo condenado, de fato *saiu do páreo*. O uso do conector possibilita que a opinião do economista seja evidenciada sem que ele se comprometa, o que evita uma possível refutação.

Em sequência, vejamos o dado (59), que ilustra uma ocorrência do conector *se é que* no gênero comentário de leitor:

(59) 92% do PIB não será recuperada tão cedo, **se é que** será... (FOLHA DE SÃO PAULO)

No dado (59), vemos uma ocorrência do conector *se é que* em comentário de leitor após reportagem veiculada sobre a perda econômica do Brasil. No comentário, o leitor expressa dúvida acerca do processo de recuperação do PIB do Brasil, manifestada a partir do uso do conector condicional, acompanhado de forma verbal no modo indicativo. Nesse sentido, o leitor, sem assumir um posicionamento categórico, indica uma dúvida, que nos parece mais próxima da certeza sobre algo que não vai acontecer, com base na situação econômica precária do país, tendo em vista o propósito comunicativo do gênero e a decisão do comentarista/leitor da reportagem em utilizar o conector condicional *se é que* para manifestar sua opinião.

Visualizemos, agora, o dado (60), para ilustrar uma ocorrência em que o conector *se é que* é encontrado no gênero artigo jornalístico:

- (60) Lembro-me de um conselho, **se é que** podemos chamar assim, dado, na década de sessenta do século passado, para a poetisa Lúcia se firmando no meio intelectual do Recife: que lesse uma antologia de poemas e poetas, desde Homero até o modernismo brasileiro. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Em (60), podemos observar que o autor José de Jesus Moraes Rêgo escreve artigo jornalístico sobre o seu convívio com a poetisa pernambucana Lúcia Chiappetta durante a universidade, e as contribuições da escritora na literatura. Ao relembrar o passado da poetisa, o autor faz uso do conector *se é que* para expressar dúvida acerca da utilização do termo *conselho*, uma vez que está se referindo a algo que, na verdade, se tratava de uma necessidade da poetisa, a fim de alcançar o conhecimento indispensável para a sua carreira na literatura.

A análise comparativa da presença dos conectores *se caso*, *se acaso* e *se é que*, conforme gêneros textuais em que foram utilizados, nos possibilita observar que o propósito sociocomunicativo dos gêneros é também um importante fator motivador dos usos dos conectores. Notamos que, embora em desuso, indicado pela baixa quantidade de ocorrências, o conector *se acaso* foi utilizado nos gêneros textuais com a finalidade de fazer referência a alguma possibilidade futura. No gênero artigo jornalístico, serviu como um recurso para emitir opinião do autor sobre o que estava sendo discutido, enquanto no gênero reportagem, sinalizou dúvida/incerteza de algum envolvido sobre acontecimento narrado.

Observamos que os conectores *se caso* e *se é que*, quando utilizados no gênero reportagem, apresentaram o mesmo viés percebido nos usos do *se acaso*, embora as

ocorrências do *se caso* tenham demonstrado maior diversidade de gêneros informativos, com a finalidade de expressar uma possibilidade futura ou fazer referência a hipótese passada, e de opinativos, que, juntamente com o uso de especificadores linguísticos de estratégia modalizadora, serviram para manifestação de alguma opinião do autor. No entanto, quando visualizamos as ocorrências do *se é que*, é perceptível que os gêneros do domínio opinativo atuaram como fator motivador para o uso do conector, de modo que o usuário pudesse não se comprometer com afirmações categóricas, mas, ao mesmo tempo, emitisse sua opinião sobre algo.

Ao considerarmos os gêneros textuais como um dos fatores determinantes da complexidade cognitiva inerente aos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que* com a função condicional podemos constatar que quando utilizados em contextos comunicativos que buscam **informar** o leitor sobre um fato, sinalizam menor complexidade cognitiva que nos contextos em que buscam **interpretar** um fato, principalmente quando há o resgate da fala de quem presenciou o fato para estabelecer uma sequência argumentativa. Ao mesmo tempo, percebemos maior complexidade cognitiva nos contextos nos quais a relação de condicionalidade estabelecida possibilita a construção de um ponto de vista do usuário a respeito de um fato, de modo que a oração condicional funciona como uma sequência argumentativa que confirma a tese do usuário a respeito do que está sendo tratado.

Além disso, conforme observamos ao analisarmos os gêneros textuais jornalísticos em que os conectores condicionais aparecem, identificamos, na maioria dos artigos, que se trata da fala do próprio enunciador, portanto, mais monitorada, assim como ocorreu nos dados que evidenciaram no gênero reportagem o resgate de falas de outras pessoas, funcionando como um argumento favorável ao que se defende no texto. Nesses contextos, visualizamos ausência de fala marcada por traços mais estigmatizados e afeitos a contextos de maior espontaneidade. Consideramos, desse modo, que os contextos mais monitorados evidenciam maior complexidade cognitiva, enquanto os contextos menos monitorados e mais estigmatizados potencialmente seriam abrigo para expressão de conteúdos de menor complexidade cognitiva, pelo menos, na perspectiva do enunciador que controla a produção do texto jornalístico.

Sob essa perspectiva, podemos afirmar que os usos dos conectores *se acaso* e *se é que* indicam maior complexidade cognitiva, ao serem utilizados de modo mais recorrente nos gêneros jornalísticos do tipo opinativo e interpretativo, para evidenciar um ponto de vista do próprio enunciador do texto ou resgatar a fala de outra pessoa,

estabelecendo uma sequência argumentativa a respeito do que está sendo defendido. Diferentemente, o conector *se caso*, apresenta maior diversidade de usos nos gêneros textuais jornalísticos, quando comparado aos usos do *se acaso* e do *se é que*, evidenciando de modo mais recorrente menor complexidade cognitiva, ao ser utilizado em contextos que visam informar sobre um fato ou, de modo mais frequente que nos usos do *se acaso* e *se é que* em gêneros do tipo interpretativo que dizem respeito à fala do próprio enunciador, de forma menos monitorada. Essa constatação inerente aos contextos de uso dos conectores, nos permite afirmar, quanto aos graus de marcação, que o conector *se caso* é menos marcado, enquanto que os conectores *se acaso* e *se é que* são mais marcados.

Obviamente, essa avaliação só pode ser concebida vislumbrando-se um leitor típico desses periódicos. Vale ressaltar que a complexidade cognitiva não é algo estático que afete todos os contextos e todos os usuários de uma maneira geral: o que é complexo num contexto pode não o ser em outro; o que é complexo para um usuário pode não ser para outro.

Concluída essa análise do uso dos conectores em conformidade com os gêneros textuais que os abrigam, passaremos, na sequência, a uma reflexão acerca de como se efetivam as relações estabelecidas entre os verbos e a expressão da condicionalidade introduzida pelos itens ora estudados.

4.2 Formas verbais que constituem as adverbiais condicionais

A presente seção se destina a analisar o segundo fator motivador, as formas verbais que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, por acreditarmos que a opção pelo usuário de formas verbais simples e/ou de perífrases verbais nas adverbiais condicionais também implicam em diferentes motivações cognitivas. A partir do levantamento dos dados coletados, podemos visualizar as ocorrências das formas verbais na Tabela 07, a seguir:

Tabela 07 – Formas verbais das orações adverbiais condicionais

Conector condicional	Quantidade de ocorrências	Oração nuclear	Oração condicional	Total	%
Se acaso	7	Verbo simples	Verbo simples	0	0
		Perífrase verbal	Verbo simples	2	28,57
		Verbo simples	Perífrase verbal	2	28,57
		Perífrase verbal	Perífrase verbal	3	42,86
Se caso	94	Verbo simples	Verbo simples	27	28,72
		Perífrase verbal	Verbo simples	14	14,89
		Verbo simples	Perífrase verbal	40	42,56
		Perífrase verbal	Perífrase verbal	13	13,83
Se é que	50	Verbo simples	Verbo simples	14	28
		Perífrase verbal	Verbo simples	10	20
		Verbo simples	Perífrase verbal	10	20
		Perífrase verbal	Perífrase verbal	16	32

Fonte: elaboração própria

De acordo com a Tabela 07, no que diz respeito aos usos do conector *se acaso*, houve uma maior quantidade de orações adverbiais constituídas por perífrases verbais nas orações nucleares e nas orações condicionais, representando 42,86%. Não foram encontrados períodos em que a oração nuclear e a oração adverbial apresentassem verbos simples, embora tenham sido encontradas adverbiais compostas por verbo

simples na oração nuclear mais perífrase verbal na oração condicional e vice-versa, representando cada situação 28,57% do total. Com relação aos usos do conector *se caso*, verificamos a predominância da sequência verbo simples na oração nuclear mais perífrase verbal na oração condicional, correspondendo a 42,56% do total de ocorrências. O segundo lugar foi da sequência verbo simples na oração nuclear mais verbo simples na oração condicional, representando 28,72%. No que concerne aos usos do *se é que*, a tabela nos mostra que houve maior predominância da sequência perífrase verbal na oração nuclear mais perífrase verbal na oração condicional, correspondendo a 32% do total de ocorrências. Seguida da sequência verbo simples na oração nuclear mais verbo simples na oração condicional, representando 28%.

Além disso, se somarmos as ocorrências em que foram utilizadas perífrases verbais nas orações condicionais, notamos que há um maior percentual nas orações adverbiais originadas pelos conectores *se acaso* (71,43%), *se caso* (56,39%), *se é que* (52%), quando comparamos com a soma de ocorrências em que foram utilizados verbos simples nas orações condicionais introduzidas pelos conectores *se acaso* (28,57%), *se caso* (43,61%), *se é que* (48%). É interessante observarmos que, em conformidade com os dados analisados, os verbos no tempo futuro têm sido substancialmente marcados pela troca do verbo simples por formas verbais perifrásticas nas orações introduzidas pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Nas referidas orações, também identificamos que as formas verbais perifrásticas, quando se encontram nos tempos pretérito, presente ou futuro, são comumente constituídas por especificadores aspectuais ou modais, acompanhadas por verbos no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

Desse modo, a predominância das formas perifrásticas nas orações condicionais introduzidas pelos três conectores não ocorre de maneira aleatória, mas está associada aos propósitos comunicativos dos usuários, e revela maior complexidade estrutural e cognitiva. Retomemos os dados (09)²⁸ e (12) apresentados no capítulo anterior, e vejamos o dado (61), mencionado neste capítulo, para compreendermos essa predominância da forma verbal perifrástica nas adverbiais condicionais:

(09) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. 'Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer", diz o áudio". (G1)

²⁸ Os dados foram retomados com a finalidade de demonstrarmos casos mais complexos de utilização de perífrases verbais com especificadores aspectuais, de modo a podermos identificar a divergência comunicativa, caso o usuário optasse pela forma verbal simples.

(12)"Desde 2011, depois com a edição dessa normatização pelo CNJ em 2013, nós já temos uma situação de direitos adquiridos, de segurança jurídica dessas pessoas. Então de uma hora para outra, se o Presidente da República tentar reverter essa situação, isso inevitavelmente será discutido pelo STF. E de que forma o Presidente pode fazer isso? Ingressar com um projeto de lei pra alterar o Código Civil, só que aí ele também terá que ter aprovação do Congresso Nacional. **Se caso** isso venha a ser aprovado, o Supremo com certeza vai ser chamado novamente para apreciar essa matéria." (G1)

(61) [...] Já os realistas temem um crescimento abaixo do medíocre, **se é que** vai haver algum. A procissão de padecimentos inclui a redução de salários, corte dos benefícios sociais, a ameaça de aumento de impostos, desemprego em alta. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

O dado (09) apresenta uma ocorrência em que o usuário da língua utiliza o conector *se acaso* acompanhado da perífrase verbal *vier a parar*, além da perífrase verbal *vamos ter que estudar*, na oração nuclear. É evidente que o usuário tinha a possibilidade de fazer uso apenas do verbo simples *parar*, na oração condicional e do verbo simples *estudaremos*, ou ainda, da perífrase verbal *teremos que estudar*, cuja forma é menor. No entanto, a opção pelos usos verbais apresentados na ocorrência nos revela a intencionalidade do usuário de provavelmente ressaltar um valor aspectual terminativo, na oração condicional, que apenas o uso do verbo *parar* não daria conta, e de um valor modal, na oração nuclear, que não seria alcançado se utilizasse apenas o verbo *estudaremos*, e apresentaria menor complexidade cognitiva se fosse substituído pela perífrase *teremos que estudar*, considerando que a perífrase *vamos ter que estudar* enfatiza ainda mais o processo de necessidade futura.

Com base no dado (09), podemos afirmar que as orações hipotáticas adverbiais condicionais constituídas por formas verbais perifrásticas com tempo futuro revelam contextos mais complexos que as orações hipotéticas adverbiais condicionais constituídas por formas simples no futuro, considerando que estas apresentam menor complexidade estrutural e cognitiva, conforme foi descrito. Ao levarmos em conta o princípio da marcação, percebemos que a ausência de orações hipotáticas adverbiais condicionais introduzidas pelo *se acaso* acompanhadas de verbos simples nas orações nuclear e condicional é um indício de que contextos mais complexos, com formas perifrásticas no tempo futuro, por exemplo, atraem conectores mais marcados. Do mesmo modo, observamos que a maior quantidade de orações hipotáticas adverbiais condicionais constituídas por verbos simples nas orações nuclear e condicional,

revelada nas orações introduzidas pelo *se caso*, de acordo com a Tabela 09, é um indício de que contextos menos complexos atraem conectores menos marcados.

Ainda, sob essa perspectiva, percebemos que os usos das formas verbais perifrásticas estão diretamente relacionados ao princípio da iconicidade, havendo uma motivação para que fenômenos linguísticos ocorram de uma forma ao invés de outra, isto é, para que o usuário optasse por utilizar perífrases verbais, ainda que tenham formas simples correspondentes, a partir da perspectiva do contínuo funcional das estruturas linguísticas (FURTADO DA CUNHA, COSTA; CEZARIO, 2015).

Esse princípio também pode ser visto nos dados (12) e (61). Em (12), o usuário tinha a possibilidade de, ao invés de utilizar na oração condicional introduzida pelo conector *se caso* a perífrase verbal *venha a ser aprovado*, a forma perifrástica *seja aprovado*, já que encontramos essa relação modo-temporal em outras ocorrências do *se caso*. Na oração nuclear, o usuário poderia substituir a forma perifrástica *vai ser chamado* por uma forma perifrástica também mais simples, *será chamado*. Seguindo essa mesma linha de pensamento, em (61), a forma verbal da oração condicional *vai haver* poderia ter sido substituída por *haverá*.

Embasando-nos no subprincípio da quantidade, notamos que uma forma verbal mais extensa, parece refletir maior complexidade das funções sintáticas, semânticas e discursivas. Como vimos nas ocorrências (09), (12) e (61), os usos das formas perifrásticas verbais nas orações adverbiais introduzidas pelos conectores condicionais evidenciam a proporcionalidade entre a forma verbal, mais extensa, e a maior quantidade de informação, em relação aos usos das formas verbais simples. Essa proporcionalidade está associada aos propósitos comunicativos dos usuários, a exemplo de melhor considerar a ação verbal no tempo através de especificadores aspectuais. Além disso, uma quantidade maior de formas verbais inseridas é indício de maior complexidade cognitiva, expressando, dessa maneira, valores semânticos menos transparentes quando comparados às formas verbais mais simples, conforme é discutido no subprincípio da proximidade (NEVES, 2018), já que, como vimos em (09), por exemplo, a forma verbal em *se acaso a cirurgia vier a parar* é semanticamente menos transparente que a forma verbal em *se acaso a cirurgia parar*.

Essa maior complexidade cognitiva revelada nos usos das formas perifrásticas apresentadas nos dados desta pesquisa, também é justificada pela frequente recorrência de especificadores que realçam muito mais um valor aspectual ou modal, do que propriamente um valor temporal, conforme será demonstrado na seção seguinte.

4.3 Relação modo-temporal das formas verbais que compõem as adverbiais condicionais

Nesta seção, analisamos como terceiro fator motivador a relação modo-temporal dos verbos que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, considerando que a ideia de condição ou hipótese se exprime não só pelo conector, mas ainda pelo tempo e modo dos verbos (LEÃO, 1961). Através dos dados coletados no *corpus* da pesquisa, identificamos essas relações nas orações nucleares e nas orações condicionais que acusam a presença dos conectores *se acaso* e *se caso*. Optamos por realizar a análise dos dois conectores em uma mesma etapa com vistas a tornar mais clara a distinção ou a semelhança entre eles, ao comprovarmos se o *se caso* advém da supressão da vogal *a* presente no advérbio *acaso*. Podemos visualizar as ocorrências na Tabela 08, a seguir:

Tabela 08 – Relação modo-temporal das orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores *se acaso* e *se caso*

Conector condicional	Quantidade de ocorrências	Verbo da oração nuclear	Verbo da oração condicional	Total	%
Se acaso	7	Futuro do pretérito	Futuro do subjuntivo	3	42,85
		Presente do indicativo	Futuro do subjuntivo	2	28,55
		Imperativo afirmativo	Futuro do subjuntivo	1	14,3
		Futuro do presente	Futuro do subjuntivo	1	14,3
Se caso	94	Futuro do pretérito	Pretérito imperfeito do subjuntivo	49	52,13
			Futuro do Subjuntivo	21	22,34
		Futuro do presente	Presente do Subjuntivo	5	5,32
			Pretérito Perfeito	2	2,13
		Presente do indicativo	Futuro do Subjuntivo	12	12,76
			Presente do Subjuntivo	3	3,19
		Pretérito Perfeito comp. do Subjuntivo	Presente do Subjuntivo	2	2,13

Fonte: elaboração própria

Como é possível visualizar na tabela, no que diz respeito às relações modo-temporais evidenciadas nas orações adverbiais condicionais originadas pelo conector *se acaso*, os usos mais recorrentes envolvem presente e futuro. Observamos uma maior frequência de usos que apresentaram a relação entre a oração nuclear e a oração condicional constituída por formas verbais no futuro do pretérito e futuro do subjuntivo, representando 42,85% do total, seguida dos usos com formas verbais no presente do indicativo e futuro do subjuntivo, correspondendo a 28,55%. Menos recorrentes,

também foram encontradas as relações modo-temporais constituídas por forma verbal no imperativo afirmativo na oração nuclear e futuro do subjuntivo na oração nuclear, e por forma verbal no futuro do presente na nuclear e futuro do subjuntivo na condicional, cada uma correspondendo a 14,3% do total. Esses resultados apontam para usos em contextos mais cristalizados do conector *se acaso* no *corpus*, já que em todas as ocorrências, os verbos que compõem a oração condicional estão no futuro do subjuntivo²⁹. Retomemos o dado (09) para visualizarmos a situação descrita:

(09) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. 'Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer", diz o áudio". (G1)

A partir do dado (09), podemos atestar que os usuários, ao utilizarem o conector *se acaso*, buscaram expressar a possibilidade – sob alguma condição - de que algo irá acontecer, o que ressalta a forma verbal no futuro do subjuntivo encontrada nas orações condicionais, e as formais verbais encontradas nas orações nucleares no tempo presente ou futuro, que contribuem para ressaltar essa possibilidade. Em (09), especificamente, observamos a perífrase verbal *vier a parar*, na oração condicional, correspondente ao futuro do subjuntivo, utilizada pelo médico, em áudio, para esclarecer que em havendo a possibilidade de parar as cirurgias, será o caso estudado.

No que concerne às orações compostas pelo conector *se caso*, podemos visualizar, na Tabela 08, uma maior variação modo-temporal das formas verbais. É possível identificarmos uma significativa ocorrência de orações nucleares e orações condicionais que apresentaram formas verbais, respectivamente, no futuro do pretérito e pretérito imperfeito do subjuntivo, representando 52,13% do total de ocorrências. As orações nucleares compostas por formas verbais no futuro do presente apresentaram formas verbais diversas nas orações condicionais, quais sejam, futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo e pretérito perfeito. Destacamos a primeira, por apresentar uma maior porcentagem, correspondendo a 22,34% das ocorrências. As orações nucleares compostas por formas verbais no futuro do presente apresentaram formais verbais diversas nas orações condicionais no futuro do subjuntivo e no presente do subjuntivo, representando, respectivamente, 12,76% e 3,19%. Por fim, as orações nucleares

²⁹ Embora não identificado no *corpus* de análise, sabemos que, tradicionalmente, nas orações adverbiais introduzidas pelo conector *se acaso*, a relação modo-temporal dos verbos pode ser constituída por pretérito imperfeito do subjuntivo na oração condicional e futuro do pretérito na oração nuclear.

compostas por formas verbais no pretérito perfeito composto do subjuntivo apresentaram forma verbal na oração condicional no presente do subjuntivo, correspondendo a 2,13% do total. Os dados, a seguir, ilustram as ocorrências das relações modo-temporais mais prevalentes:

- (62) [...] “A ordem foi essa: que efetuasse os depósitos e, em seguida, liberaria meu filho. No início 40 mil. **Se caso** eu não cumprisse, ele seria morto. Então eu obedeci cegamente. Fiquei sem raciocínio porque a pressão foi tamanha que eu não tinha como raciocinar”, revelou o idoso. (G1)
- (63) “É uma lei criada pelo próprio hospital, e nós do Cremero não temos gerência sobre isso. Para nós, o importante é que o bebê e a criança saiam bem. **Se caso** o pai desmaiar na sala de cirurgia, alguém da equipe médica terá que socorrê-lo, prejudicando o atendimento médico”, disse Bach. (G1)
- (64) Para conseguir driblar a variação de preços de um supermercado para outro, a aposentada Maria Helena Silva busca os melhores preços fazendo pesquisas dos itens que mais consome em vários supermercados. “Deixo de comprar o produto quando ele está mais caro. Procuro trocar por outro e **se caso** não tiver um com qualidade parecida, deixo para a próxima compra.” (DIÁRIO DA REGIÃO)

O dado (62) demonstra uma ocorrência em que a forma verbal na oração condicional está no tempo pretérito imperfeito do subjuntivo e a forma verbal na oração nuclear está no futuro do pretérito. O uso do *se caso* seguido pela forma verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo exprime um acontecimento, não cumprir, condicionado a outro, ser morto, indicando uma ação futura ao fato do não cumprimento do idoso ao que o assaltante exigiu que fosse feito. A relação modo-temporal expressa nesse dado está intrinsecamente associada ao nível hipotético contrafactual, analisado no capítulo anterior, uma vez que juntamente ao advérbio de negação, remete a um não fato, ao automaticamente nos possibilitar o entendimento de que houve o cumprimento do que foi exigido pelo assaltante, informação posteriormente explicitada na fala do idoso.

Nos dados (63) e (64), observamos ocorrências em que o conector *se caso* foi utilizado acompanhado da forma verbal no futuro do subjuntivo, de modo que expressa a possibilidade de que algo irá acontecer, assim como visto no dado representativo do uso do *se acaso*. Em (63), o futuro do subjuntivo é utilizado com a finalidade de justificar o motivo de o pai não poder acompanhar as cirurgias médicas dos bebês ou das crianças, como uma forma de demonstrar que é possível o pai desmaiar durante o acompanhamento, tornando obrigatório que haja socorro médico no momento e,

consequentemente, causando prejuízos à cirurgia. A justificativa da inadmissibilidade e dos prejuízos inerentes a uma possível admissão contribuem também para que entendamos a utilização da forma verbal da oração nuclear no futuro do presente, para sustentar a certeza do que seria necessário fazer diante de possível desmaio, levando a uma maior credibilidade sobre o que foi falado.

Em (64), por sua vez, o futuro do subjuntivo é utilizado para expressar a possibilidade de não ter produto com qualidade parecida ao que costumava ser comprado, caso em que afirma que, ocorrendo, deixa para comprar posteriormente. Diferentemente do que notamos no dado (63), na oração nuclear é utilizada forma verbal no presente do indicativo, o que confere referência a uma ação que poderá ocorrer em um futuro próximo, já que é constante e costumeiro o ato de a aposentada fazer compras do produto. Guiados pelo princípio da iconicidade, fica evidente, portanto, que a função semântica de condição seleciona os tempos verbais e os respectivos conectores. Desse modo, determinados tempos verbais, como os que foram observados nos dados, atuam como recursos requisitados pelos contextos nos quais se codificam orações condicionais encabeçadas pelos conectores em tela.

Além desses dados, é interessante visualizarmos na tabela os casos em que foi utilizada na oração condicional a forma verbal no presente do subjuntivo, cuja soma representa um total de 10,64% das ocorrências, com formas verbais distintas nas orações nucleares. Destacamos especificamente as relações modo-temporais que apresentam o presente do subjuntivo na oração condicional, tendo em vista que, de acordo com o que dispõe a gramática tradicional (MELO, 1978; ROCHA LIMA, [1986] 2019; CUNHA, [1989] 2007), não haveria a possibilidade de que esta fosse utilizada juntamente com o conector *se acaso*, como podemos constatar nos dados (65) e (66):

- (65) Outro ponto ressaltado pelo especialista está na questão das promoções. Produto comprado em oferta pode ser trocado por outro de mesmo valor. “**Se caso** tenha algum defeito, aí sim, o consumidor tem direito a ter a devolução do valor pago, ou outro produto similar mesmo que a promoção já tenha expirado” (ESTADO DE MINAS)
- (66) [...] “Para uma empresa que tem um histórico positivo de compromisso com seus clientes, **se caso** exista algum problema relacionado a essa questão, ela poderá resolver e ser responsabilizada”, orienta. “Não se deve compartilhar dados sem ter a exata noção de quem terá acesso a eles”, finaliza. (MAIS GOIÁS)

No dado (65), o conector *se caso* está acompanhado da forma verbal *tenha*, no presente do subjuntivo, enquanto o verbo da oração nuclear, *tem*, está no tempo presente do indicativo. Podemos notar que essas formas verbais colaboram para exprimir uma ação do presente, decorrente do momento da compra, com o consequente direito do consumidor de devolver o produto com defeito, também exprimindo uma ação no presente ou que poderá ocorrer em um futuro próximo, de modo a ressaltar que o direito de devolução é um direito certo, não estabelecendo dúvidas.

Em (66), a forma verbal no presente do subjuntivo, *exista*, posterior ao conector *se caso*, e as perífrases verbais *poderá resolver* e *poderá ser responsabilizada*, que estão no futuro do presente, constituem a oração nuclear. Ao esclarecer sobre a possibilidade de devolução de dados fornecidos pelos clientes às empresas, a advogada Nycolle Soares orienta que empresas que possuam problemas associados a isso com clientes, exprimindo verbalmente ações do presente, poderão resolver a questão e ser responsabilizadas, remetendo a ações futuras. Como veremos mais adiante, o uso do modalizador *poder*, visto no dado, contribui para a ideia de futuro incerto.

Como sabemos que o conector *se acaso* não constitui orações condicionais seguidas da forma verbal no presente do subjuntivo, fica evidente que o uso dessa forma verbal acompanhado do conector *se caso* se justifica pelo fato de o conector ser composto pela condicional *caso*, de modo que podemos comprovar que o *se caso* não advém da supressão da vogal *a* presente no advérbio *acaso*, tornando mais clara a distinção dos usos dos conectores *se acaso* e *se caso*. Desse modo, é importante esclarecer que, considerando o sentido lexical dos itens *caso* e *acaso* previamente ao processo de gramaticalização, o primeiro item pertence originalmente à categoria dos substantivos, enquanto o segundo item à categoria dos advérbios. Também, outra divergência de usos constatada entre os referidos conectores, como visto no capítulo anterior, é a de que, além de o conector *se caso* poder estabelecer níveis hipotéticos contrafactuais, para remeter a uma informação que foi descartada pelo usuário, distinguindo dos usos do *se acaso*, percebemos que os referidos conectores apresentam possibilidades distintas quanto às relações modo-temporais que constituem os verbos.

Em sequência, identificamos, através do levantamento dos dados presentes no *corpus* desta pesquisa, as relações modo-temporais nas orações nucleares e nas orações condicionais originadas pelos usos do conector *se é que*, cujos resultados podem ser visualizados na Tabela 09, a seguir:

Tabela 09 – Relação modo-temporal das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se é que*

Conector condicional	Quantidade de ocorrências	Verbo da oração nuclear	Verbo da oração condicional	Total	%
Se é que	50	Presente do indicativo	Presente do indicativo	26	52
			Futuro do Presente	5	10
			Pretérito Perfeito	5	10
		Presente do Subjuntivo	Presente do indicativo	4	8
			Futuro do Presente	4	8
		Pretérito Perfeito	Presente do indicativo	3	6
			Pretérito Perfeito	2	4
		Pretérito imperfeito do Indicativo	Pretérito imperfeito do Indicativo	1	2

Fonte: elaboração própria

Como é possível observar na Tabela 09, as formas verbais utilizadas nas orações adverbiais originadas pelo conector *se é que* assumiram diversas relações modo-temporais, tanto na oração nuclear, quanto na oração condicional. A relação modo-temporal com formas verbais no presente do indicativo, na oração nuclear e na oração condicional foi a mais prevalecente, correspondendo a 52% do total de ocorrências, atuando como um indício de menor grau de condicionalidade, quando comparado aos usos dos conectores *se acaso* e *se caso*. Nas orações nucleares com formas verbais no presente do indicativo, também foram evidenciadas formas verbais no futuro do presente e no futuro do pretérito, cada uma representando 10% do total de ocorrências.

Com porcentagens menores, encontramos orações nucleares com verbos no presente do subjuntivo, acompanhadas de orações condicionais com verbos no presente do indicativo e no futuro do presente, cada uma correspondendo a 8% do total. Formas verbais no pretérito perfeito foram encontradas nas orações nucleares, em conformidade com formas verbais nas orações condicionais também no pretérito perfeito (4%) e no

presente do indicativo (6%). Por fim, encontramos uma ocorrência de oração adverbial condicional encabeçada por verbo no pretérito imperfeito do indicativo, representando 2% do total.

Esses resultados apontam divergências quando comparamos com os usos do *se acaso* e *se caso*, tendo em vista que quase a totalidade das orações adverbiais originadas pelo conector *se é que* apresentou formas verbais no modo indicativo, enquanto que vimos nos conectores anteriormente analisados o contrário, apresentando em quase sua totalidade, verbos no modo subjuntivo. Vejamos algumas ocorrências ilustrativas, para que possamos melhor compreender essa divergência:

- (67) Como avalia a política econômica do governo Michel Temer, que prega a austeridade fiscal, inclusive propondo e aprovando uma PEC do Teto dos Gastos Públicos? Isso é o oposto do que o senhor pregava no Manifesto dos Economistas pelo Desenvolvimento e pela Inclusão Social, lançado após Dilma Rousseff ser reeleita, em 2014?

Resposta: [...] Já os realistas temem um crescimento abaixo do medíocre, **se é que** vai haver algum. A procissão de padecimentos inclui a redução de salários, corte dos benefícios sociais, a ameaça de aumento de impostos, desemprego em alta. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

- (68) Apesar da gravidade de um eventual ataque à Síria, analistas avaliaram que a decisão de Trump de não ir à Cúpula das Américas é uma demonstração de que a região não está no topo de suas preocupações. "Isso mostra que a América Latina é uma prioridade de segunda ou terceira linha, **se é que** é uma prioridade", observou Peter Hakim, presidente emérito do Inter-American Dialogue. (ESTADO DE MINAS)

- (69) A boa notícia - **se é que** se pode chamar assim – do relatório, para os brasileiros, é de que a fome, por aqui, tem estagnado nos 2,5% da população, algo próximo a 5 milhões de pessoas. Mas a notícia ainda pior é que existem 33 milhões de pessoas que estão obesas. No mundo, este número é de 672 milhões, o que significa 1 em cada 8 adultos. (G1)

Os dados (67), (68) e (69) apresentam ocorrências de adverbiais originadas pelo uso do *se é que*, em que podemos evidenciar a predominância do modo indicativo dos verbos nelas presentes. Observando as particularidades dos usos do conector em questão, de acordo com as situações em que foi utilizado, notamos que o usuário pretende exprimir uma dúvida sobre algo do qual ele tem certeza. Em outras palavras, o usuário evoca uma “certeza velada”, estratégia utilizada de modo que, na maioria das ocorrências, evite o comprometimento de uma posição assumida, com o que seria uma afirmação categórica.

Em (67), o entrevistado, ao discorrer sobre o que os críticos realistas pensam a respeito do crescimento da economia, emite uma certeza velada sobre ação futura, através do uso da condicional *se é que*, a de que não haverá crescimento, dada a situação econômica atual do país. Em (68), o presidente Peter Hakim, exprime sua certeza de modo a não se comprometer tomando uma posição assumida, ao emitir a dúvida a partir do uso da condicional, de que a América Latina seja prioridade de segunda ou terceira linha.

Por sua vez, no dado (69), o uso da condicional *se é que* seguida de uma perífrase verbal modalizadora no presente do indicativo, colabora para que o repórter expresse uma ideia de que a informação *para os brasileiros, a fome tem estagnado nos 2,5% da população*, não é de fato uma boa notícia, ao levar em conta a outra questão divulgada no relatório, de que existem 821 milhões de pessoas no mundo que passam os dias sem ingerir nenhum tipo de alimento, notícia esta que gera grande desconforto. Apesar de também haver a emissão de uma certeza velada, o grau de dúvida expresso pelo usuário é um pouco maior do que o que vemos nos dados (67) e (68), justamente pelo fato de que há um especificador de modo integrado ao verbo, conforme será discutido mais detalhadamente em seção seguinte.

As pretensões de utilização do conector *se é que* pelos usuários justificam a predominância dos usos de formas verbais no indicativo, cuja finalidade é emitir uma certeza sobre algo, juntamente com um conector que expressa condição, de modo que se possa estabelecer uma “certeza velada” e uma maior complexidade cognitiva. É diferente, por exemplo, dos casos em que os conectores condicionais evidenciam, ao serem utilizados com formas verbais no modo subjuntivo, possibilidades ou dúvidas, de modo mais direto, como ocorreu com os conectores *se acaso* e *se caso*.

Considerando que a relação modo-temporal funciona como um dos fatores determinantes da complexidade estrutural e cognitiva inerente aos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que* com a função condicional, podemos constatar que as relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se acaso*, ao constituírem formas verbais no futuro do pretérito e futuro do subjuntivo, indicam maior complexidade estrutural e cognitiva, se referindo a possibilidades futuras e apontando para usos em contextos mais cristalizados, em que se buscou expressar a possibilidade – sob alguma condição - de que algo irá acontecer.

Já, as relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se caso*, ao apresentarem uma significativa ocorrência de formas verbais no modo subjuntivo e no

tempo pretérito, demonstram menor complexidade estrutural e cognitiva, justificada, inclusive, por caracterizar o nível hipotético mais prototípico nas relações de condicionalidade (NEVES; BRAGA, 1998).

Quanto às relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se é que*, ao se constituírem de modo predominante por formas verbais no tempo presente do indicativo, também demonstram maior complexidade estrutural e cognitiva do que as relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se caso*, tendo em vista que atuam como um indício de menor grau de condicionalidade, quando comparado aos usos dos conectores *se acaso* e *se caso*, explicado pela possibilidade de emitir uma “certeza velada”.

Tendo em conta que, com base no grau de complexidade evidenciado pela relação modo-temporal das relações de condicionalidade e pelos gêneros textuais em que aparecem, vistos na seção anterior, entendemos que os contextos mais marcados atraem formas mais marcadas, e os contextos menos marcados atraem formas menos marcadas. Nesse sentido, além de considerarmos o índice de frequência dos usos do *se acaso* (7 ocorrências), *se caso* (94 ocorrências) e *se é que* (50 ocorrências) mencionados no capítulo anterior, podemos afirmar que o conector condicional *se caso* é menos marcado que os conectores condicionais *se é que* e *se acaso*, o que será reafirmado no decorrer do capítulo.

Nesse diapasão, levando em conta as relações modo-temporais mais prevalentes, também podemos estabelecer graus de certeza expressos pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, ilustrados com base na seguinte linha contínua:

Hipótese passada > Possibilidade futura > Certeza velada
 (se caso) (se acaso) (se é que)

É oportuno retomarmos alguns tópicos analisados no capítulo anterior que também colaboram para a percepção de que um conector condicional pode apresentar maior complexidade cognitiva em relação a outro conector. Como vimos no referido capítulo, o uso de recursos de pontuação nas orações adverbiais condicionais sinaliza a existência de pausa e uma consequente maior independência sintática. Em se tratando do uso de sinais indicativos de pausa maior, há uma consequente proporcionalidade em relação à complexidade cognitiva.

Além disso, vimos que as posições das orações condicionais em ordem intercalada, justificada, de acordo com o subprincípio da ordenação linear, pelo grau de importância atribuído aos conteúdos de um texto pelo falante, gera também uma maior complexidade cognitiva (NEVES, 2018). A essas duas situações, vimos que o conector *se é que* se enquadra sobremaneira, já que apresentou usos de sinais de pontuação indicativos de pausa maior, a exemplo do travessão e do ponto final, principalmente, o que pode realçar a sua maior complexidade cognitiva em relação aos conectores *se acaso* e *se caso*, que apresentaram a vírgula como sinal de pontuação mais aderente, indicativo de pausa menor. Dessa maneira, percebemos que a presença de sinais de pontuação indicadores de pausa nas orações encabeçadas pelo conector *se é que* são mais um indicativo que reforça um maior distanciamento da função de condicionalidade em relação aos demais conectores, já que evidenciam não apenas maior complexidade cognitiva, mas maior independência e menor encaixamento.

4.4 Especificadores nas perífrases verbais que constituem as orações adverbiais condicionais

Nesta seção, analisamos como quarto fator motivador a presença de especificadores aspectuais, modais e temporais nas perífrases verbais que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, e nas perífrases verbais que constituíram as orações nucleares. Como vimos na seção anterior, com base nos princípios da marcação e da iconicidade, nas ocorrências das orações adverbiais houve uma quantidade significativa de usos de perífrases verbais que acompanharam a oração condicional e, embora em quantidade inferior, também acompanharam as orações nucleares. Notamos que as funções sintáticas e semânticas provenientes desses usos revelam uma maior complexidade cognitiva, comprovada com base no princípio da iconicidade e nos seus subprincípios.

Entretanto, percebemos, ainda, que algumas das perífrases verbais, muito mais que um valor temporal, evidenciam valores aspectuais ou modais, o que também funciona como uma estratégia do usuário para atingir seu propósito comunicativo, juntamente com os usos dos conectores condicionais *se acaso*, *se caso* ou *se é que*. É apropriado, então, que explicitemos uma breve descrição de cada uma dessas categorias verbais, para melhor compreendermos suas distinções.

A categoria tempo alude à posição da ação verbal no percurso, como exemplificado na primeira seção do capítulo, em que foram analisadas as relações modo-temporais das formas verbais encontradas nas orações adverbiais condicionais, demonstrando ações passadas, presentes ou futuras. Por sua vez, a categoria aspecto, ligada à categoria tempo, alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo, podendo assinalar ações conclusas (perfectivas) ou ações inconclusas (imperfectivas), cada uma apresentando espécies, como ações inceptivas, ações terminativas, entre outras. Por último, a categoria modo assinala a posição do usuário em relação à ação verbal e seu agente ou fim, conforme já pudemos atestar quando identificamos a predominância do modo subjuntivo nas orações condicionais originadas pelo *se acaso* e pelo *se caso* e a predominância do modo indicativo nas orações condicionais originadas pelo *se é que*, justificadas pelos propósitos comunicativos. Ainda, alguns verbos auxiliares atuam como modalizadores, contribuindo para dar realce ao posicionamento do usuário da língua, como, por exemplo, o verbo *poder*, para indicar possibilidade ou incerteza (CASTILHO, 2010).

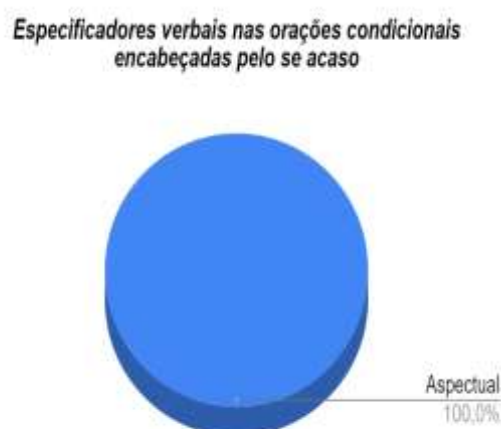
Com base nessa percepção, identificamos, estatisticamente, as ocorrências de formas perifrásticas encontradas nas orações adverbiais condicionais originadas por cada conector analisado e nas orações nucleares, que realçam eminentemente valores aspectuais, modais ou temporais, configurados através de especificadores verbais. Os resultados obtidos em relação às adverbiais condicionais geradas pelo conector *se acaso* podem ser visualizados nos Gráficos 5 e 6, a seguir:

Gráfico 5



Fonte: elaboração própria

Gráfico 6



Fonte: elaboração própria

Conforme podemos observar no Gráfico 5, foram identificados nas perífrases verbais que constituíram as orações nucleares encabeçadas pelo uso do conector *se acaso* especificadores verbais das categorias tempo, aspecto e modo. De um total de 5 ocorrências, 40% das perífrases verbais apresentaram especificadores temporais e 40% apresentaram especificadores modais. Os 20% restantes das perífrases apresentaram especificadores aspectuais.

Já de acordo com o Gráfico 6, as perífrases verbais que constituíram as orações condicionais encabeçadas pelo uso do conector *se acaso*, apresentaram, em sua totalidade, especificadores verbais da categoria aspecto. Esses resultados demonstram a necessidade que o usuário teve em melhor caracterizar a ação verbal, do que tão-somente explicitar uma condição, principalmente na oração condicional, ao mesmo tempo em que teve a necessidade de se posicionar em determinado momento, como vemos nas ocasiões em que foram encontrados especificadores modais nas orações nucleares. Retomemos os dados (09) e (10), para entendermos o funcionamento dos especificadores verbais³⁰:

(09) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. 'Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer", diz o áudio". (G1)

(10) Atualmente o terceiro goleiro na preferência do ex-treinador corintiano, ele certamente não poderá enfrentar o Atlético-PR, na Arena da Baixada, na próxima quarta-feira, e o Avaí, em Itaquera, no dia 12, o domingo que sucede o Derby. Ainda é improvável que ele consiga chegar no Brasil a tempo para jogar contra o Fluminense, no dia 15, também na arena corintiana. "Estou contando que ele fique fora três jogos. **Se acaso** conseguir jogar contra o Fluminense, vai ser lucro", comentou Carille, que fez questão de ter uma conversa particular com o camisa 12 para que ele não se sentisse "culpado" por deixar o restante do elenco justo no momento mais decisivo do torneio. (ESPN)

Através do dado (09), podemos perceber o propósito do usuário em recorrer a um especificador verbal aspectual imperfectivo, como notamos na oração condicional introduzida pelo *se acaso*. Ao utilizar a perífrase *vier a parar*, o usuário busca não

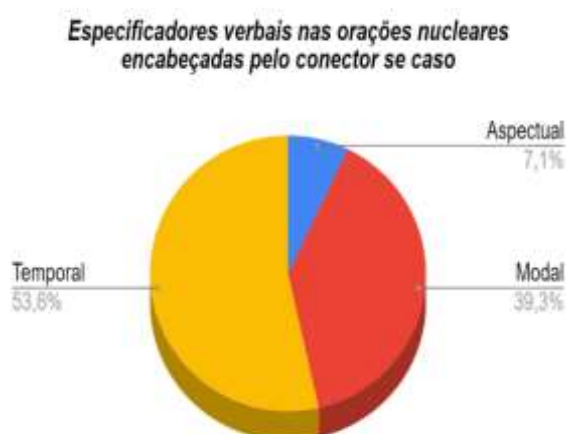
³⁰ Considerando que em seções anteriores já foram mencionadas algumas ocorrências em que é possível fazermos a conversão da perífrase verbal em verbo simples, achamos conveniente darmos ênfase, na presente seção, à análise dos casos em que houve a utilização de especificadores verbais aspectuais e modais.

apenas se referir a um processo terminativo, isto é, o término das cirurgias, como ocorreria caso tivesse utilizado apenas o verbo *parar*. A presença do auxiliar *vier* a possibilita que o usuário estabeleça uma relação entre a ação *estar sendo realizada* e a ação *parar*, que nesse caso, aparece como um ponto distante, indefinido, gerando uma visão prospectiva e inceptiva de que as cirurgias, embora estejam ocorrendo, poderão não mais ocorrer. Nesse mesmo dado, observamos a presença de um especificador modal na oração nuclear, que não é somente *teremos que estudar*, mas *vamos ter que estudar*. A primeira opção de uso já evidencia o verbo modal *ter*, que determina o modo como se realiza a ação verbal, isto é, estudar o caso será uma necessidade em decorrência do término das cirurgias. A segunda opção, além de determinar essa necessidade, em razão do uso do verbo *ter*, indica uma visão continuativa ao fato de algo um pouco distante, que é o término das cirurgias, se concretizar, enfatizada pelo verbo *vamos*.

No dado (10), percebemos o uso de uma perífrase verbal com especificador modal, na oração condicional introduzida pelo *se acaso*. A perífrase verbal *conseguir jogar*, através do especificador *conseguir*, determina uma visão de consecução. No dado, o usuário recorre ao especificador para tornar evidente a improvável possibilidade de que o jogador jogue contra o Fluminense, situação que dependerá da sua chegada ao Brasil e que trará vantagens ao time. Caso o jogador consiga jogar, *será lucro*, conforme é dito pelo treinador, presente na oração nuclear, o que também enfatiza a improbabilidade de o fato ocorrer.

Visualizemos, agora, os Gráficos 7 e 8, que ilustram os resultados obtidos em relação às adverbiais condicionais geradas pelo conector *se caso*:

Gráfico 7



Fonte: elaboração própria

Gráfico 8



Fonte: elaboração própria

De acordo com o Gráfico 7, foi identificado nas orações nucleares encabeçadas pelo conector *se caso*, considerando o total de 53 ocorrências de perífrases verbais, o equivalente a 53,6% de especificadores verbais temporais, o equivalente a 39,3% de especificadores verbais modais e o equivalente a 7,1% de especificadores verbais aspectuais do total. Por sua vez, com base no Gráfico 8, observamos que nas orações condicionais encabeçadas pelo conector *se caso*, diferentemente do que foi visto no Gráfico 5, referente ao conector *se acaso*, houve diversidade de especificadores verbais, tendo sido encontrados, de um total de 27 ocorrências de perífrases verbais, 41,7% correspondentes a especificadores aspectuais, 33,3% correspondentes a especificadores temporais e 25% correspondentes a especificadores modais. Notamos que, apesar de na oração condicional ainda prevalecerem os usos de especificadores aspectuais, houve a presença de especificadores modais, que contribuíram para que o usuário construísse seu posicionamento a respeito do assunto discutido. Vejamos algumas ocorrências:

- (70) A cartilha também aborda temas como “Respeito à Religião” e instrui os leitores sobre quais atitudes devem tomar **se caso** vierem a ser vítima de um dos dois crimes e quais órgãos devem ser acionados nestes casos. (REGIONAL PAULISTA)
- (71) [...] “O nosso caixa 2 está aqui” disse Alves que posou para foto com sua mulher e o cachorro do casal dentro de uma caixa de papelão. “A rede social é democrática. Elas colocam a minha verdade, a verdade da minha esposa, e cada um decide no que acreditar”, disse. O casal afirma que o apoio a Bolsonaro pode ser retirado **se caso** o capitão da reserva não faça um bom governo ou não cumpra suas promessas. (PARAÍBA ONLINE)

- (72) Quando a produtora perguntou se seria obrigada a fazer a compra na ótica, caso decidisse fazer a consulta no local, a vendedora responde que se ela não comprasse os óculos lá, teria que pagar pelo encaminhamento. “Aí você tem essa ficha que fica arquivada aqui. **Se caso** você quiser fazer em outro lugar, aí é R\$ 80 a consulta. Aí você leva a receita e faz onde quiser”, orientou. (G1)

Em (70), observamos uma ocorrência em que o usuário faz uso de uma forma perifrástica com especificador modal, na oração nuclear, e uma forma perifrástica com especificador aspectual imperfectivo, na oração condicional. Aparecendo na posição anteposta à oração condicional, a informação veiculada na oração nuclear é *atitudes que os leitores devem tomar*, isto é, de forma a dar destaque à obrigação e necessidade de que os leitores tomem essas atitudes, proveniente do uso do especificador modal *dever*. Esse dever está ancorado à possibilidade futura evidenciada na oração condicional de que os leitores venham a ser vítimas dos crimes mencionados na cartilha. O usuário, assim como vimos na ocorrência (09), concernente à oração condicional encabeçada pelo conector *se acaso*, recorre a um especificador aspectual, através do verbo *vir a*, de modo a possibilitar que seja estabelecida uma relação entre a ação *não ser vítima* e a ação *ser vítima*, que atua como um ponto distante, gerando uma visão prospectiva e inceptiva de que os leitores, embora até então não tenham sido vítimas dos crimes descritos na cartilha, poderão se tornar vítimas.

Na ocorrência (71), observamos a presença de uma forma perifrástica formada por um especificador modal na oração nuclear. Assim como em (70), a oração aparece na posição anteposta à condicional, contribuindo para dar destaque à informação veiculada na reportagem de que o apoio do casal a Bolsonaro pode ser retirado, a depender do seu governo e do seu (não) cumprimento de promessas. Dessa maneira, o usuário, para frisar a ideia de possibilidade de retirada do apoio, recorre ao especificador verbal *poder*, que funciona como auxiliar do verbo principal *retirar*.

Em (72), podemos perceber o uso de uma perífrase verbal também formada por um especificador modal, no entanto, diferentemente do que ocorre em (71), o especificador aparece na oração condicional encabeçada pelo conector *se caso*. O usuário, para enfatizar uma possibilidade futura, apresenta a oração condicional em posição anteposta. Para além de dar ênfase a uma possibilidade, o verbo *querer* funciona como um especificador modal, cuja utilização tem a finalidade de atenuar o crime de venda casada que ocorre na ótica, já que a vendedora, ao explicitar a perífrase

verbal *quiser fazer*, denota a ideia de que a desvantagem financeira gerada pelo ato de fazer a consulta em outra ótica, decorre, exclusivamente, da vontade do cliente. É evidente, portanto, que o propósito comunicativo não seria alcançado se a vendedora fizesse uso apenas do verbo *fazer*.

Vejamos os Gráficos 9 e 10, que ilustram os resultados obtidos em relação às adverbiais condicionais geradas pelo conector *se é que*:

Gráfico 9



Fonte: elaboração própria

Gráfico 10



Fonte: elaboração própria

De acordo com o Gráfico 9, que diz respeito à recorrência de especificadores verbais nas orações nucleares encabeçadas pelo *se é que*, houve uma maior quantidade de especificadores temporais, representando 50% do total de 24 ocorrências de perífrases verbais. Em segundo lugar, se encontra a quantidade de ocorrências de especificadores modais, representando 30% do total, e em terceiro lugar, se encontram os especificadores aspectuais, representando 20% do total de ocorrências. Em contraponto, no Gráfico 10, no que se refere à recorrência de especificadores verbais nas orações condicionais encabeçadas pelo *se é que*, observamos uma significativa predominância de especificadores modais, correspondendo a 71,4% do total de ocorrências de formas perifrásticas, enquanto que os especificadores temporais encontrados representaram 28,6%, não havendo registros de especificadores aspectuais.

As porcentagens obtidas, principalmente em se tratando dos especificadores verbais presentes nas orações condicionais, ilustradas no Gráfico 10, revelam

distanciamento das porcentagens vistas nos Gráficos 6 e 8, que tratam da quantificação dos especificadores verbais encontrados nas orações condicionais encabeçadas pelos conectores *se acaso* e *se caso*, respectivamente. Além disso, revelam o uso pragmático do item linguístico verbal como uma estratégia modalizadora, para o alcance do propósito comunicativo. O alto índice de formas perifrásticas com especificadores modalizadores nas orações condicionais introduzidas pelo conector *se é que* contribui para que o usuário expresse sua opinião de modo mais discreto, sem dar muita evidência de comprometimento.

Sob essa perspectiva, percebemos que a distinção entre os resultados obtidos nos usos do *se acaso* e do *se caso* e os resultados explicitados nos usos do *se é que* reforça os usuários expressam um menor grau de condicionalidade quando optam por utilizar o conector condicional *se é que* em relação àqueles que optam por utilizar os conectores condicionais *se acaso* e *se caso*, revelando, assim, contextos mais complexos.

Vejamos alguns dados para melhor compreendermos os resultados³¹ alcançados nos Gráficos 9 e 10:

(73) O ex-presidente disse que Wyllys “assume posições desassombradas, sobretudo no âmbito cultural-moral, firme atuação nas questões ligadas à população LGBT e defende com ardor posições minoritárias”. Ainda para o tucano, “eventuais excessos verbais ou gestuais cometidos - **se é que** existiram – devem ser resolvidos no âmbito parlamentar, com a supressão de referências a eles nos Anais da Câmara, nunca, porém apelando-se à violência da cassação ou suspensão de mandatos”. (ESTADO DE MINAS)

(74) [...] “Estamos indignados com esse aumento, **se é que** se pode chamar de aumento. Vamos mostrar à sociedade que PMs e bombeiros trabalham e não recebem diárias. Vamos distribuir cinco mil panfletos mostrando a violência no estado”, declarou o presidente da Associação de Cabos e Soldados, Albérison Carlos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

O dado (73) demonstra uma ocorrência em que percebemos o uso de um especificador modal na oração nuclear, através da perífrase *devem ser resolvidos*. Ao discutir sobre a possibilidade de ter havido excessos verbais ou gestuais cometidos por pelo deputado federal Jean Wyllys, atuante em prol das minorias, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso argumenta sobre a obrigatoriedade, sustentada pelo uso do verbo auxiliar *dever*, presente na forma perifrástica, de essas questões serem resolvidas no âmbito parlamentar. O ex-presidente, inclusive, faz uso do conector *se é que* para

³¹ Como houve significativa predominância da utilização de especificadores modais, optamos por apresentar e analisar ocorrências relacionadas apenas a essa categoria.

expressar certa dúvida em relação ao fato de ter havido excessos verbais ou gestuais, ao defender sobre a desnecessidade de que Wyllys tenha o seu mandato suspenso.

Por sua vez, o dado (74) apresenta uma ocorrência em que notamos o uso de um especificador modal na oração condicional, a partir da perífrase *pode chamar*. No dado, percebemos que o presidente da Associação de Cabos e Soldados, Albérison Carlos, ao externar sua indignação em relação ao aumento salarial que os policiais e bombeiros receberam, em Pernambuco, faz uso do verbo auxiliar *poder* para manifestar dúvida, incerteza, em relação à utilização termo *aumento*, considerando o baixo percentual salarial que os policiais e soldados passaram a receber. Dessa forma, através do uso conector *se é que*, seguido da perífrase verbal, verificamos que, na verdade, trata-se de uma “certeza velada” do usuário a respeito da incoerência do termo *aumento*, o que transparece, inclusive, um tom de ironia em relação ao que se fala, o que não seria alcançado caso tivesse recorrido a outro conector condicional.

Nessa perspectiva, o fato de o usuário revelar o propósito comunicativo de manifestar uma opinião a respeito de algo, sem que se comprometa, evitando uma possível refutação, faz com que seja utilizado um marcador linguístico verbal que funciona como uma estratégia modalizadora e que, nesse sentido, atua como um fator motivador do uso do conector condicional *se é que*, ao invés de outros conectores condicionais. Isso justifica a extensa quantidade de formas perifrásticas modais, principalmente, quando comparamos com os dados obtidos em relação aos especificadores verbais encontrados nos usos das condicionais *se acaso* e *se caso*, que apresentaram quantidade menor de perífrases verbais modais. Portanto, a partir do uso de especificadores verbais modais, somado ao uso do conector *se é que*, o usuário concebe uma “certeza velada”, que algumas vezes pode transparecer, até mesmo um tom de ironia, como identificado, por exemplo, na ocorrência (74).

4.5 Distribuição dos especificadores verbais que constituem as orações adverbiais condicionais nos gêneros textuais jornalísticos

A presente seção se destina a analisar a relação existente entre os especificadores verbais que constituem as orações adverbiais introduzidas pelos conectores condicionais *se acaso*, *se caso* e *se é que* e a concretização do propósito comunicativo do usuário, com base no gênero textual pelo qual a informação está sendo veiculada. Para isso, identificamos de que forma os especificadores verbais se distribuem no *corpus* da

pesquisa, retomamos alguns dados analisados anteriormente e evidenciamos ocorrências ainda não mencionadas para tornar mais clara a relação existente entre o uso dos especificadores e o gênero textual em que aparecem. Vejamos na Tabela 10, a seguir, a distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se acaso* nos gêneros textuais jornalísticos:

Tabela 10 – Distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se acaso* nos gêneros textuais jornalísticos

Gêneros textuais jornalísticos	Especificador verbal na oração adverbial condicional introduzida pelo <i>se acaso</i>		
	Temporal	Aspectual	Modal
Reportagem	2	5	1
Artigo	0	1	1
Total	10		

Fonte: elaboração própria

Conforme já foi discutido em seção anterior, as 7 ocorrências do conector condicional *se acaso* foram identificadas nos gêneros jornalísticos reportagem (5 ocorrências) e artigo (2 ocorrências). De acordo com o disposto na Tabela 10, observamos a distribuição dos 10 especificadores perifrásticos verbais presentes nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se acaso* nos referidos gêneros. O gênero reportagem apresentou orações condicionais compostas por especificadores temporais, aspectuais e modais, enquanto que o gênero artigo apresentou orações condicionais compostas por especificadores aspectuais e modais.

O dado (09) representa uma ocorrência no gênero reportagem em que foi utilizado um especificador aspectual, através da perífrase *vier a parar*, na oração condicional encabeçada pelo conector *se acaso* e um especificador modal, através da perífrase *vamos ter que estudar*, na oração nuclear encabeçada pelo conector:

(09) "Em relação às demais cirurgias e retornos de pacientes, a mensagem informa que elas estão sendo realizadas. 'Retornos estão sendo feitos normais. **Se acaso** a cirurgia vier a parar, nós vamos ter que estudar algum caso. Porém, retorno para retirada de pontos, retornos para avaliação, o próprio médico do PS pode fazer", diz o áudio". (G1)

Como evidenciado anteriormente, a utilização da perífrase *vier a parar* decorre de uma intencionalidade do usuário de ressaltar um valor aspectual terminativo, já que não se limitou a explicitar uma condição, mas buscou melhor caracterizar a ação verbal. Ao

mesmo tempo, a utilização da perífrase de valor modal *vamos ter que estudar* demonstra o propósito comunicativo do usuário de emitir um posicionamento acerca da situação apresentada, enfatizando uma necessidade futura. A presença desses especificadores está diretamente associada ao domínio discursivo do gênero reportagem, que possui o viés investigativo e interpretativo, com emissão de opinião das pessoas envolvidas no fato narrado, permitindo a utilização de formas verbais mais extensas, com maior complexidade cognitiva.

O dado (11), por sua vez, representa uma ocorrência no gênero artigo em que foi utilizado um especificador modal, através da perífrase *deveriam evitar*, na oração nuclear encabeçada pelo conector *se acaso*:

- (11) Brecht provoca o leitor, procura fazer com que este se veja como um mero coadjuvante do sistema econômico e político capitalista. Não por acaso, cita Marx ironicamente: “Antes de mais nada, os peixinhos deveriam evitar toda a inclinação materialista, egoísta e marxista e avisar imediatamente os tubarões **se acaso** um deles revelar alguma dessas inclinações desprezíveis”. (O GLOBO)

É interessante observarmos que na citação de Marx feita pelo escritor Brecht e retomada pelo usuário, apesar de a condicional *se acaso* aparecer juntamente com um verbo simples, na oração nuclear é utilizada a perífrase verbal modal, com o intuito de o usuário manifestar seu posicionamento crítico acerca do livro e ao mesmo tempo evidenciar o posicionamento irônico emitido pelo escritor em seu livro, o que contribui para a construção do posicionamento argumentativo do usuário. A presença do especificador modal está relacionada ao propósito comunicativo do gênero artigo, ao permitir que o usuário expresse sua opinião sobre determinado assunto.

Com base nos resultados dispostos na Tabela 10, reafirmamos o fato de que as formas verbais perifrásticas indicam maior complexidade estrutural e cognitiva. Desse modo, sua presença em orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se acaso*, nos contextos comunicativos que também sinalizam maior complexidade cognitiva, evidencia que contextos mais complexos atraem conectores mais marcados, a exemplo do *se acaso*.

Visualizemos, na Tabela 11, a seguir, a distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se caso* nos gêneros textuais jornalísticos:

Tabela 11 – Distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se caso* nos gêneros textuais jornalísticos

Gêneros textuais jornalísticos	Especificador verbal na oração adverbial condicional introduzida pelo <i>se caso</i>		
	Temporal	Aspectual	Modal
Reportagem	34	14	24
Notícia	3	0	0
Comentário de leitor	1	0	3
Entrevista	0	0	1
Total		80	

Fonte: elaboração própria

Podemos visualizar, na Tabela 11, a distribuição dos 80 especificadores perifrásticos verbais presentes nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se caso* nos 94 textos jornalísticos que foram analisados, contemplando os gêneros reportagem (72 ocorrências), notícia (11 ocorrências), comentário de leitor (8 ocorrências) e entrevista (3 ocorrências). O gênero reportagem apresentou orações condicionais compostas por especificadores temporais, aspectuais e modais, enquanto que o gênero notícia apresentou apenas orações condicionais compostas por especificadores temporais. Esse resultado pode ser entendido devido à menor extensão do gênero notícia em relação à reportagem e sua função de narrar um acontecimento de maneira sucinta e objetiva.

O gênero comentário de leitor apresentou orações condicionais compostas por especificadores temporais e modais, e o gênero entrevista apresentou oração condicional composta por especificador modal, resultados explicados também devido ao propósito dos gêneros de emitir um posicionamento argumentativo sobre o que está sendo discutido. Vejamos os dados (75) e (76), que evidenciam casos em que os usuários recorreram a especificadores modais nas orações encabeçadas pelo conector *se caso*, em gêneros distintos:

(75)[...]“Não pensei em sair ou ir embora. Nunca abandonaria o carnaval. **Se caso** não pudesse desfilar com fantasia, desfilaria com um vestido ou camisa de apoio acompanhando a minha Tijuca querida.” (G1)

(76)Quando será possível melhoras na questão de médicos, medicações, acomodação? **Se caso** dever tomar um soro não tem como... (ALAGOAS 24 HORAS)

O dado (75) demonstra uma ocorrência no gênero reportagem em que foi utilizado um especificador modal, através da perífrase *pudesse desfilar*, na oração condicional introduzida pelo conector *se caso*, na fala de Ana Paula Evangelista, recuperada pelo repórter. O verbo *poder*, que constitui a perífrase verbal, contribui para a usuária dar ênfase a uma possibilidade, a de não desfilar com fantasia, devido a acidente que sofreu, colaborando para a emissão da sua opinião em relação ao fato narrado. O dado (76), em contraponto, demonstra uma ocorrência do gênero comentário de leitor, em que o usuário, ao construir seu posicionamento acerca da precariedade nos hospitais da sua cidade, informado em reportagem, utiliza um especificador modal, através da perífrase *dever tomar*, na oração condicional introduzida pelo *se caso*. O uso do verbo *dever* contribui para frisar a necessidade de os moradores da sua cidade tomarem soro e a consequente impossibilidade, devido ao descaso com a saúde nos hospitais.

Com base na Tabela 11, observamos que, embora também tenha havido quantidade significativa de formas verbais perifrásticas nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se caso*, houve predominância de especificadores temporais no gênero reportagem, e houve apenas a presença de especificadores temporais no gênero notícia. Nesse sentido, é perceptível a relação existente entre os usos de especificadores verbais temporais e contextos comunicativos com menor complexidade cognitiva, e a relação existente entre os usos de especificadores verbais aspectuais e modais e contextos comunicativos com maior complexidade cognitiva.

Esses resultados evidenciam uma distinção em relação aos usos das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se acaso*, considerando que, além de não terem sido identificadas no gênero notícia (contexto com menor complexidade cognitiva), evidenciou a predominância de especificadores verbais aspectuais no gênero reportagem, uma vez que os usuários buscaram melhor caracterizar a ação verbal no tempo, demonstrando maior complexidade estrutural e cognitiva.

A partir disso, considerando o maior índice de frequência do conector *se caso* (94 ocorrências), em relação ao índice de frequência do *se acaso* (7 ocorrências), além de levarmos em conta, como já mencionado, a predominância da relação modo-temporal das orações introduzidas pelo *se caso* no tempo pretérito (menos complexo), enquanto que a relação modo-temporal evidenciada pelas orações introduzidas pelo *se acaso* foi no tempo futuro (mais complexo), podemos afirmar que o conector *se caso* é

menos marcado que o conector *se acaso*, ao ser utilizado em contextos menos complexos.

Com relação à distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se é que* nos gêneros textuais jornalísticos, vejamos a Tabela 12:

Tabela 12 – Distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se é que* nos gêneros textuais jornalísticos

Gêneros textuais jornalísticos	Especificador verbal na oração adverbial condicional introduzida pelo <i>se é que</i>		
	Temporal	Aspectual	Modal
Reportagem	17	5	21
Artigo	2	0	5
Comentário de leitor	1	0	1
Entrevista	0	0	0
Total		52	

Fonte: elaboração própria

Nas 50 ocorrências de orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector condicional *se é que* identificadas nos gêneros jornalísticos reportagem (36 ocorrências), artigo (8 ocorrências), comentário de leitor (4 ocorrências) e entrevista (2 ocorrências), foram encontrados 52 especificadores perifrásticos verbais. De acordo com o disposto na Tabela 12, o gênero reportagem apresentou orações condicionais compostas por especificadores temporais, aspectuais e modais.

Em sequência, os gêneros artigo e comentário de leitor apresentaram orações condicionais compostas por especificadores temporais e modais, enquanto que o gênero entrevista não apresentou orações condicionais compostas por especificadores perifrásticos verbais. Apesar disso, é interessante ressaltarmos o que ocorre no gênero entrevista, visto no dado (58), ao evidenciar o uso do conector *se é que* juntamente com um verbo na forma simples, no modo indicativo, que apesar de ter a finalidade de emitir uma certeza sobre algo, juntamente com um conector que expressa condição, estabelece uma “certeza velada” e uma maior complexidade cognitiva:

(58) **A euforia do mercado com a condenação de Lula demonstra que os investidores já o consideram carta fora do baralho?**

Resposta: O Lula é percebido como um candidato que não levaria adiante as reformas. É um candidato forte e saiu do páreo, **se é que** já saiu. Aí o mercado antecipa. (ESTADO DE MINAS)

Além disso, é importante observarmos a presença do advérbio *já* na oração condicional, que funciona como um indicador aspectual, ao expressar uma ação ainda não alcançada no tempo.

O dado (57) demonstra uma ocorrência no gênero reportagem em que foi utilizado um especificador modal, através da perífrase *posso chamar*, na oração condicional introduzida pelo conector *se é que*, na fala da cantora Tati Quebra Barraco, recuperada pelo repórter:

(57) [...] Contudo, a cantora não pretende entrar com ação judicial para receber indenização: “Desses seres humanos – **se é que** posso chamar assim, né? –, não quero um tostão. Quero que cada um faça serviço comunitário ou distribua cestas básicas para comunidades carentes”. (ALAGOAS 24 HORAS)

Em sua fala, a cantora faz uso do conector *se é que* para expressar sua “certeza velada” de que essas pessoas, devido a sua conduta desumana, não podem ser chamadas de seres humanos. Trata-se, portanto, da manifestação de um aparente posicionamento, possibilitado pelo uso do conector, além da subsequente forma perifrástica modal *poder chamar*. Em (60), observamos um caso no gênero artigo em que o usuário recorre a um especificador modal, através da perífrase *podemos chamar*, subsequente ao conector *se é que*:

(60) Lembro-me de um conselho, **se é que** podemos chamar assim, dado, na década de sessenta do século passado, para a poetisa Lúcia se firmando no meio intelectual do Recife: que lesse uma antologia de poemas e poetas, desde Homero até o modernismo brasileiro. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Desse modo, ao manifestar sua opinião, sem que se comprometa, evitando uma possível refutação, o especificador linguístico verbal funciona como uma estratégia modalizadora, para a construção de uma “certeza velada”.

A preservação do espaço do autor, visando se proteger de possíveis refutações, como podemos perceber, é vista de maneira recorrente através do uso do conector *se é que*. Ela também é explicada, como vimos, devido à relação modo-temporal prevalente de formas verbais no presente do indicativo que acompanham o conector e aos usos

frequentes de especificadores modalizadores encabeçados nas formas perifrásticas. Essa situação foi visualizada nos resultados evidenciados na Tabela 12, quando comparados aos resultados observados nas Tabelas 10 e 11, a respeito da distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo *se acaso* e pelo *se caso* nos gêneros textuais jornalísticos. Todos esses aspectos explicam, portanto, uma maior porcentagem de gêneros opinativos diversos em que o conector *se é que* foi identificado.

Sob essa perspectiva, podemos afirmar que há uma nítida relação entre os princípios da marcação e da iconicidade. Como vimos no capítulo anterior, ao analisarmos a ordem da oração adverbial como um dos critérios para determinar a prototipicidade da categoria condicional, a posição anteposta à oração nuclear, mais prototípica e menos marcada, foi predominante nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores *se acaso* e *se caso*. Já, a posição posposta à oração nuclear, menos prototípica e mais marcada, foi predominante nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se é que*.

Esses resultados são explicados através do subprincípio da ordenação linear, considerando que o usuário tende a topicalizar uma informação a que quer dar destaque, dessa forma, optando por expressá-la em posição anteposta. Diferentemente, considerando a “certeza velada” emitida pelos usuários nas orações introduzidas pelo *se é que*, a sua colocação em posição posposta funciona como mais uma maneira de dar menos evidência à opinião que se quer emitir sem que haja comprometimento, além de expressar a relação condicional de modo menos direto do que ocorre com as orações introduzidas pelo *se acaso* e pelo *se caso*, revelando maior complexidade cognitiva e maior marcação.

Além disso, a presença de formas verbais perifrásticas no modo subjuntivo³² com especificadores temporais, aspectuais e modais nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que* pode ser explicada a partir dos subprincípios da quantidade e da proximidade. Formas verbais compostas por especificadores possuem maior quantidade de informação que formas verbais simples e indicam menor proximidade semântica, evidenciando menor integração sintática que as formas verbais simples, já que como vimos, por exemplo, na ocorrência (09), a

³² Como já foi mencionado, as orações condicionais acompanhadas por verbos na forma indicativa apresentam maior complexidade cognitiva que quando acompanhadas por verbos na forma subjuntiva, mais comum de ocorrer ao serem estabelecidas as relações de condicionalidade.

utilização da perífrase *vier a parar*, ao invés de apenas o verbo *parar*, visa ressaltar um valor aspectual terminativo, não se limitando a explicitar uma condição, mas melhor caracterizando a ação verbal.

A utilização da perífrase de valor modal *vamos ter que estudar*, por sua vez, ao invés de apenas o uso do verbo *estudaremos*, visa não apenas evidenciar uma ação futura, mas emitir um posicionamento acerca da situação apresentada, de modo a frisar uma necessidade futura. Nesse sentido, os contextos em que foram identificadas orações condicionais introduzidas pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, acompanhados por formas verbais perifrásticas no modo subjuntivo revelam maior complexidade estrutural e cognitiva, sendo mais marcados que os contextos em que foram usadas formas verbais simples no modo subjuntivo.

4.6 Síntese do capítulo

Neste capítulo, evidenciamos, a partir dos dados coletados em textos jornalísticos que constituíram o *corpus* da pesquisa, alguns fatores que atuam como motivadores para a escolha dos usuários pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Também, examinamos os graus de marcação dos contextos de uso dos referidos conectores para verificar se contextos mais complexos atraem conectores mais marcados e vice-versa. Ainda, relacionamos marcação e iconicidade, através da verificação da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva nos usos dos conectores condicionais.

O primeiro fator analisado foram os gêneros textuais jornalísticos em que os conectores condicionais aparecem, com o intuito de verificar os contextos preferenciais ou típicos nos quais os conectores foram utilizados. Pudemos constatar a prevalência das ocorrências dos três conectores no gênero reportagem, justificada pelas características próprias do gênero jornalístico em questão, por apresentar o viés investigativo e interpretativo, e geralmente, ser um texto mais extenso quando comparado à notícia, permitindo que sejam apresentadas as versões dadas pelas pessoas que estão envolvidas no acontecimento. Identificamos, assim, que as relações hipotéticas estiveram presentes, majoritariamente, ao tratar da recuperação da fala de algum envolvido no acontecimento narrado. Por fim, atestamos uma maior diversidade e porcentagem de ocorrências do conector *se é que* nos gêneros do tipo opinativo.

Constatamos que os usos dos conectores *se acaso* e *se é que* indicaram maior complexidade cognitiva, ao serem utilizados de modo mais recorrente nos gêneros jornalísticos do tipo opinativo e interpretativo, para evidenciar um ponto de vista do próprio enunciador do texto ou resgatar a fala de outra pessoa, estabelecendo uma sequência argumentativa a respeito do que está sendo defendido. Diferentemente, o conector *se caso* evidenciou de modo mais recorrente menor complexidade cognitiva, ao ser utilizado em contextos que visam informar objetivamente sobre um fato ou, de modo mais frequente que nos usos do *se acaso* e *se é que* em gêneros do tipo interpretativo que dizem respeito à fala do próprio enunciador, de forma aparentemente menos monitorada.

O segundo fator motivador analisado foi a relação modo-temporal dos verbos que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores. Identificamos que as relações modo-temporais nas orações adverbiais condicionais originadas pelo uso do conector *se acaso* evidenciaram, em sua totalidade, a relação no futuro do subjuntivo, para se referir a possibilidades futuras, demonstrando usos mais restritos. Constatamos que as relações modo-temporais nas orações adverbiais condicionais originadas pelo uso do conector *se caso* evidenciaram maior variação, tendo prevalecido formas verbais no futuro do pretérito (oração nuclear) e pretérito imperfeito do subjuntivo (oração condicional), para se referir, majoritariamente, a hipóteses passadas, isto é, que poderiam ter ocorrido.

Em se tratando das relações modo-temporais nas orações adverbiais condicionais originadas pelo uso do conector *se é que*, verificamos que formas verbais no presente do indicativo, na oração nuclear e na oração condicional, foram as mais prevalentes. Constatamos que a prevalência dos verbos no modo indicativo colabora para emitir uma certeza sobre algo, e juntamente com o conector *se é que*, estabelece uma “certeza velada”, expressando maior complexidade cognitiva.

Em sequência, o terceiro fator motivador analisado foram as formas verbais que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Evidenciamos a predominância da forma verbal perifrástica nas adverbiais condicionais e a explicamos, a partir do princípio da iconicidade e dos subprincípios da quantidade e da proximidade, que justificam o grau de complexidade cognitiva revelado nesses usos.

O quarto fator motivador analisado foi a presença de especificadores aspectuais, modais e temporais nas perífrases verbais que constituíram as orações adverbiais

condicionais originadas pelos usos dos conectores. Constatamos que valores aspectuais ou modais também funcionam como uma estratégia do usuário para atingir seu propósito comunicativo, e revelam maior complexidade cognitiva, sendo justificada a elevada quantidade de formas perifrásticas modais, principalmente, a partir da comparação dos dados obtidos nas ocorrências do *se é que* em relação aos especificadores verbais encontrados nos usos das condicionais *se acaso* e *se caso*.

Percebemos que a distinção entre os resultados obtidos nos usos do *se acaso* e do *se caso* e os resultados explicitados nos usos do *se é que* reforçam que os usuários expressam um menor grau de condicionalidade quando optam por utilizar o conector condicional *se é que* em relação àqueles que optam por utilizar os conectores condicionais *se acaso* e *se caso*, revelando, assim, contextos mais complexos.

Através da análise da distribuição dos especificadores verbais das orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, nos gêneros textuais jornalísticos, constatamos a relação existente entre os usos de especificadores verbais nas orações adverbiais condicionais e a concretização do propósito comunicativo do usuário. Percebemos a relação existente entre os usos de especificadores verbais temporais e contextos comunicativos com menor complexidade cognitiva, e a relação existente entre os usos de especificadores verbais aspectuais e modais e contextos comunicativos com maior complexidade cognitiva.

Comprovamos, ainda, que os gêneros, juntamente com formas verbais no presente do indicativo que acompanharam o conector *se é que*, e os usos frequentes de especificadores modalizadores encabeçados nas formas perifrásticas, atuaram como fatores motivadores para o uso do conector, de modo que o usuário pudesse não se comprometer com afirmações categóricas, mas, ao mesmo tempo, emitisse sua opinião sobre algo, visando se proteger de possíveis refutações. Por fim, ressaltamos a nítida relação entre os princípios da marcação e da iconicidade ao retomarmos a ordem da oração adverbial como um dos critérios para determinar a prototipicidade da categoria condicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar o funcionamento sintático, semântico e discursivo das relações de condicionalidade, nelas inseridos os conectores condicionais, especialmente, os itens *se acaso*, *se caso* e *se é que*, em textos jornalísticos *online*, com base em princípios do Funcionalismo Norte-Americano.

Para conduzir o desenvolvimento da pesquisa, elaboramos três questões que foram satisfatoriamente respondidas ao longo do trabalho e que contribuíram para uma descrição mais ampliada do domínio funcional da condicionalidade, atingindo o objetivo geral proposto. Para alcançar o primeiro objetivo específico apresentado, inicialmente, identificamos os itens linguísticos que assumiram função de conectores condicionais nos textos jornalísticos *online*, tendo os itens *se caso* e *se é que* ocupado, quanto ao índice de frequência, a segunda e terceira posição, respectivamente. Esses resultados evidenciaram que os conectores *se caso* e *se é que* vêm apresentando alto índice de frequência nos textos jornalísticos *online* no exercício das relações de condicionalidade em situações de escrita da língua, a partir dos propósitos comunicativos dos usuários.

Em sequência, analisamos as variações sintáticas, semânticas e discursivas dos conectores condicionais, através da aplicação dos parâmetros e dos critérios de investigação de prototipicidade descritos, isto é, *existência ou não de pausa*, *ordem da oração adverbial*, *estatuto informacional* e *nível hipotético*. Constatamos, com base também nos princípios da iconicidade e da gramaticalização, o que supusemos inicialmente, ao ser evidenciada a diversidade de seus usos, com influência direta na organização textual e discursiva.

Essa análise contribuiu para atingirmos o segundo objetivo específico apresentado. Além disso, os dados analisados proporcionaram confirmarmos a hipótese de que interferências de especificidades contextuais de natureza funcional, relacionadas aos conectores, determinam a presença tanto de itens conservadores quanto de itens inovadores na codificação de estruturas condicionais em textos jornalísticos *online*. Evidenciamos, por exemplo, ao aplicarmos o parâmetro *existência ou não de pausa*, que a presença de sinais de pontuação indicadores de pausa nas orações encabeçadas pelo conector *se é que* são um indicativo que reforça um maior distanciamento da função de condicionalidade em relação aos demais conectores. Pelo visto, tais conectores

evidenciam não apenas maior complexidade cognitiva, mas maior independência e menor encaixamento.

Ao aplicarmos o parâmetro *ordem da oração adverbial*, constatamos que, nas situações em que se buscou destacar uma informação da oração adverbial condicional, o usuário a expressou em primeiro plano, de maneira anteposta à oração principal. Do mesmo modo, a oração adverbial condicional foi posta em segundo plano, nas situações em que o usuário quis dar destaque à informação presente na oração principal. Além disso, identificamos que, a rigor, as orações intercaladas rompem com uma ordenação linear mais canônica, o que pode justificar sua baixa frequência nos usos dos conectores condicionais analisados.

Ao estabelecermos o cruzamento entre os parâmetros *ordem da oração adverbial* e *estatuto informacional*, os dados analisados evidenciaram a ocorrência de informações velhas introduzidas por meio das orações condicionais antepostas à oração nuclear. Vimos, em sua totalidade, nos usos dos conectores *se*, *caso*, *se acaso* e *sem que*, e de forma majoritária nos usos do conector *se caso*, indicando que é mais prototípica na oração condicional que aparece na ordem anteposta à oração nuclear, a veiculação de uma informação velha. Em contrapartida, apesar de as orações condicionais pospostas à nuclear expressarem informações novas na maioria das ocorrências introduzidas pelos conectores *se*, *caso* e *se caso*, evidenciamos uma totalidade de ocorrências de orações pospostas que introduziram informação velha nos usos dos conectores *se é que* e *se acaso*.

Na sequência, pudemos evidenciar outros valores semânticos e discursivos estabelecidos nos usos dos conectores condicionais selecionados, explicados com base nos princípios de gramaticalização estabelecidos por Hopper (1987). Com base no princípio da *persistência*, percebemos, por exemplo, que, as orações condicionais introduzidas pelo conector *se* podem assumir, em alguns contextos, outros valores, a exemplo do temporal, embora continuem assumindo valor semântico original de condicionalidade dentro da oração que introduz. Ao mesmo tempo, com base no princípio da *divergência*, entendemos que seu uso com valor condicional permanece autônomo, resultando no surgimento de múltiplas funções de mesma etimologia que, embora divergentes, convivem numa mesma sincronia. Através do princípio da *estratificação*, observamos que o surgimento da nova forma condicional estabelecida pelos usos do conector *se caso*, mantém acirrada a existência da concorrência entre as formas, característica evidente dos conectores condicionais, uma vez que os usos dos itens linguísticos dependem da escolha consciente do usuário ou mesmo do domínio

linguístico que ele tenha. Esse fato foi evidenciado até mesmo pelo elevado índice de frequência dos usos do *se caso* no *corpus* de análise.

Ao aplicarmos o parâmetro *nível hipotético*, constatamos que se sobressaiu a relação hipotética eventual nos usos dos conectores condicionais, mais um elemento a ser considerado ao analisarmos a prototipicidade na categoria dos conectores condicionais. Percebemos que os resultados obtidos na análise do *se é que* se aproximam dos resultados alcançados na análise dos conectores *caso* e *se acaso*, ao introduzirem orações adverbiais condicionais. Diferentemente, o nível hipotético estabelecido nos usos do *se caso* remeteram a maior variação, se aproximando dos resultados alcançados na análise do conector *se*, o que demonstra que o *se caso* apresenta, assim como o conector *se*, função condicional mais genérica quando comparados com os demais conectores condicionais, apesar de o conector *se* ter apresentado as três possibilidades de níveis hipotéticos.

Os resultados alcançados ao investigarmos o comportamento do *se caso* através dos parâmetros descritos, além de sua significativa frequência de uso no *corpus* da pesquisa, nos permitiram afirmar que o conector possui características que o enquadram na categoria dos conectores condicionais, além de apresentar distinções em relação aos usos do conector *se acaso*, como, por exemplo, maior variação quanto à ordem da oração adverbial, ao nível hipotético e ao estatuto informacional. Em suma, os resultados obtidos no capítulo também contribuíram para confirmarmos a hipótese de que variabilidades sintáticas, semânticas e discursivas constatadas nos usos podem atestar que o surgimento do *se caso* não advém da supressão da vogal *a*, presente no advérbio *acaso*, do conector condicional *se acaso*, apresentando, portanto, divergências funcionais em relação aos conectores condicionais *se*, *caso* e *se acaso*.

Para alcançarmos o terceiro objetivo específico apresentado, no capítulo seguinte, descrevemos alguns fatores que aparentemente atuam como motivadores para a escolha dos usuários da língua pela utilização dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelos conectores. A partir da análise e descrição dos fatores, examinamos os graus de marcação dos contextos para verificar se contextos mais complexos atraem conectores mais marcados e vice-versa. Buscamos, também, relacionar marcação e iconicidade, através da verificação da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva nos usos dos conectores condicionais.

Conforme havíamos acreditado, inicialmente, fatores como gêneros textuais jornalísticos, formas verbais, presença de especificadores perifrásticos aspectuais,

modais e temporais, e relações modo-temporais dos verbos que constituíram as orações adverbiais condicionais originadas pelos usos dos conectores, atuaram como motivadores para a escolha dos usuários pelos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Constatamos a prevalência das ocorrências dos três conectores no gênero reportagem, justificada pelas características próprias do gênero jornalístico em questão e atestamos uma maior diversidade e porcentagem de ocorrências do conector *se é que* nos gêneros do tipo opinativo.

Ao examinarmos os gêneros textuais como um dos fatores determinantes da complexidade cognitiva inerente aos usos dos referidos conectores, constatamos que, quando utilizados em contextos comunicativos que buscam informar o leitor sobre um fato, sinalizam menor complexidade cognitiva que nos contextos em que buscam interpretar um fato, principalmente quando há o resgate da fala de quem presenciou o fato para estabelecer uma sequência argumentativa. Ao mesmo tempo, percebemos maior complexidade cognitiva nos contextos nos quais a relação de condicionalidade estabelecida possibilita a construção de um ponto de vista do usuário a respeito de um fato, de modo que a oração condicional funciona como uma sequência argumentativa que confirma a tese do usuário a respeito do que está sendo tratado.

Sob essa perspectiva, pudemos afirmar que os usos dos conectores *se acaso* e *se é que* indicam maior complexidade cognitiva, ao serem utilizados de modo mais recorrente nos gêneros jornalísticos do tipo opinativo e interpretativo, para evidenciar um ponto de vista do próprio enunciador do texto ou resgatar a fala de outra pessoa, estabelecendo uma sequência argumentativa a respeito do que está sendo defendido.

Diferentemente, o conector *se caso*, por apresentar maior diversidade de usos nos gêneros textuais jornalísticos, justificado também pelo seu elevado índice de frequência, quando comparado aos usos do *se acaso* e do *se é que*, evidencia de modo mais recorrente menor complexidade cognitiva, ao ser utilizado em contextos que visam informar sobre um fato ou, de modo mais frequente que nos usos do *se acaso* e *se é que* em gêneros do tipo interpretativo que dizem respeito à fala do próprio enunciador, de forma menos monitorada.

Pudemos constatar que as relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se acaso*, ao constituírem formas verbais no futuro do pretérito e futuro do subjuntivo, indicam maior complexidade estrutural e cognitiva, ao passo que as relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se caso*, ao apresentarem uma significativa ocorrência de formas verbais no modo subjuntivo e no tempo pretérito,

demonstram menor complexidade estrutural e cognitiva. Quanto às relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se é que*, ao constituírem de modo predominante formas verbais no tempo presente do indicativo, também demonstra maior complexidade estrutural e cognitiva do que as relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se caso*, explicada pela possibilidade de emitir uma “certeza velada”, indicando menor grau de condicionalidade.

Em seguida, evidenciamos que as relações modo-temporais nas orações adverbiais condicionais originadas pelo uso do conector *se caso* apresentaram maior variação, tendo prevalecido formas verbais no futuro do pretérito (oração nuclear) e pretérito imperfeito do subjuntivo (oração condicional), para se referir, majoritariamente, a hipóteses passadas, isto é, que poderiam ter ocorrido. Verificamos, no que diz respeito às relações modo-temporais originadas pelo uso do conector *se é que*, a prevalência de formas verbais no presente do indicativo, na oração nuclear e na oração condicional, o que colabora para emitir uma certeza sobre algo, e juntamente com o conector *se é que*, estabelece uma “certeza velada”, expressando maior complexidade cognitiva.

Buscamos identificar as motivações cognitivas e interacionais inerentes aos usos dos conectores *se acaso*, *se caso* e *se é que*, com ênfase na sua relação com a concretização do propósito comunicativo dos usuários dos conectores. Nessa perspectiva, evidenciamos a predominância da forma verbal perifrástica nas adverbiais condicionais e a explicamos, a partir do princípio da iconicidade e dos subprincípios da quantidade e da proximidade, e do princípio da marcação, que justificam o grau de complexidade cognitiva revelado nesses usos, sendo constatado que o conector *se caso* é menos marcado, ao passo que os conectores *se acaso* e *se é que* são mais marcados.

Percebemos que a ausência de orações hipotáticas adverbiais condicionais introduzidas pelo *se acaso* acompanhadas de verbos simples nas orações nuclear e condicional é um indício de que contextos mais complexos, com formas perifrásticas no tempo futuro, por exemplo, atraem conectores mais marcados. Do mesmo modo, observamos que a maior quantidade de orações hipotáticas adverbiais condicionais constituídas por verbos simples nas orações nuclear e condicional, revelada nas orações introduzidas pelo *se caso*, é um indício de que contextos menos complexos atraem conectores menos marcados. Pudemos evidenciar que os usos das formas perifrásticas verbais nas orações adverbiais introduzidas pelos conectores condicionais revelam a proporcionalidade entre a forma verbal, mais extensa, e a maior quantidade de

informação, em relação aos usos das formas verbais simples, associada aos propósitos comunicativos dos usuários.

Constatamos que o alto índice de formas perifrásticas com especificadores modalizadores nas orações condicionais introduzidas pelo conector *se é que* contribui para que o usuário expresse sua opinião de modo mais discreto, sem dar muita evidência de comprometimento. Sob essa perspectiva, percebemos que a distinção entre os resultados obtidos nos usos do *se acaso* e do *se caso* e os resultados explicitados nos usos do *se é que* reforça os usuários expressam um menor grau de condicionalidade quando optam por utilizar o conector condicional *se é que* em relação àqueles que optam por utilizar os conectores condicionais *se acaso* e *se caso*, revelando, assim, contextos mais complexos.

Por fim, a análise desenvolvida ao longo do capítulo nos permitiu confirmar a hipótese de que relações entre os usos de especificadores perifrásticos verbais nas estruturas adverbiais condicionais e o gênero textual jornalístico em que foram identificados, articulados com vistas a concretização do propósito comunicativo do usuário, revelam determinadas motivações cognitivas e estratégias interacionais dos usuários. Comprovamos, por exemplo, que os gêneros, juntamente com formas verbais no presente do indicativo que acompanharam o conector *se é que*, e os usos frequentes de especificadores modalizadores encabeçados nas formas perifrásticas, atuaram como fatores motivadores para o uso do conector.

Acreditamos que a pesquisa trouxe contribuições significativas para os estudos funcionalistas, considerando que, como mencionamos na parte introdutória, não havia, até então, pesquisas voltadas para as relações de condicionalidade estabelecidas nos usos dos conectores *se caso* e do *se é que*, apontados como inovadores, a partir do *corpus* textos jornalísticos *online*, levando em conta as características próprias dos suportes jornalísticos *online* e dos gêneros identificados.

Em vista disso, trata-se de uma pesquisa que apresenta originalidade, ao esclarecer, dentre outras questões, que há divergências de usos entre as orações introduzidas pelos conectores *se acaso* e *se caso*, com base nos critérios de prototipicidade descritos e analisados, e com base nos fatores que atuaram como motivadores das escolhas dos usuários pelos itens *se acaso*, *se caso* e *se é que*. Outra questão que merece destaque são os graus de marcação dos contextos inerentes aos usos dos referidos conectores e as motivações estruturais, cognitivas e interacionais que puderam ser constatadas ao investigarmos as orações condicionais introduzidas por

esses conectores, através dos quais constatamos a denominada “certeza velada” como uma das estratégias comunicativas inerentes aos usos das orações condicionais introduzidas pelo *se é que*.

Ao mesmo tempo, a presente pesquisa possibilita que as relações de condicionalidade sejam aplicadas em outros contextos, de modo que se construam outras contribuições sobre a temática. Além disso, a constatação, durante a nossa investigação, de que não há estudos, por exemplo, mais especificamente voltados para o surgimento dos conectores *se acaso* e do *se caso*, traz à tona a necessidade da realização de estudos diacrônicos a esse respeito, com vistas a ampliar e aprofundar ainda mais a descrição das divergências contextuais de seus usos.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. Tese (Doutorado em Letras). PPGLL/UFBA, Salvador, 1999.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOLINGER, D. **From meaning to form**. 1977. Disponível em: [https://www.uio.no/studier/emner/hf/ikos/EXFAC03AAS/h05/larestoff/linguistics/Chapter%202.\(H05\).pdf](https://www.uio.no/studier/emner/hf/ikos/EXFAC03AAS/h05/larestoff/linguistics/Chapter%202.(H05).pdf) . Acesso em: 12 out. 2019.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em Discurso**, Universidade do Sul de Santa Catarina, v. 4, n. 1, 2003. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/263. Acesso em: 27 abr. 2020.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. L. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge/ New York: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.
- BYBEE, J. L. HOPPER, P. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar. Tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago and London: University of Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO, M. M. et al. **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAFE, W. **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, pp. 437-449, 1984.

CHAFE, W. L. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, subjects, topics and point of view In: LI, C. **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

COLLINS, A. M.; QUILLIAN, M. R. Retrieval time from semantic memory. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, 8, p. 240-247, 1969.

COMRIE, B. Conditionals: A typology. In E.C. Traugott, A. Meulen, J.S. Reilly & C.A. Ferguson (Eds.), **On Conditionals** Cambridge: Cambridge University Press, pp. 77-99, 1986.

CUNHA, C. (1989). **Gramática do português contemporâneo**. Edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. F. **Corpus do português**. 2006. Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Acesso em: 20 mar. 2020.

DAHLET, V. **As (man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. et al. (org.). **Aspectos da gramática do português**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

DUARTE, M. C. e CASSEB-GALVÃO, V. Funcionalismo clássico aplicado ao ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V. e NEVES, M. H. M. **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editora, 2017.

DU BOIS, J. W. Discourse and Grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The New Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure**, v. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003, pp. 47-88.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. Petrópolis: Vozes, 1985.

FORD, C. E.; THOMPSON, S. A. "Conditionals in discourse: A text-based study from English." In Traugott, pp. 353-372, 1986.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. Rios de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Parábola, 2015. p.21-47.

FURTADO DA CUNHA, M. A. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (Orgs.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E., B. **Revista do GELNE**. Vol. 15, Número Especial. Natal: UFRN, 2013. p. 53-78.

FURTADO DA CUNHA M. A.; TAVARES, M.A. Linguística Funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA M. A.; TAVARES. M.A. (Org.). A gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino. **Funcionalismo e ensino de Gramática**. Natal. Editora da UFRN, 2007.

GENETTI, C. From Postposition to Subordinator in Newari. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B (Eds). **Approaches to grammaticalization**, v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez; Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012.

GIVÓN, T. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. Serial verbs and mental reality of “event”: grammatical vs. Cognitive packaging. In: Elizabeth TRAUGOTT; B. HEINE (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v.1.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. Grammar as An Adaptive Evolutionary Product. In: BUTLER, C. S.; DOWNING, R. H. LAVID, J. (Eds.). **Functional Perspectives on Grammar and Discourse**: In Honour of Angela Downing. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007, pp. 1-40.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, S. C. L. et al. (org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007.

GÖRSKI, E. M. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do Gelne**. Vol. 15 – N. Especial – 2013. p. 79- 101.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. **Language** v. 54, 1978.

HEINE, B.; REH, M. **Grammatical categories in African Languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HEINE, B. (orgs.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 253-285.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991a.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar: A Reconstruction**. Inglaterra: Oxford University Press, 2007.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico pragmático**. 2005, 158f. Tese (Doutorado em linguística e língua portuguesa)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

HIRATA-VALE, F. B. M; OLIVEIRA, T. P. **Uma tipologia da oração condicional segundo a gramática discursivo-funcional**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978) v. 40, pp. 196-206, 2011.

HOPPER, P. **Some recent trends in grammaticalization**. Annual Review of Anthropology, v. 24, p. 217-236, 1996.

HOPPER, P. TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. **Emergent grammar**. In: BLS. Vol. 13, pp. 139-157, 1987.

HOPPER, P. J; THOMPSON, S. **Transitivity in Grammar and Discourse**. Language, v. 56, Baltimore, pp. 251-299, 1980.

LEÃO, A. V. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1961.

LEHMANN, C. **Thought on grammaticalization**. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como **Thought on grammaticalization: a Programatic Sketch**. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1.), 1995 [1982].

LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. **Lingua e Stile**, v. 20, n. 3, 1985.

LICHTENBERK, F. On the Gradualness of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds). **Approaches to grammaticalization**, v. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

MAIA, C. A. **Dos textos escritos à história da língua**. AA.VV., História da Língua e História da Gramática (Actas do Encontro). Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos: Braga, 2002, p. 231-249.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola, São Paulo, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. (orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas SP: Mercado de Letras, 2010.

MARTELOTTA, M. E. T.; AREAS, K. E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Genre relations: mapping culture**. London: Equinox, 2008.

MATTHIESEN, C.; THOMPSON, S. **The structure of discourse and “subordination”**. In: HAIMAN/ THOMPSON. 1988, pp. 275-329.

MEDINA, J. L. B. Gêneros Jornalísticos: repensando a questão. **Revista Simposim**, Pernambuco, ano 5, n. 1, 2001.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

MELO, G. C. de. **Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

NASCIMENTO, A. S. do. **Webwriting e o texto no jornalismo online**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L. **Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição**. D.E.L.T.A. 14 (número especial), 1998.

NEVES, M. H. M. **Gramática do português falado**. Vol VII. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: UNESP, 2002.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. **A Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; HATTNER, M. M. D. As construções hipotáticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (Orgs.) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. vol. II, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. J. **A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista**. Matraga: Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan.-jun., 2009, p. 97-114.

OLIVEIRA, M. J. de. **Conectores adversativos na fala do natalense**: uma análise funcionalista com implicações para o ensino. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ UFRN. Natal-RN, 2009.

OLIVEIRA, T. P. de. A relevância do modelo em camadas para o estudo das estratégias comunicativas atualizadas pelas condicionais. In: PEZATTI, E. G (org.). **Pesquisas em gramática funcional**: descrição do português. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

OLIVEIRA, T. P. de. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo- Funcional. In: CEZARIO et al. **Funcionalismo linguístico**: análise e descrição. São Paulo: Contexto, 2012.

PEIRCE, C. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: Anna Cristina Bentes; Fernanda Mussalim (org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004, vol.3.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**: planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus, 2003.

ROCHA LIMA, C. H. (1986). **Gramática normativa da Língua Portuguesa**, 55 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019

RAMOS, M. A. B. **A multifuncionalidade sintática e semântico-discursiva do sem em estruturas hipotáticas adverbiais**: preposição ou conjunção? Tese de doutorado. João Pessoa: UFPB, 2015.

ROSCH, E. et al. **Cognition and categorization**. Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

SANTOS, R. Y. Wittgenstein e a Teoria dos Protótipos sob a ótica da Linguística Sociocognitiva. **Linguasagem**, 14ed, 2010. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/> . Acesso em: 12 out. 2019.

SILVA, C. R. **Mas tem um porém...**: mapeamento da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2005.

SOUSA, G. C. de. Quando tempo é condição... In: PEZATTI, E. G (org.). **Pesquisas em gramática funcional**: descrição do português. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance**: Communication and Cognition. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

TAVARES, M. A. Conectores sequenciadores *e*, *aí* e *então* na fala de Natal/RN: indícios de especialização funcional. **Interdisciplinar**, A. 5, V. 12, 2010, pp. 195-213.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Clarendon Press: Oxford, 1989.

VIEIRA, F. E. **Gramáticas brasileiras contemporâneas do português**: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização. Tese (Doutorado em Letras). PPGL/UFPE, Recife, 2015.

ZAMPRONEO, S. **A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil**. 1998. 248f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1998.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1953/1979.